



Dossiê para registro dos

CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO

em Minas Gerais



2024



Dossiê para o registro dos
**Caminhos, expressões e celebrações
do Rosário**
em Minas Gerais

Belo Horizonte

2024



Governador do Estado de Minas Gerais

Romeu Zema

Vice-governador do Estado de Minas Gerais

Mateus Simões

Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais

Leônidas Oliveira

Secretário Adjunto de Estado de Cultura de Minas Gerais

Josiane de Souza

Iepha-MG

Presidente

João Paulo Martins

Diretor de Proteção e Memória

Adriano Maximiano da Silva

Gerente de Patrimônio Cultural Imaterial

Nicole Faria Batista

Gerente de Identificação e Pesquisa

Ana Paula Trindade Gomes

Gerente de Patrimônio Cultural Material

Ângela Dolabela Cãnfora

Diretor de Promoção

Luis Gustavo Molinari Mundim

Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças

Edwilson Martins

Diretora de Conservação e Restauração

Luciane Andrade Resende

Assessor de Comunicação Social

Saulo Carrilho de Paula

FICHA TÉCNICA

Coordenação da Pesquisa e Instrução do Processo de Registro

Débora Raiza Carolina Rocha Silva

Nicole Faria Batista

Elaboração do Dossiê

Ana Paula Trindade Gomes

Adriano Maximiano da Silva

Bruno Vinicius de Moraes

Daniele Gomes Ferreira

Maria Luiza Dias Oliveira

Nicole Faria Batista

Steffane Pereira Santos

Revisão do Dossiê

André Sampaio Furlani

Luis Gustavo Molinari Mundim

Mapas

Gustavo Celestino Oliveira

Estagiárias

Camilly Souza Aguiar

Daniele Meireles Mattos

Helen Crislande Cardoso de Oliveira

Vitor Aguiar

Documentação Fotográfica

Arquivo Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial – Iepha-MG

Arquivo dos Cadastros Patrimônio Cultural – Iepha-MG

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Acervo do Arquivo Público Mineiro - APM



*Salve, Maria! Viva Nossa Senhora do Rosário!
Undamba berê, berê, dione de calunga uaiá!*



*Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum
e falo padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo
e encontro na memória mal-adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar lançando flores.
As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,
nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse que um dia a vida é uma oração,
eu diria porém que há vidas-blasfemas).
Nas contas de meu rosário
eu teço entumecidos sonhos de esperanças.
Nas contas do meu rosário
eu vejo rostos escondidos por visíveis
e invisíveis grades e embalo a dor da luta
perdida nas contas do meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto,
eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome.
No estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo, me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma e
descubro que ainda me chamo Maria.*

Meu Rosário, Conceição Evaristo



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as comunidades congadeiras e reinadeiras de Minas Gerais por serem guardiãs de tamanha riqueza histórica e cultural que forma nosso estado. À Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte e à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos pelos longos anos de trabalho junto ao Iepha-MG, nossa equipe dedica todo reconhecimento e gratidão pelos ensinamentos e transformações que proporcionaram à política de patrimônio cultural. Aos participantes do Grupo de Trabalho temporário formado no ano de 2020 para elaboração do formulário para os Cadastros do Patrimônio Cultural para identificação dos Reinados e Congados de Minas Gerais, fonte primordial para a escrita desse dossiê, especial agradecimento à contribuição de capitães de diversas regiões do estado, e às professoras Leda Maria Martins e Glaura Lucas. Aos gestores municipais de mais de 290 municípios mineiros que aderiram aos Cadastros do Patrimônio Cultural, por seu compromisso com a proteção e salvaguarda dos bens culturais do estado. Aos membros do Grupo de Trabalho criado em 2022 para o acompanhamento do Programa de Valorização da Cultura Afro em MG - Afromineiridades, em especial aos reinadeiros e congadeiros participantes: Rainha Isabel Casimira Gasparino, Pai Ricardo de Moura, Márcio Miguel, Tannia Aparecida da Silva Oliveira, Capitã Pedrina de Lourdes, Jorge Antônio dos Santos, Adriano Maximiano (atual Diretor de Proteção e Memória do Iepha-MG), Miriam Aprigio, Rodrigo Marques, Sandra Maria da Silva Andrade e Adjanir Silva. Aos diversos grupos de reinadeiros e congadeiros que desde o ano de 2006 vinham mobilizando-se e demandando ao Estado, por meio do Iepha-MG, o reconhecimento de seu patrimônio cultural, reinadeiros e congadeiros de: Sabinópolis, Muzambinho, Dolores do Indaiá, Araguari, Uberlândia, Uberaba, Campos Altos, Ibiá, Frutal, Monte Alegre de Minas, Prata, Timóteo, Itapeçerica, Sete Lagoas, Oliveira, Illicínea e Guapé. À Debora Raiza Carolina Rocha Silva, por seu trabalho dedicado e comprometido com a salvaguarda dos bens culturais mineiros e pelas orientações para elaboração deste dossiê.



LISTA DE ABREVIATURAS

APM – Arquivo Público Mineiro

BN – Biblioteca Nacional

CEPCT-MG – Comissão Estadual para o Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais

CONEP – Conselho Estadual do Patrimônio Cultural

DPI – Departamento de Patrimônio Imaterial

DPM – Diretoria de Proteção e Memória

DPR – Diretoria de Promoção

FCP – Fundação Cultural Palmares

FNB – Frente Negra Brasileira

GDI – Gerência de Documentação e Informação

GPCI – Gerência de Patrimônio Cultural e Imaterial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IEPHA-MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPAC – Inventário de Proteção do Patrimônio Cultural

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MinC – Ministério da Cultura

MPMG – Ministério Público de Minas Gerais

PNPI – Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SECULT – Secretaria de Estado de Cultura e Turismo

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pedido de Registro das “Congadas de Minas” enviado ao Iepha-MG em 2007 por municípios do Triângulo Mineiro.....	21
Figura 2 - Reuniões online entre detentores, pesquisadores e técnicas da Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial para construção do formulário de cadastro dos Reinados e Congados.....	23
Figura 3 - Peça de divulgação do Seminário: Registro Estadual dos Reinados e Congados como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais.....	25
Figura 4 - Carte de visite onde se observam reis e rainhas negros coroados e sendo aclamados por tambores. 1860.....	35
Figura 5 - Festa de Nossa Senhora do Rosário, patrona dos negros, pelo pintor alemão Johann Rugendas, Século XIX, c. 1835.....	38
Figura 6 - Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário.....	38
Figura 7 - Congado dos Pretos em Morro Velho. Nova Lima 1868-1869.....	41
Figura 8 - Encontro das Afromineiridades realizado por guardas de Timóteo (MG) em 2022.....	50
Figura 9 - Guarda de Moçambique Nossa Senhora Aparecida em Passa Tempo, mesorregião Oeste de Minas (MG).....	53
Figura 10 - Bandeira de Reinado forjada a ferro a 200 anos, encontrada em Ouro Preto (MG)..	74
Figura 11 - Festa de Reinados e Congados em Itaúna (MG) em 1954.....	76
Figura 12 - Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos. Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte (MG).....	78
Figura 13 - Missa Conga na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, região metropolitana de BH (MG), 2023.....	79
Figura 14 - Festa do Reinado em Queluz atual Conselheiro Lafaiete, 1924.....	80
Figura 15 - Guarda de Congo Feminina de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Aparecida em Belo Horizonte (MG).....	87
Figura 16 - Guarda Feminina na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos, Contagem (MG), 2023.....	87
Figura 17 - Igreja de São Benedito na cidade de Aparecida (SP).....	91
Figura 18 - Reinados e Congados se reúnem em agradecimento em frente ao Café Doce Vida na casa de Apoio ao Romeiro.....	94
Figura 19 - Guardas de Reinados e Congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	97
Figura 20 - Guardas de Reinados e Congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	97
Figura 21 - Guardas de Reinados e Congados na rampa de acesso ao santuário na 115ª Festa	





de São Benedito em Aparecida (SP).....	98
Figura 22 - Reinados e Congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	101
Figura 23 - Reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	101
Figura 24 - Reinados e Congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	102
Figura 25 - Reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	102
Figura 26 - Reinados e Congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	103
Figura 27 - Guarda de Moçambique de Timóteo (MG) saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP).....	103
Figura 28 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP).....	104
Figura 29 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP).....	104
Figura 30 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP).....	105
Figura 31 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP).....	105
Figura 32 - Placa de “Água grátis para os congadeiros” na Rua Santa Rita na cidade de Aparecida (SP).....	106
Figura 33 - Grupo de reinado e congado a caminho da Missa Conga da 115ª Festa de São Benedito.....	107
Figura 34 - Terno de Moçambique Estrela Guia da cidade de Uberlândia a caminho da Missa Conga da 115ª Festa de São Benedito.....	107
Figura 35 - Banda Dançante do Rosário de Santa Efigênia, Conselheiro Lafaiete (MG).....	110
Figura 36 e 37 - Território da Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos em Belo Horizonte (MG).....	119
Figura 38 - Sr. Mário Braz da Luz selecionando plantas medicinais para oferecer a uma benzida na Comunidade Quilombola dos Arturos.....	123
Figura 39 - Guarda de Marujos Nossa Senhora do Rosário do distrito de Senhora do Carmo em Itabira (MG).....	127
Figura 40 - Grupo de Caboclos em Peçanha (MG).....	128
Figura 41, 42 e 43 - Caboclos em São Romão (MG).....	130
Figura 44 - Boi do Rosário na cidade de Oliveira (MG).....	133

Figura 46 - Entrada de Guarda na Festa de Pai Benedito no Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango	136
Figura 47 - Terno de Congada Rainha das Águas em Lambari (MG).....	139
Figura 48 - Terno de Congado Rainha das Águas no Serro (MG).....	140
Figura 49 - Congada da Misericórdia durante a Festa do Rosário em Chapada do Norte (MG)..	141
Figura 50 - Guarda dos Marinheiros de Nossa Senhora das Mercês e as bordornetas ao fundo, em Bom Despacho (MG).....	142
Figura 51 - Terno Camisa Verde em Uberlândia (MG).....	143
Figura 52 - Associação do Reinado do Rosário em Itapecerica (MG).....	143
Figura 53 - Reinado do Rosário de N. Senhora em Itapecerica (MG).....	144
Figura 54 - Guarda na Irmandade Os Carolinos, Belo Horizonte (MG).....	147
Figura 55 - Tambores da Guarda de São Benedito no município de Oliveira (MG).....	148
Figura 56 - Grupos de Reinados e Congados com seus instrumentos à espera da entrada do santuário de Nossa Senhora Aparecida na 115ª Festa de São Benedito.....	148
Figura 57 - Imagem resgatada de São Benedito em Lobo Leite, distrito de Congonhas.....	150
Figura 58 - Recepção da imagem de São Benedito resgatada pela comunidade em Lobo Leite, distrito de Congonhas.....	150
Figura 59 - Festeiros próximo a cruzeiro no município de Chapada do Norte (MG).....	151
Figura 60 - Coroa e adorno no centro do território da Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos em Belo Horizonte (MG).....	152
Figura 61 - Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel em Betim (MG).	153
Figura 62 - Sociedade Ubaense de Congado de Nossa Senhora do Rosário de Ubá (MG).....	158
Figura 63 - Terno Serra Dourada de Serra da Saudade (MG).....	159
Figura 64 - Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião de Mariana (MG).	160
Figura 65 - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos, outubro de 1993.....	160
Figura 66 - Reinado em São Sebastião do Paraíso (MG).....	162
Figura 67 - Congado de Nossa Senhora do Rosário em Caranaíba (MG).....	162
Figura 68 - Banda de Congo de Nossa Senhora do Rosário em Paulo Cândido (MG).....	163
Figura 69 - Quiabos sendo preparados para a Quinta do Angu na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte (MG).....	165
Figura 70 - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos em 15 de maio de 1998.....	168
Figura 71 - Feitura do Angu em Chapada do Norte (MG).....	170
Figura 72 - Distribuição do Angu em Chapada do Norte (MG).....	170





Figura 73 - Distribuição do Angu em Chapada do Norte (MG).....	170
Figura 74 - Distribuição de licores em Chapada do Norte (MG).....	171
Figura 75 - Localização dos Reinados e Congados cadastrados.....	178
Figura 76 – Número de cadastros por município.....	179
Figura 77 - Densidade de número de cadastros por mesorregião do estado.....	181
Figura 78 – Distribuição dos grupos que se denominaram como “Congados”.....	183
Figura 79 – Distribuição dos grupos que se denominaram como “Reinados”.....	184
Figura 80 - Distribuição dos grupos com denominações diferentes de “Reinado” e “Congado”. 185	
Figura 81 - Como os grupos de Reinados e Congados se denominam.....	186
Figura 82 – Grupos com data de criação no século XVIII.....	189
Figura 83 – Municípios com grupos com data de criação no século XIX.....	191
Figura 84 – Grupos com data de criação no século XX.....	193
Figura 85 – Grupos com data de criação no século XXI.....	193
Figura 86 – Data de criação dos grupos de reinado e congado nos séculos XX e XXI.....	195
Figura 87 – Levantamento de reinados e congados com reconhecimento municipal como Patrimônio Cultural.....	197
Figura 88 - Santos de devoção declarados no cadastro.....	200
Figura 89 - Mês de realização de festa grande da comunidade.....	206
Figura 90 - Gráfico dos Reinados e Congados que possuem Candombe.....	216
Figura 91 - Localização dos Candombes informados no Cadastro de Reinados e Congados em Minas Gerais.....	220
Figura 92 - Grupos que compõem o reinado e congado.....	223
Figura 93 - Artefatos presentes nos Reinados e Congados de Minas Gerais.....	224
Figura 94 - Instrumentos musicais presentes no cadastro.....	228
Figura 95 - Elementos de formalização dos grupos de reinado e congado.....	230
Figura 96 - Existência de sede do grupo.....	231
Figura 97 - Situação de posse das sedes.....	231
Figura 98 – Dificuldades enfrentadas para manutenção dos Reinados e Congados.....	233
Figura 100 – Incidências de respostas por eixos centrais das demandas de salvaguarda.....	236
Figura 101 - Eixos para salvaguarda de bens culturais imateriais do estado de Minas Gerais..... 249	
Figura 102 - Ações previstas após a validação da salvaguarda.....	251

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	15
1.1. Histórico do processo de registro	17
1.2. Metodologia: uma guia para compreensão da prática	25
1.3. Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais	30
2. RAÍZES NEGRAS DE MINAS GERAIS	33
2.1. As múltiplas narrativas sobre o bem cultural	34
2.2. O Rosário e suas apropriações	48
2.3. O Cristianismo Negro em África e nas Américas	52
2.4. Estratégias de organização e resistência negra na Minas colonial	63
2.5. Os “congados” no pós-abolição e contexto republicano	73
3. CELEBRAÇÕES, COMUNIDADES E TERRITORIALIDADES	87
3.1. Festa de São Benedito de Aparecida-SP: uma incursão em campo	88
3.2. Comunidades reinadeiras e congadeiras e a diáspora negra	106
3.3. Diálogos, trânsitos, confluências: as matrizes da prática	123
3.4. Elementos constitutivos da prática	135
3.4.1. Um giro pelos ciclos festivos	135
3.4.2. Territorialidade e materialidade associada	144
3.4.3. Ritmo, gesto e a dança	152
3.4.4. Coroas, vestes, adornos: a indumentária	158
3.4.5. Alimento, fartura e partilha	162
3.5 As Celebrações do Rosário e o enfrentamento ao racismo	169
4. REINADOS E CONGADOS EM MINAS GERAIS: UM OLHAR SOBRE OS CADASTROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL	173
4.1. Distribuição espacial dos Reinados e Congados de Minas Gerais	175
4.2. Antiguidade dos Reinados e Congados	183
4.3. Elementos constituintes dos Reinados e Congados de Minas Gerais	193
4.3.1 Os Santos de Devoção	194
4.3.2 A Data da Celebração	201
4.2.3 Cerimônias e Materialidades do Sagrado: artefatos e instrumentos	209
4.2.3.1 Cerimônias	209
4.2.3.2 O Candombe	211
4.2.3.3 Os grupos que compõem o reinado/congado	216
4.2.3.4 Artefatos	220
4.2.3.5 Os Instrumentos Musicais	221





4.4 Levantamento de demandas de salvaguarda	224
5. MOTIVAÇÃO PARA O REGISTRO	232
6. PROPOSTAS PARA O PLANO DE SALVAGUARDA DO BEM CULTURAL	237
6.1 Propostas de ações para elaboração do Plano de Salvaguarda	243
6.2 Estratégias para construção/implementação do Plano de Salvaguarda	252
7. GLOSSÁRIO	255
8. TERMINOLOGIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL	263
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	268
APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA	
APÊNDICE II - DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA	
APÊNDICE III - LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO MUNICIPAL ASSOCIADOS AOS CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG	
APÊNDICE IV - LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO ESTADUAL ASSOCIADOS AOS CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG	
APÊNDICE V - LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO FEDERAL ASSOCIADOS AOS CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG	
APÊNDICE VI – LEVANTAMENTO DE GRUPOS DE REINADOS E CONGADOS CADASTRADOS POR MUNICÍPIO	





1. APRESENTAÇÃO

*Na hora que Deus começa,
Quero começar também,
Deixa eu me benzer primeiro,
Pra tirar um mal porém.*

*Olha agora que cheguei, olha aê
A vocês peço licença,
Olha agora que cheguei, olha aê
A vocês peço licença.*

*Joguei o meu barco na areia
Vim Louvar Santa Maria
Joguei o meu barco na areia
Vim Louvar Santa Maria.¹*

Os *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais* são sustentados por comunidades reinadeiras e congadeiras que se constituíram a partir de um processo de resistência e ressignificação empregados por povos negros em diáspora. Esses grupos desenvolvem saberes, ofícios e práticas próprias que se expressam, dentre outras formas, em festejos públicos e comunitários, que são organizadas em louvor a seus santos de devoção vinculados ao catolicismo negro.

Essas celebrações, conhecidas em diversos contextos como festas dos Reinados e/ou Congados, são estruturadas, em sua maioria, por grupos de devotos, integrantes de ternos, guardas ou outros tipos de formação, compostos por capitãs e capitães, bandeireiros, tocadores, dançadores, Reis e Rainhas, que tem no Rosário o seu principal meio de mediação sagrada e comunitária. Durante as celebrações, esses grupos saem em cortejo pelas cidades, distritos, vilas e igrejas entoando cantigas seculares em louvor à Nossa Senhora do Rosário,

¹ As cantigas presentes no corpo do presente Dossiê fazem parte da oralidade dos Reinados e Congados, tendo sido apreendidas em momentos de festejos observados durante os trabalhos de campo realizados ao longo da pesquisa e também coletados junto Capitão de Congo e Moçambique Adriano Maximiano Silva, atual Diretor de Proteção e Memória do Iepha-MG.

São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Sebastião, São Elesbão, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, São Jorge e também à sua ancestralidade. Essa tradição se perpetuou ao longo dos anos por meio de um trabalho de rememoração das origens e práticas trazidas pela ancestralidade africana, articuladas a aspectos do catolicismo impostos pelo colonizador, e, em alguns casos, a elementos dos povos indígenas originários da terra. Todas essas concepções costumam ser embasadas pela manutenção de vínculos comunitários gestados no seio das centenárias Irmandades do Rosário, associações religiosas que historicamente se constituíram por pessoas negras escravizadas ou libertas e seus descendentes.

A origem dessas celebrações e expressões está vinculada a uma narrativa mitopoética (Martins, 1997)² acerca do encontro de povos negros com Nossa Senhora do Rosário. *Salve, Maria!; Salve, Rainha!; Viva Nossa Senhora!; Undamba berê, berê, dione de calunga uaiá!*³, são saudações à santa protetora que entoam os reinadeiros e congadeiros de norte a sul do estado. Apesar de apresentar variações entre grupos e regiões, a base da narrativa do encontro permanece similar: conta-se que a santa apareceu para um grupo de escravizados nas águas. Ao tentarem eles próprios retirarem Nossa Senhora das águas, foram inicialmente impedidos pelos brancos escravocratas que desejavam eles mesmos, com suas bandas de música e pompa, resgatar a santa e levá-la a uma de suas grandiosas igrejas. Entretanto, a santa resistiu a todas as tentativas dos senhores, e sempre que era buscada e colocada num grandioso e rebuscado altar, retornava para o mesmo local onde havia aparecido para os devotos negros. Assim, após a resistência de Nossa Senhora dos Rosário à captura branca, os escravizados convencem os senhores a deixá-los retirá-la eles mesmo. Só assim, ao som dos tambores dos ancestrais negros é que Nossa Senhora do Rosário atendeu permanentemente ao chamado, acompanhou seus devotos negros e negras e aceitou ficar em uma pequena capela construída por esse povo. Todos os anos, então, de geração em geração, as pessoas escravizadas, libertas e seus descendentes prestam louvores e agradecimentos à proteção da santa através das celebrações e expressões do Rosário.

² MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. 1997.

³ Do quimbundo "mulher bonita, senhora das águas do mar". In: MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. 1997.





As pesquisas históricas apontam que as celebrações do Rosário são uma das manifestações religiosas e culturais populares mais antigas do estado de Minas Gerais, algumas delas com documentações que datam do início do século XVIII. Dentre essas fontes poderíamos citar o missionário Antonil (2011)⁴, que em 1711 menciona as festas de devoção à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito realizadas por pessoas escravizadas na capitania mineira. Um documento chamado “Triunfo Eucarístico” do ano de 1733⁵, que relata a participação de devotos da Irmandade do Rosário dos Pretos em uma festividade católica da antiga Vila Rica, atual Ouro Preto. Além de *Congadas de Minas Gerais* (2001)⁶, onde o congadeiro e historiador Jeremias Brasileiro aponta, em 1763, a existência de “escravos no congado de São Francisco das Chagas do Campo Grande, atual Rio Paranaíba em Minas Gerais. No mesmo ano aparece a Igrejinha do Rosário [na localidade].” Outros documentos do mesmo período e de regiões distintas têm sido estudados por pesquisadores a fim de traçar as origens e antiguidade da prática, fato que, de saída, demonstra sua importância para a compreensão da história de Minas Gerais.

Este dossiê técnico pretende, portanto, apresentar aspectos da caracterização histórica e antropológica dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*, argumentando acerca dos valores e motivações que sustentam sua proposição como bem cultural imaterial mineiro. Além disso, apresenta propostas para a construção de seu Plano de Salvaguarda. O dossiê visa subsidiar a deliberação do Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais sobre seu registro como patrimônio cultural imaterial do estado.

1.1. Histórico do processo de registro

As reflexões que amparam a escrita deste dossiê são fruto, principalmente, do trabalho desenvolvido pelo Iepha-MG na última década a partir dos processos de registro e

⁴ Antonil, André João. *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas*. Vocabulário por Alice P. Canabrava. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2011, p. 110. (Edições do Senado Federal; v. 160)

⁵ Campolina, Alda M. P. et alii. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura – Arquivo Público Mineiro/COPASA MG, 1988, p. 79. (Cadernos do Arquivo, 1)

⁶ Brasileiro, Jeremias. *Congadas de Minas Gerais*. Uberlândia: Imprensa Editora, 2001. v. 3500, p. 125.

salvaguada da *Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte*, registrada em 2013, e da *Comunidade dos Arturos* em Contagem, registrada em 2014. Esses dois bens culturais, localizados em regiões tão distintas do estado de Minas Gerais, mobilizaram diversas pesquisas, ações e criação de planos e programas para sua salvaguarda que possibilitaram ao Instituto a consolidação de uma vasta documentação e amadurecimento teórico acerca do tema das celebrações do Rosário, dos Reinados e Congados ao longo dos anos. O pedido de registro da Festa do Rosário de Chapada do Norte chegou ao Iepha-MG ainda em 2006, quando tiveram início os primeiros estudos sobre esse bem cultural que culminou com o registro em data posterior. Em 2011, a Comunidade dos Arturos encaminhou seu pedido de reconhecimento, que resultou no registro em quatro livros distintos, tendo sido registrada a *Comunidade dos Arturos* no Livro de Registro de Lugares, além da *Benzeção*, da *Festa de Nossa Senhora do Rosário* e do *Congado dos Arturos* todos no Livro de Celebrações. Antes desses dois processos de registro, somente os *Modos de Fazer o Queijo Minas Artesanal da Região do Serro* haviam sido registrados como patrimônio imaterial pelo Instituto, o que demonstra o papel fundante que o Rosário, os Reinados e Congados possuem na política de patrimônio do estado.

Cabe ressaltar também, como importante fonte de reflexão e pesquisa para elaboração deste dossiê, as fichas do *Inventário das Referências Culturais do Rio Francisco*, elaboradas pelo Iepha-MG em parceria com a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em 2015. A pesquisa identificou referências culturais diversas ligadas ao uso e relação dos povos da região e seus modos de vida associados ao Rio São Francisco. A devoção ao Rosário se relaciona com diversos bens inventariados, com destaque para aqueles identificados nas fichas: de celebrações do *Congado* e do *Caboclo* do município de São Romão; de lugares do *Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário* e de celebrações da *Festa de Nossa Senhora do Rosário*, os dois últimos da cidade de Januária.

Consideram-se também processos atualmente em curso no Iepha-MG como importantes espaços de reflexão contínua em relação às celebrações do Rosário. Dentre elas estão as pesquisas para o registro das *Comunidades Quilombolas em Contexto Urbano de*





Minas Gerais, processo aberto em 2022. Dentre os bens identificados nesse âmbito estão duas comunidades reinadeiras, que, inclusive, viram sua identidade quilombola emergir a partir da organização de seus Reinados e Irmandades. São elas: o *Quilombo Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis*, de Ribeirão das Neves, e o *Quilombo Irmandade Os Carolinos*, de Belo Horizonte. Em 2023, a equipe do Iepha-MG promoveu o Inventário Cultural Participativo da Comunidade Os Carolinos. Além disso, foi realizada visita de campo para o acompanhamento da sua Festa do Rosário realizada em maio do mesmo ano. Ambas ações foram de extrema relevância para elaboração deste dossiê.

Ainda em 2023, a equipe da Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial também realizou trabalho de campo na *Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte* para elaboração do Relatório e Parecer de Revalidação de seu registro. A equipe em campo acompanhou e documentou diversas etapas da festa, além de terem sido realizadas entrevistas com seus mestres e pessoas de referência, gerando importantes reflexões para a compreensão do bem cultural apresentado neste dossiê. O registro deste bem cultural foi revalidado em 2024.

Além disso, nos últimos anos, o Iepha-MG tem acompanhado festas, encontros, eventos e diversas outras atividades a convite de detentoras e detentores das celebrações do Rosário, dos Reinados e Congados, o que possibilita compreensão ampla e atualizada dessa prática cultural.

Faz-se importante ressaltar que todas essas ações e medidas são respaldadas pela carta constitucional mineira no que demanda em relação à proteção do patrimônio, de maneira geral, mas, de maneira específica, no que determina para as celebrações do Rosário e os Reinados e Congados, em seu artigo 207. A Constituição Estadual de Minas Gerais de 21 de setembro de 1989, no parágrafo primeiro do referido artigo, prevê que "o Estado, com a colaboração da comunidade, prestará apoio para a preservação das manifestações culturais locais, especialmente das escolas e bandas musicais, guardas de congo e cavalhadas".

Sendo assim, compreende-se a intenção do constituinte em dotar de relevância cultural as expressividades do Rosário de maneira geral, a partir da expressão "guardas de congo". Isso, porque as pesquisas atualizadas sobre esse bem cultural, bem como as argumentações desse dossiê, demonstram que as guardas de congo, seus pares (moçambiques, vilão, catopés etc.), e também os saberes, lugares e expressões que compõem as celebrações do Rosário se relacionam de maneira intrínseca. Diante da prerrogativa constitucional, este dossiê presta, portanto, atendimento ao artigo constitucional, buscando propor medidas para sua real efetivação a partir das Propostas do Plano de Salvaguarda que serão aqui apresentadas.

Para além da prerrogativa constitucional, o Iepha-MG vem recebendo ao longo dos últimos anos, diversos pedidos de apoio e reconhecimento do patrimônio cultural de comunidades reinadeiras e congadeiras. Conforme já mencionado, ainda em 2006, apenas três anos após a publicação do texto da *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco* de 2003, a Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos de Chapada do Norte havia solicitado o registro de sua festa. Em 2007, a Prefeitura Municipal de Sabinópolis, solicitou registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade. No ano seguinte, 2008, diversos municípios da região do Triângulo Mineiro se organizaram em prol de uma demanda coletiva pelo reconhecimento das "Congadas de Minas Gerais" como patrimônio cultural imaterial. O pedido encaminhou uma justificativa de cerca de 50 páginas para a solicitação, além de publicações, vídeos, CDs e imagens que caracterizam os Congados de Minas, acompanhadas de ofício com a solicitação de registro dos municípios de Araguari, Uberlândia, Uberaba, Campos Altos, Ibiá, Frutal, Monte Alegre de Minas e Prata.





Figura 1 - Pedido de Registro das “Congadas de Minas” enviado ao Iepha-MG em 2007 por municípios do Triângulo Mineiro.

Fonte: Arquivo Iepha-MG.

Em 2015, a Prefeitura Municipal de Muzambinho solicitou o registro dos Terno de Moçambique e Terno de Congo da cidade como patrimônio cultural estadual. Em 2019, representantes do grupo de Moçambique de Dorés do Indaiá também solicitaram o reconhecimento para seu grupo, apresentando vasta documentação de apoiadores do pleito. Junto ao pedido da comunidade estavam manifestações de apoio de deputados estaduais e federais, câmaras legislativas, prefeituras, diversas associações de congadeiros, dentre outras. No ano de 2021, o município de Itapeçerica solicitou o reconhecimento estadual de

seu Reinado do Rosário como patrimônio imaterial. Em 2008 e 2009, os municípios de Oliveira e Sete Lagoas também solicitaram apoio ao Iepha-MG para gestão do bem cultural e execução das festas.

Nesse período, o Iepha-MG reconheceu o mérito das solicitações, porém definiu como prioridade acompanhar e subsidiar o registro federal que estava em curso à época no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN⁷, visando posteriormente avaliar as estratégias e necessidades de um registro também em âmbito estadual. A partir de meados de 2020, com contínua demanda de ações destinadas especificamente ao Iepha-MG para a proteção desse bem cultural, o Instituto, a partir de reunião com congadeiros do município de Timóteo, avaliou a necessidade de instaurar o processo de registro estadual e decidiu iniciar a identificação desse bem cultural em Minas Gerais. Essa ação pretendia compreender a dimensão e territorialidade do bem no estado e coletar dados para subsidiar o registro estadual. Sendo assim, nesse mesmo ano, foi aberto o *Processo de Registro Estadual dos Congados de Minas* (PRE 14/2020) e formado um Grupo de Trabalho temporário para a elaboração do Formulário de Cadastro do Patrimônio Cultural para os Reinados e Congados de Minas.

O grupo foi composto por detentores de regiões diversas de Minas, por pesquisadores especialistas no tema e por técnicas da Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial e da Gerência de Identificação e Pesquisa do Iepha-MG. Foram realizadas diversas reuniões online entre os participantes, observando o período de restrições e quarentenas imposto pela Pandemia do Covid-19. No interior do grupo foi construído e discutido a estrutura, o conteúdo e a forma de escrita das questões de caracterização que iriam compor o cadastro. O objetivo era estabelecer perguntas que contemplassem tanto a diversidade da prática, como a compreensão por grupos distintos de detentores, sendo que a utilização de uma linguagem pública e acessível deveria ser observada.

⁷ No presente momento o Dossiê de Registro Nacional dos Saberes do Rosário elaborado pelo IPHAN, que abarca esse bem cultural em âmbito federal, está em fase de finalização.



Os Cadastros do Patrimônio Cultural são uma metodologia participativa de identificação de bens culturais desenvolvida pelo Iepha-MG a partir de formulários online de caracterização dos bens culturais construídos junto a detentores e especialistas. Os Cadastros são amplamente divulgados nos canais de comunicação institucional do Iepha-MG, sendo sua adesão feita principalmente por gestores municipais, e fomentada por estratégias de pontuação no Programa ICMS Patrimônio Cultural. Dessa maneira, detentores, gestores, consultores e pesquisadores de todo o estado contribuem para seu desenvolvimento.

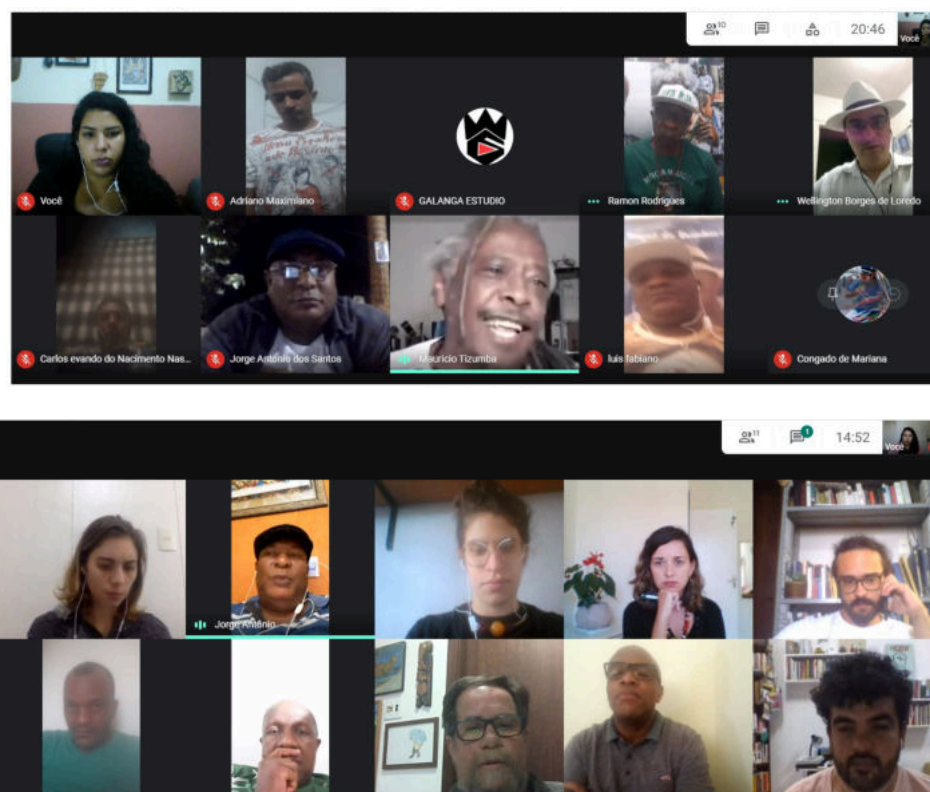


Figura 2 - Reuniões online entre detentores, pesquisadores e técnicas da Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial para construção do formulário de cadastro dos Reinados e Congados.

Fonte: Arquivo Iepha-MG.

Em maio de 2021 o cadastro foi aberto ao público e permanece recebendo respostas numa perspectiva de identificação permanente e contínua. Até dezembro de 2023, 900 cadastros foram realizados por 293 municípios de todas as macrorregiões do estado de

Minas Gerais. Como veremos a seguir, no capítulo 3 deste documento, tais dados foram fonte primordial para a construção deste dossiê.

No ano de 2022, o Instituto lançou, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, o Programa de Valorização da Cultura Afro em MG- Afromineiridades. O escopo do programa absorveu e estimulou as ações de pesquisa para o registro e salvaguarda dos Reinados e Congados de Minas Gerais. O Programa também instituiu um Grupo de Trabalho por meio da PORTARIA IEPHA/MG N° 39/2022 para acompanhamento de suas ações que contou com a representação de entidades, associações e instituições vinculadas à questão racial no estado. A saber, Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira – Cenarab, Reunião Umbandista Mineira, Rede Quilombola de Belo Horizonte e Região Metropolitana, Guardas de Congo e Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial – CONEPIR/MG, Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte, Comissão Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais – CEPCT-MG, Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais - N’Golo, Conselho Estadual de Política Cultural – Consec, Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, assim como representantes da Comunidade Quilombolas dos Arturos, Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, detentores de bens culturais imateriais vinculados à cultura negra já registrados pelo Iepha.

O objetivo da composição do grupo era promover, articular e difundir as ações do programa na sociedade civil, bem como estimular a participação social, diretriz fundamental para a gestão de bens culturais imateriais. Sendo assim, as obrigações do "GT Afromineiridades", como ficou conhecido, eram discutir, avaliar e deliberar sobre as ações em andamento no Programa. Foram realizadas quatro reuniões ao longo de 2022 e uma reunião em 2023, resultando em diversos apontamentos e recomendações que perpassam este dossiê. Em 2022, ainda no âmbito do Programa, foi realizado um Seminário e Fórum de Escuta para o Registro Estadual dos Reinados e Congados. As discussões reuniram





reinadeiros, congadeiros, gestores municipais e pesquisadores de todo estado, e serviram de base para a elaboração das propostas de salvaguarda apresentadas neste documento.



Figura 3 - Peça de divulgação do Seminário: Registro Estadual dos Reinados e Congados como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais.

Fonte: Arquivo Iepha-MG.

Outra importante fonte de análise e reflexão para a elaboração do dossiê foram os dados das políticas municipais de proteção ao patrimônio oriundas do Programa ICMS⁸ Patrimônio Cultural, implementado pela Gerência de Articulação com os Municípios da Diretoria de Promoção do Iepha-MG. Até o ano de 2022, foram identificados 139 bens imateriais registrados em âmbito municipal que estão relacionados às celebrações do Rosário, aos Reinados e Congados. Para esse levantamento foram consideradas as denominações, guardas, ternos, bandas, irmandades ou associações de congado, reinado, congo, catupé, moçambique ou caboclinho. A análise dos dossiês de registro municipais foi ponto fundamental para compor as caracterizações da prática apresentadas neste documento. Além dos bens registrados em âmbito municipal cujos dossiês foram fonte documental de pesquisa, foi realizado levantamento de bens associados às celebrações do

⁸ Sigla para Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços. O ICMS *Patrimônio Cultural* é um programa do Governo de Minas Gerais de incentivo à identificação, salvaguarda, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural do estado. Por meio do repasse do recurso, os municípios se comprometem a promover ações para o patrimônio e referências culturais por meio de políticas públicas.

Rosário protegidos por tombamentos na esfera municipal, estadual e federal, além de bens registrados e inventariados em âmbito estadual e federal que se associam a essas práticas. O objetivo do levantamento foi organizar as informações disponíveis sobre esse bem e suas referências associadas, visando estimular o aprofundamento de pesquisas e a compreensão da diversidade que compõem os *Caminhos, Expressões e Celebrações do Rosário em Minas Gerais*. Os levantamentos estão disponíveis como apêndices deste dossiê.

*Me chamaram de estrela
Estrela eu não sou não,*

*Estrela mora lá em cima
Eu moro aqui no chão,*

*Fui pedir a Ela um brilhaço
Ela me deu sua mão,*

*Estrela é Nossa Senhora
Com seu Rosário na mão.*

1.2. Metodologia: uma guia para compreensão da prática

Empreender uma caracterização das dinâmicas que envolvem as celebrações do Rosário no estado demanda uma ação metodológica sempre aberta e contínua. Isso, porque os diversos ritos, sentidos, formas de expressão e organização que envolvem os Reinados e Congados demandam pesquisas aprofundadas e específicas, que considerem a territorialidade, o pertencimento étnico e religioso, a circulação, as confluências e vinculações específicas com um ou outro grupo, dentre demais aspectos importantes que ressaltam sempre a heterogeneidade desse bem cultural.

Portanto, esse dossiê técnico não se pretende como um documento de caracterização integral e acabada. Pelo contrário, a proposta metodológica deste trabalho é operar como uma *guia* que organiza tanto a vasta experiência do Iepha-MG com o bem cultural apresentado a partir dos dados do cadastro e experiências anteriores de registro e





salvaguada, como as diversas publicações e as múltiplas narrativas que vem interpretando essas celebrações ao longo dos anos. No contexto das expressões religiosas afrobrasileiras, como os Reinados e Congados do Rosário, a *guia* se constitui em um fio de contas de cores e combinações específicas que vai narrar a vinculação de seu dono ou dona com um determinado santo de proteção ou comunidade pertencente. Nesses casos, o devoto pode possuir uma ou mais guias que o protegem e definem sua identidade religiosa, visto que nesses contextos religiosos ele pode estar filiado a mais de um santo, comunidade ou devoção. A *guia* é tecida manualmente, uma a uma, suas contas vão formar um conjunto ou arranjo de cores que, como mencionado, caracteriza tanto a devoção quanto a pessoa que a utiliza. Dessa forma, este dossiê tece e ajunta essa diversidade de contas ou narrativas, com o objetivo de amarrar uma guia que identifique e apresente o bem cultural de maneira plural e dinâmica, e que, como nesses contextos religiosos, pode também ser utilizada e colocada junto de outras guias para ir formando de maneira sempre aberta e dinâmica a narrativa sobre essa prática. Assim, o objetivo foi gerar um documento que além de caracterizar, mapeie e apresente ao leitor publicações e trabalhos de relevância já escritos sobre os principais aspectos da prática. Todas essas ações orientadas pelas demandas apresentadas por mestres e detentores nas diversas atividades participativas realizadas ao longo do processo.

A revisão bibliográfica procurou dar protagonismo para livros, artigos, teses, dissertações e outras publicações escritas por mestres do Rosário e pesquisadoras e pesquisadores negros que compreendem esse bem cultural como um aspecto da diáspora negra e de matriz afrodescendente. A escolha por acolher a perspectiva teórica oriunda de intelectualidades negras reflete a pretensão de deslocar a compreensão estante que se formulou sobre a cultura negra a partir dos conceitos de sincretismo e assimilação. Busca-se, ao lado desse ponto de vista, ir de encontro às proposições que consideram as celebrações do Rosário sincréticas ou assimiladas, onde a vinculação católica predomina e a referência *eurocristã* e lusitana se sobrepõe. Esses deslocamentos propostos pelas autoras e autores apresentados ao longo deste dossiê, pretendem subverter o protagonismo do legado cultural

européu ao país, em geral, e às práticas religiosas e culturais negras, em específico. Esse movimento nos possibilita redesenhar aspectos históricos e conceder aos povos negros agência, inventividade e resistência na construção de seus processos socioculturais e políticos. Essa abordagem ganha ainda mais força quando formulada junto de uma perspectiva crítica da violência colonial a qual esse povo foi submetido.

O levantamento bibliográfico amparou a análise de dados de 900 grupos caracterizados pelo Cadastro do Patrimônio, visando sempre um enfoque descentralizado, observando formações e territórios diversos. Inicialmente, os Cadastros do Patrimônio Cultural eram criados e monitorados pela Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial do Iepha-MG. A partir de 2023, em atenção às atribuições estatutárias de identificação e disponibilização de informações sobre o patrimônio mineiro, o monitoramento dos cadastros foi delegado à Gerência de Identificação e Pesquisa, ambas componentes da Diretoria de Proteção e Memória. Portanto, esse setor foi o responsável por fornecer uma análise qualitativa desses dados que embasam o dossiê.

Mobilizar os cadastros como uma das fontes de escrita compreendeu reconhecê-los, assim como é feito com qualquer outro documento histórico, enquanto um “monumento”⁹, ou seja, uma produção humana que exige o olhar ponderado e crítico na sua adoção e convida ao cruzamento com outras fontes e bibliografias. Os dados dos cadastros são produzidos por alguém (geralmente funcionárias/os das secretarias municipais de cultura), com uma finalidade – a adesão da política de cadastros de identificação do Iepha-MG para pontuação no Programa ICMS Patrimônio Cultural– e, em muitos casos, são baseados em pesquisas e entrevistas realizadas para fundamentar a instrução municipal de Inventários de Proteção do Acervo Cultural ou Dossiês de Registro. De tal modo, os cadastros revelam uma pluralidade de informações, ainda que limitada pela ação ativa de cadastrantes em optar pelo preenchimento e a escolha de quais grupos e dados seriam incluídos. A adoção como fonte, portanto, ocorre com a ciência de que os dados refletem de maneira parcial a

⁹ Le Goff, Jacques. Documento/monumento. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 462-478.





diversidade da celebração em Minas Gerais, seja em incidência e distribuição regional, seja em detalhamentos do histórico e dos fundamentos religiosos.

As ações mencionadas acima foram mediadas por visitas de campo a festas e outras atividades de Reinados e Congados do estado, assim como por relatório de cunho etnográfico da Festa de São Benedito de Aparecida-SP, realizada em abril de 2024; esta festa conta, há 115 anos, com presença massiva de grupos mineiros. Em janeiro de 2024, foi também realizada visita técnica ao Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, localizado na Vila Estrela, em Belo Horizonte, que conta com exposição permanente com a temática dos Reinados e Congados. A visita foi mediada por Padre Mauro Luiz da Silva, referência no trabalho de salvaguarda dos Reinados e Congados da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Além das ações de campo, revisão bibliográfica e análise dos dados dos cadastros, foi realizado levantamento de elementos iconográficos e documentação fotográfica relacionadas aos Reinados, Congados e Celebrações do Rosário em arquivos públicos. Foram consultados os acervos digitais da Fundação Biblioteca Nacional e do Arquivo Público Mineiro.

Mesmo com o empreendimento de tantas frentes de ação para coletar dados para análise, percebeu-se uma concentração de informações das regiões centrais do estado, tanto em termos de material bibliográfico e documental, quanto em termos de informações cadastradas. Sendo assim, a caracterização apresentada no dossiê representa uma visão geral sobre o desenvolvimento histórico desse bem cultural em terras mineiras, junto de aspectos e elementos basilares que compõem sua cosmologia e modos de vida.

Para a Antropologia, o conceito de cosmologia se refere à maneira como grupos ou comunidades específicas dão sentido à realidade que os rodeiam, a partir da articulação de saberes, práticas, seres e agentes materiais ou imateriais. Para Lourenço e Silva (2016, p. 73) a "opção pelo conceito de cosmologia se deve [...] principalmente porque permite compreender estes modos de pensamento como práticas que articulam criativamente os

saberes herdados de seus ancestrais às novas experiências sociais."¹⁰ Buscou-se neste dossiê, apresentar de maneira relacional e articulada, elementos considerados cruciais para a continuidade do bem cultural, como sua historicidade, suas matrizes, sua cultura alimentar, musicalidade, materialidade associada, circulação, indumentária, ciclos festivos.

Ressalta-se ainda que, mesmo tomando os Reinados e Congados como práticas religiosas de matriz e ancestralidade afrodescendente, não é pretensão deste dossiê abordar em detalhes elementos da ritualística e fundamentos religiosos dessas celebrações. Isso porque muitos destes aspectos são permeados por preceitos e interdições internos aos grupos, sendo transmitidos apenas em contextos específicos e para pessoas específicas. Esses fundamentos ainda podem variar com alguma intensidade entre regiões e grupos, o que torna tarefa complexa sua descrição e definição em uma caracterização geral e abrangente.

As ações para caracterizações específicas acerca da regionalidade do bem serão realizadas de maneira contínua no Instituto, obedecendo às premissas da *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* da Unesco (2003), que determina que a salvaguarda deve ser realizada por meio de identificação, documentação e investigação sobre os bens culturais¹¹. Para tanto, está em curso no Iepha-MG uma contratação de serviço especializado para elaboração de Inventários Culturais Regionais dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*. A ação contará com trabalho de campo em 5 regiões distintas do estado, dando protagonismo para aquelas regiões onde a pesquisa apontou haver menos dados e documentações disponíveis, como Noroeste e Norte de Minas Gerais. A previsão para finalização deste trabalho é junho de 2025.

¹⁰ LOURENÇO, Sonia Regina; DA SILVA, Danielli Katherine Pascoal. Uma análise antropológica sobre a cosmologia da Comunidade quilombola de Lagoinha de Cima: entre santos, "arrumações" e seres não-humanos. ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 3, n. 6, p. 73, 2016.

¹¹ "Entende-se por "salvaguarda" as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos." (Artigo 2, Inciso 3. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco, 2003)





Este dossiê é composto, portanto, pelas seguintes seções: 1) apresentação do histórico do processo de registro, da metodologia de pesquisa e da definição do bem cultural; 2) caracterização histórica apresentada através de reflexões gerais sobre as *Raízes Negras de Minas Gerais*; 3) caracterização antropológica que apresenta as matrizes do bem cultural, bem como seus principais elementos constituintes, intitulada *Celebrações, comunidades e territorialidades*; 4) análise quantitativa dos dados dos Cadastros do Patrimônio Cultural; 5) valores associados e motivação para o registro e 6) Propostas para o Plano de Salvaguarda. O documento é ainda composto por Glossário e Terminologia do Patrimônio, bem como documentação fotográfica e apêndices com mapas e levantamentos de bens associados protegidos em âmbito municipal, estadual e federal.

*Eu vou, eu vou
Eee pro Rosário eu vou,
Eu vou, eu vou
Eee pro Rosário eu vou.*

1.3. Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais

Conforme mencionado, existe uma diversidade e uma complexidade intrínseca à constituição e reprodução dessa manifestação. Tarefa também complexa constitui a definição de seu recorte e denominação. As reflexões técnicas que definiram os *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário* como pontos de referência para a caracterização do bem cultural derivam de observação e análise tanto dos principais elementos fundantes da prática, quanto do elemento identitário e aglutinador dos grupos: o Rosário.

A nomenclatura do bem cultural apresenta variações ao redor do estado, como será demonstrado no capítulo 4, sendo que comumente estão associadas a expressões ligadas aos termos “Reinado” e “Congado”. Segundo Martins (2003), os dois termos costumam ser tomados como sinônimos, o que apaga suas diferenças fundamentais. Para ela, ternos ou guardas de congo (ou *Congados* e *Congadas*, acrescentamos) podem existir individualmente e independentemente da instalação de impérios por meio dos “Reinados”. Os ternos de congo, e alguns Congados e Congadas, vão se articular, portanto, em torno de seu santo de

devoção, não necessariamente instituindo elementos rituais que caracterizam o império e os tronos coroados do Reinado. Este último é definido por Martins (2003) no trecho abaixo.

Os reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimoniais e narrativas, que, na performance mitopoética, reinterpretem as travessias dos negros da África às Américas (Martins, 2003, p. 34).

Este dossiê assume essa diferenciação, atentando-se para as especificidades ritualísticas reinadeiras e congadeiras. Para fins de caracterização geral e acolhimento de toda diversidade no escopo de proteção do registro, busca-se, ao longo do dossiê, apresentar os principais elementos comuns às duas práticas. A pluralidade e diversidade que essas nomenclaturas evocam, exige, portanto, a definição do bem cultural através de um elemento comum e coletivamente representativo, a saber: a devoção ao Rosário. Segundo os dados e pesquisas, esse termo/elemento parece ter mais sucesso em promover um sentimento de pertencimento e agrupamento dessas identidades coletivas do que suas autodenominações tão distintas.

Sendo assim, consideram-se os *Caminhos* em atenção à territorialidade específica que toma as Celebrações do Rosário em Minas Gerais. Reinadeiros e congadeiros estabelecem comunidades tradicionais no interior dos seus reinos e irmandades e tem suas práticas fundamentalmente vinculadas aos seus territórios de origem. Esses grupos marcam as cidades, vilas e vielas com seus trajetos e cortejos; caminhos próprios, cheios de sentido e significado sagrado, que definem rotas de devoção e de promoção da ancestralidade e memória negra. Caminhos esses que levam a capelas, igrejas, lapas, rios, grutas marcados pelo trabalho ritual secular, que se constituem em lugares de referência de valor inegociável e usos primordiais para a reprodução da prática.

Consideram-se as *Expressões* formuladas por uma rede complexa de sons, cantos, danças, autos, indumentárias que colorem a paisagem visual e sonora das metrópoles, favelas, vilarejos, roças, distritos e cidades mineiras. As formas de expressão que compõem as celebrações do Rosário são permeadas por técnicas e práticas específicas, no tocar, no





dançar, na costura, na decoração, que se expressam numa propulsão de cores e sons que habitam o estado. Elas narram e são matriz para diversas linguagens artísticas mineiras, que tomam suas cores, ritmos e performances como referência para sua prática.

Consideram-se as *Celebrações* tomando as manifestações do Rosário como práticas religiosas de matriz afrodescendente, compostas de saberes e ofícios de cura e devoção, de mediação com o sagrado e a ancestralidade. Leva-se em consideração as mobilizações comunitárias e coletivas para o empreendimento das festas realizadas em mais de 290 municípios mineiros, suas missas congas, cortejos, leilões, coletas de esmola, levantamento e descimento do mastro, coroação de reis e rainhas, e outras etapas rituais e sociais sustentadas pelos saberes de mestres e pessoas de referências espalhadas por toda Minas Gerais.

*Aee Vovô,
Aee Vovó,
É bonito vê esse povo
Rezando um Rosário só.*

2. RAÍZES NEGRAS DE MINAS GERAIS

A tradição das celebrações ao Rosário por pessoas negras, entre as quais estão inseridas as festas dos Reinados e Congados, refere-se a um elemento cultural mais antigo no território mineiro do que a delimitação das Minas Gerais enquanto fronteira administrativa. Os registros documentais sobre tais celebrações no território mineiro remontam a 1711, nove anos antes do estabelecimento da Capitania de Minas Gerais. No cenário administrativo da América Portuguesa – o Brasil colonial – a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro foi instituída em 1709, a fim de regulamentar o controle da Coroa Portuguesa sobre a exploração aurífera e o acelerado fluxo de ocupação do território. As primeiras vilas foram estabelecidas em 1711 (Vila Rica e Sabará) e, em dezembro de 1720, foi instituída a divisão administrativa que criou a Capitania de Minas Gerais.¹²

Nesta seção, serão, portanto, apresentados os aspectos históricos que caracterizam a presença das Celebrações do Rosário no estado, observando pontos fundamentais que permitam perceber esses trajetos desde aqueles tempos até os dias atuais. Para tanto, adotou-se como ponto de partida, dados fornecidos pela ferramenta participativa dos Cadastros do Patrimônio Cultural, onde grupos de toda Minas Gerais forneceram caracterizações de suas práticas.¹³ Aliado a essas informações, considerou-se a bibliografia produzida por viajantes, folcloristas, pesquisadores e detentores do bem cultural (sejam de formação também acadêmica ou mestres reconhecidos por seu saber).

De saída, é importante ressaltar que o caminho tomado por esta caracterização histórica busca perpassar alguns pontos importantes para a descrição do bem cultural, sem,

¹² IGLÉSIAS, Francisco. Minas e a imposição do estado no Brasil. *Revista de História*, [S. l.], v. 50, n. 100, p. 257-273, 1974.

¹³ Conforme já mencionado, em 2020, o Iepha-MG lançou o Cadastro dos Reinados e Congados de Minas Gerais, uma etapa dos estudos técnicos de identificação. Um dos campos componentes desses cadastros é “Descreva brevemente o histórico do Reinado/ Congado”, o que revelou um rico material de referência para pesquisa em todo o território mineiro. A adoção como fonte histórica de dados obtidos através do preenchimento do Cadastro dos Reinados e Congados de Minas Gerais, exigiu a leitura de todos os cadastros realizados, a fim de seleção dos históricos que revelavam maior riqueza de detalhes ou informações consideradas instigantes para a compreensão e apresentação da celebração. Os dados foram tratados e selecionados para análise em função do detalhamento e profundidade das respostas, e também por alguns critérios mais específicos: recortes de data (antiguidade informada), referências à escravidão, relatos de desafio e conflitos enfrentados (no qual se destacaram os conflitos com a Igreja) e a abordagem de gênero.



entretanto, a pretensão de esgotar as compreensões sobre a diversidade de elementos, interpretações, narrativas e fundamentos¹⁴ que o caracterizam. Busca-se, pelo contrário, organizar elementos chave que incentivem e fomentem novas pesquisas e interpretações sempre atualizadas e de acordo, sobretudo, com as formulações de seus mestres e detentores.



Figura 4 - Carte de visite onde se observam reis e rainhas negros coroados e sendo aclamados por tambores. 1860.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

*É preto, é preto, é preto
O Calunga.
Moçambique é de Preto
O Calunga.*

¹⁴ A ideia de "fundamento" é muito corrente no universo cosmológico das práticas de matriz africana. Pode-se referir tanto a aspectos físicos dotados de referência sagrada, ou ensinamentos, filosofias que orientam as modalidades religiosas. Os fundamentos podem variar de acordo com a matriz, contexto ou regionalidade. Segundo Rohde, comentando fundamentos nas matrizes da Umbanda vai dizer: "Fundamentos, nesta perspectiva, são as bases sólidas e processualmente constituídas – numa metáfora arquitetônica –, tanto materiais/culturais como também espirituais/filosóficas, que caracterizam uma via espiritual-religiosa como a umbanda em sua complexidade e pluralidade" (Rohde, 2010, p. 11,).

2.1. As múltiplas narrativas sobre o bem cultural

Conforme mencionado, os Reinados e Congados são celebrações tradicionais muito difundidas no território mineiro e de reconhecida antiguidade. Na obra *Os Sons do Rosário. O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá* (2002), a etnomusicóloga Glaura Lucas aponta que “O jesuíta Antônio Pires [...] em carta datada de 1552, refere-se à participação dos negros em Pernambuco, já organizados em Confraria do Rosário”,¹⁵ argumentando da antiguidade da reza do rosário e da devoção das comunidades negras a Nossa Senhora do Rosário. “Quanto à história do Congado em Minas Gerais”, prossegue a autora, “o registro mais antigo de sua ocorrência no Estado é o de André João Antonil”.¹⁶ De fato, na obra *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas, com várias notícias curiosas do modo de fazer o açúcar*, publicada em 1711, o missionário italiano destacou, a respeito da mão de obra escravizada na região mineradora:

Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativo, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde. Portanto, não lhes estranhem os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano, e o alegrarem-se inocentemente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e do orago da capela do engenho, sem gasto dos escravos, acudindo o senhor com sua liberalidade aos juizes e dando-lhes algum prêmio do seu continuado trabalho. Porque se os juizes e juizas da festa houverem de gastar do seu, será causa de muitos inconvenientes e ofensas a Deus, por serem poucos os que o podem lícitamente ajuntar.¹⁷

Os festejos de devoção realizados pela população escravizada, identificados por Antonil na região das Minas do Ouro no início do século XVIII, também foram apontados no documento “Triunfo Eucarístico”, que “relata as festividades ocorridas em Vila Rica, no ano de 1733, quando o Santíssimo Sacramento, até então sob a guarda da Irmandade do Rosário

¹⁵ LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2002, p. 44.

¹⁶ *Ibidem*, p. 46.

¹⁷ ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas*. Vocabulário por Alice P. Canabrava. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2011, p. 110. (Edições do Senado Federal; v.160)





dos Pretos, foi transportado para a matriz da cidade, a Igreja de Nossa Senhora do Pilar.”¹⁸

Conforme o documento, citado em publicação do acervo do Arquivo Público Mineiro:

Neste dia sahirão duas bandeiras à publica veneração pelas ruas da Villa: uma dellas tinha em uma face a Senhora do Rosario, em outra a custodia do Sacramento; a outra tinha também a custodia em uma face, e na outra a imagem da Senhora do Pilar; ambas de damasco carmesim. Forão levadas por duas pessoas ricamente vestidas com numeroso, e grave concurso, até se collocarem, uma defronte do templo da Senhora do Rozario, onde estava o Sacramento, outra defronte do templo da Senhora do Pillar, delle padroeira, para onde havia ser a trasladação(...).¹⁹

Selecionada enquanto a capital da Capitania de Minas Gerais em 1720, a então Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto recebeu expressiva visitaçãõ de viajantes oriundos da Europa, sobretudo na primeira metade do século XIX. Vários entre estes viajantes, que atuaram em Minas e em outras regiões do Brasil, produziram relatos que referenciam os festejos de pessoas negras associadas ao rosário ou aos Reinados negros.

Alguns desses registros, sejam os de natureza textual ou pictórica, abordam as festas para Nossa Senhora do Rosário e outros santos, destacando a dança e o vestuário. No tocante aos registros de natureza pictórica, são amplamente reconhecidos aqueles produzidos pelo pintor alemão Johann Rugendas, como a pintura *Festa de Nossa Senhora do Rosário, patrona dos negros*, retratando um festejo ocorrido em Minas Gerais; e os do pintor francês Jean Baptiste Debret, como a *Coleta de esmolos para a Igreja do Rosário*, que exhibe uma ação de recolhimento perante o rei e a rainha de uma Irmandade do Rosário em Porto Alegre, capital da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, no atual estado do Rio Grande do Sul.

¹⁸ CAMPOLINA, Alda M. P. et alii. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura – Arquivo Público Mineiro/COPASA MG, 1988, p. 79. (Cadernos do Arquivo, 1)

¹⁹ CAMPOLINA, Alda M. P. et alii. *Escravidão em Minas Gerais*. 1988, p. 79.



Figura 5 - Festa de Nossa Senhora do Rosário, patrona dos negros, pelo pintor alemão Johann Rugendas, Século XIX, c. 1835

Fonte: Rugendas (1895)²⁰



Figura 6 - Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário

Fonte: Debret (1828)²¹

Nos registros de natureza textual realizados pelos viajantes em Minas Gerais, há expressivas e detalhadas referências ao bem cultural. O botânico George Gardner

²⁰ Rugendas, Johann Moritz, 1802-1858. Viagem pitoresca através do Brasil. p. [gravura 98]

²¹ Jean-Baptiste Debret. Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário. Porto Alegre, 1828. Aquarela sobre papel. Museu Castro Maya.





(1812-1849), em viagem à região de Diamantina, descreveu que a “cidade conta três ou quatro belas igrejas; uma chamada N.S. do Rosário, pertence aos negros da costa da África, e tem sobre o principal altar uma imagem preta da Virgem. Como morávamos perto desta igreja, assisti várias noites à celebração de uma de suas festas”.²² O naturalista alemão Hermann Burmeister (1807-1892) descreveu uma Festa de Nossa Senhora do Rosário em Lagoa Santa e demarcou a importância da celebração para uma afirmação cultural e política dos devotos escravizados:

A 8 de junho, iniciam-se, em Lagoa Santa, os grandes festejos de Nossa Senhora do Rosário. Durante essa festa, o escravo sai, por alguns dias, da sua situação de oprimido para sentir-se não somente livre, mas também um homem forte a influir nos destinos do mundo. Os escravos escolhem entre si um ‘rei’ e uma ‘rainha’, sempre escravos legítimos e não pretos livres, os quais também participam da festa. O povo nomeia então o ‘casal real’ e os ‘ministros’, os ‘príncipes’ e as ‘princesas reais’, ‘damas’ e ‘cavalheiros da corte’ e todos os que hão de pertencer à ‘corte’ do novo ‘rei’. Cada um desses ‘dignitários’ se enfeita de melhor maneira possível, usando velhas fardas e mantas, calçados de seda e tudo o mais que pode descobrir, dando-se grande valor aos enfeites de ouro legítimos e aos diamantes. (...) O ‘rei’ usa uma coroa de papelão dourado e um cetro, enquanto a ‘rainha’ apresenta-se cingida por um rico diadema; os ‘dignitários’ costumam usar chapéu de dois bicos. Acompanhado por toda sua ‘corte’, o ‘rei’ desfila pela localidade, em solene e alegre procissão, ao som de uma banda de música, com estandartes e cantores, e dirige-se até a igreja, onde recebe a benção do padre. O cortejo continua depois, terminando tudo num lauto banquete. O patrão da ‘rainha’ costuma pagar as despesas do festim, sendo os demais gastos e os emolumentos da igreja custeados com fundos obtidos por meio de uma coleta. A festa continua noite adentro com dansas e novos desfiles à luz de archotes, prosseguindo os divertimentos até que os meios escasseiem e a fadiga e o sono vençam os participantes. Depois, a vida entra novamente nos eixos: o ‘rei’ depõe a coroa, a ‘rainha’ tira o diadema, os ‘dignitários’ despem suas vistosas fardas e as jóias são restituídas aos cofres. Essa festa, de pouco interesse para os brancos, é de grande importância para os pretos, e nenhum destes aceitaria trabalho em tal período nem que se lhes oferecesse uma fortuna. E os espectadores não faltam; brancos, mulatos e pretos ouvem, durante dias, o cantarolar monótono de centenas

²² GARDNER, George. Cerimônias religiosas, festa de negros, modo de vestir das mulheres e novena em Diamantina. In: *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações* / Léa Freitas Perez (Coord.); Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins, Rafael Barros Gomes (org.). Belo Horizonte. Editora UFMG. 2018, p.139.

de vozes. A Festa de Nossa Senhora do Rosário é a maior do ano na vida do pobre escravo.²³

Em alguns desses relatos produzidos pelos viajantes naturalistas que passaram por Minas Gerais no século XIX, aparecem referências a elementos africanos e o uso do termo “congada”. É o caso da descrição da festa de coroação de rei e rainha negros no Tijuco, realizada pelo botânico Karl Friedrich Von Martius (1794-1868) e o relato “Congada em Morro Velho”, feito pelo inglês Richard Burton (1821-1890):

Negros, levando o estandarte, abriam o préstito; seguiam-se outros levando as imagens do Salvador, de S. Francisco, da Mãe de Deus, todas pintadas de preto; vinham depois a banda de música dos pretos, com capinhas vermelhas e roxas, tôdas rotas enfeitadas com grandes penas de avestruz, anunciando o regozijo, ao som de pandeiros e chocalhos, de ruidoso canzá e da chorosa marimba; marchava à frente um negro de máscara preta, como mordomo, de sabre em punho; depois os príncipes e princesas, cujas caudas eram levadas por pajens de ambos os sexos; o Rei e a Rainha do ano antecedente, ainda de cetro e coroa; e, finalmente, o real par, recém escolhido (...). O novo Rei dos negros recebeu oficialmente a visita de um enviado estrangeiro à corte do Congo (a denominada congada).²⁴

Certa vez, os negros mostraram-nos o que no Indostão é chamado 'tamasha', na Espanha e Portugal folia, no Egito e Marrocos 'fantasiyah' e aqui 'congada' ou 'congo-ri'. Um grupo de homens, depois de passear através do povoado, chegou até à Casa Grande. Estavam vestidos, segundo acreditavam, de acordo com o estilo da 'Casa da Agua Rosada' descendente do grande Manicongo e à qual pertencem os senhores hereditários da terra do Congo. A roupa, porém, apesar de suntuosa, com sedas e cetins coloridos, era pura fantasia, e alguns usavam o canitar ou enfeites de pena

²³ BURMEISTER Hermann. Festa de Nossa Senhora do Rosário em Lagoa Santa. Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais: visando especialmente a história natural dos distritos auri-diamantíferos. Trad. Manoel Salvaterra; Hubert Schoenfeldt. Nota Biobibliográfica Augusto Meyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. in *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações* / Léa Freitas Perez (Coord.); Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins, Rafael Barros Gomes (org.). Belo Horizonte. Editora UFMG. 2018, p. 145.

²⁴ SPIX, J. B; MARTIUS, K. F. Festa de coroação de D.João VI, cavalhadas e coroação de rei e rainha negros no Tijuco. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Prefácio Mário Guimarães Ferri. Revisão Benjamin Franklin Ramiz Galvão; Basílio de Magalhães, Ernst Winkler. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. v.2. in *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações* / Léa Freitas Perez (Coord.); Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins, Rafael Barros Gomes (org.). Belo Horizonte. Editora UFMG. 2018, p. 204.



na cabeça, e a 'arasóia' ou cintura de penas e o tacape dos homens vermelhos. Todos estavam armados com espadas e escudos, exceto o rei, que, em sinal de dignidade, carregava seu cetro: um forte e prestativo bastão. O velho mascarado, de barbas brancas, queixo trêmulo, voz titubeante e modos rabugentos, era inteligentemente representado por um jovem negro de Sabará. À sua direita, estava o capitão de guerra, o primeiro ministro; à sua esquerda, o jovem príncipe, seu filho e herdeiro, um negrinho muito sem graça.²⁵



Figura 7 - Congado dos Pretos em Morro Velho. Nova Lima 1868-1869.

Fonte: Brasiliana Fotográfica (Biblioteca Nacional Digital)

Os relatos sobre as Celebrações do Rosário em Minas Gerais citados, embora produzidos pela perspectiva de viajantes-naturalistas europeus, possibilitam a identificação de algumas características da celebração que configuram os fundamentos da tradição reinadeira/congadeira. A Rainha Perpétua da Irmandade do Rosário do Jatobá (Belo Horizonte) e pesquisadora Leda Martins (1997), demarca: “Os cortejos de Reinado em fins do

²⁵ BURTON, Richard. Congada em Morro Velho. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Trad. David Jardim Júnior; Apresentação e Notas Mário Guimarães Ferri. São Paulo: Edusp, 1976. In: *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações* / Léa Freitas Perez (Coord.); Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins, Rafael Barros Gomes (org.). Belo Horizonte. Editora UFMG, 2018. p.241.

século XX mantém a mesma disposição básica do século XVIII, atestando a permanência de um continuum paradigmático nos elos da tradição e das afrografias dos congados”, de modo que, para a autora, “em Minas, os festejos do Reinado constituem e fundam uma das mais ricas e dinâmicas matrizes textuais da memória banto.”²⁶ Assim, a dimensão política que perpassa a celebração, identificada por alguns dos relatos de viajantes citados, é ressaltada pela autora:

Os ritos realizados sob a regência desses reis reterritorializam os repertórios culturais africanos, criando novas formas de expressão e singulares idiomas artísticos; instituíam uma ordem hierárquica paralela à escravista; apropriavam-se de um espaço lúdico, considerado menos ‘nocivo’ pelos ‘senhores’ formentando estratégias simbólicas que, sob o ritmo dos tambores, reforçavam as tradições culturais e sua manifestação. (...) À reterritorialização e à restituição de formas expressivas de tradição africana alia-se a reinterpretação, pelo negro, dos ícones religiosos cristãos, investidos de novas conotações semânticas. Nessa via de leitura, a devoção aos santos reveste-se de instigantes significados, pois as divindades cristãs tornam-se transmissores da religiosidade africana, barrada pelo sistema escravocrata e pela interdição aos deuses africanos.²⁷

Contudo, embora esses primeiros documentos e relatos a respeito do bem cultural datem dos séculos XVIII e XIX, é a partir do início do século XX que surge uma expressiva bibliografia interpretativa sobre as festas dos Reinados e Congados em Minas Gerais. O contexto do início do século XX apresentou uma tendência entre a intelectualidade de países do continente americano na busca por especificidades de sua tradição cultural, chamada até então de folclore, a fim de fundamentar a formulação de uma identidade nacional. No Brasil, um nome de destaque nessa tendência foi o intelectual Mário de Andrade:

A contribuição de Mário de Andrade para os estudos sobre o folclore brasileiro foi bastante ampla, seja pelos trabalhos que realizou, sobretudo no que se refere às danças dramáticas brasileiras, seja pela influência que exerceu sobre uma ampla gama de folcloristas posteriores (Ferreira, 2005, p. 102).²⁸

²⁶ MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. 1997, p. 1997, p. 34-35.

²⁷ MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. 1997, p. 1997, p. 38-40.

²⁸ FERREIRA, Rodrigo S. Origens da Congada: controvérsias e convergências. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 7, n.2 – jul./dez.2005, p. 102.





O notório folclorista destacou as danças dramáticas brasileiras em um artigo de 1935, abordando grupos que envolviam música e performance acompanhando as festividades religiosas no período colonial brasileiro, e entre elas referenciou as Congadas:

A eleição de reis negros titulares, a coroação deles, e as festas que provinham disso, Congos, Congadas, sempre até hoje se ligaram intimamente à festa, e mesmo à confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que relembavam ao negro os seus cortejos reais da África.²⁹

A partir do trabalho de Mário de Andrade (1935), outros folcloristas abordaram a celebração, como Arthur Ramos, em *O folclore negro do Brasil*, obra publicada em 1954, que destacava os “autos populares dos Congos” no Brasil, como uma forma através da qual os “mitos africanos” foram readaptados à realidade cultural e social encontrada no Novo Mundo.³⁰ Divergindo da abordagem dos dois folcloristas citados ao focar na expressão cultural em Minas Gerais, Waldemar de Almeida Barbosa, no artigo *O Congado no Oeste Mineiro*, publicado em 1965 na *Revista brasileira do folclore* atribui a origem da celebração à “Vila Rica, na primeira metade do século XVIII – época em que foram criadas as primeiras Irmandades de negros em Minas.”³¹ Em tal obra, Waldemar Barbosa ainda utilizou o termo “Congado” e não “Congada”, diferenciando de Mário de Andrade.

Algumas referências bibliográficas apontaram a ciência, em 1552, da participação de pessoas negras em organizações de Confrarias do Rosário em Pernambuco, como a obra de Glaura Lucas, citada acima. A leitura de Waldemar Barbosa (1965), no entanto, ao situar a origem da celebração em Minas Gerais, conecta o congado à narrativa de Chico Rei, uma liderança negra que teria vivido em Vila Rica no século XVIII à qual alguns grupos detentores associam o surgimento da coroação dos reis negros na celebração.

Entre a produção folclorista sobre o “congado” em Minas Gerais, destaca-se a obra do antropólogo mineiro Saul Alves Martins, que, em 1988, publicou *Congado: Família de Sete*

²⁹ ANDRADE, 1935: 37, APUD. FERREIRA, Rodrigo S. Origens da Congada. 2005, p. 102.

³⁰ FERREIRA, Rodrigo S. Origens da Congada. 2005, p. 103.

³¹ Ibidem, p. 105.

Irmãos”. Para o autor, a diversidade de expressões constituintes do bem cultural revela uma irmandade formada por sete tradições: o Moçambique, o Congo, o Catopé, o Caboclo, o Marujo, o Vilão e os Cavaleiros de São Jorge. “Segundo Saul Martins, Candombe é o pai da família dos sete irmãos do rosário. E é o elo ancestral mítico entre um catolicismo rústico e a cultura *jeje-nagô*.”³²

Ainda em 1988, Núbia Pereira M. Gomes e Edimilson A. Pereira, acadêmicos da área de Letras, publicaram *Negras Raízes: os Arturos*, sobre a Comunidade Quilombola dos Arturos, de Contagem.³³ Segundo os autores: “O Reinado é um dos componentes do Congado, exatamente aquele que se refere à coroação de reis e à constituição de uma corte”; e apontaram uma característica regional: “Embora existissem reis eleitos em outros estados, o Reinado mineiro se marcou pelo fato de ser conseqüente ao catolicismo de confraria, com forte atuação das Irmandades do Rosário.”³⁴

A partir da segunda metade dos anos 1990, porém, destaca-se uma produção sobre os “congados” em Minas Gerais produzida por mestres congadeiros/reinadeiros (acadêmicos ou não), de modo a apresentar obras nas quais os grupos narram sua própria história.

Leda Maria Martins realizou sua formação acadêmica de graduação, mestrado e doutorado na Área de Letras entre as décadas de 1970 e 1980, em pesquisas relacionadas ao teatro brasileiro; porém, desde criança participa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Belo Horizonte, na qual é Rainha Perpétua. E a partir deste lugar de enunciação, a autora publicou, em 1997, a obra *Afrografias da Memória*. Demarcando a diferença com as narrativas de publicações anteriores, a Rainha Leda Martins ressalta a motivação da publicação: “Essa história não está nos livros. Ela está na lembrança, no

³² MORAIS, Ana Luzia da Silva. *Diferentes crenças rezam uma mesma fé: Contemplação do Rosário por uma Rainha Konga em diálogo com as memórias dos (as) Reinadeiros (as) de Oliveira (MG)*. Dissertação (História). UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei. 2022, p. 61.

³³ A Comunidade dos Arturos foi registrada como patrimônio cultural de natureza imaterial do estado de Minas Gerais em 2014, sendo a primeira comunidade tradicional a se tornar patrimônio cultural imaterial no Brasil.

³⁴ GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. 1988, p. 246. No entanto, há referências de que o quadro de Debret anteriormente citado, *Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário*, retrata reis coroados de uma Irmandade do Rosário em Porto Alegre: DOMINGUES, Bruno Willian B. *A cidade das aquarelas: o Rio de Janeiro nos registros de Jean-Baptiste Debret*. Dissertação (História Social). PUC-SP. 2018, p. 177-179.





pensamento, na boca da gente. Mas agora que quase senti a minha hora e que os fundamentos [os rituais sagrados dos Reinados negros] estão modificando muito, eu quero contar.”³⁵ Portanto, a partir de conhecimentos compartilhados entre os mais velhos de sua Irmandade e de outras guardas, mas também de pesquisas documentais realizadas em arquivos e museus de Minas Gerais, Leda Martins (1997) apresentou uma definição para congado e reinado:

Ainda que sejam tomados um pelo outro, os termos Congado e Reinado mantêm diferenças. Ternos ou guardas de Congo podem existir individualmente, ligados a santos de devoção em comunidades onde não exista o Reinado. Os Reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um Império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimoniais e narrativas que, na performance mitopoética, reinterpretam as travessias dos negros da África às Américas.³⁶

Outra obra de referência situada no lugar de enunciação de um congadeiro é *Congadas de Minas Gerais*, publicada em 2001 por Jeremias Brasileiro, Comandante Geral da Festa da Congada da cidade de Uberlândia, município da região Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

A trajetória do autor apresenta o caminho inverso ao de Leda Maria Martins. Aproximado da Universidade Federal de Uberlândia por seu notório saber, após a primeira publicação, o autor iniciou a graduação na área de História em 2002 e prosseguiu o mestrado³⁷ e doutorado³⁸ defendidos na mesma instituição e área. Na obra de 2001, Jeremias Brasileiro apresentou sua definição:

O Congado é um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas

³⁵ MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. Ed. Perspectiva/Mazza. 1997, p. 18. A frase citada foi dita a Leda Martins, em 1993, por João Lopes, então capitão do Reinado do Jatobá, e adoecido.

³⁶ MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. 1997, p. 31/32.

³⁷ BRASILEIRO, Jeremias. *O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011)*. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

³⁸ BRASILEIRO, Jeremias. *O Congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-MG: resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018)*. 2019. 268f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

somente ao Rei Congo e depois cristianizadas por influências jesuíticas, mimetizou-se ou paralelizou-se dentro da fé popular brasileira. (...) Culto aos Reis Rainhas e Anciãos; assim os congadeiros reverenciam com seus ritmos alegres, todos os ancestrais.³⁹

Embora com algumas diferenças em relação ao modo de exposição de Leda Martins (1997), ambas as obras demarcam a importância da conexão com valores culturais referentes ao continente africano para a celebração, sobretudo no que se refere à coroação dos reis negros. No trecho citado da obra de Jeremias Brasileiro (2001), o culto aos reis e rainhas são constituintes do congado, compreendido enquanto um culto aos ancestrais. O trecho citado da obra de Leda Martins (1997), no entanto, apresenta o reinado como a instauração do Império, que não é obrigatoriamente referente ao congado, manifestação que, na definição da autora, pode existir sem o culto a reis, a partir da devoção aos santos. A confluência entre elementos de religiosidades de origem africana e europeia, comumente abordada através do termo “sincretismo”⁴⁰, é um dos elementos trabalhados nas obras de Jeremias Brasileiro e que motivaram a formulação, por ele, de um dispositivo conceitual em sua dissertação que norteia também o presente dossiê de registro:

O meu entendimento em relação ao Congado está centrado numa coexistência cultural religiosa em que podem existir situações toleráveis ou não, dependendo dos personagens que em determinado momento histórico estejam à frente das celebrações. (...) Assim, opto por utilizar no contexto do Congado a categoria de coexistência cultural religiosa quando trato de situações que envolvem o uso de símbolos ou comportamentos de religiosidades de matriz africana junto àquelas utilizadas pelo catolicismo popular, como mastros ornamentados com papéis de seda em cores representativas de orixás ou de santos, pequenos cruzeiros, ramos de arruda nas orelhas, buquê de flores que sai de uma casa de Umbanda para

³⁹ BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas de Minas Gerais*. Uberlândia: Impresso Editora, 2001, p. 13.

⁴⁰ Amplamente utilizado em abordagens da Antropologia e da Sociologia da Religião, o termo “sincretismo” diz respeito, em linhas gerais, à fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos por parte dos grupos envolvidos. O termo tem sido amplamente discutido, sobretudo entre mestres dos saberes tradicionais e detentores das matrizes afro religiosas, por não levar em consideração as estratégias de resistência, ressignificação e proteção dos cultos tradicionais por parte das comunidades detentoras, bem como os violentos processos de perseguição, depredação e descaracterização dessas tradições por parte do poder colonial e do Estado brasileiro.





ser depositado aos pés de Nossa Senhora do Rosário e outros símbolos, simpatias e atitudes de devoção.⁴¹

A categoria *Coexistência Cultural Religiosa* fornece um aparato conceitual para a compreensão do bem cultural, auxiliando na interpretação da complexa relação entre elementos de tradição africana e europeia reconfigurados no cenário das Minas Gerais. O conceito também é utilizado na dissertação *Diferentes crenças rezam uma mesma fé: Contemplação do Rosário por uma Rainha Konga em diálogo com as memórias dos (as) Reinadeiras (as) de Oliveira (MG)*, defendida em 2022 pela historiadora Ana Luzia da Silva Moraes, reinadeira há 17 anos e Rainha Konga⁴² do Reinado de Nossa Senhora do Rosário do município de Oliveira.

Embora não mobilize o conceito formulado por Jeremias Brasileiro, sua ideia permite também situar obras publicadas em 2022, elaboradas pela Doutora em Comunicação Social da UFMG por Notório Saber, Pedrina de Lourdes Santos, Capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês, também do município de Oliveira. Os livros *Meu Rosário*, *Minha Guia* e *Eu tenho a África dentro de mim*, publicados em 2022, apresentam os saberes da Capitã Pedrina sobre os fundamentos do Reinado em uma perspectiva que explicita e reafirma os elementos identificados à coexistência cultural religiosa.

Para que a festa aconteça, existe todo um trabalho espiritual realizado durante o ano todo. A casa de Pedrina funciona, segundo ela, como um ponto de apoio da festa, e são reuniões mensais de Umbanda e as que ocorrem simultaneamente à Festa do Rosário que dão sustentação espiritual para seus participantes. Toda essa base espiritual vem da matriz afro-brasileira, marca estilística de Pedrina na realização da festa que se preocupa em aprofundar, por meio de pesquisa sistemática, cada vez mais, os fundamentos africanos do Reinado (em contraponto a elementos do cristianismo católico ou folclórico, como já mencionado).⁴³

⁴¹ BRASILEIRO, Jeremias. *O Ressoar dos Tambores do Congado - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 - 2011)*. Dissertação (História). 2012. Universidade Federal de Uberlândia. p. 56. Grifo nosso.

⁴² Lê-se também "Conga". Algumas detentoras e detentores de saberes negros de origem bantu tem optado por recorrer a grafia de termos a partir de referências deste tronco linguístico, sobretudo na substituição do C pelo K, som considerado marcante nos idiomas dessa família linguística. Kandomblé, Kilombo, Konga, etc.

⁴³ SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022, p. 27.

Ana Luzia da Silva Morais (2022), vai ainda afirmar: “Em Minas Gerais, dois ‘mitos’ fundam e estruturam a Fé dos Reinadeiros, o ‘mito’ da aparição de Nossa Senhora aos negros cativos e o ‘mito’ de Galanga o Chico Rei.”⁴⁴ É na narrativa sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário⁴⁵ que elementos e trânsitos tornam-se mais explícitos, para a autora:

A história da aparição de Nossa Senhora do Rosário, transmitida oralmente entre as gerações, é o conto fundante da fé dos Reinadeiros. Esse conto não é reconhecido oficialmente pela Igreja Católica. O mito trata justamente de uma santa que apareceu no mar e que aceitou o negro da forma como ele sabia se comunicar com a divindade: cantando, dançando e tocando seus tambores. (...) Que Nossa Senhora é essa que saiu do mar, assentou em tambor e aceitou ir para a igreja apenas com os negros? Certamente, na visão dos negros, é uma santa muito diferente daquela propagada pelo cristianismo. Nos processos de estruturação do catolicismo popular no Brasil, a Mãe d’água se torna também Nossa Senhora com seus vários títulos, variando de região para região. Edson Carneiro (1991), ao analisar os estudos de Manuel Querino, evidencia que o culto a Iemanjá é equivalente à Nossa Senhora do Rosário e que essa associação tem desaparecido das manifestações religiosas dedicadas à santa virgem com essa titulação. Altivo (2019) diz que “na perspectiva da capitã (Pedrina), o Reinado é um grande trabalho espiritual que realiza o cortejo dos mi’nkisi de África: Nossa Senhora do Rosário, também chamada de Santa Mangangá, é Kaiaia/Iemanjá.”⁴⁶

A bibliografia produzida pelos mestres detentores, como as destacadas acima, formam uma contribuição inestimável para a compreensão do bem cultural. Tal produção aponta as confluências e também algumas divergências entre si que tornam explícita a pluralidade da celebração e foram selecionadas como referências centrais para a produção das peças técnicas deste dossiê de registro.

Nas últimas décadas, diversos trabalhos de referência têm surgido sobre a temática. São obras de acadêmicos – por exemplo, *Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo*, publicada em 2002 pela historiadora e cientista política Marina de

⁴⁴ MORAIS, Ana Luzia. *Diferentes crenças rezam a mesma fé*. 2022, p. 77.

⁴⁵ A compreensão que reformula a narrativa de origem da aparição de Nossa Senhora do Rosário nas águas para os escravizados a partir de elementos das religiões de matriz africana não é comum a todos os reinadeiros e congadeiras. Na imensa diversidade e multiplicidade de modos de vivenciar a prática ao longo do território mineiro, existem grupos que se enunciam como marcadamente católicos, que convivem, algumas vezes nos mesmos festejos, com grupos que explicitamente reivindicam a relação da prática com outras religiões de matriz afro, como umbanda e candomblé.

⁴⁶ MORAIS, Ana Luzia. *Diferentes crenças rezam a mesma fé*. 2022, p. 77.





Mello e Souza –; de acadêmicos e detentores – como os vários livros publicados por Jeremias Brasileiro nos últimos anos, entre vários autores e autoras que estão ingressando no mercado editorial –; e de diversos outros pesquisadores e pesquisadoras com interesse no tema.

As celebrações do Rosário, portanto, configuram uma tradição cultural rica, antiga e complexa. Entre os séculos XVIII e XIX, tais festas possibilitaram aos escravizados e pessoas negras livres estabelecer um território cultural de criação de uma identidade coletiva e afirmação de valores africanos a partir da coexistência cultural religiosa com o catolicismo, hegemônico devido ao monopólio da prática religiosa. E, como tal, um espaço de resistência ao cenário de opressão da sociedade estamental e altamente hierarquizada do Brasil colonial.

*Oi viemo, oi viemo,
Oi viemo
Oi viemo da beira mar,
Laço de fita amarelo na ponta da vara não pode falta.*

2.2. O Rosário e suas apropriações

Na tradição da religiosidade católica, o rosário refere-se a uma corrente com contas ou nós, associado à *devoção mariana* (devoção à Virgem Maria, mãe de Cristo, também chamada de Nossa Senhora), tradicionalmente dividida em três partes iguais, chamadas de Terço, cada qual apresentando cinquenta contas. Com o auxílio do rosário é recitada uma série de orações. Tomando por referência uma publicação do Vaticano, sintetizada no texto *O Santo Rosário. História, Método e Orações*: “A palavra Rosário vem da palavra latina Rosarium, que significa ‘campo de rosas’. Cada vez que se reza uma Ave Maria, é uma rosa que se oferece a Nossa Senhora.”⁴⁷ Na narrativa católica, o rosário constitui a primeira

⁴⁷ “O Santo Rosário. História, Método e Orações”. In: O CLARIM – Semanário Católico de Macau. DADOS E REFERÊNCIAS – BREVE HISTÓRIA DO ROSÁRIO: Texto retirado e adaptado do livro “O Segredo do Rosário”, de São Luís Maria Grignon de Montfort. EXPOSIÇÃO DA ORAÇÃO DO TERÇO DO ROSÁRIO E DOS MISTÉRIOS/COMO RECITAR O TERÇO DO ROSÁRIO: Com base no site do Vaticano: www.vatican.va/special/rosary/documents/misteri_po.html Santuário de Fátima: Disponível em: <https://www.fatima.pt/pt/pages/terco>. Acesso em 10 jan. 2024. Disponível em: <https://www.santidade.net/folhetos/santo-rosario.pdf>. Acesso 10 jan. 2024.

devoção dos fiéis e tem sido usado ao longo dos séculos, desde o tempo dos Apóstolos de Jesus Cristo. Em 1214, a Igreja reconheceu o rosário que, em tal narrativa, foi recebido por São Domingos de Gusmão, por intervenção da Virgem Maria, como um recurso para a conversão de “infiéis”. A essa aparição foi atribuído o título mariano de Nossa Senhora do Rosário. “A história de como São Domingos o recebeu é encontrada no conhecido livro ‘De Dignitate Psalterii’ (‘A importância e Beleza do Santo Rosário’), do Bem-aventurado Alano de La Roche (1428-1475), padre francês da Ordem dos Pregadores (Dominicano) e Apóstolo do Santo Rosário.”⁴⁸



Figura 8 - Encontro das Afromineiridades realizado por guardas de Timóteo (MG) em 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG.

São Domingos de Gusmão nasceu por volta de 1170 e é o fundador da Ordem dos Pregadores, posteriormente conhecida como “Dominicanos”, além de ter sido canonizado em 1234. Na segunda metade do século XVI, o Papa Pio V, oriundo da Ordem Dominicana, regulamentou a prática da reza de 150 orações, instituindo o rosário como uma forma de contagem. Em 1571, Pio V recomendou o uso do rosário pelos combatentes cristãos na Batalha de Lepanto, que contrapôs exércitos de reinos cristãos contra o Império Otomano, então em expansão na Europa Ocidental. A vitória cristã, ocorrida em 07 de outubro de

⁴⁸ “O Santo Rosário. História, Método e Orações”.





1571, teria sido comunicada a Pio V por uma aparição de Nossa Senhora, e o Papa instituiu para a data da vitória, a Festa de Nossa Senhora da Batalha, a ser celebrada em toda igreja na qual houvesse um altar de Nossa Senhora do Rosário. Em 1573, o Papa Gregório XIII alterou o evento para a Festa de Nossa Senhora do Rosário.⁴⁹

A devoção à São Domingos Gusmão no universo dos Reinados e Congados foi identificados através dos dados dos Cadastros do Patrimônio⁵⁰, principalmente por guardas surgidas a partir da segunda metade do século XX. Dados do grupo “Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário de São Domingos do Prata”, surgido nos anos 1950 no município São Domingos do Prata, embora não conste devoção a São Domingos, expressam uma síntese da narrativa cristã sobre São Domingos de Gusmão, o culto ao Rosário e a Batalha de Lepanto. Tais dados apontam para uma relação entre a narrativa original católica de origem do rosário e as narrativas perpetradas por grupos dos Reinados e Congados mineiros.

A centralidade do rosário para os detentores do bem cultural é destacada na bibliografia pertinente. Segundo Leda Martins (1997), em *Afrografias da Memória*: “Todos os congadeiros trazem, além do terço, o rosário cruzado no peito, seu signo mais visualmente característico, coletivamente.”⁵¹ Capitã Pedrina (2022) ressalta tal centralidade na própria escolha do título da obra *Meu Rosário, Minha Guia*, em uma leitura do signo de fé que o compreende a partir da coexistência cultural religiosa:

O rosário é artefato que cruza o peito dos reinadeiros, é instrumento de proteção, cura e benzeção, é conta de Umbanda e Kandomblé, é a festa, é a própria comunidade. A polivalência desse rosário deslinda a filosofia negra e usos rituais afro-brasileiros de um elemento marcadamente católico, astúcia de quem soube se infiltrar no seio dos símbolos cristãos e mobilizá-los africanamente, herança mítica que ‘se imbricou no tecido da hagiografia católica, modificando-a e modificando-se’.⁵²

⁴⁹ “O Santo Rosário. História, Método e Orações”. Acesso 10 jan. 2024. Iepha-MG; MOLINARI, Luis (org). *Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG*. Belo Horizonte, 2014, p. 109.

⁵⁰ 23 grupos informaram devoção a São Domingos de Gusmão (ou a São Domingos) nos seguintes municípios: Abaeté (3 grupos), Betim, Candeias, Nazareno, São Tomás de Aquino, São Sebastião do Paraíso (13 grupos) e Uberlândia.

⁵¹ MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. 1997, p. 47.

⁵² SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. 2022, p. 81.

A compreensão apresentada pela Capitã Pedrina (2022) da “mobilização de símbolos cristãos africanamente” permite diálogo com uma hipótese destacada na publicação do Arquivo Público Mineiro, *Escravidão em Minas Gerais* (1988), ao citar a ação de missionários europeus em África visando difundir a figura de Nossa Senhora do Rosário: “A imagem da santa exibia o rosário – equivalente ao Ifá africano⁵³ – que os padres ensinariam os escravos(sic) a rezar e que os negros aproveitariam para encobrir seu próprio rosário de nozes da palmeira de valor mágico-religioso.”⁵⁴ Ainda que essas teorias que promovem comparações e equivalências descontextualizadas entre elementos rituais africanos e elementos cristãos venham sendo gradativamente contestadas e abandonadas na produção bibliográfica sobre esse contexto - em relação a equivalência entre elementos do Ifá e o objeto rosário -, é importante perceber que os movimentos de aproximação entre o rosário e os povos negros antecedem mesmo o processo de tráfico transatlântico. De modo que, assim como a compreensão do bem cultural Celebrações do Rosário em Minas Gerais exigiu o deslocamento à Europa para situar o rosário enquanto um signo de fé e a aparição mariana intitulada Nossa Senhora do Rosário, ao mesmo tempo em que demanda o deslocamento histórico à África para a compreensão da celebração dos Reis Congos e o Cristianismo Negro.

*Nossa Senhora me deu um Rosário
Que é pra mim rezar todo dia,
A São Benedito eu rezo um pai nosso
Pra Nossa Senhora rezo Ave Maria.*

⁵³ “Mais que um oráculo, Ifá, por envolver várias e complexas formas, é um sistema oracular, divinatório, de uso exclusivo de babalaôs, sacerdotes da tradição religiosa oeste-africana difundida no continente de origem e na Diáspora, pelo tráfico de escravos. Nas Américas, seu nome é também usado para identificar a divindade Orunmilá, que ‘fala’ através de seu sistema.” In. LOPES, Nei. *Ifá Lucumí: o resgate da tradição*. Pallas Editora, 2020.

⁵⁴ CAMPOLINA, Alda M. P. et alii. *Escravidão em Minas Gerais*. 1988, p. 78, 79.





Figura 9 - Guarda de Moçambique Nossa Senhora Aparecida em Passa Tempo, mesorregião Oeste de Minas (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

2.3. O Cristianismo Negro em África e nas Américas

A identificação de uma relação entre as Celebrações do Rosário e as tradições africanas é frequente em várias narrativas sobre o bem cultural, desde as falas e as caracterizações enunciadas pelos detentores⁵⁵, passando pela bibliografia especializada, até as conexões evidentes presentes nos cantos, performances e modos de existir apresentados pelos grupos.

A conexão com África é ressaltada em obras de detentores, como em *Eu tenho a África dentro de mim* (2022), da Capitã Pedrina, no qual há o capítulo intitulado “O Reinado é uma herança africana”. No entanto, em uma leitura específica sobre a tradição, posto que a Capitã apresenta as tensões presentes na reprodução da prática e na perpetuação de seus fundamentos. Sua perspectiva busca demarcar, reivindicar e assumir o protagonismo da

⁵⁵ Nos Cadastros do Patrimônio Cultural, tal referência é ressaltada em alguns históricos, como o do grupo “Banda de Congada e Moçambique Nossa Senhora do Rosário”, do município Barroso, que informa ser “uma manifestação cultural e religiosa que é permeada de representações e simbologias vindas da África.” Também no cadastro da “Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário”, do município de Raposos, é apontado: “Tendo suas origens na região do Congo, na África, o congado veio para o Brasil no período da escravidão, com o escravo veio à fé e a crença em Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros.”

matriz africana nos saberes e ritos que sustentam a festa. Desse modo, segundo Pedrina (2022): “Essa performance [reinadeira] reinventa a África ancestral no coração do Brasil e faz da herança bantu um manancial inventivo de poéticas e políticas contra-colonizadoras.”⁵⁶

Várias tradições interpretativas associam o desenvolvimento das celebrações dos Reinados e Congados aos trânsitos, impostos ou forjados, entre elementos do Cristianismo europeu e de religiões de matrizes africanas, conforme apontado no decorrer deste dossiê. Essas interpretações estavam presentes já em narrativas de viajantes europeus no século XIX. É o caso da *Expedição às regiões centrais da América do Sul*, do naturalista inglês Conde Castelnau, que, em viagem à região de Sabará, nas Minas Gerais, entre 1843 e 1844, relatou uma festa dos negros de eleição de um rei do Congo: “A cena era muito curiosa, misturando singularmente as reminiscências da costa africana com os costumes brasileiros e cerimônias religiosas.”⁵⁷

Outras leituras, porém, associam o bem cultural a um chamado catolicismo negro, como apontado pela historiadora Marina de Mello e Souza em *Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*:

A história da devoção negra a Nossa Senhora do Rosário é firmada, no continente africano, com a catequização do Reino do Congo, primeiro êxito missionário português no continente, ainda em princípios do séc. XVI.⁵⁸

Contudo, para referenciar a antiguidade do cristianismo no continente africano é válido recordar que este antecede a ação catequizadora das nações cristãs europeias. Dez séculos antes de Portugal e Espanha se consolidarem enquanto Estados Nacionais, no continente africano encontrava-se estabelecida uma potência que professava a religião cristã, no atual território da Etiópia.

⁵⁶ SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. 2022, p. 28. A interpretação das Festas dos Reinados e Congados como oriundas das culturas dos povos falantes da língua bantu é defendida por muitos mestres e pesquisadores da prática, essa tese será comentada ao longo do Dossiê.

⁵⁷ BELONE, Ana Paula L.; MARTINS, Marcos C.; GOMES, Rafael B. (org.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações* / Léa Freitas Perez (Coord.); Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 124.

⁵⁸ SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 261.





O historiador Paulo Fagundes Visentini (2012) destaca: “A história da Etiópia tem uma continuidade de mais de três milênios, passando por grandes impérios, tais como Axum” que “tornou-se uma potência dominante na região do Mar Vermelho até o século VII d. C., quando entrou em conflito com o Islã.” E, no histórico de tal império: “O cristianismo foi introduzido na região ao longo do século IV d.C., quando Axum se tornou um reino cristão.”⁵⁹

A expansão de Axum enquanto um reino cristão chamou a atenção da Igreja Católica Apostólica Romana, que marca inclusive a existência de santos negros, cuja a devoção é perpetuada nas Celebrações do Rosário. Segundo o historiador Anderson José M. de Oliveira (2006): “Santo Elesbão era natural da Etiópia; 47º imperador do seu país – no século VI d.C. –, descendia do Rei Salomão e da Rainha de Sabá. Creditou-se a Elesbão a extensão do reino cristão da Etiópia até o lado oposto do Mar Vermelho, impondo-se aos árabes e aos judeus do Iêmen.”⁶⁰ Tal narrativa foi difundida no Brasil, entre 1735 e 1738, com a publicação da obra *Os Dois Atlantes de Etiópia. Santo Elesbão, Imperador XLVII da Abissínia, Advogado dos perigos do mar & Santa Efigênia, Princesa da Núbia, Advogada dos incêndios dos edifícios. Ambos Carmelitas*, pelo carmelita Frei José Pereira de Santana. Vale ressaltar que a devoção à São Elesbão foi destacada pelas comunidades nas caracterizações disponibilizadas nos Cadastros do Patrimônio⁶¹, ainda que de maneira incipiente o santo foi citado por guardas de congo, ternos de moçambique e marujadas.

Ainda que essas correlações com outros reinos e territorialidades africanas possam ser encontradas, quando se refere ao Cristianismo em África a partir das festas dos Reinados e Congados em Minas Gerais, predomina a recordação ao Reino Congo. O trabalho de Marina de Mello e Souza, *Reis Negros no Brasil escravista*, citado no início deste tópico,

⁵⁹ VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Revoluções Africanas*. Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Ed. Unesp. 2012, p. 126.

⁶⁰ OLIVEIRA, Anderson José M. Devoção e Identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. *TOPOI (RIO DE JANEIRO)*, Rio de Janeiro, v.6, n.12, p. 60-115, 2006, p. 62.

⁶¹ Embora a devoção a São Elesbão não esteja entre as mais recorrentes nas Festas dos Reinados e Congados em Minas Gerais, os dados dos Cadastros revelam 10 grupos, localizados em diferentes municípios, que citaram São Elesbão – sempre associado a outros santos – diante da questão “Qual (is) santo (s) de devoção?”. Dentre eles estão grupos de municípios distintos como Uberlândia, Moema, Serranos, Sete Lagoas e Belo Horizonte.

ressaltou o êxito missionário de Portugal na catequização do Reino do Congo, no século XVI, com o rei Nepemba Angiga batizado no cristianismo como D. Afonso I. Conforme a historiadora: “Desde o século XVI, o Congo foi considerado um reino católico, irmão de Portugal, mantendo com este país relações mais ou menos próximas conforme a política em vigor.”⁶² A historiadora e Rainha Konga Ana Luzia Morais, em *Diferentes crenças rezam uma mesma fé* (2022), fornece outra perspectiva:

O antigo Reino do Congo, localizado na África Centro Ocidental, foi identificado no final do século XV pelos viajantes portugueses como um reino forte e bem estruturado composto por muitas províncias lideradas por chefes locais. O rei era auxiliado por uma corte que, por sua vez, exercia funções cerimoniais, dentre elas as eleições e coroações de novos chefes das províncias e do rei. Historicamente, esses rituais de entronização do rei foram sofrendo mudanças. Os estudos de James Sweet (2003), John Thorton (2004), Lucilene/ Reginaldo (2011), Leonara Delfino (2017) e Linda Heywood (2019) apontam que a aceitação do catolicismo no Congo não significou o abandono das antigas tradições. Mesmo o Mani Congo recebendo o batismo em maio de 1491, e os registros dos clamores dos reis de Congo pela presença dos missionários, os soberanos do Congo acreditavam que os novos ritos e os novos objetos sagrados do catolicismo fortaleciam seus poderes. Segundo Lucilene Reginaldo (2011), essa visão dos reis de Congo se justifica pela cosmologia bakongo, que percebia o mundo dividido entre os vivos e os mortos.⁶³

A referência à coroação do Rei Congo apresentou expressiva influência nas festas dos Reinados e Congados em Minas Gerais, conforme atestado nos dados do Cadastro. Centenas de grupos informaram a presença de Rei Congo e Rainha Conga nas estruturas do que chama de seus tronos coroados, o que demonstra a vitalidade dessa correlação.⁶⁴ Em muitos contextos, a ideia de "trono coroadado", remete a estrutura ritualística presente nos festejos compostos de Reis e Rainhas, elegidos por herança, por promessa, por indicação espiritual, que ocupam cargo “perpétuo”. Os Reis e Rainhas perpétuos passam por processo ritual de

⁶² SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista*. 2002, p. 261.

⁶³ MORAIS, Ana Luzia S. *Diferentes crenças rezam a mesma fé*. 2022, p. 76-77.

⁶⁴ Diante dos dados do cadastro, 234 grupos destacaram a presença de um Rei Congo no campo “Informe a estrutura do Trono Coroado, se houver”. Sendo que, em 157 entre esses, consta também a presença de uma Rainha Conga. Em 17 das respostas, a referência a um rei Congo era componente da descrição do histórico do grupo. Vale ainda ressaltar que dois cadastramentos, informaram a presença de uma Rainha Ginga, nos municípios São Domingos do Prata e Visconde do Rio Branco.





preparação para o cargo. Existem ainda cargos temporários, que seriam Reis e Rainhas Festeiros, ou Reis e Rainhas do Ano que não necessariamente são coroados.

Um aspecto que chama atenção em relação à afinidade com os reinos africanos, é, ainda, a alusão à figura da rainha angolana Nzinga, ou Ginga⁶⁵, perpetrada por alguns grupos. A Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário de São Domingos do Prata, apresentou ao Cadastro do Patrimônio reflexões sobre a influência desta rainha na conformação das festas dos Reinados e Congados:

Partindo da tradição africana, historicamente as Guardas de Congo remetem às festividades de coroamento de reis do Império Congo (1390 – 1857). Os seus governantes reinavam sobre grandes extensões territoriais, que abrangiam também o atual território de Angola. As tradições hierárquicas presentes nas guardas, como a representação dos reis, rainhas, príncipes e princesas; assim como as danças, cantos e instrumentos musicais de percussão, são herança direta das tradições de origem africana, especificamente dos povos Bantos. (...) Segundo os relatos, a Rainha Ginga Nbandi seria responsável pela união das nações congas e moçambique, sendo esse rito uma representação do fim das batalhas entre as diversas nações que compunham o Império. A Rainha Ginga, que viveu entre os anos de 1583 a 1663, esteve em contato direto com os portugueses, se convertendo ao catolicismo a mando dos últimos. A sua conversão, e a de seus súditos, foi a provável origem moderna das tradições atuais das Guardas de Congo. Com a conversão da rainha, as devoções católicas começam a ser inseridas entre os africanos, sendo incentivada, posteriormente, na América Portuguesa, local que muitos escravizados nascidos na região viveram suas vidas. Na América Portuguesa o sincretismo religioso dessas duas culturas formou as estruturas simbólicas e rituais para os cortejos e as cerimônias vistas nas Guardas de Congo, como a de São Domingos do Prata.⁶⁶

⁶⁵ A figura de Ginga Mbandi é fortemente destacada pela historiografia ao longo dos séculos, possuindo diferentes narrativas sobre a sua atuação política e militar durante o período de 1622 e 1663 e sobre o seu papel no tráfico negreiro, seja a favor ou contra. No século XX, a sua imagem foi resgatada de duas formas: a primeira delas se deu através da literatura europeia que dava destaque a sua conversão ao catolicismo e às relações estabelecidas com governantes portugueses, como uma tentativa de legitimação do tráfico de escravizados, colocando a Rainha Ginga como co-autora desse processo, em um discurso que buscava culpar lideranças africanas pelo tráfico negreiro. A segunda e mais forte representação, foi o resgate da sua figura por movimentos políticos angolanos da década de 1960 e outros grupos, desde as guardas de congado no Brasil até as escolas de samba (a ponto de ser tema do samba-enredo “Suprema Ginga - Senhora do Trono Brazngola” da Escola de Samba carioca Império da Tijuca no ano de 2010), ressaltada como um símbolo de resistência contra a colonização portuguesa e o avanço da escravização em Angola.

⁶⁶ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

A inclusão da Rainha Ginga como um cargo na estrutura dos tronos coroados fortalece a conexão, de algumas tradições reinadeiras e congadeiras, com o Império Congo e o que hoje é denominado como Angola. A referência a esses territórios é muito destacada tanto nas narrativas orais dos grupos, em massiva presença em cantos, tanto no pensamento dos mestres da tradição, como a Capitã Pedrina (2022): “Gente, uma festa, festa do reinado, festa do congo, e a gente ainda fala festa do congo, o congo antigo onde havia o império, a formação do povo banto, com todos aqueles países, inclusive Angola (Santos, 2022, p. 67).”⁶⁷

A referência a Angola destacada por Pedrina pode ser um indicativo importante para a relação com as tradições Bantu, além de conectar-se com a imagem da Rainha Ginga de Angola, mencionada pela Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário de São Domingos do Prata, conforme citado. A historiadora Mariana Bracks Fonseca, na tese *Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora* (2018), estudou “a mais famosa soberana africana” a partir de sua importância para as nações Angola e Congo e também suas apropriações transatlânticas. Entre os três capítulos da tese, um é intitulado “A Rainha Ginga nos Congados”, posto a conclusão que o nome dessa rainha de Angola foi evocado no Brasil nas celebrações de coroação de reis e rainhas negras, como, segundo a autora, no Congado de Visconde do Rio Branco, em Minas Gerais.⁶⁸

A referência à figura da Rainha Ginga é importante para pensar, não apenas a relação dos grupos com Angola, mas também sobre as representações transatlânticas criadas a partir da rainha. Ginga assumiu o reino do Ndongo em Angola no século XVI e, a partir disso, em uma rede de complexidades políticas e sociais vivenciadas, passou a tecer relações que, posteriormente, contribuíram para a sua denominação como uma figura histórica ambígua e contraditória. Ao mesmo tempo em que era batizada na Igreja Católica, a liderança atuou ativamente contra o avanço da colonização portuguesa, inicialmente como rainha do Reino do Ndongo e posteriormente como Tembanza, título feminino mais importante na hierarquia dos kilombos, comunidades organizadas militarmente e hierarquicamente, com um estilo de

⁶⁷ SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. 2022, p. 67.

⁶⁸ FONSECA, Mariana Bracks. *Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora*. Tese (História). Universidade de São Paulo. 2018.





vida voltado para a guerra. Sendo assim, a atuação política e militar de Ginga interferiu diretamente em toda a organização social de Angola, especialmente no tráfico de escravizados e nas múltiplas tentativas de conquista e domínio do território da região da África Central, por parte da Coroa Portuguesa⁶⁹.

A Rainha Ginga teve uma trajetória complexa e contraditória, mas sua representação como uma figura feminina de resistência pode ser interessante para a reflexão sobre as relações que os grupos de Reinados e Congados estabelecem com a África, com Angola, com as tradições Bantu e com o próprio cristianismo, também presente na figura de Ginga. Em muitos contextos, a soberana é apropriada como representação de mulher, rainha e símbolo de força e resistência ao colonialismo e à escravidão, que atravessa os dois continentes a partir da memória e ancestralidade negra.

Assinalar o Cristianismo Negro no continente africano, com os casos da Etiópia, Reino Congo e Angola, fornece indícios da possibilidade de elaborações e apropriações de matrizes cristãs por comunidades negras africanas antes da diáspora forçada pelo tráfico humano do escravismo moderno. Esses aspectos permitem estabelecer um olhar que confira complexidade às práticas aqui estudadas, afastando-as da perspectiva da mera conversão e submissão das pessoas escravizadas ao domínio cristão colonial, ressaltando as estratégias e elaborações de resistência, ressignificações articuladas historicamente pelos grupos para a sobrevivência e continuidade de seu modo de vida.

Seguindo tal perspectiva, o cientista da religião Marco Antônio Fontes de Sá (2019) acrescenta: “A rigor, o Congado (ou Reinado) é uma manifestação festiva de um catolicismo africano que se estruturou com a chegada de Diogo Cão na foz do Rio Zaire, em 1485”,⁷⁰ portanto, antes da ação colonizadora portuguesa no território brasileiro. O Rio Congo, também conhecido por Rio Zaire, é o segundo maior rio do continente africano e sua bacia hidrográfica inclui a República Democrática do Congo (antigo Zaire), República do Congo e

⁶⁹ FONSECA, Mariana Bracks. *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola. Século XVII*. 2012. Dissertação (Mestre em História Social) - Universidade de São Paulo, 2012.

⁷⁰ SÁ, Marcos A. Fontes de. *Congadas e Reinados - Celebrações de um Catolicismo Popular, Africano e Brasileiro. Mosaico* (Goiânia), V. 12, p. 286-302, 2019, p. 290.

Angola, entre outros países – a área do tronco linguístico, e tradição cultural, denominado Bantu/Banto.⁷¹ “Ao contrário do que acontecia em outras etnias africanas, para os povos da região Congo/Angola, os ancestrais eram muito importantes como ligação entre os mundos sobrenatural e natural”, de modo que, para Marcos Sá (2019): “Reinado é a parte da festa [do Congado] em que a ancestralidade é reverenciada a partir da coroação dos reis, que retomam as origens dos reis africanos.”⁷²

Assim, conforme afirmam as fontes apresentadas, na cosmologia que fundamenta as festas congadeiras que possuem um trono coroado, a coroação dos reis negros constitui um elemento singular do Cristianismo Negro em relação à matriz cristã hegemônica no Brasil colonial, a católica apostólica romana. Aspecto ressaltado por Carlos Rodrigues Brandão em texto de 1986, resultante da pesquisa para o projeto de gravação fonográfica de todas *Os Negros do Rosário*: “A igreja católica da Colônia até os dias de hoje, costuma repetir ritos de ‘coroação de Nossa Senhora’. Os negros do Rosário não. Desde os tempos da Colônia e quando eram ainda escravos (há inúmeros registros disto), coroam-se a si próprios.”⁷³

A Rainha Konga Ana Luzia de Moraes (2022) corrobora a identificação dos reis negros nos festejos de Reinados e Congados a partir das conexões com os reinos africanos Angola e Congo. “(A)ntes mesmo da colonização e da diáspora negra, eram povos pluralmente formados e influenciados por várias culturas diferentes”, e assim, conclui a historiadora: “Os negros Reinadeiros de origem bantu souberam, com maestria, manter a tradição oral do seu povo, pois ela ensina e transmite os saberes e a filosofia desses africanos.”⁷⁴

Embora a bibliografia então mobilizada coincida na conexão entre os Reinados e Congados com a tradição bantu, cabe destacar que essa leitura não configura consenso. Conforme apontado em outro trabalho produzido pelo Iepha-MG que abordou o bem cultural, o *Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG*: “A origem

⁷¹ LIMA, Ivan Costa ; SANTOS, Francisco Danierbes S. Educação e tradição bantu: paradigmas teóricos e civilizatórios na formação de educadores/as. *Revista Semina*, v. v. 21, num. 2, p. 1-15, 2022, p. 7.

⁷² SÁ, Marcos A. Fontes de. Congadas e Reinados. 2019, p. 287.

⁷³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Encarte do álbum: *Os Negros do Rosário*. Lapa Discos. BH/MG. 1999.

⁷⁴ MORAIS, Ana Luzia S. *Diferentes crenças rezam a mesma fé*. 2022, p. 86.





específica no continente africano dos festejos em devoção a Nossa Senhora do Rosário é objeto de controvérsias entre uma origem essencialmente bantu, ou iorubá, ou ainda uma combinação entre ambas.⁷⁵ Seguindo a mesma conclusão exposta no dossiê citado, não é pretensão do presente dossiê determinar a origem da manifestação, mas elencar aspectos relacionados a essas discussões, buscando ampliar o debate e os recursos para a reflexão historiográfica acerca do bem cultural.

Independente de uma origem na tradição bantu ou iorubá para as festas de devoção a Nossa Senhora do Rosário, pode-se ressaltar, no entanto, uma trajetória africana da devoção por indivíduos negros a essa *aparicação mariana*, como parte do Cristianismo Negro. A conexão africana para o culto do rosário foi destacada nas peças técnicas que compuseram o registro da Comunidade dos Arturos, citado anteriormente. Na Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - IPAC, “Festa do Rosário”, componente da documentação que orientou tal reconhecimento, afirma-se:

A história da devoção negra a Nossa Senhora do Rosário tem início ainda no continente africano, com a catequização do Reino do Congo, primeiro êxito missionário português em terreno africano, ainda em princípios do século XVI. Assimilando maneiras da corte portuguesa e incorporando o catolicismo europeu, o Rei do Congo, batizado com o novo nome cristão de D. Afonso I, foi uma personalidade histórica perpetuada na memória de seus súditos e, através da oralidade, sua fama atingiu o patamar de figura mítica para grande parte da África. Isso, mesmo depois da desintegração dos reinos pelas guerras civis ocorridas na virada do século XVII para o XVIII.⁷⁶

Como mencionado, o Cristianismo Negro em África, portanto, pode ser identificado antes da colonização do território brasileiro e da transposição compulsória de africanos escravizados ao “Novo Mundo” – na visão dos europeus – conforme apontado pelas histórias do Reino Congo e de Angola. E antes mesmo da formação dos Estados Nacionais modernos

⁷⁵ Iepha-MG. *Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG*. MOLINARI, Luis (org). Belo Horizonte, 2014, p. 112, 113. Para a discussão, verificar: MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo/ Belo Horizonte: Perspectiva/ Mazza Edições, 2003, p. 183-314; MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*. São Paulo (28): 56-63, Dezembro-Fevereiro 95/96 ; CARVALHO, José Jorge de. A tradição Musical Iorubá no Brasil: um cristal que se oculta e revela. In: TUGNHY, Rosângela Pereira, e Ruben Caixeta. (org.) QUEIROZ. *Músicas Africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

⁷⁶ Iepha-MG. Festa do Rosário. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural*. 2014, p. 22.

na Europa, conforme apontado pela história do Império Etíope, ou Abissínia. Porém, a demarcação desse histórico não visa desconsiderar o processo forçado de cristianização sofrido pelos escravizados após a chegada ao continente americano. Afinal, conforme Abdias Nascimento, na célebre obra *O genocídio do negro brasileiro*, originalmente publicada no Brasil em 1978: “O catolicismo, como a religião oficial do Estado, mantinha o monopólio da prática religiosa.”⁷⁷

Em um contexto opressor e no qual o aparato religioso cristão era mobilizado como recurso de dominação pelo sistema colonial-escravista, no entanto, a apropriação da prática religiosa cristã, reelaborada a partir das formas possíveis de coexistência cultural religiosa, possibilitou o desenvolvimento de mecanismos de afirmação identitária. Na compreensão da Capitã Pedrina (2022):

A performance reinadeira vem reinventar o desejo de sujeitas pretas e sujeitos pretos em que o comércio transatlântico de vidas humanas quis imprimir o vazio e as mais brutais rupturas ao roubar das pessoas feitas mercadorias seus nomes, suas famílias, suas terras, seus cultivos, suas divindades, suas paisagens, seus conhecimentos. (...) O Reinado, ao tomar como referência a experiência mitológica de Nossa Senhora do Rosário a grande mãe que acolhe a todos sem distinção, porém, que toma partido de seus filhos e suas filhas negras na situação de extrema violência dos processos de escravização, manifesta também fundamentos estético-políticos: seja no despertar do reinadeiro e da reinadeira, até então anônimo, para ascender da subalternidade que lhe é imposta ao protagonismo da Festa; seja ao assumir e desempenhar o importante papel de guardião/guardiã da memória ancestral afro-brasileira.⁷⁸

A leitura do acolhimento de Nossa Senhora do Rosário como uma “grande mãe que acolhe a todos sem distinção” e que “toma partido de seus filhos e suas filhas negras na situação de escravização” pode ser compreendida como uma fundamentação das formas de Cristianismo Negro nas Américas.

O argumento que as pessoas negras escravizadas no dito “Novo Mundo” criaram uma leitura do Cristianismo que configurou um estilo, uma sensibilidade e uma teologia

⁷⁷ NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. 3. Ed. – São Paulo: Perspectivas. 2016, p. 133.

⁷⁸ SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. 2022, p. 28.





peculiares foi apresentado em 1974, pelo historiador estadunidense Eugene Genovese em *A Terra Prometida – O mundo que os escravos criaram*.⁷⁹ O autor, ao estudar o contexto estadunidense, no qual o sistema colonial-escravista mobilizou como aparato religioso o cristianismo de vertente protestante, atesta que, ao referir aos aspectos de salvação, o evangelho “para os escravos poderia ser interpretado tanto como uma questão de obediência, como um convite a uma certeza de que eles, em contraposição aos seus senhores, que praticavam a injustiça, se salvariam.”⁸⁰ Essa dimensão política da leitura teológica cristã como contraposição à legitimação moral do sistema escravista também foi identificada em comunidades negras de outras regiões do Atlântico Norte, como na América Central, no Caribe e mesmo em partes da Europa, sendo o cerne da pesquisa dos historiadores estadunidenses Peter Linebaugh e Marcus Rediker na obra *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*.

A documentação pesquisada por Peter Linebaugh e Marcus Rediker revelou que a passagem bíblica que aponta “Deus não é respeitador de pessoas”⁸¹ trazia uma conotação universalista lida por sujeitos escravizados como uma afirmação que a divindade cristã não diferenciava a humanidade por critérios de raça, gênero, nação, etc.⁸² Um princípio religioso e também político que minava os pilares de dominação e opressão hierárquica e que nos permite conexões com a análise da Capitã Pedrina, citada anteriormente.

O Cristianismo Negro manifesta-se de formas diferentes em território africano, na América do Norte, na América Central e nas diversas regiões do Brasil. De tal forma, a expressão de vertente protestante presente nas igrejas batistas negras estadunidenses é profundamente distinta das expressões do catolicismo popular em Minas Gerais, em geral, e da matriz religiosa da Capitã Pedrina, em específico. Ainda assim, o cantar e dançar, seja os *spiritual* cantados pelos devotos negros estadunidenses, seja uma toada dos congados

⁷⁹ GENOVESE, Eugene D. *A terra prometida*. O mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸⁰ CARVALHO, Fabio Pereira. E tomarão lugar à mesa do Reino de Deus: Eugene D. Genovese e o evangelho nas senzalas. *Outros Tempos*, v. 8, p. 189-204, 2011, p. 190.

⁸¹ Romanos, Capítulo 2, versículo 11. *Bíblia*. Novo Testamento. Em outras traduções: “Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas”. Manteve-se a citada no texto por ser a tradução presente no livro referenciado.

⁸² LINEBAUGH, Peter e REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

mineiros, evoca elementos comuns de africanização que caracterizam as reelaborações do Cristianismo Negro e que ecoam nas Celebrações do Rosário, enquanto ambientes afro-diaspóricos de inventividade e afirmação de indivíduos negros.

O título do livro de Eugene Genovese, *A terra prometida* (1988), em sua publicação original era *Roll, Jordan Roll*, expressão que, para as comunidades negras estadunidenses, refere-se a um consagrado *spiritual* - gênero e matriz musical que representa, como forma de cantar e dançar, um símbolo da coexistência cultural religiosa do Cristianismo Negro no país. Ao escolher um *spiritual* como título da obra, o historiador buscou ressaltar a centralidade da musicalidade como uma forma de expressão da religiosidade negra estadunidense. Tal aspecto permite o diálogo, novamente, com o argumento da mestra Capitã Pedrina (2022) de que “o negro africano não cultua a sua divindade genuflexo, de joelho; ele sempre cultuou a sua divindade dançando e cantando, e ao chegar aqui, teve que se adaptar a uma nova terra, uma nova maneira de ser.”⁸³ De tal forma, justificando a ação de produzir gravações do canto das toadas da Festa de Reinado, a mestra ressalta que o povo negro “não deixou de ser alegre e não deixou de cantar e não deixou de, no seu canto, cantar a sua história, cantar a sua cultura, cantar a sua fé.”⁸⁴

*Sá Rainha eu vim trazer
Um recado lá de Angola
Eu não sei se vou resistir
Dá esse recado a Senhora*

*Sinho Rei eu vim trazer
Um recado que Angola mandou
Eu não sei se vou resistir
Dá esse recado ao senhor*

*A Angola é nossa raiz
ède lá que vem nosso povo
Somos filho de um só passarinho
Somos gema do mesmo ovo*

⁸³ SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. 2022, p. 77.

⁸⁴ *Ibidem*, p.77.





2.4. Estratégias de organização e resistência negra na Minas colonial

A diáspora africana para o continente americano entre o final do século XVI e meados do século XIX foi definida pela relação violenta do tráfico humano do sistema escravista moderno. Até o início do século XIX, o tráfico escravista representava “uma das maiores fontes de renda, tanto de Portugal quanto do Brasil.”⁸⁵ Os números são controversos e variam muito entre as fontes, posto que não haviam censos do tráfico. Na obra *Quilombolas: Somos todos parte dessa história* (2014), os historiadores Nila Rodrigues Barbosa e Ulisses Manoel da Silva apontam entre 2,5 milhões até 10 milhões de pessoas traficadas nos navios escravocratas. “Pesquisas indicam que eram destinadas ao Brasil entre 38 e 39 por cento dos negros embarcados na África, o que resultaria em quase 4 milhões de africanos exportados para cá.”⁸⁶

O assombroso montante de seres humanos traficados por cerca de três séculos foi realizado através de um complexo sistema identificado, pela bibliografia, a partir de alguns ciclos. O primeiro, ocorrido no século XVI, escravizou pessoas negras da Guiné, principalmente sudaneses, originários da África situada ao norte da linha do Equador. No século XVII iniciou-se o ciclo Congo-Angola, operado em áreas diversas da África subsaariana, em especial da zona banta, os quais foram a mão de obra compulsória determinante para economia açucareira do nordeste e, com o início da exploração das regiões mineradoras, enviados para as regiões das Minas do Ouro, posteriormente denominadas Minas Gerais.⁸⁷

Abdias Nascimento, em *O Genocídio do Negro Brasileiro* (2016), amparado em estudos realizados no início do século XX pelo historiador e antropólogo Thales de Azevedo, aponta que o montante de cerca de 4 milhões de africanos foi direcionado regionalmente na proporção:

⁸⁵ CARNEIRO, Edson. A escravidão e a monarquia. In: Idem. *Antologia do Negro Brasileiro*: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro em nosso país. Rio de Janeiro: Agir. 2005, p. 98.

⁸⁶ BARBOSA, Nila R. *Quilombolas: somos todos parte desta história* / Texto: Nila R. Barbosa, Ulisses Manoel da Silva; Fotos: Roberto Murta. Belo Horizonte: Bicho do Mato, 2014, p. 77.

⁸⁷ LIMA, Emanoela Cristina. *A toponímia africana em Minas Gerais*. Dissertação (Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. 2012, p. 45.

38% para o porto do Rio de Janeiro, de onde foram redistribuídos para os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás; 25% para o estado da Bahia; 13% para o estado de Pernambuco; 12% para o estado de São Paulo; 7% para o estado do Maranhão; e 5% para o estado do Pará.⁸⁸

O elevado percentual de escravizados direcionados ao porto do Rio de Janeiro é justificado pela expressiva mão-de-obra direcionada às Minas Gerais que recebeu “um dos maiores contingentes de africanos escravizados, nos séculos XVIII e XIX”.⁸⁹ O intenso povoamento da região mineradora e o desejo da administração portuguesa pela fiscalização da atividade contribuíram para a criação de vários mecanismos de taxação, inclusive sobre o número de cativos associados aos proprietários, configurando um primordial censo demográfico.⁹⁰

Em *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga* (2006), a linguista Sônia M. Queiroz apresenta um levantamento da população negra em diferentes períodos da história de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX: em 1776, os negros e mestiços de negros somavam 249.105, impressionantes 77,90% de uma população de 319.769 habitantes; entre 1786 e 1805, a população escravizada constituía 47,94% e 46,38%; em 1821 os negros e mestiços de negros representavam 74,51% de uma população de 514.108 habitantes; em 1872, 22 anos após a extinção do tráfico escravista, constam 16,99% de escravizados em Minas; e 1890, o primeiro censo republicano aponta 53,32% de negros na região.⁹¹

O intenso crescimento demográfico em Minas Gerais, com predomínio contínuo da população negra, mesmo durante e após o período de estagnação da atuação mineradora (após o último quartel do século XVIII), atesta o vigor de uma diversificada economia, conforme apontado pela historiografia nas últimas décadas.⁹² Contudo, a presença de

⁸⁸ NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. 2016, p. 59.

⁸⁹ QUEIROZ, Sônia M. M. Palavra africana em Minas Gerais. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 61.

⁹⁰ STUMPF, Roberta Giannubilo. Minas contada em números - A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821). *Revista Brasileira De Estudos De População*. v. 34, p. 529-548, 2017, p. 531.

⁹¹ Dados retirados do livro: QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 26.

⁹² MENESES, José Newton Coelho. Introdução. Economia: diversificação, dinâmica evolutiva e mercado interno. In: Maria Efigênia Lage de Resende; Luiz Carlos Villalta. (Org.). *História de Minas Gerais*. As Minas Setecentistas. 1 ed. Belo Horizonte: Companhia do Tempo; Autêntica, 2007, v. 1, p. 273-277.





comunidades negras no território mineiro não deve ser descrita apenas como um efeito do tráfico escravista e da mão-de-obra cativa requisitada para minerar ou outras atividades econômicas. Desde antes do estabelecimento da Capitania de Minas Gerais, a região era reconhecida como um abrangente território quilombola, conforme destacado pelos historiadores Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz na obra *Enciclopédia Negra* (2021):

Desde o fim do século XVII as autoridades coloniais se preocupavam com a presença de quilombos em várias regiões que comporiam mais tarde a capitania das Gerais. Para se ter uma ideia, já em 1711, concediam-se patentes aos “homens do mato” para que eles perseguissem quilombolas. Surgiriam, então, grandes quilombos e mocambos, alguns com centenas de habitantes. Ali, no decorrer do século XVIII, sobressaíram os nomes de três líderes: Ambrósio, Bateeiro e Isidoro. Ambrósio, o mais famoso e sobre o qual há mais fontes, era chefe de um quilombo denominado Quilombo Grande, que existiu na região de Rio das Mortes durante as décadas de 1730 e 1740. Em meados de 1740, começariam a ser realizadas ações sistemáticas de repressão a ele. Aliás, de tão conhecido, a terminologia “quilombo do Ambrósio” já fazia parte da paisagem colonial mineira desde o fim da primeira metade do Setecentos.⁹³

Os historiadores, na obra citada, destacaram que documentos do então governador da Capitania de Minas em 1746, Gomes Freire de Andrade, comunicavam que mais de seiscentas pessoas negras habitavam o quilombo do Ambrósio, este localizado na região do atual município Ibiá, na Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – na época, divisa entre a Capitania de Minas Gerais e a Capitania de Goiás. O livro de Tarcísio J. Martins, *Roubando a História, matando a Tradição* (2017), apresenta uma série de documentos que explicitam a enorme violência destinada, em diversas investidas, para a destruição do quilombo, assim como sugere uma união entre diversos quilombos – uma confederação – na resistência ao ataque das tropas da metrópole.

A Guerra de 1759 abrangeu uma Confederação Quilombola Ambrosiana maior que a de Palmares, espalhada pelo Alto São Francisco, Sudoeste de Minas e Triângulo Goiano, onde o Quilombo do Ambrósio foi encontrado evacuado e ele teria morrido em combate no Quilombo da Pernaíba, a nordeste da atual cidade de Patrocínio. Dali, após destruir os quilombos do

⁹³ GOMES, Flávio S; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. *Enciclopédia Negra*. São Paulo: Companhia das Letras. 2021, p. 43.

Indaiá e Bambuí, Bartolomeu Bueno do Prado continuou o ataque ao restante da confederação que se localizava nos Sertões do Jacuí, onde teria cortado os 3.900 pares de orelhas, de que falou Carmo Gama em seu conto, citando Xavier da Veiga e omitindo os ataques aos quilombos da Pernaíba, Indaiá e Bambuí e aos quilombos do Sapucaí [hoje, Sudoeste Mineiro].⁹⁴

A *Enciclopédia Negra* aponta que “a partir de 1755, o problema dos quilombos mineiros começaria a ser associado ao chefe de nome Bateiro – sugerindo um apelido herdado dos africanos mineradores que usavam bateias na exploração aurífera.”⁹⁵ Uma referência ao “numeroso quilombo do Bateiro na comarca do Rio das Mortes”, em Minas Gerais, consta na obra *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo Varnhagen, publicada em 1857 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.⁹⁶ E, 120 anos depois, o sociólogo Clóvis Moura, em *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão* (2021), ressaltou que “o ‘Quilombo do Bateiro’ chegou a congregar mais de 20.000 ex-escravos, número idêntico ao de Palmares.”⁹⁷

O exposto nos últimos parágrafos permite afirmar que, antes de ser definida como a “terra da mineração”, Minas Gerais já estava estruturada como um território quilombola e lugar de resistência e busca da liberdade pelas comunidades negras contra a opressão do sistema colonial-escravista. Contudo, um lugar de resistência e liberdade, também configura em um local de comunhão, de celebração da vida em conjunto e da afirmação de práticas culturais e de fé. Segundo a *Enciclopédia Negra*:

As escavações arqueológicas de Carlos Magno Guimarães nas ruínas do quilombo do Ambrósio encontraram ‘um painel de pinturas’ sugerindo a produção artística dos quilombos; no caso, a representação de alguma festa religiosa ou ritual, sob a forma de dança.⁹⁸

Uma descrição que não permite afirmar qual tipo de religiosidade negra foi referenciada, mas que, dada a definição de uma “festa religiosa sob a forma de dança”,

⁹⁴ MARTINS, Tarcísio José. *Roubando a História, matando a Tradição*: Carta da Câmara da Vila de Tamanduá à Rainha Maria I – 1793. MG Quilombo Editora Ltda. 2017, p. 16.

⁹⁵ GOMES, Flávio S; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. *Enciclopédia Negra*. 2021, p. 44.

⁹⁶ VARNHAGEN, Francisco A. *História Geral do Brasil*. Introdução e indicações por Antonio Paim. Acervo Digital. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Universidade de São Paulo, p. 174.

⁹⁷ MOURA, Clovis. *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão*. 2 ed. São Paulo: Ed. Dandara, 2021.

⁹⁸ GOMES, Flávio S; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. *Enciclopédia Negra*. 2021, p. 44.





compartilha de elementos que também são característicos das Celebrações do Rosário em Minas Gerais.

Uma relação entre os grupos de Reinados e Congados e os quilombos surgidos no período escravista aparece em alguns analisados no Cadastro do Patrimônio deste bem cultural. A Marujada São João e Nosso Senhor do Bonfim, criada em 1814 no atual município de São Gonçalo do Rio Preto, alega que suas práticas tiveram: “origem dos africanos, que eram descendentes de escravos e vieram fugidos dos quilombos. Quando começaram a trabalhar acharam uma pedra de sabão e esculpíram nela a imagem de São João Batista e acreditavam que esta imagem iria protegê-los”.⁹⁹ O Terno de Congada do Penacho, fundado em 1889, em Uberaba, mesma região onde se estabeleceu o Quilombo do Ambrósio, descreve o seguinte:

No tempo da escravidão, os negros fugiam das fazendas, se escondiam no mato e muitas vezes eram levados com a ajuda dos índios para os quilombos. Nas tribos aprendiam a dançar e confeccionar suas vestimentas, gerando a introdução de elementos indígenas na cultura negra.¹⁰⁰

Essa conexão entre pessoas negras e indígenas nos quilombos do período escravista, aliás, é apontada na produção historiográfica, tanto na que se refere ao contexto das Américas Central e do Norte – como o já citado livro *A Hidra de Muitas Cabeças* (2008) – quanto na produção sobre o Brasil e as Minas Gerais. “[...] muitos quilombos reuniam não só escravos em fuga, mas também negros libertos, indígenas e brancos marginais.”¹⁰¹, ressalta Barbosa (2014).

Na região das Minas do Ouro, durante o período do Setecentos, o século XVIII, surgiu a história de Galanga Chico Rei, uma narrativa de origem central para as festas dos Reinados e Congados e que apresenta elementos de uma outra tradição de resistência ao escravismo, alternativa aos quilombos, ocorrendo nas margens do sistema. A referência a Chico Rei aparece nos dados enviados pelos grupos por meio dos cadastros, em municípios como Ouro Preto, Itapeçerica, Peçanha e São Domingos do Prata. O Reinado de Nossa Senhora do

⁹⁹ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

¹⁰⁰ GOMES, Flávio S; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. *Enciclopédia Negra*. 2021, p. 44.

¹⁰¹ BARBOSA, Nila R. *Quilombolas: somos todos parte desta história*. 2014, p. 87.

Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, do município Ouro Preto, por exemplo, aponta que sua origem,

Remonta ao tempo de Chico Rei, que teria se casado na Igreja de Santa Efigênia em um dia 06 de janeiro de meados do século XVIII. (...) Ela foi introduzida em Ouro Preto pela corte de Chico Rei, e conta-se que daqui o costume se espalhou para todo o estado.¹⁰²

A Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz, também de Ouro Preto, afirma: “Estudos ainda não confirmados mostram que a nossa guarda pode ser uma raiz da primeira guarda de congo do estado de Minas Gerais. Pois o primeiro reinado aconteceu em Ouro Preto pela Corte de Chico Rei.”¹⁰³ E, mais uma vez, o detalhado histórico produzido para a “Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário de São Domingos do Prata” amplia as informações sobre a história do importante personagem:

No caso de Minas Gerais, a tradição das guardas remonta à lenda de Chico Rei em Vila Rica, atual Ouro Preto. Segundo a tradição, Chico seria filho de um importante rei africano, mas vendido como escravo para o Brasil ainda na infância, em virtude da derrota de seu pai em guerras de sucessão ao trono. Trabalhando como escravo nas minas de ouro de Vila Rica, assim como milhares de seus conterrâneos, Chico é reconhecido como um rei exilado pelos seus compatriotas. Logo os escravizados da sua nação conseguem recursos para a compra da liberdade de Chico, que, em virtude da coletividade, consegue comprar outras alforrias, formando uma corte paralela dentro da cidade. Logo o poder econômico do grupo aumenta, constroem a rica capela de Santa Efigênia do Alto da Cruz, compram uma mina de ouro próxima a ela e ajudam centenas a se libertarem da escravidão. Desde a ascensão de Chico Rei tradicionalmente se fazia a festa à padroeira da capela e a Nossa Senhora do Rosário, uma das origens prováveis das guardas de congo do Estado.¹⁰⁴

O verbete destinado a Chico Rei na obra *Enciclopédia Negra* situa, segundo a breve referência presente em uma obra do historiador Diogo de Vasconcelos,¹⁰⁵ em meados do século XVIII a história, apontando os mesmos elementos indicados na citação acima.

¹⁰² Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

¹⁰³ NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. 2016, p. 59.

¹⁰⁴ QUEIROZ, Sônia M. M. Palavra africana em Minas Gerais. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 61.

¹⁰⁵ Segundo Ana Luzia Morais: “Para alguns historiadores, trata-se de uma figura lendária, uma vez que a única fonte conhecida sobre a existência de Chico Rei se encontra no rodapé de página escrita por Diogo de Vasconcelos, em seu livro *História Antiga de Minas*”. O livro foi publicado originalmente em 1904. In: MORAIS, Ana L. *Diferentes crenças rezam a mesma fé*. 2022, p. 79.





Como um liberto, rico e com prestígio entre milhares de africanos e seus descendentes, passaria a organizar festas mágico-religiosas, especialmente as congadas. Eram rituais de matriz africana, com instrumentos e danças que tomavam as ruas durante as festividades anuais de Nossa Senhora do Rosário.¹⁰⁶

Segundo os historiadores, para conseguir sua libertação e de sua Corte:

Sua estratégia era convencer africanos e seus descendentes a depositar periodicamente na pia batismal o ouro que escondiam entre os cabelos. Assim, ao lavarem a cabeça para o batismo, deixavam ali o ouro acumulado, que servia como donativos para as irmandades organizarem as festas e congadas.¹⁰⁷

A estratégia citada é plausível devido ao amplo uso do ouro em pó, de corrente e difundida circulação por Minas Gerais. Segundo Carrara (2001), o pó era utilizado como moeda de mercado, sendo o principal meio de troca e a principal reserva de valor da Capitania. A circulação do ouro em pó também permitia um intenso contrabando nas Minas, de modo que a administração colonial, em 1º de setembro de 1808, baixou o alvará regularizando e fiscalizando sua circulação e troca.¹⁰⁸

A estratégia de Chico Rei e sua Corte, segundo a bibliografia pertinente, incluía a ação das Irmandades. Em Minas Gerais, desde o período colonial, estabeleceram-se diversas Irmandades negras, entes religiosos cristãos através dos quais a administração colonial permitia aos negros, escravizados ou livres, associarem. Tais Irmandades seguiam padrões europeus, conforme confrarias existentes em Portugal, e tinham por característica a devoção a algum santo e fornecer assistência aos integrantes.

Uma das mais antigas Irmandades presentes em Minas Gerais das quais existe documentação é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, que possui um Compromisso datado de 23 de julho de 1822. A *Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte Minas Gerais* é um bem cultural acautelado pelo estado, registrada como patrimônio cultural imaterial em 2013. Na edição

¹⁰⁶ GOMES, Flávio S; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. *Enciclopédia Negra*. 2021, p. 124.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ CARRARA, Angelo A. A Capitania de Minas Gerais (1674-1835): modelo de interpretação de uma sociedade agrária. *História Econômica & História de Empresas*, São Paulo Brasil, v. 3, n.2, p. 47-63, 2001, p. 49.

do Cadernos do Patrimônio publicada para a revalidação de tal registro (2023), foi incluída a transcrição do documento e aponta: “Em geral, o chamado Compromisso ou Estatuto das Irmandades era o instrumento legal pelo qual se regulamentavam as ações, procedimentos e objetivos de uma determinada Irmandade e seus associados junto à Igreja Católica.”¹⁰⁹ Em tal documento, o “Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Libertos e Cativos, Ereta na Freguesia da Santa Cruz da Chapada”, consta, no Capítulo 22, a obrigatoriedade de “festejar solenemente na primeira oitava do Espírito Santo a mesma Senhora do Rosário nossa Padroeira, ou em outro qualquer dia Santo”.

Através da associação em Irmandades, portanto, pessoas negras se organizaram para ações devocionais e para erigir diversas igrejas e capelas a seus santos de devoção ou à devoção mariana. A associação em Irmandades visando à construção de uma igreja aparece nos dados enviados pelos grupos nos cadastros, como na Congada Nossa Senhora do Rosário, do município Serranos, que informa que o grupo: “foi criado na primeira metade do século XIX a qual, como irmandade, movimentou a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”.¹¹⁰ Uma tradição associativa amplamente difundida.

As irmandades negras constituíram-se no período escravagista, tendo sido mantidas por escravos e libertos. Tinham como característica, além da manutenção religiosa, a realização de ajuda mútua de empréstimos e adiantamento para as alforrias de escravizados. Essas irmandades tinham a particularidade de escolher os seus “reis e rainhas Congos” durante as festas em homenagem a seus santos de devoção. Dentre as irmandades negras, as que mais se destacaram no Brasil foram aquelas em devoção a Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão, São Bento. (...) Assim, além da manutenção religiosa, as irmandades, por meio do recolhimento de fundos e receitas, exerciam o papel sócio religioso que possibilitavam que mulheres e homens negros recorressem, visando financiamento para a realização das festas que possibilitavam compartilhar experiências de sociabilidades e de afirmação identitária.¹¹¹

A relação das Irmandades negras com os Reinados e Congados e a construção de capelas, como no caso de Vila Rica, que compõe a narrativa de Chico Rei, aparece em

¹⁰⁹ Iepha-MG. Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, Minas Gerais. (Cadernos do Patrimônio) Belo Horizonte, 2023, p. 50.

¹¹⁰ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

¹¹¹ MESSIAS, Noeci C.; SIMONI, Rosinalda C. Fé e Festividades nas Irmandades Negras no Interior do Brasil: (Re) Afirmação Identitária Afrodiaspórica. *Mosaico* (Goiânia), v. 12, p. 303-314, 2019, p. 306-307.





diversos municípios mineiros no decorrer dos séculos XVIII e XIX, conforme os dados obtidos através do Cadastro. Os dados sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Cláudio, apresenta uma descrição instigante sobre a relação entre a criação de Irmandades e a atuação dos Reinados junto às capelas de devoção em meados do XIX:

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário é a manifestação cultural mais antiga do Município de Cláudio. Em 27 de novembro de 1854, o Bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso, autorizou aos devotos de Nossa Senhora do Rosário a exercerem suas funções, rezas, terços e reinados na Capela da Aplicação de Cláudio (construída em 1761 e com escritura lavrada em 1775), em virtude da avultada esmola com que concorreram para a nova capela de Nossa Senhora da Conceição. Ao grupo de devotos que havia feito a solicitação ao Dom Antônio, foi exigido que formalizasse a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a qual caberia à administração da Capela. Os estatutos sociais da Irmandade foram aprovados no ano seguinte pelo bispo de Mariana em 04 de fevereiro de 1856, e pelo presidente da província, em 13 de fevereiro de 1856.¹¹²

Dado o exposto, os elementos que compõem a narrativa do reinado de Chico Rei no tocante ao esconder o ouro nos cabelos e mobilizar as Irmandades para a obtenção de alforrias eram possíveis no contexto do século XVIII. E, embora ainda não tenhamos informações de registros documentais sobre a corte de Chico Rei localizados, a riqueza da região e a grande circulação de ouro elucidam que a irmandade negra local tenha obtido recursos para construir a “rica capela de Santa Efigênia do Alto da Cruz”.

Uma descoberta recente em Ouro Preto reforça os indícios sobre os recursos financeiros da irmandade mobilizados no Reinado e na devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos negros no município – e também sobre a expertise africana na forja e trabalhos em ferro.

¹¹² Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.



Figura 10 - Bandeira de Reinado forjada a ferro a 200 anos, encontrada em Ouro Preto (MG)
Fonte: Portal G1.

Em janeiro de 2020 os veículos de imprensa de Minas Gerais noticiaram que uma “bandeira de reinado forjada a ferro há quase 200 anos é encontrada em capela de Ouro Preto”.

“Por ser feita em ferro fundido e no século XVIII, ela foi feita pelas mãos de quem conhecia ofício. Naquela época, quem dominava isso eram os africanos de Benin, Gana e Burkina Faso, sequestrados pelos portugueses e trazidos para cá”, disse a historiadora, pesquisadora da cultura africana e diretora de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Ouro Preto, Sidnéa dos Santos. Segundo restaurador Aldo Araújo, não há nenhuma marca de solda na peça. “Ela foi feita em ferro fundido de pelo menos 200 anos. Os pigmentos são de origem mineral e vegetal, como a linhaça”, disse. As imagens pintadas na bandeira são de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, todos negros.¹¹³

A história de Chico Rei configura uma narrativa de resistência e reforço para as expectativas de liberdade entre os povos negros e transporta a grandeza de uma realeza africana para o centro da economia escravista, o que fortalece a compreensão de sua difusão por Minas Gerais. Segundo a historiadora e Rainha Konga Ana Luzia Morais (2022): “os

¹¹³ G1. Bandeira de reinado forjada a ferro há 200 anos é encontrada em capela de Ouro Preto. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/06/bandeira-de-reinado-forjada-a-ferro-ha-200-anos-e-encontrada-em-capela-de-ouro-preto.ghtml>>. Acesso 25 jan. 2024.



Reinadeiros de Ouro Preto, do Alto da Cruz, o reconhecem [a Chico Rei] como o Grande Anganga Muquixe, como aquele que organiza o Reinado, criando estratégias de sobrevivência e liberdade para os escravizados, em Vila Rica.”¹¹⁴ Porém, apesar da mobilização da narrativa de Chico Rei como um mito de origem para os Reinados de Minas Gerais por alguns grupos, ainda há debates historiográficos em curso para definição de sua real existência ou traçado de sua trajetória de vida e origem.

*Grande anganga muquiche.
Sua gunga não bambeia.
Grande anganga muquiche.
Sua gunga não bambeia.*

*Unganda, berê, berê!
Ah! vai te guardar, vai te proteger
Na sombra de um jatobá*

2.5. Os “congados” no pós-abolição e contexto republicano



¹¹⁴ MORAIS, Ana Luzia da Silva. *Diferentes crenças rezam uma mesma fé*. 2022, p. 77, 78.

Figura 11 - Festa de Reinados e Congados em Itaúna (MG) em 1954
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM).

Os últimos anos do século XIX apresentaram profundas mudanças no cenário político brasileiro que desmancharam formalmente o modelo de sociedade estamental existente no Brasil durante os períodos colonial e imperial. Em dois anos, entre 1888 e 1889, as duas instituições então basilares do Estado brasileiro ruíram. Em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea, a escravidão foi extinta em todo o território brasileiro após décadas de lutas de movimentos abolicionistas, muitos deles protagonizados por pessoas negras. E em 15 de novembro do ano seguinte, com o apoio dos ex-escravocratas, houve o golpe de estado que derrubou a monarquia, instaurando um governo republicano. A partir desses dois eventos, as comunidades negras brasileiras poderiam compartilhar expectativas quanto à liberdade legalmente estabelecida aos antes escravizados e às promessas de uma igualdade republicana, que pregava que *todos* os brasileiros seriam igualmente cidadãos.

A abolição da escravidão no Brasil prosseguiu em um projeto excludente, consolidado com o modelo republicano instituído, de caráter elitista. De tal forma, não se seguiu à abolição uma política pública para a inclusão da população antes escravizada ou de criação de mecanismos de mitigação dos efeitos deletérios arraigados em três séculos de predomínio do sistema escravista. O golpe republicano consolidou essa ausência, posto que a queda dos últimos pilares de apoio à monarquia se deve justamente ao descontentamento de muitos proprietários com a abolição da escravidão – de modo que tais descontentes são referenciados na bibliografia como “republicanos de 13 de maio”. Entre os vários projetos em disputa para uma República no Brasil, saiu vitorioso um projeto conservador, de menor preocupação com modificações sociais.¹¹⁵

Apesar das limitações, o novo cenário político revelava-se pleno de possibilidades. O historiador Flávio Gomes, no livro *Negros e política (1888-1937)*, destaca:

¹¹⁵ Sobre o contexto da abolição e do golpe de Estado que proclamou a República, ver SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 291-350.





As primeiras décadas pós-emancipação foram decisivas para os sentidos de liberdade, cidadania e autonomia. A questão parecia ser não tanto *quem* eram os protagonistas da liberdade, mas sim quais os *significados* desta. Liberdade para quê? (...) O que significava ser cidadão, ser integrado ou transformar-se em brasileiro? Ex-escravos e seus filhos não precisaram ser alertados para reconhecer que entre a herança e o legado do cativo estavam suas identidades reinventadas em parentescos, visões de mundo, lembranças e recordações – tudo permanentemente modificado e reconstituído.¹¹⁶

Para as comunidades negras reinadeiras e congadeiras de Minas Gerais, um dos “significados da liberdade” pode ter sido o de reafirmar a suas formas de expressão e cosmologias religiosas. A título exemplar, tal aspecto aparentemente orientou a criação do Reinado Moçambique Estrela do Oriente, do município Pratápolis, ao apontar no histórico que o grupo:

Surgiu em 1888, logo após a lei Aurea, com fim da escravidão, onde negros e brancos se reuniam para cantar e ter sua religiosidade, nos fundos da casa do Senhor Juventino Lemos, onde resultou na criação desse tradicional reinado, levado por geração em geração até os dias atuais.¹¹⁷

Ou o Terno de Congada Minas Brasil, de Uberaba, para o qual o histórico afirma: “O grupo formado tem como meta manter acesa a chama da liberdade conquistada a 13 de Maio de 1888.”¹¹⁸

¹¹⁶GOMES, Flávio. *Negro e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Zahar. 2005, p. 11-12. Itálico do original.

¹¹⁷ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

¹¹⁸ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.



Figura 12 - Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos. Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG.

O simbolismo do 13 de maio de 1888, data da abolição, aparentemente configurou mudanças na estrutura ritualística de alguns grupos de Reinados e Congados mineiros. No município Itapeçerica, a festa do Reinado do Rosário de Nossa Senhora do Rosário, criado em 1820, além dos santos de devoção, informa que passou a “celebrar a Princesa Izabel que libertou os Escravos no dia 13 de maio de 1888.”¹¹⁹ A referência à abolição, aliás, foi incorporada ao “ciclo do rosário” por alguns grupos, como apontado por Capitã Pedrina (2022), citando a antropóloga Dalva Soares (2016):

Além disso, em muitas irmandades do Rosário espalhadas por Minas Gerais, no dia 13 de maio os congadeiros celebram a festa da abolição. Com cantos que falam do cativo, um cortejo é realizado até a Igreja, com a representação de negros escravizados acorrentados e da Escrava Anastácia. É celebrada uma missa conga, com a presença da Princesa Isabel, que durante a missa repete o gesto de assinatura da Lei Áurea e solta as correntes dos escravos.¹²⁰

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ SOARES. 2016: 155. Apud. SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. 2022, p. 50.





Figura 13 - Missa Conga na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, região metropolitana de BH (MG), 2023

Fonte: Arquivo Iepha-MG (Renata Gaboci)

A liberdade de reafirmar a sua religiosidade, a partir dos grupos que constituem as Celebrações do Rosário em Minas Gerais recebe outro indício a partir dos dados obtidos através dos Cadastros. Conforme análise, no primeiro quartel do século, entre 1901 e 1925, 43 grupos informaram ter conhecimento de sua data de origem. Ou seja, nesse período, dentro do universo pesquisado, em vinte e cinco anos, surgiram mais que o dobro de grupos em toda a segunda metade do século XIX (20 grupos atribuíram a data de origem entre 1850 e 1890). No segundo quartel, entre 1926 e 1950, 58 grupos informaram a data de origem, o que fornece um indício da maior difusão do bem cultural no contexto republicano brasileiro.¹²¹

¹²¹ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.



Figura 14 - Festa do Reinado em Queluz atual Conselheiro Lafaiete, 1924
Fonte: Acervo Arquivo Público Mineiro (APM)

No que tange a difusão dos grupos a partir do século XX, esses dados também fornecem indícios sobre os “significados da liberdade” para essas comunidades: a liberdade de “ir e vir”, a partir da autonomia sobre seu destino. No sistema escravista, a mercantilização humana trazia como pressuposto a fixação de localidade na mão-de-obra, enquanto posse, ou a obrigatoriedade de uma migração involuntária, em caso de venda. A abolição garantiu aos indivíduos a possibilidade da escolha sobre onde permanecer ou se dirigir de acordo com as oportunidades, sua própria vontade e expectativas. E, nesses trânsitos, as pessoas levavam consigo suas experiências e práticas culturais. Esse elemento pode explicar o expressivo número de grupos que atribuem sua origem ao fluxo migratório de algum integrante.

Em Santana dos Montes, os dados disponibilizados pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário, informam: “Ao longo do século XX, com o êxodo para as cidades grandes, muitos congadeiros de Santana dos Montes remontaram seus grupos em Conselheiro Lafaiete.”¹²² Uma tendência de deslocamento repetida nas descrições de vários grupos. Por exemplo, a festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, criada em 1911 em Itabira, tem início com

¹²² Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.





uma guarda de Marujos surgida há mais de 200 anos na região Serra dos Alves, num distrito da mesma cidade. “De lá o Capitão e Mestre Senhor José Maria Margarida trouxe para cidade de Itabira ensinando crianças e adolescentes, pessoas idosas a devoção a NS. Senhora do Rosário, tocando as caixas confeccionadas por eles artesanalmente”.¹²³

A dimensão da liberdade de trânsito, em contraposição a uma herança de opressão identificada ao período escravista aparece, por exemplo, nos relatos que compuseram as pesquisas para o registro da *Comunidade dos Arturos* como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais, realizado em 2014. O texto da Ficha de Inventário da comunidade, é exemplar para a relação entre o significado da liberdade enquanto possibilidade de trânsito em busca de melhores condições de vida e também do fluxo migratório associado às Celebrações do Rosário no município de Contagem, com o estabelecimento dos Arturos.

A origem da Comunidade dos Arturos está ligada à união do casal Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva. Arthur, embora homem livre, sofreu a violência da escravidão que ainda perdurava nas relações sociais no final do século XIX e início do XX. Arthur vivia na fazenda de seu padrinho, em local próximo aonde está a comunidade, e sofria constantes agressões até mesmo física, por parte desse padrinho. (...) Cansado das agressões sofridas Arthur Camilo foge para outra fazenda e se casa com Carmelinda. Começa então a formar sua família na Fazenda do Macuco, em uma região próxima a Esmeraldas/MG. O casal teve onze filhos e por volta da década de 1940 se transfere para o Sítio Domingos Pereira, propriedade herdada de seu pai Camilo Silvério, congadeiro que tinha forte relação com a Irmandade do Rosário de Contagem e com o Reinado de Nossa Senhora, participando ativamente dos festejos. Em relação a história de Camilo Silverio, até onde se sabe, relatam que veio para o Brasil em meados do século XIX e aqui se casou com Felisbina Rita Cândida, tendo seis filhos, dentre eles Arthur Camilo Silvério. A relação de Camilo com Contagem era antiga. No Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Rosário de Contagem aparece, em 21 de outubro de 1888, uma Quantia entregue por Camilo Silvério como regente do Congado.¹²⁴

Contudo, se desde as primeiras décadas do século XX aparentemente houve uma difusão de grupos de Reinados e Congados como consequência das migrações de sujeitos pelo território de Minas Gerais, o período também apresenta ações contrárias à prática

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Iepha-MG. Comunidade dos Arturos. Inventário de Proteção do Acervo Cultural. 2014, p. 11, 12.

cultural. Talvez a mais notória, por se tratar de celebrações religiosas cristãs, tenha sido a que partiu do próprio Clero. O cientista social, curador do Muquifu - Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos e importante referência de Missas Congas em Belo Horizonte e Região Metropolitana, padre Mauro Luiz da Silva¹²⁵, no artigo *Os 200 anos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte: negligências, silenciamentos e resistências* (2019), explica sobre a ação realizada pelo Clero:

Nas primeiras décadas do século XX, Dom Cabral decretou a supressão do Reinado em toda a diocese e, em 1927, emitiu um documento pastoral que proibia os festejos do Rosário no interior das igrejas católicas. Essa proibição se deu por se considerar os festejos uma prática desviante dos princípios norteadores da Reforma Ultramontana (...). Porém, antes mesmo de 1927, a *Gazeta de Minas*, jornal semanal que circulava na cidade de Oliveira, repercutia as notícias oriundas da capital e noticiava a proibição do Congado por parte de Dom Cabral. Assim, em 27 de maio de 1923, registra o jornal: “Estamos informados de fonte mui segura que S. Exa Revma d. Antonio dos Santos Cabral, bispo de Belo Horizonte proibiu as festas chamadas de reinado que se faziam nessa cidade, por ocasião dos festejos religiosos, em honra a virgem do Rosário.”¹²⁶

Condizente com a análise do Padre Mauro L. da Silva (2019), no município Cláudio, a festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário recebeu autorização do Bispo de Mariana, em novembro de 1854, para “exercerem suas funções, rezas, terços e Reinados na Capela de Aplicação de Cláudio (...) em virtude da avultada esmola com que concorreram para a nova capela de Nossa Senhora da Conceição.”¹²⁷ No entanto, o cenário alterou no século seguinte. “Durante muitos anos a Festa do Rosário realizou-se naquela pequena igreja, até ser interrompida, provavelmente no início do século XX, por determinação do pároco local, que passara a considerar como rituais de magia negra os folguedos dos negros.” A história da festa de Cláudio indica que a proibição não significou a paralisação da celebração: “Durante

¹²⁵ Padre Mauro Luiz da Silva é um pároco e estudioso de grande relevância para os Reinados e Congados. O padre proveu importante contribuição na escrita deste Dossiê Técnico, a partir de discussões realizadas com a equipe técnica da Diretoria de Proteção e Memória na sede do Muquifu - Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, que conta com exposição permanente relacionada a Reinados e Congados. A visita ocorreu em janeiro de 2024, em fase de pesquisa para a escrita do texto aqui apresentado.

¹²⁶ SILVA, Mauro L. Os 200 anos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte: Negligências, Silenciamentos e Resistências. *Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*, V. 6, p. 201-225, 2019, p. 208-210.

¹²⁷ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.





esse período, a Festa passou a se realizar nos arredores da cidade e nos povoados”. Reação que condiz com uma constatação do artigo do Padre Mauro L. da Silva (2019):

Inadvertidamente, a atitude de Dom Cabral levou ao fortalecimento da identidade dos grupos de Reinado. A impossibilidade de se fazer as festas do Rosário nos templos situados no perímetro da Avenida do Contorno [em Belo Horizonte] provocou alterações nas práticas religiosas das comunidades negras, que resistiram e permaneceram atuantes nas periferias e favelas (...). Ali essas populações excluídas construíram seus templos, mantendo-se fieis em sua devoção a Nossa Senhora do Rosário.¹²⁸

A reação conservadora da Igreja Católica, proibindo a realização das festas junto às capelas e às edificações das igrejas torna-se, ainda, revoltante diante da constatação que muitas dessas edificações religiosas foram construídas a partir de recursos doados pelos grupos de Reinados e Congados, organizados através das Irmandades religiosas. No entanto, como a instituição Igreja detém o monopólio do poder sobre o sacramento – ou seja, a autoridade de designar ou retirar padres das igrejas e capelas – cabe aos grupos religiosos se adequarem às normas instituídas. Nesse contexto de adequação às normas, a Rainha Konga e historiadora Ana Luzia Morais (2022), ressalta que, por vezes, “o Reinadeiro está aberto à fé do catolicismo e o catolicismo não está aberto às crenças do Reinado.”¹²⁹ Tal oposição do Clero à cosmologia reinadeira evidencia as características do racismo religioso. Conforme exposto por Sidnei Nogueira (2020):

As ações que dão corpo à intolerância religiosa no Brasil empreendem uma luta contra os saberes de uma ancestralidade negra que vive nos ritos, na fala, nos mitos, na corporalidade e nas artes de sua descendência. São tentativas organizadas e sistematizadas de extinguir uma estrutura mítico-africana milenar que fala sobre modos de ser, de resistir e de lutar.¹³⁰

No entanto, se é possível identificar os efeitos de ações discriminatórias racistas de instituições religiosas afetando os festejos de reinadeiros e congadeiros em Minas Gerais, também pode-se identificar a atuação de instituições antirracistas surgidas no contexto

¹²⁸ SILVA, Mauro L. Os 200 anos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte: Negligências, Silenciamentos e Resistências. 2019, p. 211.

¹²⁹ MORAIS, Ana Luzia. *Diferentes crenças rezam a mesma fé*. 2022, p.112.

¹³⁰ NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Ed. Jandaíra. 2020, p.55.

republicano. No município de São Tomás de Aquino, a Associação Recreativa de São Benedito - Grupo Folclórico Frente Negra, grupo de Congo criado em 1940, aponta que “A Frente Negra surgiu como uma Associação dos pretos devotos de São Benedito. Tinha como objetivo promover bailes festivos entre a comunidade negra, tendo um local para se reunirem, festejar suas tradições, suas origens e rezar pelo santo de devoção que é São Benedito.”¹³¹ O nome escolhido para o “Grupo Folclórico”, tendo em vista o ano de criação, sugere não ser mera coincidência com uma das mais expressivas entidades criadas pelo movimento negro brasileiro no século XX e de abrangência nacional.

A Frente Negra Brasileira (FNB) surgiu em São Paulo em 1931. Segundo Flávio Gomes, em *Negros e Política (1888-1937)*: “Em seus quadros havia muitos ativistas, frequentadores de bailes e de encontros promovidos por associações e agremiações e colaboradores de vários jornais.”¹³² No artigo *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos* (2007), o historiador Petrônio Domingues sintetiza sobre a entidade:

Na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país. Com “delegações” – espécie de filiais – e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia), arregimentou milhares de “pessoas de cor”, conseguindo converter o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa. Pelas estimativas de um de seus dirigentes, a FNB chegou a superar os 20 mil associados. A entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o *A Voz da Raça*.¹³³

A bibliografia aponta que a Frente Negra Brasileira, após se configurar como um partido político em 1936, foi extinta com a instauração da ditadura do Estado Novo em 1937 – que extinguiu todos os partidos políticos do país. Todavia, é possível que o dado informado pelo município São Tomás de Aquino aponte, se não para uma das vertentes culturais da entidade, ao menos uma influência de sua proposta pela escolha do nome.

¹³¹ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

¹³² GOMES, Flávio. *Negros e Política (1888-1937)*. 2005, p. 47.

¹³³ DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. v.12, p 113-136, 2007, p.106.





A referência à Frente Negra Brasileira estimula, ainda, a reflexão sobre a dimensão de gênero. Afinal, conforme Petrônio Domingues (2007), historiador do movimento negro brasileiro: “Naquela época, as mulheres negras não tinham apenas importância simbólica no movimento negro”; e assim: “Segundo depoimento do antigo ativista Francisco Lucrécio, elas ‘eram mais assíduas na luta em favor do negro, de forma que na Frente [Negra] a maior parte eram mulheres. Era um contingente muito grande, eram elas que faziam todo movimento’.”¹³⁴

A atuação abrangente das mulheres adquire particular impacto para as festas dos Reinados e Congados em Minas Gerais a partir da segunda metade do século XX, com a reivindicação igualitária atingindo os grupos. Segundo argumentação do livro *Mulheres Reinadeiras: Rainhas, Capitãs e Cozinheiras das Irmandades do Rosário de Belo Horizonte* (Gibran, et al, 2022), a partir dos anos 1970 é notado um crescimento no número de mulheres no interior das guardas e terno, sendo que nesse período é possível percebê-las ocupando mais cargos religiosos e administrativos no interior dos grupos.

As mulheres sempre carregaram coroas, representando o poder sagrado de Maria e das poderosas rainhas míticas africanas, mas a elas era vedada a capitania, a fundação de guardas, as decisões de gestão, e até mesmo a participação - para além do trono coroado - nos grupos de moçambique. Essa mudança [...] foi gradual e conflituosa, com elas tendo que enfrentar os obstáculos que sempre se impõem quando ousam reivindicar e ocupar espaços de poder e decisão destinados historicamente a homens.¹³⁵

Em *Meu Rosário, Minha Guia* (2022), a Capitã Pedrina discorre, a partir de sua experiência em Oliveira, sobre a dimensão de gênero na organização interna dos grupos e, sobre o processo de mudança nesse período:

O caminho para se afirmar numa manifestação tradicionalmente masculina foi longo. É verdade que as mulheres sempre estiveram presentes na organização dos festejos; os espaços ocupados por elas, porém, diferiam daqueles atribuídos aos homens. Durante muitos anos, só era permitido às

¹³⁴ Ibidem, p. 106.

¹³⁵ *Mulheres reinadeiras: rainhas, capitãs e cozinheiras de Irmandades do Rosário de Belo Horizonte*. Projeto editorial Elias Gibran, Júlia Moysés, Junia Torres e Kelly Simone; ilustrações Lígia Mattos; fotografia e registro Patrick Arley. 1 ed. Belo Horizonte: Napele Produções Artísticas, 2022. s/página.

mulheres participarem como rainhas, princesas, bandeiras ou juízas; também podiam se responsabilizar pelos enfeites e pela preparação da comida; no entanto, não tinham permissão para dançar ou tocar instrumentos, nem para a capitania dos ternos. A presença feminina nessas funções, antes exercidas exclusivamente por homens, foi o resultado de uma transformação iniciada por volta da década de 1970. Foi longa a caminhada até ser respeitada como capitã, pois muitos, até mesmo na própria Irmandade, riam quando ela iniciava um canto. Capitães de Irmandades tradicionais de Belo Horizonte e Região Metropolitana não a cumprimentavam, e, durante muito tempo, tiveram o receio de estar infringindo algum fundamento ritual. No entanto, nenhum capitão que ela questionou conseguiu responder por que motivo a mulher não podia dançar ou tocar.¹³⁶

Os dados obtidos através do Cadastro apresentam um interessante indicativo sobre a reorientação de gênero nas guardas em Minas Gerais entre o final do século XX e primeiras décadas do XXI. Além das guardas que informaram começar a incluir mulheres ativamente nos grupos, alguns cadastros mais recentes informaram do surgimento de guardas propriamente femininas. A título de exemplo, o município São Sebastião do Paraíso cadastrou o Terno de Congo Filhas de Paraíso, surgido em 2008 e que informa em seu histórico: “Após enfrentar muitas críticas, a presidente Marilene depois de participar de alguns Ternos decidiu montar um só de mulheres. O grupo surgiu através de um desafio de que as mulheres não seriam capazes de constituir um terno que tem a finalidade de valorizar a força feminina dentro das Congadas Paraisenses.”¹³⁷

¹³⁶ SANTOS, Pedrina de Lourdes. Meu rosário, minha guia. 2022, p. 24, 25.

¹³⁷ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.





Figura 15 - Guarda de Congo Feminina de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Aparecida em Belo Horizonte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG (cedido por Renata Gaboci)



Figura 16 - Guarda Feminina na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos, Contagem (MG), 2023

Fonte: Arquivo Iepha-MG (cedido por Renata Gaboci)

Essa reorientação de alguns grupos em prol de maior paridade de gênero, com a inclusão de mulheres em posições de liderança ou a criação de guardas femininas, é recente,

porém demarca uma possível tendência.¹³⁸ É notável, ainda, que o uso dos cadastros como documentação permitiu a identificação de outra possível tendência, a da maior difusão do bem cultural. O contínuo aumento de grupos no decorrer do século XX, e o salto do número de cadastros de grupos surgidos a partir dos anos 2000, ao coincidir com o surgimento de ações municipais de registro, fornece indícios que a resistência secular dos grupos ao garantir a continuidade da celebração, adquire maior força quando valorizada pelo Poder Público.

Toda a trajetória desenhada nessa caracterização histórica possibilita uma compreensão do enraizamento dessa prática cultural negra na formação do território de Minas Gerais. Percebe-se que os reinadeiros e congadeiros foram responsáveis por complexas ressignificações e perpetuação de suas práticas ancestrais. Reconhecer e salvaguardar essa bem cultural torna-se importante tarefa não apenas para a história do povo negro mineiro, mas do estado como um todo.

*Vamos meus irmãos
Vamos todos na fileira,
Vamos andar devagarinho
Acompanhar nossa Bandeira aiai.*

*O dia 13 maio
É dia muito bonito,
A Congada se arreuni
Festejar São Benedito aiai.*

*Santa Izabel
É uma Santa milagrosa,
Libertou da escravidão
Pois muito caridosa aiai.*

*Já deu meia noite
A Festa tá terminando
Eles beijou a bandeira
Pra voltar no outro ano aiai*

¹³⁸ SOARES, Dalva Maria; LOPES, Maria de Fátima. De capitão a capitã: a inserção das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos no congado mineiro. Artigo apresentado em congresso. *Fazendo gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.* Disponível em <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST30/Soares-Lopes30.pdf>. Acesso em 06 mai. 2024.





3. CELEBRAÇÕES, COMUNIDADES E TERRITORIALIDADES

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juizes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade).¹³⁹

Mestre Antônio Bispo dos Santos

Após a apresentação dos aspectos históricos que consolidaram as Celebrações do Rosário como uma manifestação fundamental para a formação de Minas Gerais, bem como para o fortalecimento e resistência da população e cultura negra mineira, pretende-se empreender uma caracterização dos aspectos antropológicos que regem sua continuidade no tempo. Assim, passaremos a uma análise sociocultural e cosmológica, discutindo as características das celebrações, destacando os elementos em comum e as diferenças entre grupos de territorialidades e tradições distintas, além das noções de comunidade, território e de aspectos que se relacionam à materialidade. Cabe apontar que se trata de um universo amplo, formado por grupos, territórios, espaços, percepções e corpos diversos, portanto, a análise busca implementar uma compreensão aberta e contínua, não pretendendo limitá-lo ao aqui apresentado. Pelo contrário, busca-se indicar nuances e caminhos para o aprofundamento de pesquisas e caracterizações desse universo.

As Celebrações do Rosário são sustentadas por saberes, ofícios e formas de expressão desenvolvidos por mestras e mestres dos povos negros do estado. Esse bem cultural, se

¹³⁹ Santos, Antônio Bispo. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília: INCT/UNB, 2015. p. 41-42.86

constitui, conforme já mencionado, a partir de um processo de resistência e ressignificação empregados pelas populações negras em diáspora. Essas festas, que apresentam especificidades locais, em sua maioria, são estruturadas por grupos de devotos, reis e rainhas, músicos e dançantes, que tem nos cantos, tambores e caixas seus principais aliados. Esses grupos, chamados de ternos, guardas, tamborzeiros, reinos, congadas, congados, moçambiques, catupés, marujos, dentre outros, saem em cortejo pelas cidades, distritos, vilas, articulando seus fundamentos religiosos enquanto cantam cantigas seculares em louvor à sua ancestralidade.

Por vezes são acompanhados por reis e rainhas, paramentados com cetros, coroas e vestimentas que se conectam de maneira ritual aos santos de devoção. Como mencionado, a tradição se perpetuou ao longo dos anos por meio de um trabalho de rememoração das origens e práticas trazidas pela ancestralidade africana, bem como pela manutenção dos vínculos comunitários gestados no seio das Irmandades do Rosário.

A escrita desta seção contou, assim como as outras, com a riqueza de dados disponibilizada pelos grupos nos Cadastros do Patrimônio Cultural, com dados de trabalhos anteriores realizados pelo Iepha-MG, sobretudo nos processos de registro e salvaguarda dos bens acautelados *Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada, Comunidade dos Arturos e Festa do Rosário dos Arturos*, grupos com os quais a instituição possui mais de uma década de aproximação. Foi realizado levantamento bibliográfico, focando, sobretudo, nos trabalhos escritos por pesquisadores e pesquisadoras negras e por mestras e mestres detentores do bem cultural. A esses dados, somaram-se algumas incursões em campo, sendo que, a principal, foi o acompanhamento da 115ª Festa de São Benedito no município de Aparecida-SP.



3.1. Festa de São Benedito de Aparecida-SP: uma incursão em campo



Figura 17 - Igreja de São Benedito na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

*Vamos celebrar a festa dos pobres com alegria.
Dos negros da irmandade do povo da romaria.
O santo que era humilde nos leva a oração.
Com danças e com folia com cantos de louvação.*

*Salve São Benedito, o santo padroeiro.
Salve São Benedito, o santo cozinheiro.
Salve São Benedito, o santo padroeiro.
Salve São Benedito, o santo cozinheiro.*

*Vimos celebrar a festa dos irmãos desamparados
que o santo socorria como seus irmãos amados.
Piedoso São Benedito escuta nossa oração.
No ritmo da congada canta nosso coração*

*Viemos celebrar a festa com bandeira e estandarte
quem ama São Benedito sabe festejar com arte
Benedito, bene, bento, da congada e da folia.
Pois, quem quiser ser santo tem que ter muita alegria.*

As Celebrações do Rosário perpassam e ultrapassam o território mineiro, seja através da existência de grupos localizados em outros estados¹⁴⁰, ou por meio dos trânsitos que as guardas realizam para diversas finalidades, como o pagamento de promessas, visitas a ternos e guardas vizinhos, e também visitas a locais de referência coletiva para as comunidades, como no caso da Festa de São Benedito realizada na cidade paulista de Aparecida. A festa ocorre na centenária Igreja de São Benedito, sendo o Santuário de Nossa Senhora Aparecida¹⁴¹ também visitado durante as celebrações. A Festa acontece há 115 anos e é considerada uma das maiores celebrações religiosas do estado de São Paulo, reunindo cerca de 300 mil pessoas e mais de 100 grupos de Reinados e Congados, em sua maioria de Minas Gerais¹⁴².

¹⁴⁰ A existência dos Reinados e Congados em outros estados tem extrema relevância para a compreensão e desenvolvimento da prática. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN está em fase de finalização do Dossiê de Registro Nacional dessa prática, que identificou grupos e irá abranger os estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo.

¹⁴¹ O nome oficial deste templo é Catedral Basílica Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. No interior do Santuário se encontra a Basílica, bem como o Centro de Apoio ao Romeiro que serão citados neste relato. Serão ainda mencionadas a Igreja de São Benedito e a chamada Basílica Velha, templos que se encontram fora dos limites do Santuário. Todos eles, locais que, durante a festa, são ocupados pelos reinadeiros e congadeiros.

¹⁴² Os dados sobre a presença massiva de guardas mineiras são indicados por diversos detentores, bem como canais de comunicação. No trabalho de campo realizado pelo Iepha-MG, essa informação também pode ser constatada. Estado de Minas. Ligue o som, prepare o coração, reis e rainhas de Minas pedem passagem. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/turismo/2023/04/15/interna_turismo,1481885/ligue-o-som-prepare-o-c-oracao-reis-e-rainhas-de-minas-pedem-passagem.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Revista Continente. CONGADAS: UMA CELEBRAÇÃO A SÃO BENEDITO. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/174/congadas--uma-celebracao-a-sao-benedito>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Observatório do Patrimônio. Congado. Disponível em: <<http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/congado>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Portal R3 Encontro Reúne Grupos de Congadas no Santuário Nacional em Aparecida. Disponível em: <<https://www.portal3.com.br/2018/04/04/encontro-reune-grupos-de-congadas-no-santuario-nacional-em-aparecida/>>. Acesso em: 03 abr. 2024





Uma breve aproximação do universo de devoção, fundamentos, cores e sons que permeiam essas festividades permite uma compreensão mais acurada do bem cultural a ser caracterizado. Desta maneira, com vias a ilustrar e situar a caracterização, iniciamos este capítulo apresentando um singelo relato do trabalho de campo realizado durante a 115ª Festa de São Benedito de Aparecida. A relevância dessa celebração para as comunidades congadeiras se dá não apenas por sua grandeza em número de participantes, mas também pela relação com o Santuário de Aparecida e o município, que são referências nacionais da fé católica, e que há 100 anos, durante os dias da festa, são ocupados pelas comunidades reinadeiras e seus modos de culto. Nossa Senhora Aparecida e São Benedito são dois santos das devoções do catolicismo negro, para eles são dedicadas muitas celebrações de Reinados e Congados. Dessa forma, a apropriação centenária desta localidade por esse grupos tem extrema importância tanto para sua consolidação e continuidade histórica, quanto para seus fundamentos e rituais.

Entretanto, por se tratar de uma localidade oficialmente católica, com grande visibilidade nacional e internacional, essa apropriação não se dá sem conflitos, como veremos adiante. A notoriedade do local está relacionada com o aparecimento de uma imagem de Nossa Senhora em 1717 nas águas do Rio Paraíba do Sul. Segundo a narrativa dos devotos, três pescadores, João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, encontraram a imagem da santa, hoje considerada Padroeira do Brasil, que se encontra na Basílica localizada no Santuário.¹⁴³ Esses aspectos são fundamentais para a compreensão não apenas deste festejo em específico, mas da manifestação como um todo.

Como de costume nas festividades dos Reinados e Congados, os grupos presentes em Aparecida começam a se reunir cedo, ainda escuro. Na manhã de sábado da festa, que, no ano de 2024, aconteceu em 06 de abril, as guardas se preparavam para a intensa programação do dia, com a realização de uma missa, visita à Basílica, consagração das guardas na Praça da Basílica Velha e para realizar a cerimônia de busca da imagem de Santa Rita.

¹⁴³ Dados da Prefeitura de Aparecida. Disponível em: <<https://www.aparecida.sp.gov.br/portal/turismo/0/9/2701/porto-itaguacu>>. Acesso 20 de maio de 2024.



Figura 18 - Reinados e Congados se reúnem em agradecimento em frente ao Café Doce Vida na casa de Apoio ao Romeiro

Fonte: Arquivo Iepha-MG

O primeiro destino é o Centro de Apoio ao Romeiro¹⁴⁴, no interior do Santuário, onde os sons ritmados dos tambores acanham a monumentalidade daquele local. Os primeiros batuques anunciam a chegada de um terno de moçambique. São sons orquestrados por pessoas enfileiradas e uniformizadas, que caminham em celebração, com suas gungas, instrumentos de percussão que vão amarrados ao tornozelo, que emitem ritmos marcados pelas batidas dos pés no chão.

*Essa gunga é de papai, essa gunga é de vovó,
essa gunga é de papai, essa gunga é de vovó.
Quando eu chego no Rosário essa gunga é uma só,
quando eu chego no Rosário, essa gunga é uma só*

Ao correr da manhã, mais adeptos se juntam aos primeiros grupos, sendo que alguns vão se reunindo em frente ao Café Doce Vida. No local, uma bandeira de São Benedito está hasteada, é ela que dá boas vindas aos congadeiros, que a saúdam e agradecem por estarem

¹⁴⁴ Localizado dentro do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, o Centro de Apoio ao Romeiro oferece uma estrutura com banheiros, praça de alimentação, centro de informações, para dar apoio aos milhares de devotos que passam pelo Santuário diariamente.





sendo recebidos. A bandeira indica que o estabelecimento oferece gratuitamente café da manhã para os reinadeiros e congadeiros que vieram de longe para a Festa. Esse oferecimento marca uma promessa feita há anos atrás pelo proprietário do Café, que entregou seus pedidos de prosperidade às guardas e aos santos, e, tendo sido atendido, se comprometeu a conceder todos os anos café para os congadeiros como uma espécie de reciprocidade da dádiva. Logo nos momentos iniciais do sábado da festa, as relações de pertencimento e reciprocidade que os grupos estabelecem com aquele local já estavam sendo esboçadas.

Ainda no Centro de Apoio ao Romeiro, à medida que se dão os encontros de mais e mais grupos, muitos olhos lacrimejam no momento de celebração que ali se instala. Um olhar atento percebe que há uma espécie de encantamento que permeia essa celebração. Encantamento que é traduzido em saberes ancestrais que sustentam formas de sobrevivência geracional e inventam formas de existir enquanto um corpo e uma comunidade negra.

Ainda em meio aos sons de pandeiros, tambores, chocalhos - acompanhados de toadas e cantos, entoados por devotos vestidos em roupas coloridas, vibrantes - mestres de diversos municípios mineiros, como Ilícinea, Três Pontas, Contagem e Belo Horizonte vão enchendo o local em celebração e festa.

Após o café os grupos se dividem e alguns caminham rumo ao primeiro passo do dia, uma celebração na Igreja de São Benedito. O cortejo, como de costume, é realizado em festa, com toadas e instrumentos celebrando a devoção a São Benedito. O caminho é marcado por muitos e muitos ônibus de excursão estacionados de forma enfileirada. Essa paisagem revela um aspecto fundamental para esse bem cultural, que são os trânsitos e a circulação entre cidades, localidades, igrejas, basílicas etc.

Ao longo do caminho o som parece se uniformizar. Ao passo que os olhos de quem vê são permeados por cores diversas que vão do branco ao azul escuro, marrom, rosa e tantas

outras cores de uma paleta extensa e colorida marcante dessa prática cultural. Percebe-se, nesse cenário, a dimensão estética implicada pelas indumentárias que são cuidadosamente ornamentadas e marcadas por signos e significados específicos de cada contexto.

Na chegada à Igreja de São Benedito, o povo reinadeiro entra em celebração e agradecimento. É chegado o momento de estar junto do santo cozinheiro, festejando mais um ano de bençãos e fartura, dando graças a mais um ano de presença em Aparecida. Nesse momento, cada capitão e devoto articula seus códigos rituais para "pedir licença", "pedir a benção", "saudar" o Santo e a Igreja, que se constitui num território sagrado e em uma materialidade fundamental para a prática. Não apenas a Igreja de São Benedito em Aparecida, mas a cada igreja do Rosário, de São Benedito, de Nossa Senhora das Mercês etc., cada uma dessas edificações que muitas vezes foram construídas pelas próprias mãos dos antepassados negros, também são locais em que há anos adentram os congadeiros. Essas edificações são, cada uma delas, permeadas por seus fundamentos e imantações sagradas, constituindo-se lugar de referência excepcional para a prática. A Igreja de São Benedito de Aparecida, de estatura modesta, é preenchida por devotos que, como mencionado, vão se enfileirando para saudar São Benedito.

*ô, oia povo do Rosário
tá chegano a nossa hora
a nossa hora, a nossa hora
ê, na inguereja tá chamano
o vigário que mandô
para todo inguerejá
inguerejá, inguerejá, auê
é ô... é ô... é ô... é ô...*





Figura 19 - Guardas de Reinados e Congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 20 - Guardas de Reinados e Congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

Após a visita de agradecimento à Igreja de São Benedito, os reinadeiros e congadeiros retornam ao Santuário. Próximo ao local, é possível vislumbrar as guardas que tomam diversos espaços daquele local. O cenário daquele lugar é complementamente ressignificado

pela presença das cores e corpos em movimento, que destoam das características e dos usos ordinários daquele espaço. Essa nos parece também uma característica marcante das Celebrações do Rosário, que costumam suspender, ressignificar e transformar os usos dos espaços públicos, principalmente os urbanos.



Figura 21 - Guardas de Reinados e Congados na rampa de acesso ao santuário na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

É chegada a tão esperada hora da visita à imagem da padroeira. Em meio a sons que se harmonizam, os ternos vão preenchendo a grandiosa Basílica em cortejo. Dançantes, tocadores, capitães, rei e rainha caminham e celebram, com seus pandeiros, tambores e recos-recos. Como já mencionado, eles vestem cores e diversas indumentárias que se distinguem e marcam a tradição de cada um. Os rosários são carregados no dorso. Chapéus, lenços e coroas também são acionados de distintas formas na vestimenta de cada grupo. Munidos de toda uma gama de códigos rituais, eles se encaminham grupo a grupo para saudar a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que se localiza atrás do altar central. Essa presença dá outro tom aos longos pés direitos que estruturam aquela basílica, modifica a dinâmica do silêncio e retidão ordenados pela cosmologia cristã. Os corpos que ali caminham - homens, mulheres, crianças, mães com seus bebês de colo e idosos - se apresentam sempre em festejo, alegria, movimento e espontaneidade.





A cena, porém, é interrompida por um pedido do pároco, que ordenava a cerimônia, de que as “congadas” parassem de tocar, alegando que seria necessário conter o som dos tambores para que a missa do horário seguinte não fosse "atrapalhada". A tristeza atravessa alguns rostos, a visita à santa acompanhada de cantos e do som dos tambores parece ser um fundamento ritual importante para aqueles grupos, que é interrompido abruptamente. Algumas guardas se recusam a obedecer e continuam a bater seus tambores e a cantar. Outros abrem mão dos instrumentos e cantam suas toadas em tom mais baixo. Alguns outros, em silêncio, vão saudar a imagem da Aparecida.

Esse tipo de enfrentamento não é exclusividade apenas na Basílica de Aparecida, as tensões com as diretrizes das igrejas católicas e seus representantes são constantes no cotidiano dos reinadeiros e congadeiros. As interdições e impedimentos acontecem por mecanismos diversos, como o silenciamento dos cantos e tambores e a impossibilidade de permanência e entrada em igrejas. A "igreja que fecha a porta" para os congadeiros é um relato constante expresso por grupos de localidades distintas do território de Minas Gerais. Em algumas regiões, como a capital mineira, essa relação de tensão havia sido, inclusive, formalizada pelas autoridades católicas. Em 1923, o bispo Dom Cabral publicou um aviso público determinando a proibição do reinado nas igrejas. Em 2022, a Rainha Conga do Estado de Minas Gerais, Isabel Casimira, encaminhou ao Papa Francisco uma solicitação de revogação do aviso. Apesar de ainda aguardar uma resposta do Papa, após 100 anos de formalização da sanção, o arcebispo de Belo Horizonte determinou a volta das celebrações dos congados nas igrejas católicas, em 10 de agosto de 2023.

Naquele momento, em que a louvação aos santos protetores deveria continuar, os grupos encontraram suas maneiras estratégicas de resistir e superar o conflito. À medida que finalizam a visita à santa, saem da parte central da Basílica, entoando suas cantigas com força, fé e alegria.

À São Benedito, como mencionado, é atribuído o título de santo cozinheiro, ele garante a fartura, sendo a comida, seu fazer e o espaço da cozinha, alguns dos fundamentos principais que regem o modo de vida de reinadeiros e congadeiros. Após a visita à Basílica, os grupos se direcionam para compartilhar o almoço. Arroz, feijão, macarronada, frango assado

e refrigerante, elementos que vão além do significado nutricional, são benzidos, imantados¹⁴⁵ e oferecidos em comunhão. Celebrar e compartilhar a comida juntos, em comunidade, é uma ação comum e de muito significado para os Reinados e Congados. A comida mata a fome da intensa manhã de cantorias, ao mesmo tempo em que expressa saberes e modos de fazer específicos das cozinheiras tradicionais reinadeiras e congadeiras. Essas agentes, em sua maioria mulheres, detêm conhecimentos fundamentais para a continuidade desse bem cultural. A cultura alimentar tradicional carrega modos de preparo rituais, receitas tradicionais transmitidas em redes geracionais complexas. Esses saberes se colocam à mesa em sabores, cores e cheiros que também compõem a paisagem das Celebrações do Rosário.

Após o banquete, sob as sombras das árvores, senhores, senhoras e crianças descansam, mas não muito. Logo eles se organizam para retornar ao cortejo e caminhar pela cidade. Saem para se dirigir ao momento de consagração dos Reinados e Congados, que se dará na Praça da Basílica Histórica de Aparecida¹⁴⁶. O ato de consagrar configura-se em um momento onde uma autoridade religiosa (nesse caso um pároco) concede sacralidade para um objeto, uma pessoa, um grupo. Um momento ritual, carregado de simbolismo para a comunidade congadeira, principalmente diante de todos os conflitos e tensões que por vezes podem ocorrer em relação aos eclesiásticos. O cortejo é marcado pela presença e saudação aos párocos e ao Rei e Rainha da Festa de São Benedito de 2024, que recebem e abençoam os presentes, acompanhados de uma reprodução da imagem de Nossa Senhora Aparecida. As ruas da cidade de Aparecida, com suas ladeiras e curvas, se estreitam à medida que os grupos as ocupam com suas práticas e fundamentos.

¹⁴⁵ Termo utilizado para designar um elemento que foi dotado de sacralidade.

¹⁴⁶ Em 24 de junho de 1888, Dom Lino D. R. de Carvalho, bispo de São Paulo, inaugurou a igreja conhecida como Igreja de Monte Carmelo. Atualmente, a edificação é denominada Basílica Histórica, também conhecida como Basílica Velha.





Figura 22 - Reinados e Congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 23 - Reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 24 - Reinados e Congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 25 - Reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG





Figura 26 - Reinados e Congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 27 - Guarda de Moçambique de Timóteo (MG) saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 28 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 29 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG





Figura 30 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 31 - Momento de consagração dos Reinados e Congados em frente à Basílica Histórica de Aparecida na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

As guardas se agrupam e depositam suas bandeiras nas grades que cercam a Basílica Histórica. O padre em celebração pergunta: “tem congada de Minas Gerais aí?” E um coro de

gritos afirmativos atravessa toda a praça. Sob um sol escaldante, no meio da tarde de calor extremo, os grupos são consagrados diante da Basílica.

Vemos agentes da segurança pública mobilizados para fechar ruas e abrir caminhos para as guardas, pedestres e transeuntes que assistem a cena. Moradores que oferecem apoio: "água grátis para os congadeiros", lê-se em um cartaz. Ou seja, todo o espaço urbano é afetado, encantado, transformado e reorganizado para receber a Festa. Só quando cai a noite é que os grupos vão fechando os trabalhos e se dispersando para se preparar para o próximo dia.



Figura 32 - Placa de "Água grátis para os congadeiros" na Rua Santa Rita na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

O domingo da festa, dia 07 de abril de 2024, é marcado pela realização da Missa Conga. As missas congas são celebrações onde a estrutura litúrgica católica é permeada e transformada por elementos de matriz africana perpetuados pelos congados, principalmente no que diz respeito aos cantos e toques de tambores. A chegada até a Missa Conga é feita em procissão pelos Reinados e Congados, e se inicia nas primeiras horas da manhã, é acompanhada pelo Rei e Rainha da Festa de 2024. A Missa Conga é realizada em frente à Igreja de São Benedito, muitos ternos repetem o ato realizado no dia anterior de entrar na Igreja em agradecimento e saudação.





Figura 33 - Grupo de reinado e congado a caminho da Missa Conga da 115ª Festa de São Benedito
Fonte: Arquivo lepha-MG



Figura 34 - Terno de Moçambique Estrela Guia da cidade de Uberlândia a caminho da Missa Conga da 115ª Festa de São Benedito
Fonte: Arquivo lepha-MG

As guardas caminham com reproduções das imagens de São Benedito e Santa Efigênia pela praça da Igreja de São Benedito. Santa Efigênia foi escolhida para acompanhar o santo festeiro na celebração no ano de 2024. É comum que a cada ano seja escolhido um santo para acompanhar São Benedito nas homenagens. Após a Missa Conga, as guardas se

encaminham para o levantamento de mastros e mais uma vez encantam a cidade com as andanças de seus cortejos.

Alvoradas, Reverência ao Mastro, Saída de Reis, Missas, Cortejos e Procissões darão seguimento ao complexo ciclo ritual que fundamenta a Festa centenária sustentada pelos saberes desses variados grupos. Essa breve descrição, busca dar conta de aspectos pontuais, mas de tamanha relevância que nos possibilitam adentrar no universo os festejos dos Reinados e Congados. A partir da experiência da cidade paulista que se enche de magia das Minas Gerais com a predominância de seus Reinados e Congados ali presentes, abrimos os trabalhos para a caracterização que será empenhada a seguir.

*Senhora do Rosário
Eu sonhei com sereia do mar,
Eu joguei o meu barco na água
Meus irmão me ajude a remar.*

3.2. Comunidades reinadeiras e congadeiras e a diáspora negra

Diante do exposto, colocamo-nos a seguir diante de alguns aspectos que tangem a cosmologia da prática. Para a Antropologia, o conceito de cosmologia se refere à maneira como grupos ou comunidades específicas dão sentido à realidade que os rodeiam, a partir da articulação de saberes, práticas, seres e agentes materiais ou imateriais. Para Lourenço e Silva (2016, p. 73) a "opção pelo conceito de cosmologia se deve [...] principalmente porque permite compreender estes modos de pensamento como práticas que articulam criativamente os saberes herdados de seus ancestrais às novas experiências sociais."¹⁴⁷ Sendo assim, o texto a seguir procura destacar os principais elementos da cosmologia reinadeira e congadeira, sem a pretensão de esgotá-los, tampouco a pretensão de uma descrição minuciosa de seus aspectos ritualísticos e seus fundamentos. Buscou-se aqui apresentar, de maneira relacional e articulada, elementos considerados cruciais para a

¹⁴⁷ LOURENÇO, Sonia Regina; DA SILVA, Danielli Katherine Pascoal. Uma análise antropológica sobre a cosmologia da Comunidade quilombola de Lagoinha de Cima: entre santos, "arrumações" e seres não-humanos. ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 3, n. 6, p. 73, 2016.





continuidade do bem cultural, que devem servir de orientadores para pesquisas posteriores de aprofundamento sobre a prática e para elaboração de medidas de salvaguarda.

As contextualizações e descrições apresentadas acima demonstram que a prática dos Reinados e Congados é conectada a um panteão de santos e santas do catolicismo popular, tendo em Nossa Senhora do Rosário a sua mais forte expressão. De saída, cabe ressaltar que uma das narrativas mais difundidas entre os detentores sobre as origens da devoção é a aparição desta santa nas águas para um grupo de pessoas negras escravizadas. Conta-se que ao vê-la, eles e elas pedem ao senhor branco para retirá-la da água, tendo seu pedido negado pelo colonizador que foi ele mesmo retirar a santa e colocá-la em uma capela. Várias tentativas de levar Nossa Senhora do Rosário para a igreja dos brancos foram feitas, mas a santa sempre retornava para as águas. Após muita insistência dos negros escravizados, o senhor concedeu a permissão para que eles retirassem a imagem da água. Escravizados mais velhos foram às matas, cortaram madeiras e fizeram três tambores com os troncos de árvores, reuniram o grupo e cantando e dançando entraram nas águas, com cânticos fortes que remetiam a timbres africanos, quando Nossa Senhora do Rosário, então, atende ao pedido e se senta em um de seus tambores (Martins, 2003; Soares, 2016).

As narrativas de origem, compartilhadas por grande parte dos detentores, vão atribuir ainda à aparição da santa o surgimento do que compreendemos hoje como os grupos componentes das Celebrações do Rosário, as guardas, ternos, os tamborzeiros, candombeiros, etc. Detentores relatam que essas modalidades se originaram a partir do momento da mobilização das pessoas negras para retirada da santa das águas. Nessa concepção, cada grupo teria recorrido às cosmologias e ritmos de suas matrizes de origem para ir ao encontro da santa, e saudá-la na tentativa de retirá-la das águas e levá-la a sua capela. Disso se originou a diversidade de estilos rituais que compõem os grupos detentores das festas. Portanto, o candombe, o moçambique, os marinheiros, congo, marujos, catopés, caboclos, vilão, que hoje são compreendidos como segmentos de reinadeiros e congadeiros que se organizam através de ritmos, cantos e indumentárias específicas, tem seu surgimento

também associado ao mito ou narrativa de origem.¹⁴⁸ Apesar de se modificar em alguns aspectos, essas narrativas são muito difundidas entre grupos de todo estado de Minas Gerais.



Figura 35 - Banda Dançante do Rosário de Santa Efigênia, Conselheiro Lafaiete (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Embora a transmissão oral da narrativa de origem passe por modificações ao longo do tempo, um ponto de confluência entre as histórias é a identificação da Santa com o povo negro, sempre atendendo aos seus chamados e os abraçando. A partir de Martins (1997), Dalva Maria Soares explica na tese de doutorado *“Muita religião, seu moço!”: os caminhos de uma congadeira* (2016):

Segundo Leda M. Martins (1997), apesar das variações em torno da aparição, próprias dos processos de transmissão oral, em todas as narrativas três elementos estão presentes: a situação de repressão vivida pelo negro escravo; a reversão simbólica dessa situação, uma vez que a Santa somente atende ao chamado dos negros; e a instituição de uma hierarquia e de outro poder mítico. Ou seja, o ponto

¹⁴⁸ Identificamos ainda a concepção, coletada por folcloristas, de que o candombe é entendido como o pai dos Reinados e Congados, a partir do candombe uma *família* formada *de sete irmãos* foi originada: congo, marujo/marujada, catopê/catupé, moçambique/massambique/maçambique, caboclo/caboclinho, vilão e cavalheiros de São Jorge. (Martins, 1988; Martins, 1997; Rubião, 2010) Algumas narrativas vão dizer ainda que os tambores do candombe, fabricados em madeira específica e formato mais alongado do que as tradicionais caixas carregadas pelos demais grupos, foram os responsáveis pela retirada da santa das águas, conta-se que a santa teria vindo sentada nos tambores do candombe.





convergente em todas as narrativas é a identificação da Santa com o sofrimento do povo negro, através do atendimento de seu chamado. É para Nossa Senhora do Rosário que os devotos cantam, tocam e dançam. Além da Santa, os antepassados escravizados e os santos negros como São Benedito e Santa Efigênia são também reverenciados.¹⁴⁹

Essa narrativa fundamenta as Celebrações do Rosário demarcando pontos importantes da constituição da devoção. Dentre eles, o protagonismo negro na celebração, ao passo que é constantemente lembrado o fato de que a santa só aceita caminhar junto a este grupo. Além disso, as ressignificações das matrizes religiosas africanas no contexto da violência colonial, que, como aponta Leda Maria Martins (2003), pesquisadora e Rainha de Nossa Senhora das Mercês do Reinado do Jatobá de Contagem, os Reinados e Congados vão promover a “devoção ao santo católico por meio de uma gnose ritual acentuadamente africana” (Martins, 2003, p. 34), ou seja, os modos de culto são enraizados nas matrizes afro, ainda que, a partir de ressignificações, a devoção precisou se voltar às santas e santos europeus. Outro aspecto são as noções de coletividade e comunidade que perpassam o mito e atravessam os séculos: a santa é trazida e cultuada sempre em grupo e em coletivo. Como também pontua Martins (2003):

A coroação de reis negros, incorporada pelo sistema escravocrata, como modo de controle dos africanos e de seus descendentes, é apropriada pelo próprio negro que, por meio dela, reterritorializa formas ancestrais de organização social e ritual.¹⁵⁰

Todos esses aspectos aglutinam-se culminando em outro fator preponderante dessas celebrações, a constante denúncia à violência colonial e escravocrata a qual o povo negro foi submetido. Fator que se expressa principalmente através de uma infinidade de cantigas, transmitidas secularmente, que, além de louvar os santos e ancestralidade, remetem-se constantemente aos crimes da escravidão. Aspecto de relevância fundamental para o direito

¹⁴⁹ Soares, Dalva Maria. "Muita religião, seu moço!": os caminhos de uma congadeira. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2016.

¹⁵⁰ MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, n. 26, p. 42, 2003.

à verdade e à memória no contexto brasileiro, que tentou, inclusive através de políticas de Estado¹⁵¹, apagar e enviesar esses acontecimentos.

Sendo assim, percebe-se que a narrativa de origem dá fundamento também para a criação das já mencionadas associações religiosas de escravizados, ex-escravizados alforriados e pessoas negras livres no período colonial, conhecidas como "Irmandades dos Homens de Cor", "Irmandades dos Homens Pretos", dentre outros, associadas à Nossa Senhora do Rosário e outros santos negros, como São Benedito e Santa Efigênia. Assim, historicamente, grupos étnicos diversos (inclusive de grupos étnicos africanos distintos) compõem e tecem seus encontros dentro das Irmandades, criando e fortalecendo a riqueza e diversidade dos saberes que caracterizam essa manifestação até os dias de hoje.

É importante ressaltar, que todo o processo histórico desenvolvido na formação do que chamamos hoje de território mineiro, fez com que os Reinados e Congados se tornassem uma das forças motrizes para muitas das experiências negras vividas no estado. Estar em comunidade, junto de suas práticas tradicionais de cuidado coletivo, formas de expressão próprias e de culto ao sagrado, significou a possibilidade de reinvenções da existência negra que puderam se renovar a cada período festivo, a cada celebração, a cada Irmandade fundada, em cada grupo que marca presença com seus códigos rituais nas ruas das cidades. É importante demarcar que as fitas, cores, sons, dança, missas, rezas e cortejos que adentram e embelezam as cidades no seu período festivo, se dão sob a luz da ancestralidade negra.

São esses saberes que vão abrindo e limpando caminhos, resistindo através da cultura negra e ocupando espaços públicos com suas referências e expressões próprias. Expressões que traduziram consigo sentidos e possibilidades de existência dos povos negros,

¹⁵¹ "Diante dos horrores da escravidão negra no Brasil, Rui Barbosa, à época Vice-Chefe do Governo Provisório e Ministro da Fazenda, determinou, por meio do Decreto de 14 de dezembro de 1890, que se destruíssem todos os documentos referentes à escravidão. Intentava com esse gesto apagar, da história brasileira, o instituto – como se isso tivesse o condão de fazer desaparecer da memória nacional a carga de sofrimento suportada pelo povo africano e pelos afrodescendentes – e evitar possíveis pedidos de indenização por parte dos senhores de engenho." BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Habeas Corpus nº 82.424, do Rio Grande do Sul, datado de 17/09/2003. Siegfried Ellwanger e Werner Cantalício João Becker e Outra. Disponível em: <http://jota.info/wp-content/uploads/2015/06/Ellwanger-HC-82424.pdf>.





mantendo viva a ancestralidade e o reconhecimento que os trouxeram até a contemporaneidade e que trazem à tona formas de *autorrecuperação* e *autodefinição* frente ao passado colonizador e a presente colonialidade.¹⁵² A autorrecuperação (hooks, 2023)¹⁵³ e a autodefinição (Collins, 2019)¹⁵⁴ são conceitos mobilizados por intelectuais negras que versam sobre a recuperação da identidade negra e a possibilidade de definir-se desafiando imaginários coloniais que se perpetuam no cotidiano e que cercam a população de modo pejorativo a partir das discriminações raciais. Percebemos, que o modo de viver reinadeiro e congadeiro tem a possibilidade de colocar em curso essas perspectivas de resistência.

Dessa maneira, pensar sobre a formação e manutenção desse bem cultural é refletir sobre a própria composição sociocultural do estado de Minas Gerais e do Brasil, colocando as pessoas negras e suas contribuições como protagonistas desses processos. Seguindo essa direção, é possível visualizar paralelos entre os Reinados e Congados e a categoria político-cultural de *amefricanidade*, pensada pela antropóloga mineira Lélia Gonzalez (1988)¹⁵⁵. Esse conceito traz um olhar crítico acerca da história da formação sociocultural brasileira, tensionando abordagens de ordem colonial que buscam explicar a composição cultural do país sob as lentes do domínio das heranças europeias. Pela categoria político-cultural de amefricanidade, que traz consigo dimensões metodológicas, a autora afirma que:

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas.¹⁵⁶

¹⁵² Com colonialidade refere-se à perpetuação do modo de operar do colonialismo para além de seu período histórico. Ver: QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e AL. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial, 2005.

¹⁵³ hooks, bell. Irmãs do inhame: Mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

¹⁵⁴ COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 2)

¹⁵⁵ GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan/jun). 1988. p. 49-82.

¹⁵⁶ GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan/jun). 1988. p. 127.

Sendo assim, esse conceito nos convoca ao reconhecimento dos processos culturais que ocorreram a partir da vinda do povo negro escravizado para o que a autora chamará de continente *ame(fri)ricano* e os diversos encontros de povos e culturas distintas que ocorreram tanto a partir da imposição colonial, tanto das dinâmicas de fuga e refúgio, e outros tipos de troca ou confluência cultural. Para além, Gonzalez (1988) demarca a presença e influência direta que o encontro afro-indígena promoveu na constituição da cultura brasileira e da América Latina como um todo. A formulação de Gonzalez (1988) tem extrema relevância para essa reflexão, porque existem elementos evidentes do encontro afro-indígena presentes nas práticas dos Reinados e Congados mineiros. Além de diversos outros elementos que merecem investigação aprofundada e cuidadosa, conforme veremos a seguir.

A perspectiva do encontro, atravessada e mediada pela violência colonial na maioria das vezes, é também reverberada por Martins (2003)¹⁵⁷ quando aponta as cosmologias como uma cultura das encruzilhadas, que são tecidas a partir de reformulações, aproximações e transformações.

A cultura negra nas Américas é de dupla face, de dupla voz, e expressa, nos seus modos constitutivos fundacionais, a disjunção entre o que o sistema social pressupunha que os sujeitos deviam dizer e fazer e o que, por inúmeras práticas, realmente diziam e faziam. Nessa operação de equilíbrio assimétrico, o deslocamento, a metamorfose e o recobrimento são alguns dos princípios e táticas básicos operadores da formação cultural afro-americana, que o estudo das práticas performáticas reiteram e revelam. Nas Américas, as artes, ofícios e saberes africanos revestem-se de novos e engenhosos formatos.¹⁵⁸

A noção de encruzilhada oferece, portanto, ângulos de visualização do trânsito cultural, geográfico e epistêmico que ocorre na diáspora negra¹⁵⁹ e que se faz emergir da amefricanidade que permeia a cultura brasileira. Assim, entendemos que a cultura negra brasileira tem consigo diversos elementos aliados às expressões artísticas, à religiosidade e

¹⁵⁷ MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo, Perspectiva. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1997.

¹⁵⁸ MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, n. 26, p. 69, 2003.

¹⁵⁹ Ibidem.





ao viver de povos africanos e originários diversos. Aspectos que estão presentes na organização em comunidade, nas trocas intelectuais e afetivas que circundam sua existência. Ou seja, em fazeres ancestrais que são rememorados ao serem apropriados entre gerações e que são vivos e pulsantes pois podem ser vistos nas ruas, esquinas, vielas e becos do Brasil e de Minas Gerais.

Essa perspectiva teórica, oriunda em sua maioria do pensamento de intelectuais negras, pretende deslocar a compreensão das cosmologias negras das ideias de estanques de sincretismo e assimilação. Esses deslocamentos pretende subverter o protagonismo do legado cultural europeu ao país, em geral, e às práticas dos povos negras, em específico. Esse movimento nos possibilita redesenhar aspectos históricos e conceder aos povos negros agência, inventividade e resistência na construção de seus processos históricos. Essa abordagem ganha ainda mais força quando colocada diante de uma perspectiva crítica e realista da violência colonial ao qual esse povo foi submetido.

Acrescentamos ainda que, segundo a pesquisadora Bárbara Altivo - em sua tese intitulada *Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira-MG)* (2019) - feita com grupos da região centro-oeste do estado, os Reinados e Congados se expressam como um processo de labor cosmológico, subjetivo, social e político de curas de relações dilaceradas pela escravização e pelo racismo. O *rosário dos negros* é um resgate coletivo de sua existência, suas expressões e suas reinvenções. Resgate esse, que ocorre desde a memória das práticas do continente africano, até as dinâmicas ocorridas deste lado do Atlântico.¹⁶⁰

Esse jeito de construir relações com a ancestralidade através da sensibilidade e intimidade dos mais novos para com o sagrado configura um gesto de resistência que se mantém vivo e atuando em diversos níveis. Uma luta ao mesmo tempo no plano do coletivo, exercício político de fortalecimento de laços e modos de vida, e no plano subjetivo, em que se trabalha a constituição de si diante dos mecanismos polimórficos de

¹⁶⁰ ALTIVO. *Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira-MG)*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Tese de Doutorado, 2019.

fragilização da autoestima das crianças negras e reinadeiras, os racismos cotidianamente sofridos.¹⁶¹

Esse labor cosmológico é pautado e fundamentado principalmente nos aspectos coletivos e comunitários. A começar pela articulação e associativismo secular a partir da consolidação de Irmandades até a prática da circularidade em visitas realizadas entre comunidades quando elas estão em festividade - que na perspectiva da dádiva, "trocam visita" entre si. Ou seja, um grupo deve retribuir a visita do outro - se um primeiro grupo vai a festa de um segundo, esse primeiro espera que o segundo compareça também a sua festividade, o que chamam de "pagar promessa". Além das relações de convivência, transmissão e aprendizagem entre mais jovens e mais velhos que fortalecem os laços comunitários e as referências afrocentradas.

Em vários momentos no campo, percebi nas meninas e nos meninos a vontade de expressão criativa das histórias dos espíritos e das divindades ligada a construção de uma imagem de si, bonita e válida, no mundo. Foi o caso, em especial, de G. (menina, 14 anos), que desenhou a si mesma na oficina. "Eu fiz uma mulher linda afro-brasileira. E desenhei também Nossa Senhora Aparecida, porque ela é negra".¹⁶²

Sob a questão da circularidade e da troca entre grupos, em depoimento no documentário *Do rosário à coroa - Esmeraldas (MG)* (2016), Capitão Chico da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário na cidade, aponta que quando se percorre os arraiais com visitas, o círculo é feito, formando uma coroa, a coroa de N. Senhora do Rosário.

163

Quando chega no mês de maio, logo após a festa de Santa Quitéria, a paróquia convida as guardas do centro para se reunirem juntamente com o padre para fechar a programação do mês de outubro. Quando começam as Festas de Nossa Senhora do Rosário aí você pode ver que começa em cada arraial, cada arraial aqui tem um nome. Aqui é Córrego de Pedras, Cachoeirinha, São José, Urucuia, Vargem, Três Barras e aqui fecha na festa central que é Esmeraldas. A guarda daqui vai levar o que ela sabe para outra

¹⁶¹ ALTIVO. Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira-MG). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Tese de Doutorado, 2019, p. 109.

¹⁶² ALTIVO. Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira-MG). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Tese de Doutorado, 2019, p. 109.

¹⁶³ CONGADO: DO ROSÁRIO À COROA, Gabiroba Vídeo. Esmeraldas, Brasil. 2016. 29 min. <<https://www.youtube.com/watch?v=0f-La3tsYvc>>. Acesso em 12 de nov. 2023.





cidade, mostrar um pouco do conhecimento, da cultura em outra cidade, e a gente vai trazer o conhecimento, a cultura de outra cidade para cá. Então é na base da troca: eu vou na festa de fulano, fulano vem na festa de Nossa Senhora do Rosário aqui da cidade, e assim que funciona há vários anos. **Quando a gente faz esse círculo, percorre os arraial e fecha na festa central, a gente formou uma coroa, a coroa de N. Senhora do Rosário.**¹⁶⁴

Essa perspectiva circular é abordada em diversos contextos dos estudos afrodiaspóricos. Como apresenta a liderança, poeta e intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2019), conhecido como Nêgo Bispo, não se trata de construções de mundo linear, mas em circulação,¹⁶⁵ apontando para o que ele denomina confluência entre grupos, que permeiam saberes da resistência criados como alternativa ao apagamento e silenciamento.

Esses aspectos da coletividade e do associativismo se destacam quando olhamos para a história de comunidades quilombolas que se fundaram a partir do pertencimento a comunidades reinadeiras e congadeiras. Historicamente, o quilombo foi a unidade básica de resistência ao escravismo no Brasil. Essas comunidades se perpetuaram ao longo dos séculos, se transformando e se multiplicando em diversas formas contemporâneas de organização comunitária negra. Apesar de um conceito aberto e acionado em muitos contextos pelos movimentos negros, a ideia de comunidade remascente de quilombo foi acolhida pelo texto constitucional brasileiro de 1988 para garantir proteção legal para comunidades negras que assim se auto-intitularam e autorganizaram a partir de uma base comunitária tradicional, ligada à subsistência pela terra, seja no contexto urbano ou no campo. Segundo a Instrução Normativa 49/2008 do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão responsável pela delimitação e titulação de terras quilombolas no Brasil:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-definição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de

¹⁶⁴ Trecho do documentário: *Congado: do rosário à coroa*, grifo nosso, 2016.

¹⁶⁵ MARTINS; FELIPE; LEAL; SILVA. Das confluências, cosmologias e contracolônizações. Uma conversa com Nego Bispo. *EntreRios – Revista do PPGANT-UFPI*, Teresina, Vol. 2, n. 1, 2019.

ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.¹⁶⁶

Sendo assim, apesar de remeterem às práticas de resistência ao poder colonial e a colonialidade:

Contemporaneamente, portanto, o termo Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.¹⁶⁷

Em 2022, a partir de levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado de Minas Gerais ficou conhecido como o estado com o segundo maior número de comunidades quilombolas no país¹⁶⁸, e segundo o Censo de 2023, Minas Gerais é o terceiro estado com a maior população quilombola do país¹⁶⁹, como resultado da resistência empenhada por escravizados negros que foram presença massiva no território.¹⁷⁰ As comunidades Irmandade Os Carolinos¹⁷¹ em Belo Horizonte e a Irmandade do Rosário de Justinópolis em Ribeirão das Neves¹⁷², constituem alguns dos quilombos que se autorreconheceram como tal a partir do pertencimento e identidade comunitária enquanto reinadeiros e congadeiros.

¹⁶⁶ INCRA. Art. 3º. Instrução Normativa Incra n.º 49, de 29 de Setembro de 2008.

¹⁶⁷ O'DWYER, Eliane Cantarino. *Quilombos – identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

¹⁶⁸ IBGE. Quilombolas no Brasil. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>>. Acesso em 10 abr. 2024.

¹⁶⁹ IBGE. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-ecorte-inedito-do-censo>>. Acesso em 06 de mai de 2024.

¹⁷⁰ BRITO, Gleice Tamires Gomes de. O lugar e a identidade quilombola: uma abordagem sobre o processo histórico da Irmandade do Rosário, em Ribeirão das Neves (MG). Universidade Federal de Viçosa, 2021.

¹⁷¹ A Irmandade de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus, Os Carolinos é uma comunidade quilombola certificada desde 2022 pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Sendo uma das irmandades mais antigas identificadas na capital mineira. O processo de reconhecimento enquanto comunidade remanescente quilombola se deu há pouco tempo, mas anuncia para a comunidade formas de autoafirmação e de proteção de seu território.

¹⁷² A Irmandade do Rosário de Justinópolis completou em 2021, 132 anos de existência. Certificada pela FCP em 2016, conta com noventa famílias cadastradas e constituem mais de 300 pessoas quilombolas no território. A irmandade está instalada em seu território há mais tempo que o município de Ribeirão das Neves.





Figura 36 e 37 - Território da Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos em Belo Horizonte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

Ou seja, os laços, as práticas e a territorialidade oriundas do cotidiano de uma Irmandade de reinado ou congado é tão forte, que, nesses dois casos, culminou em uma organização autodefinida como quilombola. Esses grupos que historicamente se organizaram em torno da devoção ao Rosário, passaram a se compreender desta maneira, pleiteando e

recebendo a certificação como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP), órgão responsável por este ato administrativo e vinculada atualmente ao Ministério da Cultura (MinC). Dentro das pesquisas do Iepha-MG, que vem promovendo o reconhecimento do patrimônio cultural destas duas comunidades no processo de Registro das Comunidades Quilombolas em Contexto Urbano (Processo de Registro Estadual - PRE 16/2022), tem-se denominado essas comunidades de quilombos-reinadeiros.

Além dessas duas comunidades, a Comunidade dos Arturos, registrada como patrimônio cultural imaterial pelo Iepha-MG na categoria de lugares em 2013, também possui vínculo fundante com a identidade de reinado. A comunidade é certificada enquanto comunidade quilombola desde 2005 e se aglutina em torno de diversas práticas negras, tais quais, conforme mencionado acima, o Reinado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que é parte constitutiva da comunidade, e é registrado no Livro de Celebrações do Iepha-MG,

A presença de suas Guardas de Moçambique e do Congo, a presença do trono coroado, com seus reis e rainhas, a visita das guardas provenientes de outras comunidades de mesma fé, o alimento que é compartilhado por todos os presentes, tudo, faz com que a Comunidade nesse momento experiencie um momento de efervescência coletiva. Nesse momento, é criada densidade social nas relações da comunidade, cujos vínculos são estabelecidos com base nos sentimentos e emoções gerados pela comunhão na fé.¹⁷³

Nesse sentido, um aspecto que também fundamenta a relevância dos vínculos comunitários gestados no seio das Irmandades e grupos de Reinados e Congados é o reconhecimento destes grupos como comunidades tradicionais pela Comissão Estadual para o Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais CEPCT-MG. Por povos e comunidades tradicionais a comissão compreende:

Art.2. Para os fins desta Lei, consideram-se: I - povos e comunidades tradicionais os grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais e possuem formas próprias de organização social, ocupando territórios e utilizando recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica e aplicando

¹⁷³ Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG. Belo Horizonte, 2014, p. 122.





conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.¹⁷⁴

Criada em 2014, a CEPCT-MG possui caráter paritário e deliberativo, e tem como finalidade coordenar e implementar a Política Estadual para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, de que trata a Lei Estadual 21.147 de 13 de janeiro de 2014. Dentre as ações garantidas pelo reconhecimento enquanto comunidade tradicional, está a regularização dos territórios, o que demonstra a complexidade desses grupos e os elementos que os constituem. Reinadeiros e congadeiros possuem dois representantes eleitos (titular e suplente) na CEPCT-MG desde o início da sua criação, quando ainda era regida pelo Decreto nº 46.671, de 16 de dezembro de 2014. Até 2024, segundo a secretaria da Comissão, as comunidades reinadeiras e congadeiras que solicitaram certificação de autodefinição são: Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e Guarda Marinheiro do Divino Espírito Santo de Vespasiano; Guarda de Congo União do Rosário de São José da Lapa e Lagoa Santa; Guarda Moçambique de Santa Bárbara do Reino de Nossa Senhora do Rosário e Guarda de Moçambique de São Benedito do município de Vespasiano; Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, localizada no município de Belo Horizonte.

Portanto, ao olhar para esse cenário, podemos perceber que as Celebrações do Rosário são articuladas por comunidades negras que são ao mesmo tempo resultado e resultam em processos de quilombamento¹⁷⁵, como pensados por Beatriz Nascimento (2018)¹⁷⁶ que em uma perspectiva teórica encara a existência do quilombo como condição social que se modifica e que demarca como um instrumento ideológico contra a opressão. No interior dessas manifestações, o quilombamento intermedia o culto à ancestralidade negra e ao Rosário.¹⁷⁷ Aspectos estes que inclusive vêm sendo reconhecidos pelo Estado,

¹⁷⁴ Minas Gerais. LEI nº 21147, de 14/01/2014.

¹⁷⁵ Conceito que compreende o quilombo como um movimento, e não um conceito preso ao passado, indicando uma estratégia de resistência e coletividade negra que atravessa corpos, temporalidades e espaços (Souto, 2020)

¹⁷⁶ NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. Filhos da África, 2018.

¹⁷⁷ Capitã Pedrina corrobora com esta dimensão. In. Santos, Pedrina de Lourdes. MEU ROSÁRIO, MINHA GUIA. Org. Luciana de Oliveira, Ester Antonieta Santos. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2022.

como o caso da CEPCT-MG, e que devem se traduzir em políticas efetivas para a manutenção desses modos de viver. Conforme Nascimento:

O quilombo é uma condição social, fundamentalmente uma condição social, quer dizer, ele não se esgota no militarismo, na guerra que foi feita em relação aquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito até agora. A aceitação da cultura negra, da cultura índia, como uma coisa brasileira, realmente, como uma coisa dominante, não é aceita.¹⁷⁸

A celebração e a devoção rememoram a história dos povos negros, da escravização, da diáspora e da violência colonial num movimento constante de ressignificação. Como já mencionado, a história, a transmissão e a continuidade são renovadas, a partir do que Martins (1997) vai chamar de “arquivos orais” do povo negro, que estão presentes não apenas nas cantigas, mas em seus gestos, performances, arranjos musicais, toques, cortejos e percursos. Alguns pesquisadores e detentores associam esta resistência a partir das festividades ao que chamam de cura da ferida colonial. Capitã Pedrina, em seu livro já citado nesse dossiê *Meu rosário, minha guia* (2022), comenta:

A cura é um instante que dura. Não adianta correr que é pior: a ferida torna a doer. O conselho de preto-velho massambikeiro, que foi conduzindo a Santa lentamente do mar até o altar estruturado pelos negros escravizados, é lembrado em diferentes toadas e se faz necessário na peleja das guardas pelos quilômetros a transitar. “Massambike é coisa de nego velho, que anda devagarinho/ Quem anda com preto velho nunca fica no caminho”. Devagar no andor, devagar com as coroas – é preciso protegê-las e honrá-las –, devagar com as próprias limitações, devagar com os problemas e perguntas. Paciência, o caminho é longo e nem bem começou. O corpo sente a intensidade e extensão da jornada.¹⁷⁹

Essa dinâmica de cura e cuidado, já apresentada a partir do trabalho de Altivo (2019), e retomada no trecho acima, se dá em meios intangíveis e difusos, como na noção de fortalecimento individual a partir do pertencimento a uma comunidade, mas também sob meios tangíveis e literais, como a relação com as plantas e a benzeção. Nas mãos dos mais

¹⁷⁸ NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. Filhos da África, 2018, p. 126.

¹⁷⁹ SANTOS, Pedrina de Lourdes. Meu rosário, minha guia. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022, p. 42.



velhos, esses ofícios, em muitos casos, se dão em relação a Nossa Senhora do Rosário e outros santos de devoção dos congadeiros. Na comunidade quilombola e reinadeira dos Arturos, por exemplo, a benzeção foi inventariada durante o processo de registro estadual da comunidade e está diretamente associada à devoção a Nossa Senhora do Rosário. Segundo o dossiê de registro:

O rito da benzeção sempre foi e é bastante difundido em todo o Brasil, embora também houvesse restrições à prática. No meio rural, as benzeções, o conhecimento sobre as plantas e sua utilização na cura de moléstias era prática comum. A medicina oficial era encontrada somente nos grandes centros urbanos e seu acesso era limitado a pessoas ricas. As rezas e os chamados “remédios do mato” eram a forma mais comum de se tratar uma série de males que variavam de picadas de animais peçonhentos, dermatites, insolações, desgastes naturais do organismo, até disfunções causadas pelo contágio com seres sobrenaturais.¹⁸⁰



Figura 38 - Sr. Mário Braz da Luz selecionando plantas medicinais para oferecer a uma benzida na Comunidade Quilombola dos Arturos

Fonte: Arquivo Iepha-MG

Não apenas a benzeção, mas também o uso de plantas para banhos e chás têm, portanto, aspecto curativo e ritual. O manejo desses saberes está associado a formas

¹⁸⁰ Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG. Belo Horizonte, 2014, p. 101-102.

específicas de transmissão e também à gestão do território e utilização de espaços tanto para o plantio quanto para a busca das folhas, que algumas vezes só são encontradas fora do território. No caso dos Arturos:

[...] a benzeção emergiu da necessidade de cura dos males que afetavam seus membros, portanto está envolvida por uma religiosidade própria que faz com que a prática adquira particularidades distintas. Uma delas é a tradição vinculada ao culto de Nossa Senhora do Rosário. A fé é o manancial para a prática da benzeção cujos herdeiros de Arthur Camilo são seus portadores mais legítimos. Arthur Camilo e seu amigo pessoal, o congadeiro José Aristides, são as primeiras referências na transmissão dos saberes da cura na Comunidade, sempre baseada na fé em Rosário de Nossa Senhora. Arthur passou seus ensinamentos a seus filhos Geraldo, Rei Congo de Minas Gerais, e Juventina, Rainha Conga de Contagem, que eram os responsáveis pela saúde física e espiritual da Comunidade. Após o falecimento dos dois filhos, coube a outro irmão o Sr. Mário Braz da Luz assumir o posto de benzedor oficial da Comunidade, ensinamento que recebeu de sua irmã Juventina.¹⁸¹

Como proposto, percebemos pelo trecho acima que esse saber está diretamente vinculado aos grupos e membros dos Reinados e Congados. É ele que investe a determinados membros, como rei e rainha, certos saberes específicos relacionados a esse tipo de ação curativa. Além disso, são acionados também por capitães para garantir proteção aos seus dançadores/dançantes, para manutenção da "firmeza"¹⁸² do terno, guarda ou grupo.

Uma bacia de alumínio, bem grande, repleta de ervas maceradas na água, e uma roda de crianças com os pés cansados imersos naquele remédio. [Capitã] Pedrina prepara o alívio de seus dançadores e tocadores mirins com carinho, e fica atenta aos sinais de fadiga e mal-estar que podem surgir a qualquer instante durante os 8 dias de cortejo. Se precisar, logo acende o cachimbo, tira o rosário do peito e faz a benzeção. Quem estava bambo fica firme.¹⁸³

Percebe-se então que esses movimentos de encontro, vinculação, manejo do território, comunhão e cura podem se enquadrar no que vem sendo denominado como

¹⁸¹ Ibidem, p. 101-102.

¹⁸² *Firmeza* é um termo muito difundido entre grupos de Reinados e Congados ou outras tradições de matriz africana. "Firmar a cabeça", "Firmar uma cantiga", etc., são expressões utilizadas para indicar uma postura ritual específica que garante atenção, retidão, concentração, contribuindo com um bom desenvolvimento do ritual a ser realizado.

¹⁸³ SANTOS, Pedrina de Lourdes. Meu rosário, minha guia. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022, p. 46.





formas contra-coloniais de ação. Esse conceito é resultado das contribuições do quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015), que recusa para seu povo a denominação de "colonizado", explicando que os povos originários e tradicionais, a partir de estratégias específicas de resistência, não se deixaram colonizar, por isso não são, nem nunca foram "colonos" ou "colonizados". Pelo contrário, pela manutenção de seus modos de vida tradicionais eles resistiram e permanecem em movimento constante de luta contra a colonização.

Como veremos adiante, os Reinados e Congados são formados por matrizes diversas, com o protagonismo das matrizes negras e africanas. Cabe ressaltar ainda, que no decorrer do processo de colonização, bem como com o implemento das políticas de embranquecimento da população brasileira, a entrada de pessoas brancas nas Irmandades do Rosário, bem como em demais grupos de Reinados e Congados, ocorreu em alguma escala. Movimento comum aconteceu em diversas expressões e religiosidades afrobrasileiras. Um dos trabalhos que analisou os impactos e sentidos dessas transformações nos grupos e celebrações, foi a tese de doutorado da geógrafa Isabela Oliveira (2020)¹⁸⁴, que analisa as transformações da territorialidade da Festa de Nossa Senhora do Rosário do município do Serro a partir da entrada de pessoas brancas, ocorrida em meados dos anos 1970, na gestão da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro, cujo Compromisso data de 1728.

*Na hora que começa
Quero começar também
Deixa eu me benze primeiro
Pra tirar algum porém*

3.3. Diálogos, trânsitos, confluências: as matrizes da prática

Os intensos trânsitos e fluxos aos quais os povos negros foram impostos ao longo da colonização tem sido alvo de teorização e reflexão por meio de seus mestres e pesquisadores. Como já mencionado, o conceito de confluência elaborado por Antônio

¹⁸⁴ OLIVEIRA, Isabela Fernanda Gomes. Territorialidade na Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro/MG. Tese de Doutorado em Geografia. PUC MINAS. 2020

Bispo do Santos (2015), tem contribuído para a reelaboração dessas questões. Santos mobiliza esse conceito para compreender as aproximações e “ajuntamentos”, bem como as modalidades de resistência à violência colonial. Movimentos que em alguns casos foram categorizados como sincretismo, partindo de uma ideia de síntese, apagamento e redução de matrizes que se encontram, são agora observados por outro prisma.

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas.¹⁸⁵

Ou seja, ao invés de pautar a compreensão da aproximação, historicamente imposta, dos povos negros ao catolicismo a uma redução, sintetização e apagamento de suas práticas de matriz africana, busca-se uma compreensão mais ampliada que dirá da confluência de práticas, partindo da ideia de que o se ajunta, não necessariamente se mistura. Na interpretação de Martins (2003), como já mencionado, as Celebrações do Rosário vão ler o catolicismo através de uma gnose ritual africana. Outro aspecto para o qual a ideia de confluência aponta é o deslocamento do olhar dos diálogos interculturais da perspectiva do colonizador. Busca-se ir além da reflexão pautada no encontro entre negro/colonizador branco, indígena/colonizador branco.

Essa perspectiva incentiva a investigação acerca das confluências entre povos negros e indígenas, que conforme citado, aparece em aspectos dos Reinados e Congados. Dentre os aspectos mais evidentes, estão a existência das guardas que são denominadas Caboclos ou Caboclinhos, denominação atribuída a povos indígenas em alguns contextos. Esses grupos se caracterizam com adereços que remetem às influências originárias, como arcos, flechas, penachos e saiotas. Além disso, chamou-nos atenção a existência de descrições de origem das Celebrações do Rosário como fruto dos “encontros africanos e indígenas” oriundos dos dados dos Cadastros do Patrimônio. Segundo esses dados, em Itabira, Minas Novas, Peçanha, São Romão e Uberaba, existem grupos de congo, marujo e caboclos que foram descritos de modo a evidenciar a presença da cultura afroindígena como seu fundamento.

¹⁸⁵ SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília: INCT/UNB, 2015, p. 89.



Em Itabira, região metropolitana da capital do estado, os dados relatam que a denominada Guarda de Marujo também tem contribuições indígenas na sua origem. A guarda surgiu de grupos de escravizados que foram levados para a região para trabalhar em uma mina na chamada Fazenda das Cobras, na Serra dos Alves, distrito do município. A partir disso foi feita a união de pessoas negras com grupo de pessoas indígenas - de etnia não mencionada - que habitavam a região. Em meados de 1900, formou-se uma primeira guarda e, posteriormente, com a mudança do primeiro capitão, novas guardas foram formadas oriundas da primeira.



Figura 39 - Guarda de Marujos Nossa Senhora do Rosário do distrito de Senhora do Carmo em Itabira (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Ainda segundo o Cadastro, em Peçanha, no Vale do Rio Doce, há o Grupo de Caboclos do Bairro Alvorada que relata manter viva a influência indígena, com recriações e adaptações. O grupo realiza uma dança de trança, que inicialmente era feita com cordas vegetais, o que associam a práticas originárias, posteriormente substituídas por fitas. A indumentária do grupo conta também com penachos, e com adornos de penas distribuídos por suas vestimentas. O grupo também carrega pequenos arcos durante os cortejos.

Ainda que esses elementos não compreendam a totalidade das referências indígenas em Minas e no Brasil, sendo considerados em muitos contextos como características estereotipadas atribuídas pelo senso comum aos modos de vida indígenas, chamamos atenção aqui para a mobilização dessas referências dentro de uma prática que usualmente é afro referenciada. Essas pistas sobre aspectos afroindígenas no contexto das Festas dos Reinados e Congados trazem importantes indicações de eixos de pesquisa da prática que carecem e merecem continuidade e aprofundamento.



Figura 40 - Grupo de Caboclos em Peçanha (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Nesse mesmo sentido, encontramos no município de São Romão, no Norte de Minas, grupo dos Caboclos que também tem sua origem remetida aos povos indígenas. Segundo o Inventário das Referências Culturais do Rio São Francisco realizado pelo Iepha-MG em 2015, a origem do grupo Caboclo é associada ao culto à Nossa Senhora do Rosário, de matriz afro-brasileira, com a influência dos indígenas que habitaram a região, sobretudo os indígenas denominados pela historiografia como Caiapós. Como pode ser observado na imagem abaixo, a indumentária utilizada pelo grupo é composta por camisas e bermudas vermelhas, saiotos de palha de Buriti, cocares feitos de papelão em forma de chapéu,



enfeitado por fitas coloridas e penas, que remetem também a estilos associados a adornos dos povos indígenas brasileiros.





Figura 41, 42 e 43 - Caboclos em São Romão (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

Em Uberaba, no Triângulo Mineiro, o Terno de Congada do Penacho tem registros de sua existência desde 1889. O grupo também se utiliza de capacetes com penas ou penachos. Em sua descrição, disponibilizada nos Cadastros do Patrimônio, o terno narra que escravizados negros fugiam de fazendas e se escondiam nas matas e florestas, e muitas vezes eram direcionados para os quilombos com auxílio dos povos indígenas. Segundo o relatado, essa troca engendrou a presença de elementos da cultura indígena junto à cultura negra, se expressando a partir do uso de vestimentas e indumentárias, como calças bombachas, saiotos de pena, cocares de pena e camisa preta. Todos esses aspectos demonstram a importância do aprofundamento de pesquisas que demarquem as relações e confluências entre povos negros e indígenas e sua contribuição para a formação da cultura do estado, em geral, e deste bem cultural em específico.

Outra importante matriz e correlação que fundamenta os Reinados e Congados, é sua confluência com os saberes dos Terreiros e Casas de Matriz Afrorreligiosa. Sabe-se que nem todos os grupos guardam relações explícitas com esses saberes, sobretudo grupos mais ligados à vinculação católica. Entretanto, são essenciais as reflexões sobre o encontro destas matrizes. As relações entre essas duas práticas são muitas vezes ilustradas de forma explícita,





ou por vezes de maneira não tão evidente. Em alguns casos, elas podem ainda ser totalmente negadas.

Por exemplo, o boi é uma figura muito evocada em Reinados e Congados. Alguns detentores compreendem que ele representa uma espécie de fundamento, realizada em momentos que geralmente precedem a Festa. Nessas situações, uma estrutura, comumente de madeira, é confeccionada e coberta com panos (muitas vezes de chita), caracterizando a figura de um boi. Essa estrutura é "vestida" por uma pessoa, geralmente um homem, que sai pelas ruas junto do grupo de origem recolhendo esmolas, brincando com os transeuntes e os devotos.

Alguns mestres detentores da prática têm revelado atrelar as celebrações feitas com o boi à figura do orixá Exu ou inquice Pambu Nzila. Capitã Pedrina, em seu livro *Meu Rosário, Minha Guia* (2022), compreende o Boi do Rosário de sua cidade, Oliveira, enquanto um despacho para Exú que abre a interlocução com os inquice ou Minkisi¹⁸⁶, permitindo a comunicação com o mundo das divindades.¹⁸⁷

A pesquisadora Leda Martins (1997) destaca a relação da energia do orixá Exú como princípio epistêmico de interações comunicacionais entre as territorialidades e temporalidades de África e as do Brasil, compondo e recompondo uma cultura da encruzilhada. Seguindo a reflexão de Gates Jr., afirma que os africanos não viajaram sós, trouxeram ancestrais, divindades e formas de conhecimento – nas quais Exu figura como aquele que porta o logos, princípio do qual emergem as possibilidades de criação e tradução de saberes. A ressemantização do termo encruzilhada e das figurações mitopoéticas de Exu são encaradas na interpretação da pesquisadora, portanto, como princípios de cognição que traduzem, recriam e desvelam movimentos culturais, bases filosóficas e distintos modos operacionais de interpretação da realidade, construídos pelas simbologias africanas e

¹⁸⁶ São os santos, e cada um deles possui suas “qualidades e enredos que são variados, mas que seguem certos modelos de acordo com a nação e para tanto recebe títulos específicos, nomes, tipos de animais votivos, lugares, situações, formas, quizilas, preceitos exclusivos”. Todas as pessoas tem um Inquice “individual, único e exclusivo, não existem dois Inquices iguais em toda terra [...], não obstante exista uma potência Nzazi que perpassa a todos os seus filhos arquetipais”. Ver: Iepha-MG. Dossiê de registro da Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango. Bens culturais Registrados. 2018. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-prottegido/bens-registrados/detai-ls/2/7/bens-registrados-comunidade-quilombola-manzo-ngunzo-kaiango>>. Acesso em 03 mar. 2023.

¹⁸⁷ Santos, Pedrina de Lourdes. *Meu rosário, minha guia*. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022.

afro-americanas. Tal interpretação é saber-fazer na forma do festejo do boi que inaugura o Reinado de Oliveira-MG e, especialmente, no modo como tal festejo é conduzido pela Capitã Pedrina no Reino d’Os Leonídios.¹⁸⁸

Conforme observado no documentário *O Boi do Rosário* (2017) elaborado pela Formação Transversal em Saberes Tradicionais¹⁸⁹ da UFMG, o boi visita a parte baixa e a parte alta da cidade, caminhando e dividindo os moradores. Da parte baixa da cidade, de onde ele sai, é possível ver os moradores da parte alta, no alto do morro, o esperando em um misto de acolhimento e disputa do Boi frente a parte baixa da cidade. Acompanhado do Boi, e junto ao som ancestral dos tambores, estão moradores e visitantes entoando em uníssono, “ê boi! ê boi!”, que acompanham o seu trajeto pela cidade.

¹⁸⁸ SANTOS, Pedrina de Lourdes. Meu rosário, minha guia. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022, p. 49.

¹⁸⁹ O Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi criado na UFMG em caráter experimental em 2014 e instituído formalmente em 2015. Este programa encontra-se em diálogo e se inspira na proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCTI) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB). Ao conceder hospitalidade aos saberes das culturas afrodescendentes, indígenas e populares, o projeto procura abrir a universidade a experiências de ensino e pesquisa pluriépistêmicas. Os cursos são oferecidos às alunas e alunos de todas as graduações da UFMG. Ver: <<https://www.saberestradicoinais.org/>>. Acesso em 18 junho de 2024.





Figura 44 - Boi do Rosário na cidade de Oliveira (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

Em Belo Horizonte, o Boi da Manta é também considerado o "embaixador" da festa do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, no bairro Concórdia, que consiste na sede do Reinado e de um terreiro de umbanda da cidade.



Figura 45 - Boi do Reino Treze de Maio no Bairro Concórdia em Belo Horizonte.
Fonte: Arquivo Iepha-MG (cedido por Lânia Mara Silva)

O Boi sai em maio, e anuncia a chegada da celebração anual do reino, convidando a comunidade para participar consoante a Rainha Conga de Minas Gerais, Isabel Casimira.

Esse boi foi agregado à Festa do Rosário de nossa casa alguns anos depois que ela tinha se transformado em Guarda de Moçambique Treze de Maio. Como dizia minha mãe, ele é o embaixador da festa. O boi sai pela circunvizinhança e convida as pessoas a participar, além de começar a fazer o seu campo astral, porque a festa está próxima e o universo vai preparando para nós uma atmosfera propícia para uma boa festa. O boi sai avisando a todos no bairro e nos bairros vizinhos – avós, mães, bisavós e seus bisnetos, que fazem com que a gente se fortaleça cada vez mais, pois é a juventude que faz a gente saber da continuidade do amanhã.¹⁹⁰

Ainda acerca da presença do Boi pelas ruas do estado, o Boi-me-deu é um Auto presente no cortejo da Festa do Rosário de Minas Novas no Dia do Mastro, onde os mastros são levantados, iniciando os trabalhos. No município, o nome do Boi é originado em uma antiga cantiga:¹⁹¹

¹⁹⁰ GASPARINO, Isabel Casimira; TORRES, Júnia. O Reino nas ruas. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 15, p. 2-9, dez. 2021.

¹⁹¹ Prefeitura de Minas Novas. Dossiê de Registro Municipal Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, 2020.





*Se matar esse boi,
o mocotó é meu,
prá pagar a corrida que esse boi me deu!
Esse boi é do Rosário,
é cria do boi kileu.
Tudo que eu tenho,
foi esse boi que me deu!*

Em Sabinópolis, segundo o Cadastro do Patrimônio, desde a década de 1960, o Boi Balio se apresenta na sexta-feira durante as festas de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião da cidade. Hasteando a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, o cortejo sai da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em direção à Igreja Matriz de São Sebastião. O boi é prestigiado pelas ruas da cidade.

Ainda que nem sempre interpretados da mesma forma pelos grupos, percebemos que tanto para os povos de terreiros quanto para os reinadeiros e congadeiros, existem figuras e práticas fundantes e necessárias para os ritos de abertura de suas práticas religiosas. No caso dos terreiros, as divindades Exu ou Nzila, e no caso de alguns Reinados, o boi. Essas aproximações podem indicar confluências relevantes entre essas práticas afrobrasileiras.

A celebração Kizomba da Senzala de Pai Benedito ou Festa de Preto Velho realizada pela Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango¹⁹² registrada como patrimônio cultural imaterial de MG em 2018, da Região Metropolitana de Belo Horizonte, também apresenta essas confluências. Os Pretos Velhos são entidades da umbanda vinculados a espíritos e/ou arquétipos de grandes sábios africanos e de origem africana que foram escravizados no solo brasileiro. Essas entidades são dotadas pelos seus seguidores de poderes de cura e

¹⁹² A Comunidade Manzo Ngunzo Kaiango, que se autorreferencia como quilombola, foi fundada na década de 1970 por Mаметu Muiandê. Sustenta práticas sociais e culturais específicas, fundamentadas, principalmente, na religiosidade de matriz africana, que é compartilhada entre seus membros. A Comunidade possui sua identidade e território indissociáveis, e o terreiro é percebido e experimentado como o centro vital do grupo. Conforma uma cultura diferenciada e uma organização social própria, que constituem patrimônio cultural afro-brasileiro. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoas/patrimonio-cultural-protetido/bens-registrados/details/2/7/bens-registrados-comunidade-quilombola-manzo-ngunzo-kaiango>>. Acesso em 24 de nov. 2023.

resistência. São cultuadas por meio de diversos elementos, dentre eles cantigas que são comuns àquelas recitadas nos Reinados e Congados.

A comunidade Manzo é oriunda de um terreiro de umbanda e candomblé. A referida celebração acontece desde que a umbanda foi fundada na comunidade, na década de 1970. Seu objetivo é demonstrar a importância dos Pretos Velhos como guardiões da memória das histórias do povo negro. Desde 2016, o terreiro recebe visitas de guardas de reinado e congado mediante pedidos de Pai Benedito, preto velho que é incorporado pela matriarca do quilombo:

Este pedido [feito por Pai Benedito sobre ter guardas de Congado no festejo] foi então, prontamente atendido por Makota Kidoiale, que soube que um assíduo participante da festa era capitão de Moçambique [...]. O convite para participar da festa foi aceito com satisfação. A guarda chega pela Rua São Tiago, tocando os seus tambores, e é recebida por Mametu Muiandê, realizando um pequeno cortejo pela rua e descendo as escadas da entrada do Quilombo, até chegar ao terreiro.¹⁹³



Figura 46 - Entrada de Guarda na Festa de Pai Benedito no Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango

Fonte: Arquivo Iepha-MG

¹⁹³ Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango. Belo Horizonte, 2018, p. 122.





Essa relação com os Pretos Velhos é, ainda, brevemente abordada pelo Dossiê de Registro do Congado do município de Uberlândia:

Cada terno tem um preceito, uma vestimenta e uma marcação de tambores que representa a sua identidade. Muitas das fontes de conhecimento das tradições vêm de *preto-véios*, que nos centros de umbanda dão conselhos e ensinam cantigas com funções específicas nas circunstâncias do cotidiano.¹⁹⁴

É nesse caminho que visualizamos que as Celebrações do Rosário são consolidadas de maneira múltipla. São expressões da resistência dos modos de culto negros, baseados em confluências e mediações com matrizes distintas.

*O Preto Velho é um negro feiticeiro,
se não fosse o Preto Velho,
não acabava o cativoiro.*

3.4. Elementos constitutivos da prática

3.4.1. Um giro pelos ciclos festivos

Existe um sentido específico e coletivo que atravessa os corpos com os sons da diáspora materializados nas Celebrações do Rosário. Patangomes, gungas, afoxés e tambores entoando em harmonia uma sonoridade refletida da musicalidade negra. Existe algo que nos transporta para fora de nós. Ou no caso de pessoas negras, intermedia para dentro: do reencontro consigo e com suas origens, do barulho que faz orquestra, no início de um novo cortejo, da vontade viva de estar em festa e em dança.

As celebrações afro-brasileiras são um esforço continuado de resistência a partir do trabalho incansável de preservação de formas culturais negras, como afirma Gonzalez (2018)¹⁹⁵. Capitão Toinzinho da Guarda Os Ciriacos do município de Contagem, ao participar

¹⁹⁴ Prefeitura Municipal de Uberlândia. Dossiê de Registro do Congado em Uberlândia. Parte I. p. 82-83. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/educacao-patrimonial/>>. Acesso em 23 de nov. 2023.

¹⁹⁵ GONZALEZ, Lélia. Festa Afro-Brasileiras. In. Primavera para as rosas negras. Coletânea organizada e editada pela UCPA. União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana, 2018.

da mesa redonda “Saberes tradicionais do Reinado em Minas Gerais e a Universidade: Encontros possíveis”¹⁹⁶, promovida pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), afirma compreender o reinado como uma celebração: Uma celebração a Nossa Senhora do Rosário, à resistência de povos negros, nas dinâmicas do cotidiano que traçam festejos a religiosidade. Os Reinados e Congados têm um cosmos central que são as celebrações, que se constituem como marcos fundamentais na sociabilidade em diversas cidades de Minas Gerais.

Levantamento de mastros, carregamento de bandeiras, alvoradas, matinas, preparação para a festa, novenas, trezenas, leilões, terços, missas Congas, pagamento de promessas, musicalidade, cantos, toadas e pontos, recepção de guardas ou ternos, nomeação de novos festeiros, instrumentos musicais, indumentárias e vestimentas diversificadas com características plurais, almoços com grande fartura servidos para toda a comunidade, descimento de mastros, e tantos outros elementos são marcas desses eventos que convidam e agregam devotos, visitantes e moradores das cidades de Minas Gerais.

São feitos por mãos negras, capitães (capitão mor, capitão regente), dançantes, guarda da bandeira, guia, caciconas, caciquinho, violeiro, rainhas e reis congos, caixeiros, contra mestre, patrão, chefe, cozinheiras, fogueteiros e tantos outros corpos que constituem as celebrações ao Rosário, em um fazer que dura todo o ano: quando a festa do ano termina, já começam os preparativos para o festejo do ano seguinte.

A tradição desenvolvida em Minas Gerais em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário e a outros santos do catolicismo negro, como São Elesbão, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia e muitos mais, conformou ao longo de séculos uma prática cultural rica com características específicas de acordo com a sua localidade. São festejos que apresentam diferentes contornos, podendo ser promovidos pelas próprias comunidades, pelas paróquias, prefeituras ou pelas Irmandades. Com reis e rainhas festeiros,

¹⁹⁶ UEMG. Saberes do Reinado em Minas Gerais. Evento: Cartaz disponível em: <<https://ed.uemg.br/eventos/ Mesa-redonda-saberes-do-reinado-em-minas-gerais-e-a-universidade-encontros-possiveis/>>. Acesso em 27 de nov. 2023.



ou seja, responsáveis pela organização e custeio da festa, podendo ainda contar ou não com apoio do poder público municipal.

Na região metropolitana de Belo Horizonte os festejos possuem características que costumam ser diferentes da maior parte do estado: são organizados pelas Irmandades em suas sedes, com cortejos que acontecem principalmente nas ruas do seu entorno e, geralmente, não contam com a participação da paróquia local na sua execução. A alimentação é servida pela própria Irmandade, as guardas e ternos que participam da celebração.

Reinadeiros e congadeiros estão presentes desde a capital, Belo Horizonte, passando pela região metropolitana, como Betim, Contagem, Vespasiano, entre outras, indo até as o interior do estado, se fazendo presente, portanto, em todo território mineiro¹⁹⁷. Com ciclos festivos intensos e variados, os grupos realizam diversas etapas das festas ao longo do ano. A realização dos festejos, no entanto, são mais comuns nos meses de julho, agosto, setembro e outubro, segundo dados dos Cadastros do Patrimônio Cultural.



Figura 47 - Terno de Congada Rainha das Águas em Lambari (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

¹⁹⁷ Ver mapas no Capítulo 4.

No município de Lambari, a Festa das Congadas é realizada no dia 13 de maio, data em que se festeja o Rosário em diversas cidades. Na cidade do Serro, a Festa Centenária, uma das mais tradicionais de Minas, ocorre em julho, com a presença dos Catopês, Marujos e Caboclos. Em janeiro e setembro, o município abriga ainda festividades para São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Também em julho acontece, por exemplo, a Festa do Rosário de Abaeté.



Figura 48 - Terno de Congado Rainha das Águas no Serro (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Já em Chapada do Norte, a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, registrada como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais em 2013, acontece em outubro. A celebração foi fundada no século XVIII como forma de devoção dos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Libertos e Cativos, da Freguesia da Santa Cruz da Chapada, antigo nome da Irmandade do Rosário de Chapada.





Figura 49 - Congada da Misericórdia durante a Festa do Rosário em Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

No município de Bom Despacho, a Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário ocorre entre os meses de julho e agosto. As celebrações se iniciam com o Acolhimento das Bordonetas¹⁹⁸, que se trata de estampas com imagens dos santos homenageados, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia:

Na ocasião, a bordoneta de cada guarda é recebida pelo Moçambique Nossa Senhora do Rosário na Praça Altino Teodoro e na Praça da Matriz e conduzidas à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ao chegarem à igreja, encontram um corredor com as guardas de congado, penacho e vilão, que abrem fileira para a passagem das guardas de moçambique e da Corte Real. Na igreja, as bordonetas são acolhidas pelo padre e postas ao pé do trono de Nossa Senhora do Rosário. Logo em seguida, ocorre o Levantamento do Mastro de Aviso com estampas dos santos homenageados no adro da igreja (Prefeitura Municipal de Bom Despacho, 2014, p. 80).¹⁹⁹

¹⁹⁸ Denominação utilizada na região para uma espécie de bandeira. Ver glossário.

¹⁹⁹ Prefeitura Municipal de Bom Despacho. Dossiê de Registro Festa Do Reinado De Nossa Senhora Do Rosário. 2014.



Figura 50 - Guarda dos Marinheiros de Nossa Senhora das Mercês e as bordornetas ao fundo, em Bom Despacho (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Em Montes Claros, são realizadas as Festas de Agosto, um espetáculo de cores e sons que envolve toda a cidade, atraindo diversos turistas, onde são erguidos mastros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, colocados em cursos seus respectivos Reinados. A abertura da festa costuma ocorrer na sede da Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, no bairro Morrinhos. Em 2023, ocorreu a 182ª edição da chamada Festa de Agosto.

No município de Itapeçerica acontece o Grande Reinado do Rosário, no mês de agosto, havendo ainda o Grande Reinado de Nossa Senhora Aparecida, em maio. Ainda no centro-oeste mineiro, em Oliveira, a Festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre no mês de setembro. No Triângulo Mineiro, a maioria das festas do Rosário ocorrem em outubro, como, por exemplo, Uberlândia, onde há a presença de mais de 30 grupos de Reinados e Congados.





Figura 51 - Terno Camisa Verde em Uberlândia (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG



Figura 52 - Associação do Reinado do Rosário em Itapecerica (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG



Figura 53 - Reinado do Rosário de N. Senhora em Itapecerica (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Em Araçuaí, os Tamborzeiros do Rosário, com seus tamborzões (tambor maior) e tamborzinhos (tambor menor), conduzem a festa realizada no mês de outubro, que é constituída por alvorada, missas, rezas de terços e momentos de encontro acompanhados com cafés e prosas. Tais momentos são precedidos pelo importante rito de aquecimento dos tambores, fazer próprio dos tamborzeiros²⁰⁰. A antropóloga Ana Maria Franca, em sua dissertação *Os tamborzeiros de Araçuaí (MG): Mediações raciais na Festa do Rosário* (2021),

²⁰⁰A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte/MG também conta com tamborzeiros. Ver: Iepha. Dossiê de Registro Festa Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Chapada do Norte/MG. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco/es/patrimonio-cultural-prottegido/bens-registrados/details/2/3/bens-registrados-festa-de-nossa-senhora-do-ros%C3%A1rio-dos-homens-pretos-de-chapada-do-norte>>. Acesso em 11 de nov. 2023.





em concordância com as contribuições de Edmilson Pereira (2005), versa sobre os tambores em Araçuaí estarem quentes, com a festa viva, ocorrendo anualmente:

Dentre todos os ritos que compõem a festa do Rosário de Araçuaí, um deles é fundamental: o aquecimento dos tambores, área de responsabilidade dos tamborzeiros. Edmilson Pereira (2005) escreveu um importante livro a respeito dos candombes de Minas Gerais, “Os tambores estão frios”, onde apresenta a visão dos mestres candombeiros que entendem que os candombes estão acabando pelo constante esvaziamento simbólico e ritual provocado pelas mudanças culturais e sociais. Aqui, pedindo licença ao autor citado, faço um trocadilho: em Araçuaí, os tambores estão quentes. Apesar das dificuldades apresentadas pelos tamborzeiros para perpetuação de sua tradição, a festa está viva e acontecendo ano após ano.²⁰¹

A analogia feita por Franca (2021) com a fala do pesquisador Edmilson de Almeida Pereira (2005)²⁰² chama atenção sobre o esvaziamento da prática do candombe, que ainda permanece em algumas Festas, mas desde 2005 a ameaça à continuidade dessa prática já foi relatada no texto de Pereira²⁰³. O candombe é uma manifestação que pode acontecer no interior dos Reinados e Congados, sendo constituída pelo toque de três tambores que são acompanhados por cantos e danças específicas e, por vezes, outros elementos e regras que diferem de um grupo para outro. Os cantos do candombe são construídos remetendo-se aos mistérios do sagrado e crônicas das vivências de determinados grupos (Lucas, 1999). Suas danças são acompanhadas com o candombero se movendo em direção aos tambores, em um movimento que aproxima e recua. O candombe é realizado no interior das comunidades, não saindo às ruas. Muitas vezes os ritos não são públicos, ficando restritos aos membros da comunidade (Pereira, 2005; Milagres; Rabello, 2019; Lucas, 1999).

Como mencionado, o candombe ainda permanece em algumas comunidades, como na Comunidade do Açude na Serra do Cipó e também na Comunidade dos Arturos. Segundo o dossiê do Iepha-MG, escrito em 2013, o Candombe é, para os Arturos, a cerimônia mais

²⁰¹ FRANCA, Ana Maria dos Santos. Os tamborzeiros de Araçuaí (MG): mediações raciais na Festa do Rosário. Dissertação (Antropologia Social). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021, p. 87-88.

²⁰² PEREIRA, Edmilson de Almeida. Os tambores estão frios. Herança cultural, 2005.

²⁰³ A abordagem de Pereira vai ao encontro dos dados do Cadastro do Patrimônio Cultural do Iepha-MG, onde 86,5% dos grupos respondentes sinalizaram não praticar candombe.

solene, importante e profunda de todo o reinado. O candombe abre e fecha o reinado, e é realizado somente nesse período, em maio. A cerimônia ocorre no interior da Capela do Rosário da comunidade (Iepha-MG, 2014)²⁰⁴.

Esse breve panorama dos ciclos festivos e calendários das festas ao longo do estado de Minas Gerais é válido para evidenciar ainda mais a diversidade que compõe a sua organização. Tal mirada demonstra a necessidade da continuidade das pesquisas sobre o bem cultural, assim como a construção de ações de salvaguarda que abarquem as pluralidades e especificidades desta prática.

*Ae vovô, ae vovô
Foi vovó que me ensino,
A não deixar cair o Tambor
A não deixar cair o Tambor.*

3.4.2. Territorialidade e materialidade associada

As Celebrações do Rosário contam com elementos cruciais para sua composição, materiais ou imateriais, visíveis ou invisíveis. Se tratam de entes constituídos por atributos cosmológicos, sagrados, espirituais e físicos. Na dissertação de mestrado do Capitão Washington Luís (Kamugenan) *“Kalunga do Rosário: um documentário contracolonial com o Reinado da Irmandade Os Leonídios”*, o autor traz essa perspectiva ao falar sobre os bastões utilizados nos ritos:

[...] mesmo após o Reinado, nos períodos em que os objetos-imagem ficam “parados”, eles não perdem a energia que contêm, mas os acumulam. Assim, faz sentido repassar alguns objetos pessoais de alguns capitães como o bastão que, às vezes, passam de geração a geração acumulando um legado energia.²⁰⁵

Não apenas bastões, mas uma infinidade de elementos como terços, rosários, coroas, bandeiras, estandartes, atabaques, caixas, toalhas, chocalhos, tambores, tamborins,

²⁰⁴ Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG. Belo Horizonte, 2014.

²⁰⁵ OLIVEIRA, Washington Luís Santos. *Kalunga do Rosário: um documentário contracolonial com o Reinado da Irmandade Os Leonídios*, 2023. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. p. 48.



xique-xiques, chocalhos, gungas, patangomes, cuícas, puítas, pandeiros, apitos, sanfonas, violões, adufes, reco-recos, guaiás, espadas, agogôs, cavaquinhos, meia lua, zabumbas, fardas, arcos e flechas, manguaras, bumbos, banjos, acordeões, repliques, guizos, afoxés, chapéus de palha, cetros, lenços de pescoço, quepes, saiotos, bengalas, violas, maracás, fitas, ganzás, bandola, pífanos, tarol, triângulos, castanholas, cruzeiros, mastros, capacetes, alfaias, caxixes e tantos outros. Esses elementos compõem a materialidade associada ao bem que detém uma sacralidade que vai além do que é físico, isso porque esses elementos passaram por diversos procedimentos como rezas, banhos, limpezas, dentre outros.



Figura 54 - Guarda na Irmandade Os Carolinos, Belo Horizonte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 55 - Tambores da Guarda de São Benedito no município de Oliveira (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 56 - Grupos de Reinados e Congados com seus instrumentos à espera da entrada do santuário de Nossa Senhora Aparecida na 115ª Festa de São Benedito

Fonte: Arquivo Iepha-MG

A gestão, manutenção e acervo da materialidade que compõem a prática é manejada com zelo pelas comunidades detentoras, entretanto, apresenta inúmeros desafios. Acervos de objetos e documentos históricos de posse dos grupos muitas vezes não são acondicionadas com o devido cuidado, como tambores, livros de compromisso das





Irmandades, coroas etc. Há ainda graves casos de desaparecimento e roubo de artefatos que têm valor histórico e cultural e são associados a esses bens.

Um desses casos aconteceu na comunidade de Lobo Leite em Congonhas. Em 1996, sete imagens sacras foram furtadas da capela da localidade: São Benedito, São José, Santo Antônio e Nossa Senhora das Dores, que foram recuperadas, e Nossa Senhora da Soledade, São Joaquim e Santa Efigênia, que seguem desaparecidas. As imagens são referência para os grupos de congado da região, e sua falta teve grande impacto nas dinâmicas rituais da comunidade. Em maio de 2024, a imagem de São Benedito foi resgatada pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), a partir do novo Sondar - um sistema de resgate de bens culturais desaparecidos. Assim, a imagem do santo retornou à Capela de Nossa Senhora da Soledade da comunidade. Uma grande festa foi realizada para receber a imagem do santo cozinheiro, protagonizada pela comunidade e pela Banda Dança do Rosário de Conselheiro Lafaiete²⁰⁶.

Caso semelhante também ocorreu com o Quilombo Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis em 2022. Espadas centenárias pertencentes à Irmandade foram furtadas da sede em Ribeirão das Neves e até o momento não foram recuperadas.²⁰⁷ Esses aspectos evidenciam a necessidade de uma política específica para a materialidade associada aos Reinados e Congados, devendo a salvaguarda abarcar processos contínuos de identificação, proteção e inventário dos bens materiais associados.

²⁰⁶ Ministério Público de Minas Gerais. Lobo Leite, distrito de Congonhas, festeja retorno da imagem de São Benedito furtada há quase 30 anos e recuperada pelo MPMG. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/portal/menu/comunicacao/noticias/lobo-leite-distrito-de-congonhas-festeja-retorno-da-imagem-de-sao-benedito-furtada-ha-quase-30-anos-e-recuperada-pelo-mpmg-8A9480678F3E5EBD018F62E9681F402A-00.shtml>>. Acesso em 22 de maio de 2024.

²⁰⁷ G1. Polícia investiga furto de espadas na capela do Quilombo de Nossa Senhora do Rosário em Ribeirão das Neves. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/10/19/policia-investiga-furto-de-espadas-na-capela-do-quilombo-nossa-senhora-do-rosario-em-ribeirao-das-neves.ghtml>>. Acesso em 22 de maio de 2024.



Figura 57 - Imagem resgatada de São Benedito em Lobo Leite, distrito de Congonhas
Fonte: MPMG



Figura 58 - Recepção da imagem de São Benedito resgatada pela comunidade em Lobo Leite, distrito de Congonhas

Fonte: MPMG

Além dos elementos elencados acima, existe uma diversidade de lugares e espaços físicos que compõem a materialidade associada aos Reinados e Congados. Como já mencionado a partir da experiência na Basílica de Aparecida, há bens edificadas que são de



fundamental importância para a reprodução das festas. O uso das Igrejas e Capelas, se constitui como uma atividade ritual corrente dos grupos, seja para cortejos ou para as Missas Congas. Entretanto, como citado, esse acesso tem interdições históricas, por vezes formalizadas. Um ponto sensível para a continuidade do bem cultural é garantir o diálogo entre congadeiros e as autoridades católicas, para que a fruição do uso das edificações de referência para cada grupo seja mantida. O enfrentamento ao racismo religioso é fundamental para a mediação desse conflito histórico.



Figura 59 - Festeiros próximo a cruzeiro no município de Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 60 - Coroa e adorno no centro do território da Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos em Belo Horizonte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

Além das igrejas, existem cruzeiros e mastros fincados em pontos chave das cidades, ruas, becos e vielas por onde tradicionalmente caminham os cortejos e as procissões, marcando a forte relação desse bem imaterial com os espaços públicos, a cidade e seus marcos. Inclui-se ainda nessa lista outros locais de referência para a prática, como matas, córregos, rios, lapas e grutas que são necessários não apenas para realização de etapas da festa, mas para a manutenção e acesso de matéria prima para confecção de instrumentos e também para o manejo das plantas para as práticas de benzeção e a feitura de chás e banhos.

Bom exemplo dessa relação com o entorno é a Festa de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel, em Betim. Segundo dossiê de registro municipal da festa (2021)²⁰⁸, o ponto alto da celebração acontece no domingo da festa, quando, pela manhã, a imagem de Nossa Senhora do Rosário cruza o Rio Paraopeba em uma pequena barca conduzida por congadeiros. A imagem é aguardada por várias guardas e segue em procissão até a sede da Irmandade do Rosário da Colônia Santa Isabel. A relação de Nossa Senhora com as águas é

²⁰⁸ Prefeitura Municipal de Betim. Dossiê de Registro de Bem Imaterial Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel. 2021.



presente no próprio mito de origem da prática, conforme já mencionado, o que demonstra a forte vinculação dos Reinados e Congados com elementos naturais de seu entorno.



Figura 61 - Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel em Betim (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Ainda na região metropolitana, na capital Belo Horizonte, a força da relação com território também se demonstrou a partir do Registro Municipal do Largo do Rosário (2022), um território de memória registrado na categoria de lugares, onde se localizava a Capela de Nossa Senhora do Rosário do antigo Arraial de Curral del Rey, vila que foi soterrada para a construção da nova capital em fins do século XIX. Segundo narrativas, o local, mesmo soterrado, possui vinculação e significado sagrado para os povos de matriz africana de Belo Horizonte, sobretudo os congados, sendo recomendadas medidas de salvaguarda de valorização da memória dos grupos construtores da cidade, bem como a garantia da viabilidade da realização de práticas e rituais específicas dos grupos no local. Segundo dossiê

de registro (2022)²⁰⁹, o território cuja demarcação foi pleiteada teria sediado a Rua do Rosário, o Largo do Rosário e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, em cujo adro havia o Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, com capacidade para 60 sepulturas. Assim, a relação e proteção dessa materialidade e a garantia do uso deste território se tornam fundantes para os grupos belorizontinos, o que se repete de maneiras diversas e específicas por todo o estado. Haja vista, que as vias públicas são o principal espaço utilizado durante os cortejos dos Reinados e Congados e que por vezes, tem seu acesso impedido seja pelo racismo religioso ou intolerância.

*O meu buriti
Virou Bananal,
Tira o boi da linha
Que eu quero passar.*

3.4.3. Ritmo, gesto e a dança

Entre os saberes circulares do atlântico negro, a música é parte do viver do povo negro na diáspora, segundo o sociólogo inglês Paul Gilroy (2012). Enquanto meio de comunicação a partir do ritmo, do gesto e da dança²¹⁰, a musicalidade e suas nuances apresentam-se como um elemento significativo para as Celebrações do Rosário. Nesta direção, a dança e a performance, bem como as toadas, cantos e pontos são princípio fundante das celebrações, tecendo costuras, como linhas de bordado, que desenham sob um pano histórias contadas a partir da existência de uma coletividade. Cada tipo de canto é acionado em lugares e momentos específicos no cerne dos grupos. Os instrumentos que os acompanham são produzidos com matérias primas elementares que carregam consigo um fundamento, como tambores e caixas feitas com couro ou bambu, que carregam consigo técnicas de afinação e som que se altera a depender do seu material. Material esse que, por vezes, é coletado em locais específicos para serem confeccionados pelos próprios

²⁰⁹ Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Dossiê de Registro do Território do Largo do Rosário. 2022.

²¹⁰ GILROY, Paul. Joias trazidas da servidão: música negra e a política da autenticidade In. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora, v. 34, 2012.





detentores. Como mencionado, as fronteiras entre a materialidade e a imaterialidade são borradas - não há festejo sem sua materialidade associada e constitutiva.

Em *O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá* (1999), *Os Sons do Rosário: Os congados mineiros dos Arturos e do Jatobá* (2002) e diversos outros trabalhos de Glaura Lucas, etnomusicóloga que se dedicou ao estudo da musicalidade negra em Minas Gerais a partir dos Reinados e Congados,²¹¹ abordam que a música para esses grupos se desenvolve de acordo com a dinâmica das tradições orais:

[a musicalidade nos Reinados e Congados] Compõe-se de cânticos na forma solo/coro, intensamente repetidos, sendo acompanhados por padrões rítmicos nos instrumentos, específicos para cada guarda. O Congo apresenta maior variedade de padrões, dentre eles, a Marcha Grave, a Marcha Lenta e o Dobrado, comuns a ambas as irmandades, além de outros restritos a cada Congo. O Moçambique toca o Serra Acima e o Serra Abaixo. O Candombe possui apenas um padrão, de mesmo nome do ritual.²¹²

Sendo assim, a autora destaca acima alguns tipos rítmicos correntes no desenvolvimento dessa prática, Marcha Grave, Marcha Lenta, Dobrado, Serra Acima, Serra Abaixo, e indica ainda a necessidade de compreender suas variações e restrições de uso entre os grupos. Ela vai ressaltar a centralidade que o ritmo tem na identidade da guarda, indicando que em alguns casos, quando utilizados na linguagem corrente, os nomes de guarda como Congo e Moçambique são usados como sinônimos de nomes de ritmo. Nesse sentido, encontramos denominações como o “ritmo Congo” e, ainda, o “Moçambique Serra Acima” e “Moçambique Serra Abaixo”. Lucas (1999) completa:

O ritmo constitui a referência musical que mais identifica cada guarda. Os padrões rítmicos pertencem a cada tipo de guarda, identificando-as musicalmente no cumprimento de funções, cujos significados se desdobram em vários planos: na dimensão espiritual/simbólica, reatualizando o mito fundador e reafirmando o status do tambor como instrumento que possibilitou a retirada da santa do mar e que a acolheu na praia, e ainda como veículo de acesso ao mundo dos ancestrais; no plano social, como referente cultural; no contexto ritual, evocando memórias coletivas,

²¹¹ LUCAS, Glaura. *O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Salvador, 1999, p. 1-9.

²¹² LUCAS, Glaura. *O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Salvador, 1999. p. 3.

estabelecendo ou traduzindo estados emocionais, e ainda agindo estrategicamente no dimensionamento temporal de atividades; além de outras funções que nos fogem ao alcance.²¹³

A descrição de Lucas (1999) detalha a miríade de sentidos e significações presentes na musicalidade acionada por esses grupos. Sua reflexão demonstra que não apenas aspectos técnicos da musicologia devem ser acionados para interpretá-los, mas também dimensões do sagrado, da história, da cosmologia e mitos. A autora vai ainda sublinhar a menção às diferenciações, variações e restrições em relação ao uso dos ritmos utilizados por cada grupo, como mencionamos acima:

Os ritmos não migram entre o Congo e o Moçambique, como pode acontecer com algumas melodias, alguns versos, e mesmo, com alguns timbres. Há, no entanto, importantes correspondências rítmicas entre Candombe e Moçambique reconhecidas pelos congadeiros, decorrentes da relação entre eles identificada na lenda.²¹⁴

Questão essa que aparece na fala de diversos detentores, como o dançante da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Sete Lagoas e um dos fundadores da Federação das Congadas de Nossa Senhora do Rosário do estado, Waldemiro de Almeida. Ele apresenta algumas perspectivas que apontam ainda as diferenciações que são presentes no ritmo e musicalidade ao longo do estado, sobretudo no que tange aos grupos de Congo:

O Congo imperial, o legítimo, só bate três marchas: grave, dobrado, xicandombe. Quando estão batendo o grave estão louvando, o dobrado estão anunciando guerra e quando tocam o xicandombe estão guerreando. É ponto pra lá, ponto pra cá. O Congo diverge muito de uma região para outra. Atualmente os Congo estão colocando sanfona no lugar da viola, porque produz o som quase na altura da viola. O Congo legítimo mesmo é com viola, o Congo imperial.²¹⁵

Ainda que seja predominante o uso de instrumentos de percussão nos Reinados e Congados, pesquisas anteriores do Iepha-MG já demonstraram a vasta utilização de outros tipos de instrumentos na prática, como as violas e as flautas. O Dossiê de Registro dos

²¹³ LUCAS, Glaura. O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Salvador, 1999. p. 3.

²¹⁴ LUCAS, Glaura. O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Salvador, 1999. p. 3.

²¹⁵ ALMEIDA, Waldemiro. Mesa temática: O congado em MG. In. Revista Comissão Mineira de Folclore nº 24, 2005. p. 155.





Saberes, Linguagens e Expressões das Violas em Minas Gerais, destacou o uso desse instrumento em práticas religiosas e culturais, sendo o congado uma delas. Ainda que não tão expressivo como a utilização das violas em Folias de Reis, ficou marcada essa articulação principalmente na porção centro/sul de Minas, com maior concentração em determinados pontos, como na RMBH e no Sul/Sudoeste de Minas, no limite com o estado de São Paulo. Segundo o documento, para os congados:

A viola possui grande importância harmônica, sendo ela a dar o tom aos cantos nos grupos que a utilizam. Por essa razão, quando presente, ela é um dos instrumentos-guia das guardas junto aos tambores, ou seja, aquele instrumento que tem precedência na estrutura musical.²¹⁶

Ressaltamos ainda o uso das flautas e pífanos tradicionais no interior dos Reinados e Congados, como foi demonstrado por Daniel Magalhães no trabalho *Pipiruí e Caixa de Assovio: Tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado (2009)*²¹⁷. Esse estudo demonstrou a atividade de pelo menos outros cinco grupos de tocadores de pífanos e caixas de assovio, da atualidade ou que existiram no passado no Estado mineiro, dando destaque para grupo do Serro e de Conceição do Mato Dentro, que possuíam vinculação com o congado. O Iepha-MG tem processo de registro aberto para reconhecimento das Expressões associadas às Flautas e Pífanos tradicionais de Minas Gerais, sendo o aprofundamento de pesquisas sobre elas fundamental para a compreensão dos Reinados e Congados nas regiões citadas.

Em relação à dança, o Capitão da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Santa Efigênia de Ouro Preto, Kedison Guimarães, aponta a diferenciação entre Congo e Moçambique:

Moçambique remonta aos pretos velhos, dança mais encurvada. Guizos da escravização colocado no tornozelo de escravizados negros, gunga como

²¹⁶ Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Dossiê para Registro dos Saberes, Linguagens e Expressões das Violas em Minas Gerais. 2018.

²¹⁷ DE LIMA MAGALHAES, Daniel. *Pipiruí e caixa de assovio: tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música. 2009.

símbolo de libertação, resistências. Congo abre caminho, negros mais jovens que estavam ansiosos pela liberdade. Congo é ar, moçambique é terra.²¹⁸

“Dançar um congado é bonito. Te deixa com o coração cheio. Te deixa com a cabeça cheia”, é o que diz o Senhor Cumbuca, Rei Perpétuo do Moçambique Filhos de Maria de Patos de Minas.²¹⁹ Os corpos balançam ao som dos cantos, os pés batem no chão e sacodem as gungas, enquanto os movimentos de mãos e braços balançam os patangomes, ação que muitos remetem ao movimento das peneiras do ouro e café que os pretos escravizados foram obrigados a manusear. Essas variadas performances afrorreferenciadas são, como mencionada por Martins (2003), arquivos orais, e também arquivos do gesto e do corpo, que marcam o lastro com a ancestralidade africana e afrobrasileira.



Figura 62 - Sociedade Ubaense de Congado de Nossa Senhora do Rosário de Ubá (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

²¹⁸ Capitão Kedison em A FÉ QUE CANTA E DANÇA, Direção: Vinicius Terror. Ouro Preto, Brasil. 2021, 18 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DX_rJULWC6A>. Acesso em 20. de set. 2023.

²¹⁹ CONGADO: UM REINO OCULTO NO BRASIL PROFUNDO. Patos de Minas, Brasil. 2023, 21 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xVtAmQaJgdM>>. Acesso em 18 de nov. 2023.





Figura 63 - Terno Serra Dourada de Serra da Saudade (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG



Figura 64 - Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião de Mariana (MG)

Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

Assim, as danças tomam as cidades com os corpos em movimento. Com os corpos, os ritmos tomam contornos entoando os cantos e toadas. As ruas passam a ser plateia do espetáculo que são os cortejos de Reinados e Congados. A música acompanha a feitura da celebração, enuncia a fé no Rosário, o louvor à Nossa Senhora do Rosário e tantas outras santas e santos enquanto celebram, dentre outras conquistas e graças alcançadas ao longo do ano, a liberdade dos antepassados libertos.

*Samba e dança crioula
Samba e dança crioula,
Sua força vêm de Zambi
Sua força vêm de Zambi.
Oo O*

3.4.4. Coroas, vestes, adornos: a indumentária



Figura 65 - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos, outubro de 1993

Fonte: Arquivo Iepha-MG (cedido por Lucio Dias)





Com características diversas, as vestimentas utilizadas nas festas dos Reinados e Congados trazem consigo multiplicidade de cores, tecidos e modelagem, como já mencionado na descrição do trabalho de campo realizado em Aparecida-SP. As calças, ternos, fardas, faixas, chapéus, saíotes, camisas que se modificam entre guardas e ternos. São várias as qualidades de tecidos utilizados, como cetim, chita, algodão, malha e linho, assim como há diversidade de cores, como azul, branco, rosa, vermelho, dourado e marrom. Somam-se adornos e outros elementos como capacetes, tiaras, boinas, penachos, flores, fitas coloridas e lenços ao pescoço. As coroas dos reis e rainhas são o grande destaque e um dos elementos fundamentais para esses grupos. Confeccionadas com metal, alumínio ou lata e enfeitadas com pedrarias, os materiais e estilos variam entre os grupos. Assim, as roupas e adornos podem ser compreendidos também enquanto um ente que carrega consigo signos e significados específicos. As vestimentas, também chamadas de fardas ou fardamentos, não são meramente tecidas, mas sagradas, servem como proteção, exprimem identidades e sentidos que se intersectam, traduzindo os sentidos da Festa.

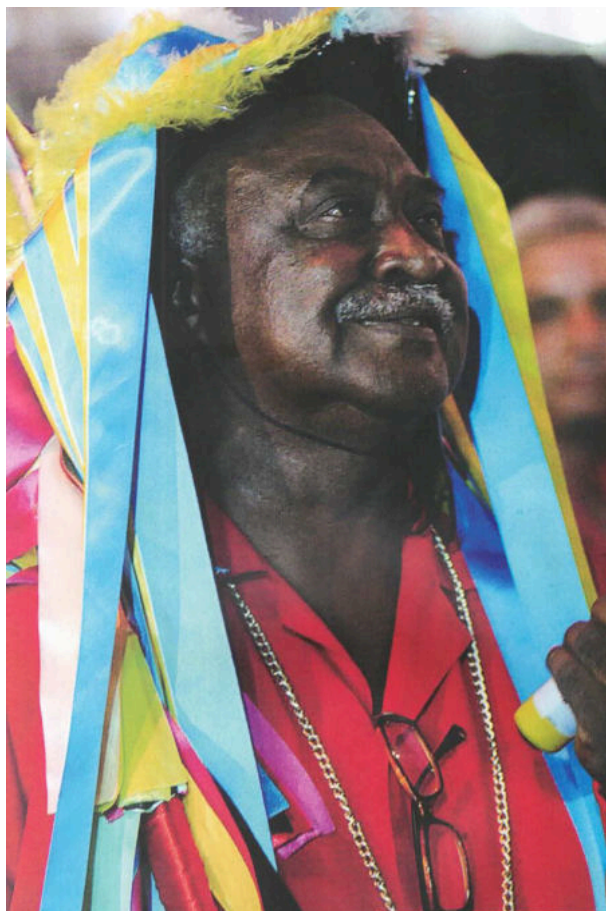


Figura 66 - Reinado em São Sebastião do Paraíso (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG



Figura 67 - Congado de Nossa Senhora do Rosário em Caranaíba (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG





Figura 68 - Banda de Congo de Nossa Senhora do Rosário em Paulo Cândido (MG)
Fonte: Arquivo Cadastros do Patrimônio Cultural - Iepha-MG

As vestimentas são, portanto, dotadas de sentidos que extrapolam sua materialidade. Além da coroa e bastões que já foram tratados ao longo do texto como elementos dotados de sacralidade, as roupas, mantos, toalhas e outros adereços são acionadas em alguns rituais, como, por exemplo, no caso das cerimônias de *descorção*, rito funerário que acontece quando um rei, rainha, capitão ou algum determinado integrante falece. Analisando os ritos de morte entre os reinadeiros da Comunidade dos Arturos de Contagem, Rosângela Paulino de Oliveira (2018) afirma que “todos os integrantes do Reinado devem entregar os cargos e postos que ocuparam em vida, para retornarem ao reino sagrado assim como vieram. Devem ser sepultados sem levar nada da Terra.”²²⁰ A partir disso, ela explica

²²⁰ DE OLIVEIRA, Rosângela Paulino. Ritos de morte no congado mineiro: os Arturos. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 3, n. 6, p. 436. 2018.

que, no caso dessa comunidade, são utilizados os ritos de *descoroação* ou de *tirar a mão* de determinado membro, que significa proceder com uma espécie de ritual de desvinculação da pessoa dos objetos rituais pelos quais era responsável.

Nesse sentido, a importância ritual e cosmológica que esses elementos de indumentária detém se faz perceber tanto na transmissão de saberes sobre seu uso, quanto na necessidade de sua conservação material. Tais pontos são essenciais para a execução de políticas de salvaguarda abrangentes, que enxerguem as complexidades do bem cultural que se apresenta, como identificação e inventário desses elementos no interior dos grupos, assim como medidas adequadas a essas realidades para sua conservação. Ainda conforme Oliveira (2018), sobre o processo de descoroação:

*O descoroar ou tirar a mão tem sentido profundo na religiosidade do grupo, pois comprova que os objetos usados pelos congadeiros são sagrados e portadores de magia. Assim, não podem ser enterrados com a pessoa que os usava, pois não pertencem a ela. Eles devem continuar circulando, a energia deve passar para outro, e sempre retornar ao seu lugar de origem, para que o reinado não acabe. [...] Cada um tem seus pertences, não deve emprestá-los ou usar de outros. Os cuidados são redobrados quando se trata dos bastões, coroas e toalhas, pois são objetos que, se manipulados inadequadamente, podem resultar em coisas que nem sempre boas.*²²¹

Desse modo, a regulação e continuidade da prática está diretamente associada, não apenas com a conservação, mas também com a manutenção dos saberes que envolvem seu uso e manuseio. Os saberes referentes aos ritos funerários e outros processos internos aos grupos estão diretamente vinculados às vestimentas e aos adornos que, além de esteticamente valiosos, possuem densa complexidade de usos e sentidos.

*Eee Capitão
Da calunga do lado de lá,
Coroado Rei fico
Eee no Balanço do Mar.*

²²¹ DE OLIVEIRA, Rosângela Paulino. Ritos de morte no congado mineiro: os Arturos. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 3, n. 6, p. 436-437. 2018.



3.4.5. Alimento, fartura e partilha



Figura 69 - Quiabos sendo preparados para a Quinta do Angu na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

A dança de cores que tomam as ruas da cidade são complementadas por um ente crucial das festividades: a fartura de alimentos compartilhados durante as celebrações. Tutu de feijão, macarronada, salada de maionese, arroz, feijoada, farofa de jiló, frango com quiabo, almôndega, caldo de mandioca, doce de mamão, biscoito branco e amarelo, rosquinhas e arroz doce demarcam a forte cultura alimentar relacionada à festa. Elementos que extrapolam esse contexto e narram também a identidade mineira como um todo, como já foi trabalhado pelo Iepha-MG no *Registro dos Sistemas Culinários da Cozinha Mineira - o milho e a mandioca* (2023), mas que, sobretudo, agregam ainda mais complexidade à ritualística congadeira, que tem na partilha e sacralidade do alimento fortes fundamentos. Sr.

Francisco Cassimiro, dançador do Congo Esperança de Uberlândia, comenta sobre as memórias e raízes dessa tradição:

[...] eu vim de uma família de Congado, o meu pai, praticamente foi um dos fundadores do grupo Boa Esperança (grupo de congado), então naquela época era Tio Caristo, o Gumercindo, era a Congada tradição de Uberlândia. E tinha o Quartel do Boa Esperança, lá no Martins, na casa de Dona Telvina, e lá era assim, aquelas tachadas de arroz! De almôndegas, carne de vaca, costela de vaca, carne de porco! Muito pé de porco, frango caipira! Macarronada! Muita macarronada! Macarrão com frango também! E tinha os bancos né, de madeira, o quartel naquela época, buscava até ramos no mato, para cobrir né! Para fazer a “torda”! Não era igual de hoje, chique né! Era de terra, no chão batido! Aí quando terminava a comida, aí vinha a sessão dos doces! Aquelas latas de doce de leite, misturado com doce mamão! Doce Figo! Doce de Cida! Lá tinha dois pé de cajueiro, caju amarelo, desse tamanho! E interessante é que toda época da Congada, os pés de caju estavam amarelos de caju! E o almoço, a janta, era colocado debaixo do pé de caju. Tinha a janta também! Muitas das vezes funcionava assim! Tinha aquelas pessoas de tradição! Aí almoçavam no quartel e tinha aqueles que davam janta também, aí saía do Martins, ia jantar no Bairro Operário! Então o Terno saía para jantar naquele lugar, a pessoa até acostumava, fazia voto né! Existia muitos votos na época, sabe! (fé, promessas). Bairro Operário, Tibery, Patrimônio! Muito bom! Muita fartura né! Era bom demais! A tradição da congada é a cozinha mesmo! Aquela comida pesada né! Que os congadeiros falam!²²²

Esse trecho encontra-se na obra *Irmandade dos saberes e sabores: história de um patrimônio afro-brasileiro* (2021) de Jeremias Brasileiro, historiador, congadeiro e pesquisador, que traz consigo os aspectos relacionados à alimentação presentes no relato de reinadeiros e congadeiros. O livro narra a importância e os significados dos locais das refeições e banquetes que acompanham as recepções durante os festejos, usando como referência a cidade de Uberlândia, mas que podemos encontrar reverberações em todo o estado. As memórias alimentares, como a relatada no trecho reproduzido acima, são trazidas pelos interlocutores apresentando a fartura como principal norte.

Nos estudos sobre a Irmandade e Comunidade Quilombola dos Arturos, a cultura alimentar também apresenta grande destaque em relação ao cotidiano do grupo e suas

²²² BRASILEIRO, Jeremias. *Irmandade dos saberes e sabores história de um patrimônio afro-brasileiro*. Editora Subsolo, Uberlândia, 2021. p. 50-51





celebrações. Esse aspecto ganhou destaque em seu processo de registro feito pelo Iepha-MG a partir da Ficha de Inventário de Saberes da Culinária dos Arturos (Iepha, 2014). Segundo esse documento, durante as festividades da comunidade, os vínculos criados entre os participantes são mantidos através de obrigações relacionadas à cortesia, que é mediada principalmente pelos alimentos. Oferecer alimento para os visitantes, guardas ou qualquer participante é para a Comunidade dos Arturos, e para diversos grupos ao longo do estado, uma forma de retribuir a visita e a presença daquela pessoa na festa, bem como de reforçar os laços e trocas espirituais que estão acontecendo naqueles momentos. Além disso, o oferecimento do alimento se dá também à Santa, ou santos de devoção, o que intensifica ainda mais a conexão entre o alimento e o sagrado. Segundo a Ficha de Inventário:

Entre os ingredientes estão presentes, principalmente, os polvilhos doce e azedo, a farinha de trigo, fubá de moinho d'água e comercial, leite, açúcar, queijo, banha, manteiga, ovos, canjica, café, alfavaca, limão, coquinho licuri, arroz, feijão, macarrão, carnes, legumes, verduras, mamão, cravo da índia, urucum, cheiro verde, alho, pimenta, coco e amendoim. Os alimentos preparados são diversos, geralmente na Festa de Nossa Senhora do Rosário há um café da manhã, com bolos e biscoitos, e no almoço, arroz, tutu de feijão, e outros pratos alternados. [...] Assim, unindo os ingredientes às técnicas do fazer, saem das gamelas de madeira, assadeiras, panelas, caldeirões, folhas de bananeira e do almofariz, a comida que alimenta o corpo e a alma. [...].²²³

²²³ Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG. Belo Horizonte, 2014. p. 92-93.



Figura 70 - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos em 15 de maio de 1998

Fonte: Arquivo Iepha-MG (Lucio Dias)

Ainda segundo dados de documentos técnicos anteriores elaborados pelo Iepha-MG, ressaltamos o protagonismo do alimento na Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, bem registrado como patrimônio imaterial em 2013. Nessa celebração, os doces, o angu e os licores são elementos constitutivos das etapas fundamentais da festa. Um dos exemplos é a Quinta do Angu, atividade realizada na quinta-feira da semana da festa, onde a Rainha Festeira do ano é responsável pela preparação de quilos de angu que são servidos para a comunidade. O angu é primeiro benzido pelo pároco da cidade e então oferecido à Nossa Senhora, em momento ritual onde todos agradecem pela fartura do ano e pedem por sua continuidade. A etapa da festa é descrita abaixo:

No momento em que os trabalhadores da Lavagem da Igreja chegam à casa da Rainha Festeira, um grande número de pessoas já os aguarda. A Rainha inicia, então, a distribuição de uma refeição coletiva, que consiste em angu de fubá de milho acompanhado por molhos diversos – de feijão, abóbora, quiabo, fava, acrescidos de carne de boi, porco ou frango. São servidos também licores de Figo, Abacaxi e, às vezes, de Jenipapo. A preparação do angu exige uma grande quantidade de cozinheiros e ajudantes. Alguns deles remunerados, mas a maior parte é de devotos da Virgem do Rosário e



pagadores de promessa, que trabalham no quintal da casa da festeira, desde o amanhecer da quinta-feira – picando carnes e legumes, construindo pequenos fogões, preparando o angu, etc. Depois de pronto, o angu é exposto e servido na frente da casa. Simbolicamente, a refeição é oferecida aos que trabalharam na Lavagem da Igreja. Entretanto, o angu é servido com fartura a toda e qualquer pessoa que se apresente.²²⁴

Sua produção e partilha são momentos de celebrar a fartura e a comunidade, bem como o agradecimento à santa de devoção, para quem aquele alimento é primeiramente oferecido. Aspecto que também foi registrado pelo dossiê de registro dos *Sistemas Culinários da Cozinha Mineira - o milho e a mandioca*:

Nesta perspectiva, as farinhas e outros derivados do milho e da mandioca estão presentes com certa centralidade, por exemplo, nos reinados e congados mineiros, tal como na Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, registrada como patrimônio cultural de Minas Gerais em 2013. A festa, como tantas outras que ocorrem pelo interior de Minas Gerais e do Brasil, tem ascendentes na cultura afro-brasileira e na história de resistência dessas populações. Os alimentos que têm por base estes vegetais perfazem a estrutura alimentar deste ciclo festivo, com destaque para o angú.²²⁵



²²⁴ Iepha-MG. Dossiê de Registro Festa Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Chapada do Norte/MG. Belo Horizonte, 2013.

²²⁵ Iepha-MG. Dossiê de Registro Sistemas Culinários da Cozinha Mineira - o Milho e a Mandioca. Belo Horizonte, 2023.

Figura 71 - Feitura do Angu em Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 72 - Distribuição do Angu em Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 73 - Distribuição do Angu em Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG





Figura 74 - Distribuição de licores em Chapada do Norte (MG)

Fonte: Arquivo Iepha-MG

A distribuição de doces também se consolida como um importante momento de comensalidade constitutiva da festa de Chapada do Norte. Ocorre no domingo depois da missa no período vespertino, em geral antes da procissão. Nesse momento são divididas inúmeras compotas de doces, de várias qualidades, principalmente de mamão, fava, batata-doce, laranja e cidra. Estes doces são colocados em um caminhão ou um cercado para serem distribuídos na rua da residência do Rei. O doce é preparado por trabalhadores remunerados e voluntários que trabalham em pagamento de promessas ou devoção de Nossa Senhora do Rosário.

Na cidade do Serro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário é organizada no primeiro domingo do mês de julho e segue por onze dias, com Catopê, Caboclos, Marujos, Caixa de Assovio e seus grandiosos banquetes. A festa é guiada pelos momentos de partilha de alimentos com banquetes que se tornam espaços que mobilizam a cidade. A matina ocorre no 9º dia da festa, às 05h da madrugada. A Caixa de Assovio, entoando “Ave Maria”, com suas caixas de couro e pífanos que marcam o início das festas em que se pede permissão à Nossa Senhora do Rosário para iniciar os trabalhos de festejo. A Caixa de Assovio também

protagoniza uma das mais importantes ocasiões: a benção da comida. Só depois de benzida a mesa farta de café da manhã, com bolo, pão de queijo, caldo de mandioca e mocotó, canjica doce, bolo, café, leite, cachaça e quentão, pode ser consumida. Nesse momento, os congadeiros se alimentam, agradecem e seguem para a casa de outro festeiro onde novamente é oferecida uma farta mesa de café. As casas dos festeiros são os lugares das mesas fartas que servem comida para centenas de pessoas (Simões; Da Silva, 2022).

A benzeção do alimento também se estende aos doces, que são oferecidos a todos os participantes no último dia de festejo, conhecido como dia dos doces ou da triste despedida, que ocorre nas visitas às casas de festeiros, reis e rainhas, onde doces variados como de laranja cristalizada, doce de leite, doce de mamão verde ralado, pé de moleque, cocadas, beijinhos, entre outros, são oferecidos (Simões; Da Silva, 2022). Antes de seguir para casa de outro festeiro, há o momento de agradecimento às mesas e sua fartura:

Após todos comerem, o grupo reúne-se “para agradecer a mesa” e entoia a canção “São Benedito sua casa cheira, a cravos e rosas e a flor de laranjeira. Eivem São Benedito, vem saindo cá prá fora, oia lá, venha receber o martírio do rei da glória”.²²⁶

Os aspectos desenhados acima demonstram, portanto, que as celebrações de Reinados e Congados em Minas Gerais acontecem também pelas mãos de cozinheiras e doceiras que proporcionam os momentos sagrados de comensalidade.

*Minha panela de barro
Eee Colher de madeira,
Minha panela de barro
Eee Colher de madeira,
Oh meu São Benedito
Abençoe todas as cozinheiras.*

²²⁶ Simões, Maria do Rosário Reis; Da Silva, Elcione Luciana. Emo quá: Rituais, celebrações e Banquete na festa do rosário de serro/Minas Gerais Emo quá: rituals, celebrations and banquet at the rosary festival of serro/minas gerais. In. Das culturas da alimentação ao culto dos alimentos, Volume II, v. 16, p. 401, 2022. p. 419.





3.5 As Celebrações do Rosário e o enfrentamento ao racismo

Os reinadeiros e congadeiros, há séculos, ocupam as ruas das cidades mineiras com seus saberes associados à música, dança, vestimentas, indumentárias e ritmos, conforme apresentado anteriormente. Sob a fé que os movimenta, há também a resistência e o enfrentamento ao racismo introjetado na formação política e cultural de nosso estado. O racismo é uma base de discriminação orientada pela hierarquização de fenótipos humanos, tendo sido o fundamento da formação do Brasil a partir do processo de colonização e escravização de pessoas negras oriundas do continente africano. Como já mencionado neste dossiê, o racismo gerou e gera diversos impactos na continuidade das Celebrações do Rosário. A salvaguarda dessa manifestação cultural requer o combate a formas de racismo e discriminação pelas mais diversas vias.

O racismo religioso é um conjunto de ideias e práticas violentas que expressam a discriminação por determinadas manifestações religiosas e seus praticantes, tendo portanto na dimensão da raça o fundamento dessa discriminação. Sidnei Nogueira, babalorixá, pesquisador e escritor, autor do livro *Intolerância Religiosa* (2020), traz definições sobre as intersecções entre preconceito, discriminação, intolerância e racismo:

O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo, se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado “eu” em detrimento de “outrem”, sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político – os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica. No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio.²²⁷

Buscando explorar como estes conceitos são perpetrados, a historiadora Wanessa Pires Lott em sua tese de doutorado, *Tem festa de negro na república branca: o reinado em*

²²⁷ NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo, Pólen Produção Editorial LTDA, 2020. p. 35.

Belo Horizonte na Primeira República (2020)²²⁸ apresenta a negação da cultura negra na capital mineira a partir de aspectos oriundos dos Reinados e Congados mineiros. A historiadora explora a proibição de Celebrações do Rosário pelo arcebispo da diocese de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, em agosto de 1923.

Segundo Lott (2017), em edições do periódico *A Gazeta de Minas*, publicadas no ano da proibição, perspectivas racistas apresentam os grupos a partir da ideia de selvageria, desumanizando corpos negros e sua cultura. Em outro registro trazido pela autora, em uma reportagem da Carta Pastoral de abril de 1927, o arcebispo Dom Cabral afirma que os Reinados são “sempre uma nota humilhante nas festas religiosas”, pois são “particularmente dignos de reprovação” tanto quando estão presentes nas procissões, quanto “nas funções da igreja, pretendendo até distinções litúrgicas”²²⁹. Como já abordado acima, essas ações reforçaram preconceitos históricos contra as formas religiosas negras e geraram uma série de proibições e interdições da associação dos Reinados e Congados aos ritos católicos.

Essas atitudes geraram diversos impactos no desenvolvimento das Irmandades e das festas, como também mencionado ao longo desse Dossiê. Segundo Lott (2017), especificamente em Belo Horizonte, os grupos passaram a construir seus espaços e práticas de devoção à Nossa Senhora do Rosário nas periferias da cidade. Além do afastamento dos centros, existem em outras localidades, relatos sobre derrubadas de igrejas de Nossa Senhora do Rosário, como é o caso do município de Viçosa, que teve a sua igreja demolida para construção de uma praça no início de 1960 (De Souza, 2011).²³⁰ Ainda segundo dados do Cadastro do Patrimônio Cultural, cerca de 34% dos grupos reportam o preconceito e a intolerância religiosa como dificultadores da continuidade de suas atividades.

²²⁸ LOTT, Wanessa Pires. *Tem festa de negro na república branca: o reinado em Belo Horizonte na Primeira República*. Universidade Federal de Minas Gerais, Tese de Doutorado, 2017.

²²⁹ LOTT, Wanessa Pires. *Tem festa de negro na república branca: o reinado em Belo Horizonte na Primeira República*. Universidade Federal de Minas Gerais, Tese de Doutorado, 2017, p. 177-178.

²³⁰ DE SOUSA, Patricio Pereira Alves. *Corpos em drama, lugares em trama: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) - MG*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.





Em 2023, o Iepha-MG foi acionado pelo Terno Moçambique Estrela Guia do município de Uberlândia para buscar medidas de reparação por ação de racismo religioso sofrido pelo grupo. Nesse mesmo ano, durante as atividades de abertura da Festa do Congado da cidade, o grupo foi atacado por moradores brancos de um condomínio, que atiraram ovos ao cortejo, num sinal de desrespeito e repúdio. Além do ataque, os infratores também publicaram vídeos nas redes sociais contendo ameaças aos congadeiros. O Iepha-MG promoveu ação de escuta do grupo junto à gestão municipal, à Polícia Civil e Militar e Ministério Público de Minas Gerais. Os órgãos têm reunidos esforços para tomar as medidas cabíveis de responsabilização dos infratores.

Esse tipo de ação demonstra a necessidade de ações articuladas entre diferentes setores governamentais, bem como da sociedade civil para a salvaguarda desse bem. Torna-se fundamental compreender as Celebrações do Rosário em sua totalidade, observando os saberes que a constituem, as matrizes que a consolidam, bem como as dificuldades estruturais que se apresentam para sua continuidade, devendo portanto o enfrentamento ao racismo e ao racismo religioso ser encarado como um política primordial de salvaguarda dessas manifestações culturais.

*Ora, viva a liberdade
Cativero já acabô
Mas ainda nos falta igualdade
De nego para sinhô*

4. REINADOS E CONGADOS EM MINAS GERAIS: UM OLHAR SOBRE OS CADASTROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Os Cadastros do Patrimônio Cultural constituem uma etapa inicial das ações de identificação e pesquisa realizadas pelo Iepha-MG para a execução das políticas de reconhecimento e de salvaguarda do patrimônio cultural mineiro.²³¹ O levantamento de dados sobre os bens culturais em estudo de abrangência estadual ou regional é realizado por meio de formulários de pesquisa disponibilizados no sítio eletrônico do Instituto, permitindo a localização e a compreensão de seus aspectos caracterizadores.²³² Os formulários podem ser respondidos pelos próprios detentores ou pelas prefeituras municipais, por meio de uma adesão às políticas públicas estaduais articulada a partir do mecanismo de pontuação do Programa ICMS Patrimônio Cultural, instituído pela Lei 18.030/2009²³³. A elaboração dos Cadastros do Patrimônio Cultural se realiza numa construção coletiva entre as equipes técnicas da Diretoria de Proteção e Memória do Iepha-MG, representantes dos grupos detentores mobilizados e especialistas nos temas pesquisados.

Em maio de 2021, como parte dos estudos técnicos realizados pelo Iepha-MG para o Registro Estadual dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais* foi disponibilizado no sítio eletrônico institucional o formulário específico para que as guardas de Reinados e Congados pudessem ser identificadas. O formulário foi construído a partir de três partes estruturantes, sendo a primeira de identificação do respondente, seja ele o detentor representante do reinado ou congado ou da prefeitura, perante autorização do responsável pelo grupo detentor. A segunda parte buscou levantar informações para a descrição dos Reinados ou Congados, com perguntas relacionadas a como os grupos se estruturam, sua composição, os elementos de devoção, as celebrações e as materialidades

²³¹ Essa ferramenta metodológica vem sendo utilizada pelo Instituto desde as pesquisas realizadas no âmbito da instrução do processo de registro estadual das Folias de Minas, em 2015, quando se deu a primeira experiência de pesquisa com o uso dos Cadastros do Patrimônio Cultural.

²³² Ver: <<https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/cadastros-do-patrimonio-imaterial>>. Acesso em 04 mai. 2024.

²³³ Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/LEI/18030/2009/>. Acesso em 02 mai. 2024.





a elas associadas, tais como instrumentos e artefatos cerimoniais. Por fim, a terceira parte perguntava sobre as dificuldades enfrentadas para a manutenção das guardas e as demandas necessárias à salvaguarda.²³⁴

Ainda sobre a concepção do cadastro, foram utilizados três tipos de perguntas no formulário: 1) perguntas fechadas dicotômicas, com duas opções de resposta, “sim” ou “não”; 2) perguntas fechadas de múltipla escolha, com opções predefinidas para seleção de resposta única ou para escolha de várias alternativas. Algumas perguntas de múltipla escolha ofereciam ainda a opção “outros”, com espaço para escrita de resposta aberta; 3) perguntas abertas, de natureza exploratória, permitindo descrição de informações mais detalhadas.

As respostas recebidas integraram uma base de dados que possibilitou a elaboração de análises quantitativas e qualitativas. As perguntas fechadas foram analisadas com métodos estatísticos de análise descritiva. Para as perguntas abertas foi necessária a leitura e interpretação das informações recebidas sobre os contextos apresentados e uma posterior categorização por nomes controlados. Quando a resposta enviada não permitia determinar o dado informado, utilizou-se termos de controle como “não se aplica” ou “não soube responder”. Após a categorização das respostas abertas, foi possível proceder à análise por métodos estatísticos e a distribuição espacial dos dados, quando necessário.

O Cadastro permanece aberto possibilitando um fluxo contínuo de levantamento de informações sobre a localização do bem cultural no estado, seus elementos constituintes e caracterizadores e as demandas dos grupos detentores para sua salvaguarda. Assim, os dados produzidos pelos Cadastros são utilizados pelo Iepha-MG visando, sobretudo, o planejamento, execução e gestão de políticas públicas para a salvaguarda do patrimônio cultural protegido.

²³⁴ Iepha-MG. Cadastros do patrimônio imaterial. Disponível em: <<https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/cadastros-do-patrimonio-imaterial#congados-e-reinados-de-minas-gerais>>. Acesso em 04 mai. 2024.

4.1. Distribuição espacial dos Reinados e Congados de Minas Gerais

No Cadastro dos Reinados e Congados de Minas Gerais foram contabilizados 938 formulários respondidos até 31 de dezembro de 2023, sendo que 900 foram considerados válidos.²³⁵ A partir do universo de formulários válidos, foram analisadas as respostas recebidas e gerada uma representação espacial, refletindo a distribuição dos grupos cadastrados no território do estado de Minas Gerais (Figura 65), que será analisada a seguir.

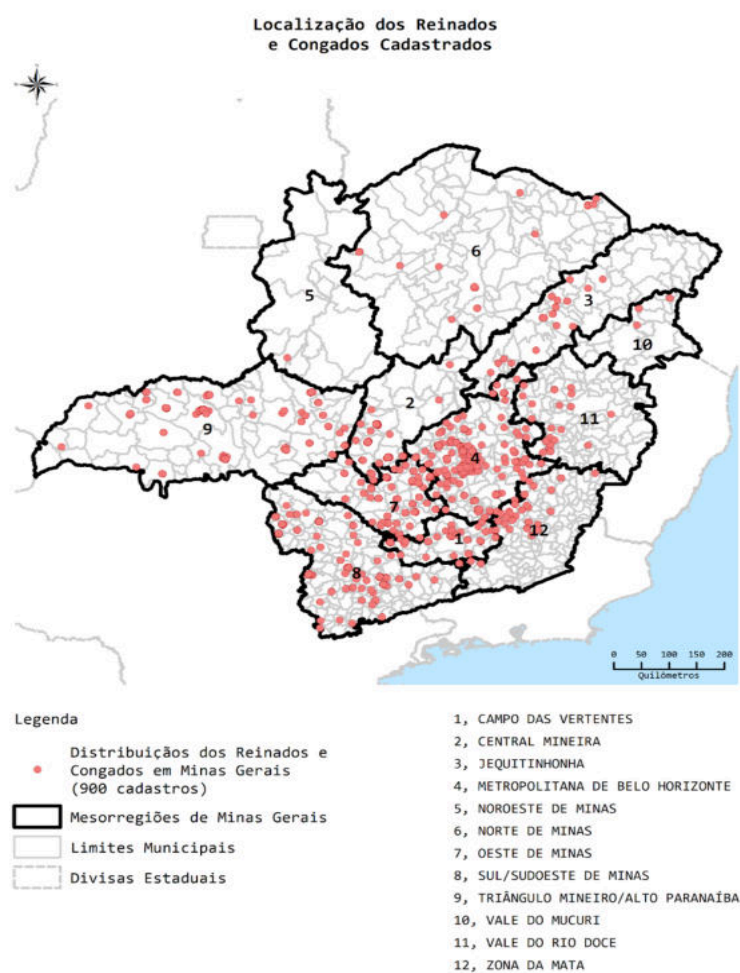


Figura 75 - Localização dos Reinados e Congados cadastrados.

²³⁵ Os formulários invalidados referem-se aos casos de duplicidade de preenchimento ou àqueles com as questões de caracterização sem resposta ou com dados inconsistentes sem possibilidade de validação na checagem ao respondente.



Dos 853 municípios de Minas Gerais, 293 (34%) foram representados por pelo menos um cadastro (Figura 67). Alguns municípios tiveram um número representativo de cadastros de guardas, contando com mais de 10 formulários válidos, sendo eles: Dolores do Indaiá (34 cadastros), Abaeté (28), Uberlândia (25), Belo Horizonte (20), Machado (18), Sabará (17), Pedro Leopoldo (15), São Sebastião do Paraíso (14), Uberaba (14), Lambari (12), Monte Alegre de Minas (12), Itamogi (11) e Ouro Preto (11).

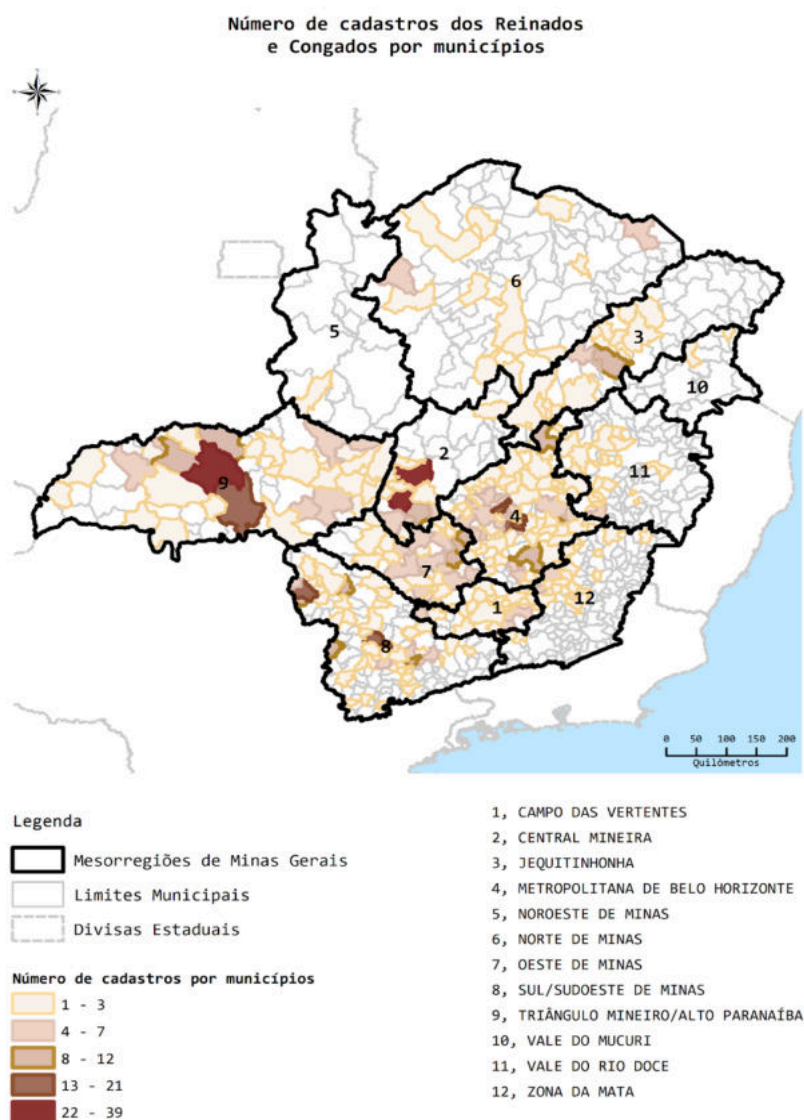


Figura 76 – Número de cadastros por município.

Nota-se que há uma concentração da quantidade de formulários recebidos nas Mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Central Mineira, Sul/Sudoeste de Minas, Oeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (Figuras 68). As regiões Noroeste de Minas e Vale do Mucuri, por sua vez, tiveram pouca representatividade quanto aos cadastros enviados. A consideração desses dados é de extrema relevância para a compreensão da dinâmica de difusão da prática ao longo do tempo e espaço. Conforme já explicitado em capítulos anteriores, as Celebrações do Rosário ocorrem no território mineiro desde antes mesmo da instituição de Minas Gerais como limite político-administrativo. Sendo assim, considerando-se o estabelecimento inicial da colônia na região central do estado, compreende-se a concentração dos grupos na região. Ainda que existam grupos bastante antigos em outras regiões com menor número de incidência.

Outro ponto relevante para a interpretação desses dados é a adesão municipal à política dos cadastros do patrimônio. Em geral, como mencionado, esses cadastros também são preenchidos pelos gestores municipais, que têm histórico de aproximação com a política estadual de proteção ao patrimônio por meio da estratégia de pontuação do Programa ICMS Patrimônio Cultural. Nessas regiões, estão localizados os municípios com maior pontuação e adesão ao Programa, apresentando sistema municipal de proteção estruturado por meio de arcabouço legal constituído, estrutura organizacional na prefeitura com setores e conselhos de patrimônio, o que tende a possibilitar maior articulação com os detentores do patrimônio cultural.²³⁶ Feita essa contextualização, é importante ressaltar que apesar da baixa incidência de cadastros em uma determinada região ser um fator relevante para caracterizar a espacialização da prática, não podemos sair, de imediato, em defesa da tese da inexistência de grupos neste determinado local. A baixa adesão dos municípios às políticas de proteção do patrimônio e a dificuldade de acesso à informação e aos meios digitais, pode interferir na identificação dos grupos por meio dos cadastros

²³⁶ Com base nos dados dos relatórios de pontuação dos municípios participantes do Programa ICMS Patrimônio Cultural, disponível no site institucional. Ver em: <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoas/icms-patrimonio-cultural#como-est%C3%A1-a-participa%C3%A7%C3%A3o-do-seu-munic%C3%ADpio-no-programa-icms-patrim%C3%B4nio-cultural>. Acesso em 02 mai. 2024.



digitais, sendo importante a criação de estratégias de identificação e de bancos de dados baseados em pesquisa de campo, realizadas através de metodologias participativas, que contribuam na identificação de novos grupos em regiões sub representadas.

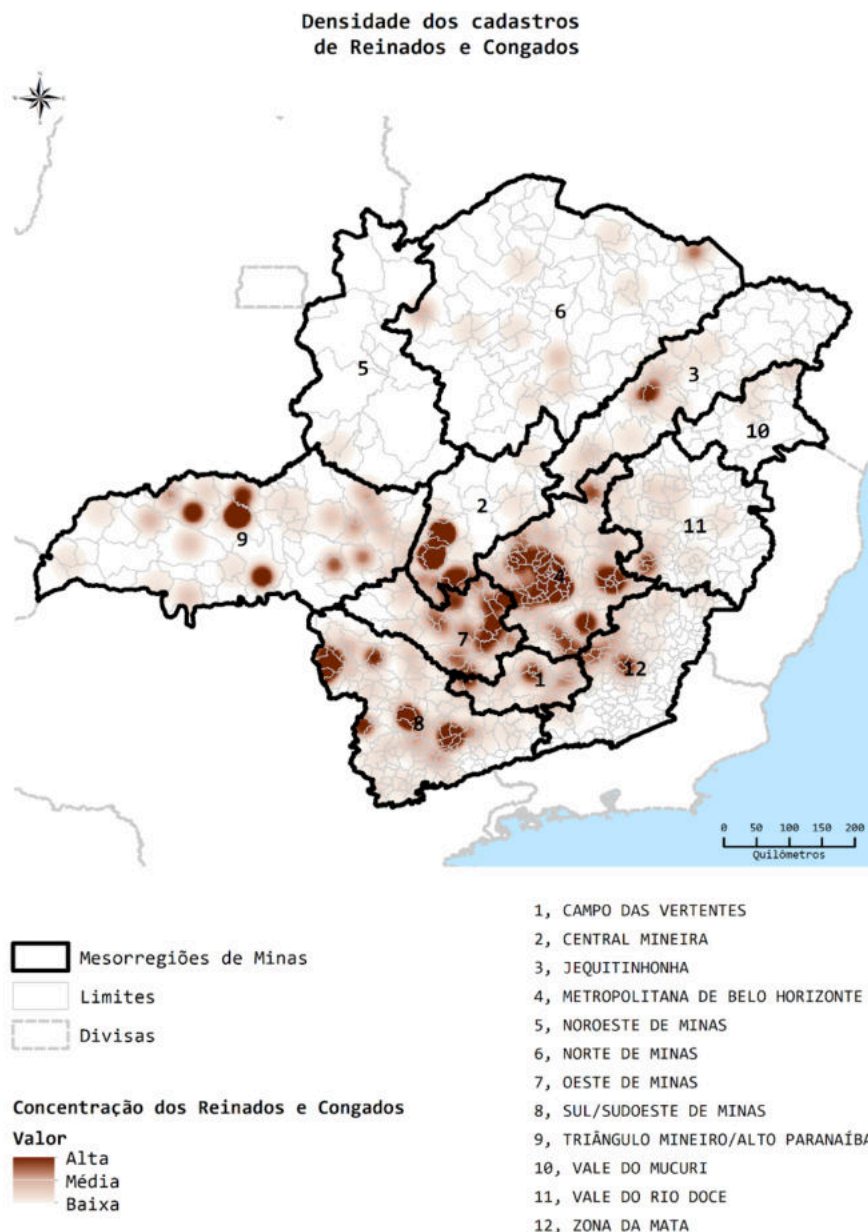


Figura 77 - Densidade de número de cadastros por mesorregião do estado.

Em relação à denominação da manifestação, a maioria expressiva dos grupos respondentes se identificou como Congado (Figura 68), correspondendo a 68% do total de respostas (615 cadastros), enquanto 18% (161 cadastros) responderam que se denominavam como Reinado (Figura 05). As demais respostas (124 cadastros) referiram-se a outras nomenclaturas que incluíam Moçambique, Marujada, Guarda, Terno, dentre outras. Importante também demarcar, que em alguns contextos o termo "Reinado" é associado à Festa e não ao grupo, o que deve ser ponto de atenção ao longo da análise. O Cadastro abriu espaço para a caracterização tanto das festas quanto dos grupos.

Os grupos que se identificaram com a denominação Congado estão localizados majoritariamente nas porções central e sul do estado, concentrando-se nas Mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Central Mineira, Sul/Sudoeste de Minas, Oeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Campo das Vertentes e a noroeste da região Zona da Mata. Contudo, há grupos com essa identificação na porção norte de Minas Gerais, em especial nas Mesorregiões Jequitinhonha e Norte de Minas.



Distribuição dos cadastros de Congados em Minas Gerais

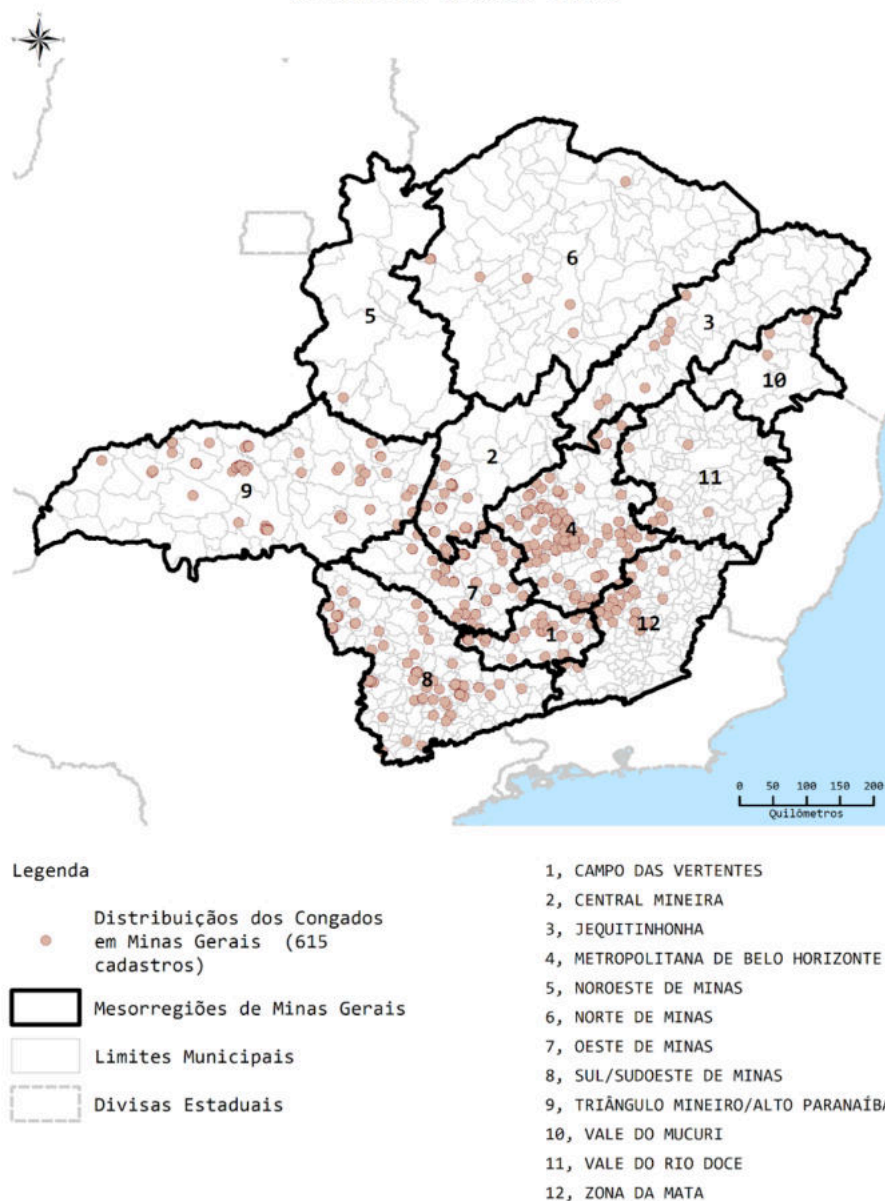


Figura 78 – Distribuição dos grupos que se denominaram como “Congados”.

Os grupos identificados como Reinados, por sua vez, estão concentrados nas Mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Oeste de Minas. (Figura 79). Os grupos com outras denominações estão dispersos em todo o território mineiro, com exceção das

Mesorregiões Noroeste de Minas e Vale do Mucuri, com baixa incidência de grupos cadastrados (Figura 80).

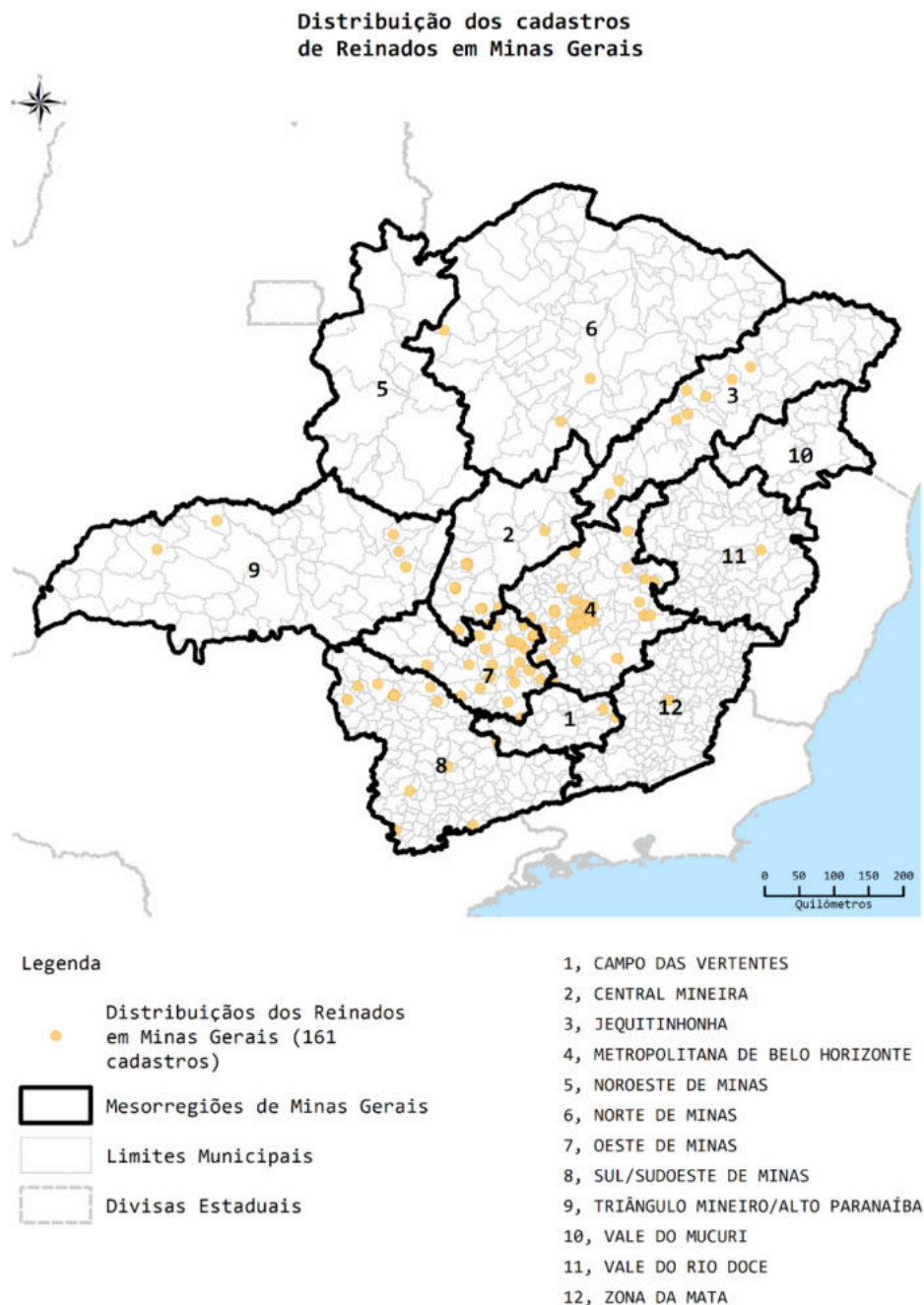


Figura 79 – Distribuição dos grupos que se denominaram como “Reinados”.



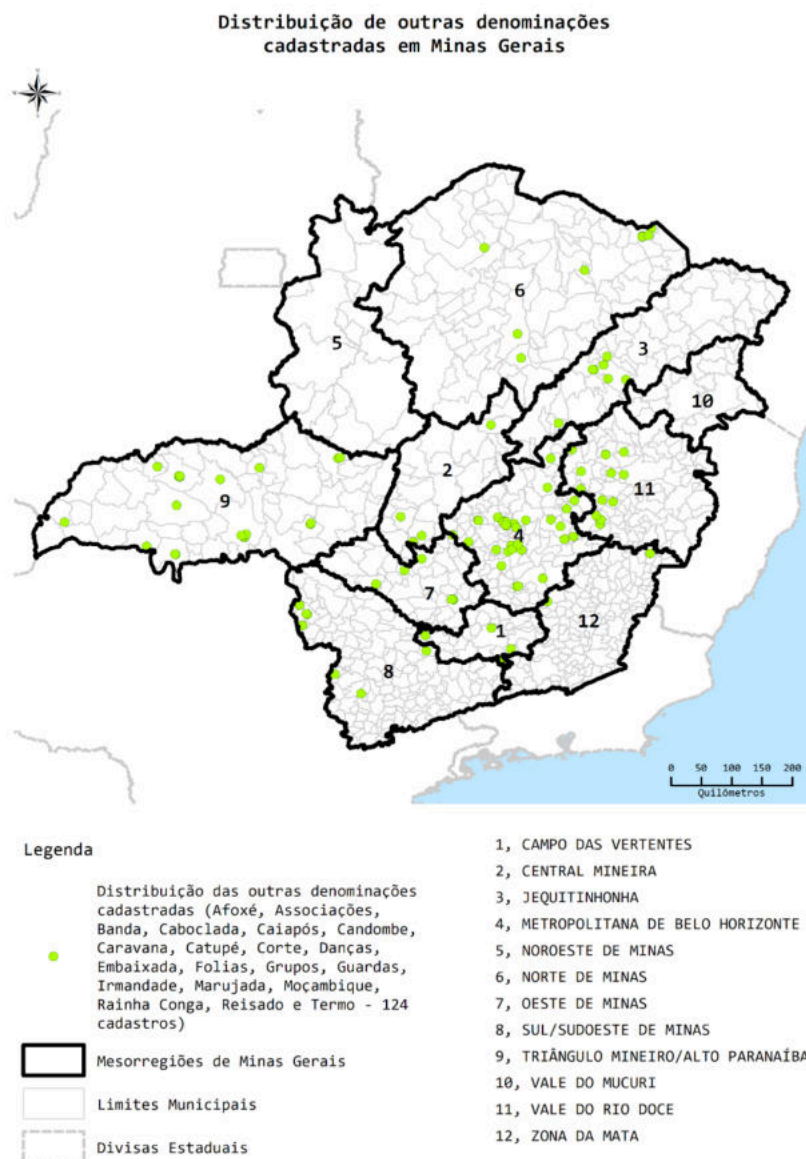


Figura 80 - Distribuição dos grupos com denominações diferentes de “Reinado” e “Congado”

No que se refere à denominação de cada grupo, há um predomínio da identificação com os termos Guardas ou Ternos, conforme se mostra no gráfico da Figura 06.

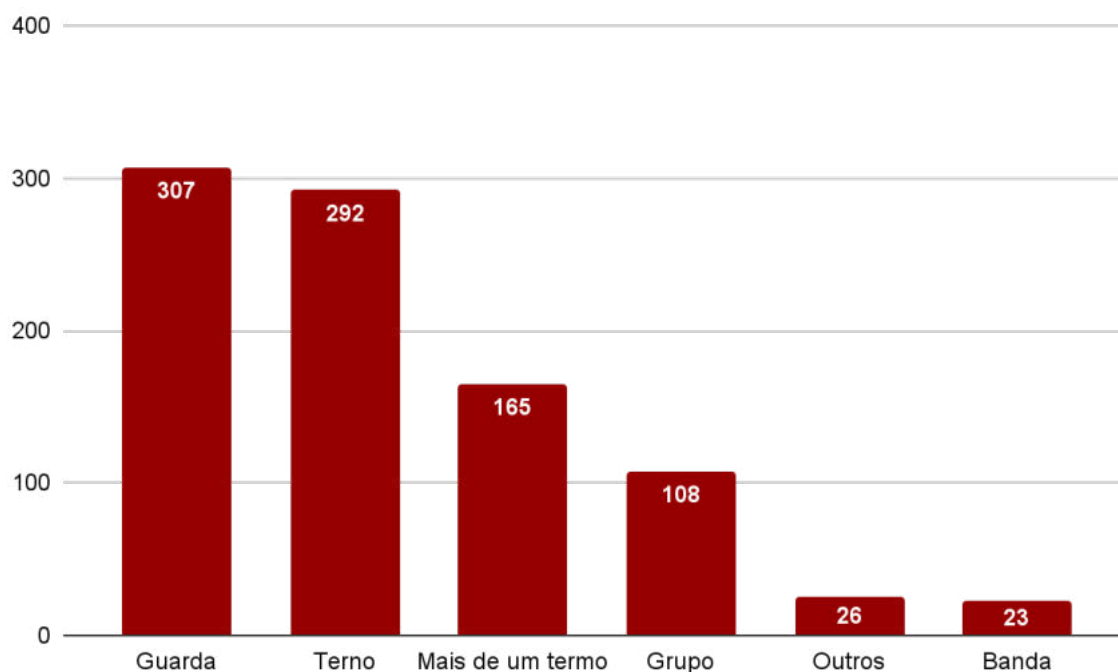


Figura 81 - Como os grupos de Reinados e Congados se denominam

*Na gaiola tem um sabiá
Na janela tem um tico-tico,
Esse Guarda é de Nossa Senhora
Esse Terno é de São Benedito.*

4.2. Antiguidade dos Reinados e Congados

Quanto à data de criação dos grupos de Reinados e Congados, em apenas 53% dos cadastros válidos essa pergunta foi respondida. Dentre esses cadastros, os registros mais antigos remontam ao século XVIII, sendo que os cinco grupos cadastrados que foram criados nesse período estão localizados nos municípios de Ouro Preto, Serro, Conceição do Mato Dentro, Santana dos Montes e Carmo do Cajuru (Figura 07).





A análise individualizada desses grupos com data de criação atribuída ao século XVIII abarcam dados relevantes para análise. Os cadastros que informam as datas mais antigas estão em Ouro Preto, com um grupo informando a data de origem em 1715; Serro, com grupos informando data de origem em 1716, e Conceição do Mato Dentro, com um grupo relatando data de origem em 1722. Todos esses municípios estão localizados na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. O último município a apresentar um grupo com data de criação no século XVIII é Carmo do Cajuru, com um grupo surgido em 1776, ou seja, já na segunda metade do século. O município está localizado na Mesorregião Oeste de Minas, em área limítrofe à Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, indicando o começo de uma expansão da expressão cultural para além de sua área de concentração geográfica inicial, expansão essa que é consolidada no decorrer do século XIX.

A concentração na atual Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte dos municípios que informaram data mais antiga para o surgimento de suas guardas ou ternos permite inferir uma possível relação do surgimento das Celebrações do Rosário em Minas Gerais com a ocupação urbana no território mineiro relacionada à atividade colonial mineradora. Tal indício pode ser atribuído à proximidade com a primeira capital da Capitania de Minas Gerais, Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, atual município de Ouro Preto, situada na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. Esse dado pode fortalecer, ou ao menos justificar, a difusão de uma narrativa para a qual o bem cultural teria sua origem em Minas Gerais em Ouro Preto/Vila Rica, sobretudo a partir das narrativas míticas relacionadas a Chico Rei. A história de Galanga Chico Rei teria ocorrido na região de Vila Rica durante o século XVIII e compõe uma narrativa de origem de diversas guardas e ternos de Reinados e Congados. Estes identificam, na corte criada no Brasil por Chico Rei – um rei africano escravizado no Brasil e que teria conseguido comprar sua liberdade, de seus familiares e de seus súditos –, a origem dos Reinados mineiros.

Nos dados obtidos através do Cadastro, na questão “Descreva brevemente o histórico do Reinado e Congado”, ao menos 11 respostas atribuíam ou associavam as guardas à narrativa do reinado de Chico Rei. Dessas 11 respostas, 6 eram identificadas,

conforme a resposta à questão “Como se denominam”, como Congados, 4 como Reinados e 1 como Moçambique. Esses cadastros estão localizados nos municípios de Ouro Preto (4 grupos), Itapecerica (2 grupos), Guapé, Sete Lagoas, Paraopeba, São Domingos do Prata e Vespasiano – todos eles localizados na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, exceto Itapecerica (Oeste de Minas) e Guapé (Sul/Sudoeste de Minas). O cadastro realizado acerca do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, do município Ouro Preto, por exemplo, aponta sobre sua origem:

Remonta ao tempo de Chico Rei, que teria se casado na Igreja de Santa Efigênia em um dia 06 de janeiro de meados do século XVIII. (...) Ela foi introduzida em Ouro Preto pela corte de Chico Rei, e conta-se que daqui o costume se espalhou para todo o estado.²³⁷

Outra inferência que se pode fazer a partir dos dados levantados no cadastro é que nas Mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Oeste de Minas, além de estarem concentrados os grupos mais antigos, também estão concentrados os grupos que se autodenominam “Reinados”, possivelmente pela influência dos primeiros grupos formados nessas regiões.

²³⁷ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.



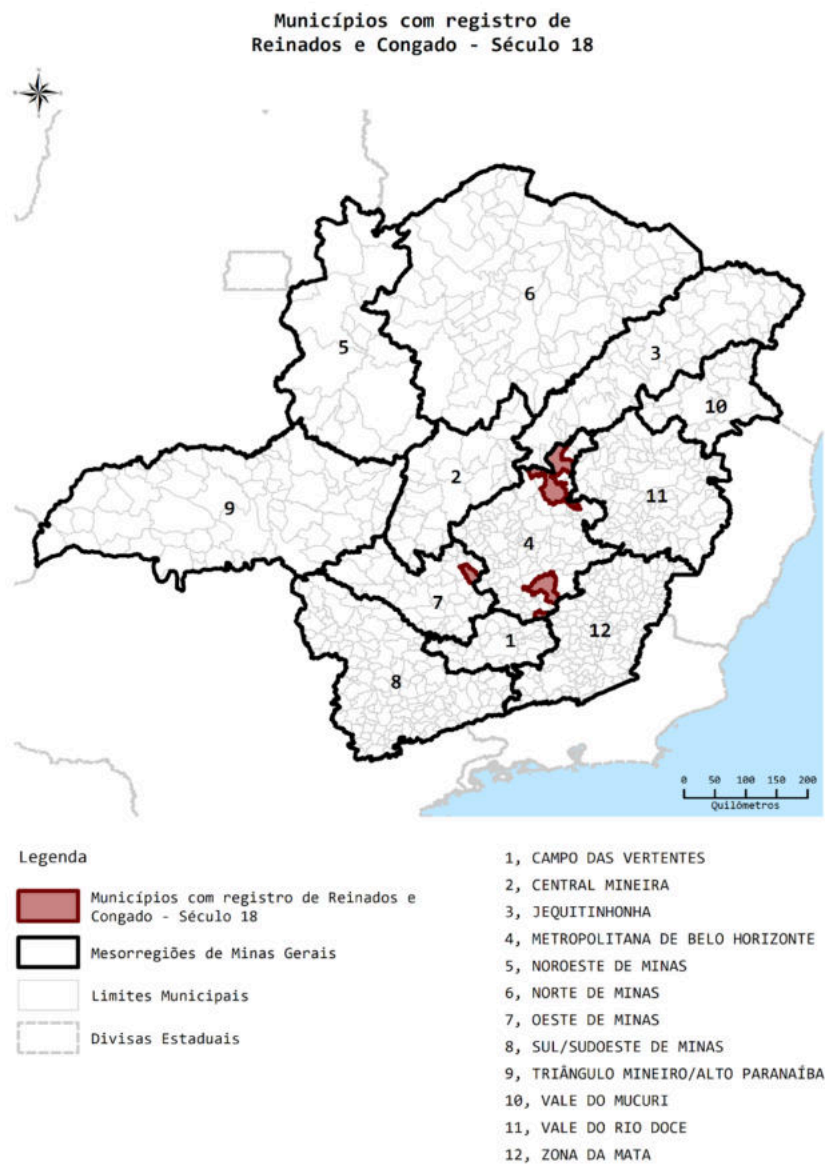
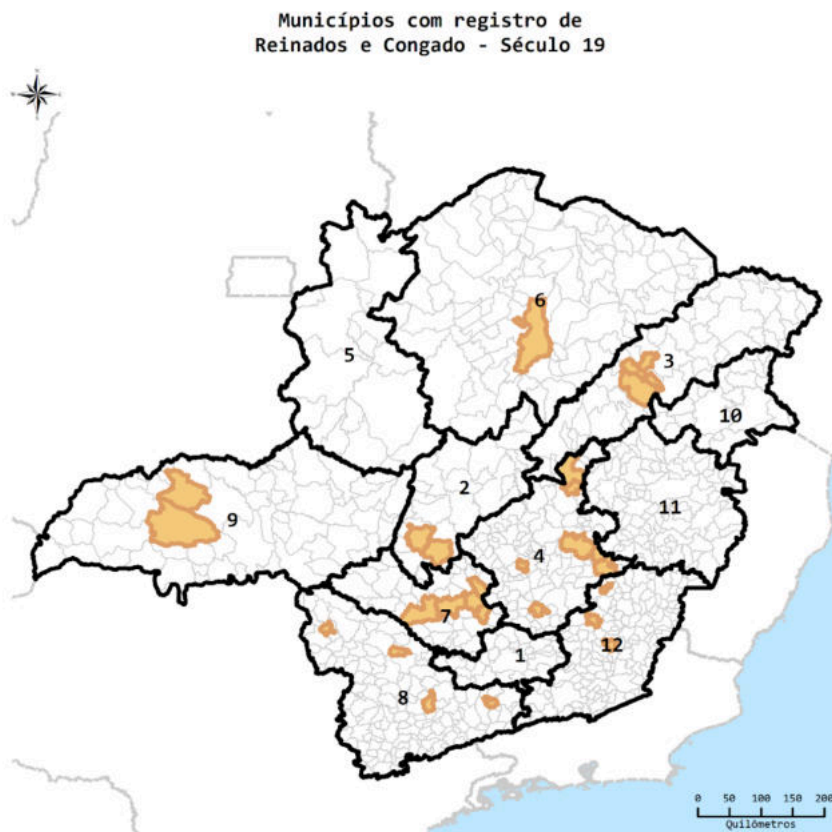






Figura 82 – Grupos com data de criação no século XVIII.

Os grupos com data de criação no século XIX (Figura 74) localizam-se em praticamente todas as Mesorregiões do estado, com exceção do Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce e Noroeste de Minas. Essa dispersão dos grupos no território permite constatar

que no decorrer de um século houve uma difusão dos Reinados e Congados pela maior parte da área de Minas Gerais, abrangendo nove entre as doze mesorregiões que hoje constituem o estado.



Legenda

-  Municípios com registro de Reinados e Congado - Século 19
-  Mesorregiões de Minas Gerais
-  Limites Municipais
-  Divisas Estaduais

- 1, CAMPO DAS VERTENTES
- 2, CENTRAL MINEIRA
- 3, JEQUITINHONHA
- 4, METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE
- 5, NOROESTE DE MINAS
- 6, NORTE DE MINAS
- 7, OESTE DE MINAS
- 8, SUL/SUDOESTE DE MINAS
- 9, TRIÂNGULO MINEIRO/ALTO PARANAÍBA
- 10, VALE DO MUCURI
- 11, VALE DO RIO DOCE
- 12, ZONA DA MATA

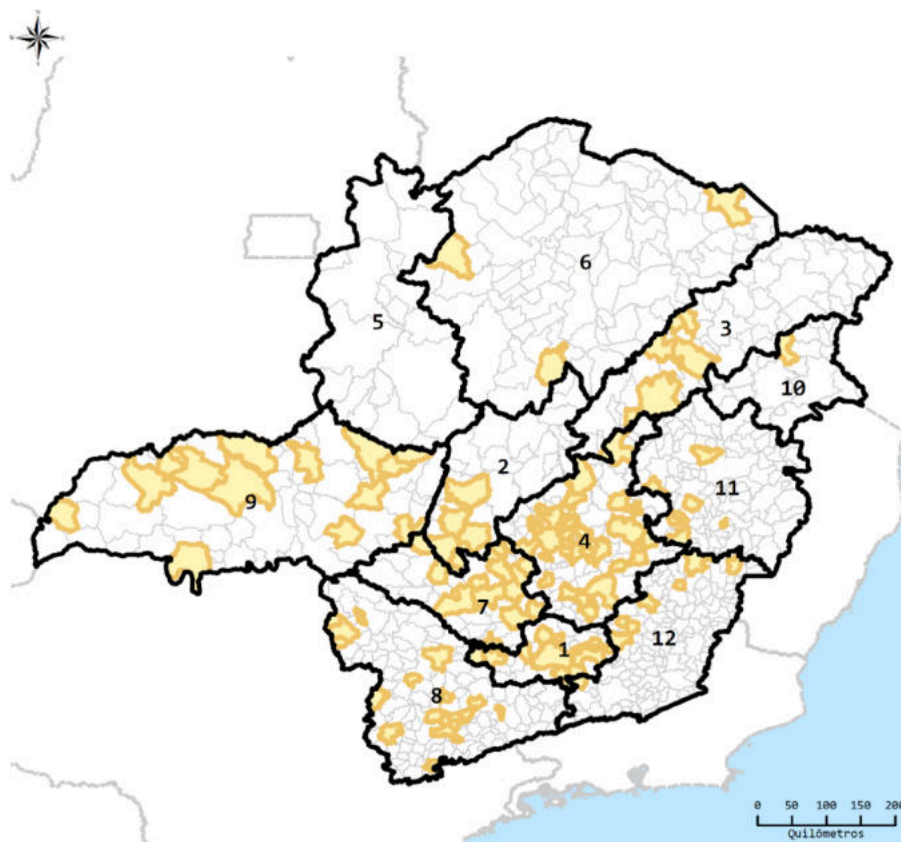








Figura 83 – Municípios com grupos com data de criação no século XIX.

Já os grupos com data de criação no século XX (Figura 75) estão dispersos em todo o território mineiro, exceto no Noroeste de Minas, enquanto os grupos com formação mais recente, datados do século XXI (Figura 76), estão localizados em municípios de todas as mesorregiões, com exceção do Vale do Mucuri.

Municípios com registro de
Reinados e Congado - Século 20



Legenda

-  Municípios com registro de Reinados e Congado - Século 20
-  Mesorregiões de Minas Gerais
-  Limites Municipais
-  Divisas Estaduais

- 1, CAMPO DAS VERTENTES
- 2, CENTRAL MINEIRA
- 3, JEQUITINHONHA
- 4, METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE
- 5, NOROESTE DE MINAS
- 6, NORTE DE MINAS
- 7, OESTE DE MINAS
- 8, SUL/SUDOESTE DE MINAS
- 9, TRIÂNGULO MINEIRO/ALTO PARANAÍBA
- 10, VALE DO MUCURI
- 11, VALE DO RIO DOCE
- 12, ZONA DA MATA



Figura 84 – Grupos com data de criação no século XX.

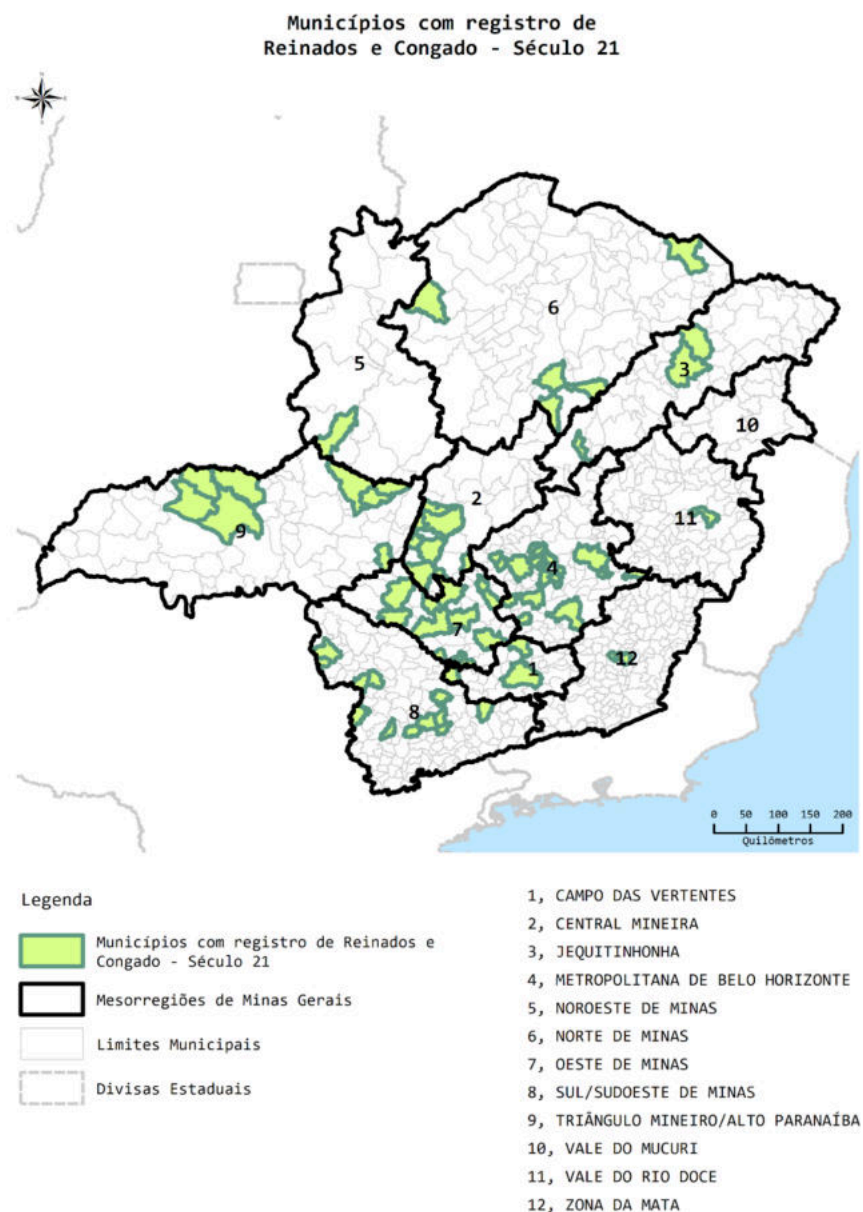


Figura 85 – Grupos com data de criação no século XXI.

Conforme exposto nos mapas da distribuição dos grupos por data de criação, entre os indicativos identificados nas respostas aos Cadastros do Patrimônio Cultural, destaca-se o contínuo crescimento de grupos a cada século, particularmente os que informaram data

de surgimento no período entre os séculos XX e XXI, após a abolição da escravidão e a proclamação da República.

Os dados preenchidos quanto à data de criação das guardas e ternos indicam 6 respostas localizadas no decorrer do século XVIII. Durante todo o século XIX, esse número cresce, sendo encontradas 40 respostas. No decorrer do século XX, no entanto, constam 278 respostas indicando data de criação. A expansão contínua é perceptível quando os dados do século XX são divididos em quartéis. Sabe-se, entretanto, que a documentação da memória dos povos negros é sistemática e estruturalmente negligenciada, o que pode explicar a ausência de dados sobre a data da criação dos grupos, ou seja, muitos detentores, provavelmente não possuem acesso a documentos que comprovem a data de origem de seus grupos.

O primeiro quartel do século XX, entre 1901 e 1925, apresenta o surgimento de 43 guardas ou ternos. Entre 1926 e 1950, o segundo quartel, 58 grupos localizaram sua data de criação. No terceiro quartel, entre 1951 e 1975, 87 cadastros apresentaram sua data de origem, um expressivo aumento (29 respostas a mais) em relação aos surgidos no quartel anterior do século. No último quartel do século XX, entre 1976 e 2000, o número de respostas sobe para 91. Por fim, no primeiro quartel do século XXI, entre 2001 e dezembro de 2023, 133 grupos informaram a sua data de surgimento. Esses números indicam que, apesar dos desafios enfrentados, a celebração apresenta vigorosa continuidade.



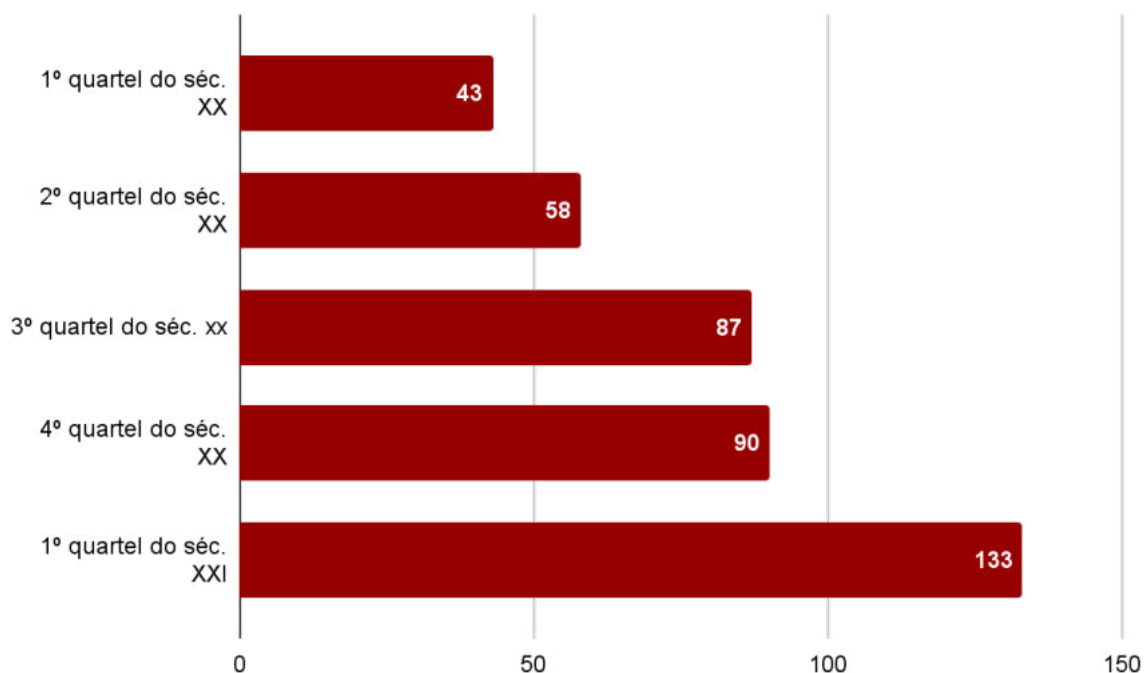


Figura 86 – Data de criação dos grupos de reinado e congado nos séculos XX e XXI

O salto do número de cadastros de grupos surgidos a partir dos anos 2000, em relação aos recortes temporais anteriores, pode ser justificado por inúmeros fatores e trata-se de uma informação limitada, tendo em vista que se refere àqueles grupos que foram inscritos nos Cadastros de Reinados e Congados de Minas Gerais. Embora não seja um dado que reflita a totalidade do bem cultural no estado, fornece um indicativo sobre a força das Celebrações do Rosário em Minas Gerais.

Contudo, é possível inferir que um elemento que exibe a força da celebração, ao mesmo tempo em que estimula a sua continuidade, é a ação de patrimonialização do Bem Cultural. Conforme o acervo de dossiês de registro municipais enviados ao Iepha-MG até o ano de 2022 devido ao Programa ICMS Patrimônio Cultural, constam 139 grupos, guardas, bandas, Irmandades ou associações de Congado, Reinado, Congo, Catupé, Moçambique ou Caboclinhos, e festas em honra à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito ou Santa

Efigênia, registrados no âmbito municipal, perpassando um total de 129 municípios mineiros.

Os registros de patrimônio cultural imaterial apresentam a identificação do bem cultural registrado, sua caracterização e o compromisso com a continuidade do bem, a partir das ações de salvaguarda. O expressivo número de respostas ao Cadastro de Reinados e Congados em Minas Gerais no século XXI, ao coincidir com o surgimento das ações municipais de registro, fornece indícios que a resistência secular dos grupos, ao garantir a continuidade da celebração, adquire maior força quando valorizada pelo Poder Público.

*Estrada que vai e vem
Estrada que vem e vai,
Estrada que passou o filho
Estrada que passa o pai.*

*Só não passa
Essa saudade,
Que do meu peito
Não Sai.*



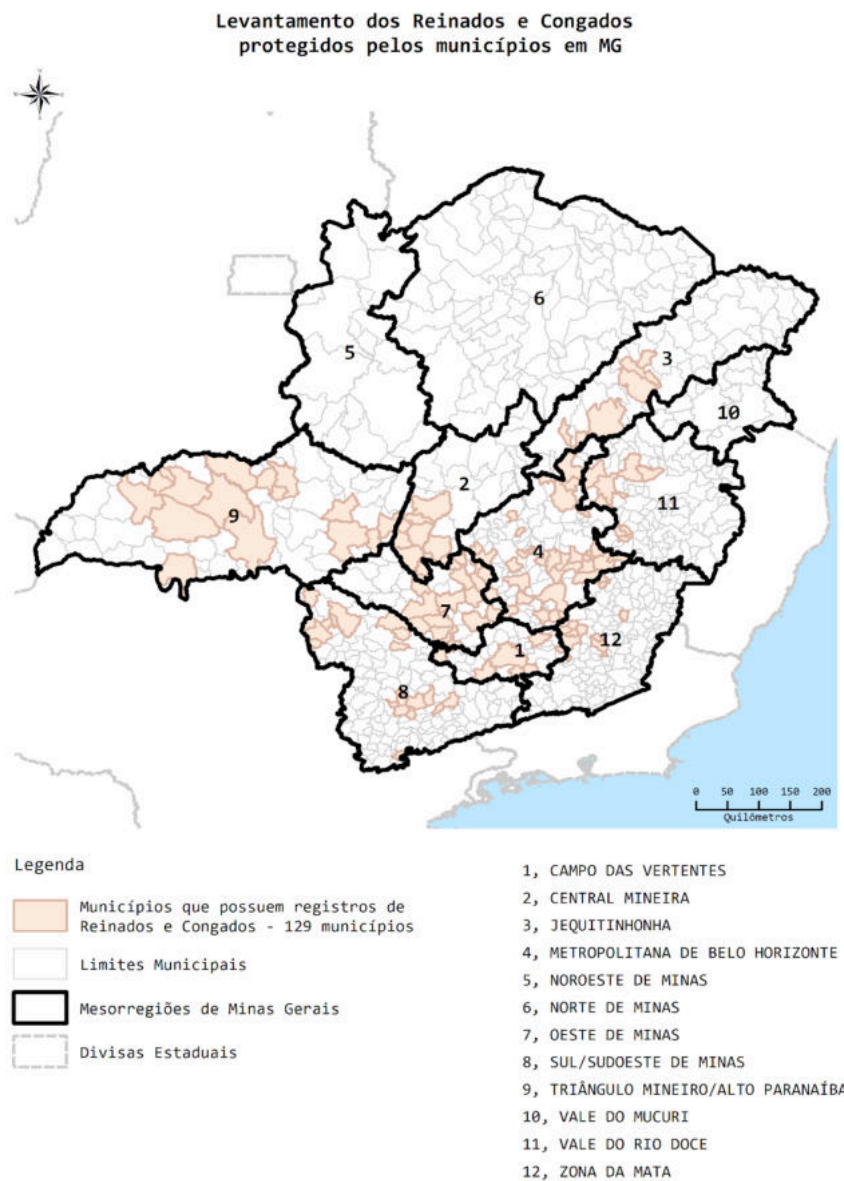


Figura 87 – Levantamento de reinados e congados com reconhecimento municipal como Patrimônio Cultural.

4.3. Elementos constituintes dos Reinados e Congados de Minas Gerais

A partir do universo de formulários considerados válidos foi possível identificar elementos diversos que compõem as materialidades e imaterialidades constituintes dos Reinados e Congados nas diversas regiões do estado. Partimos da identificação dos santos

de devoção, dos períodos festivos, das cerimônias que compõem as festas, dos instrumentos musicais e artefatos cerimoniais como elementos significativos para a compreensão das guardas e de suas festividades.

4.3.1 Os Santos de Devoção

*Por que será, por que será?
Por que será?
Que Nossa Senhora
Mandou me chama.*

A questão “Qual (is) santo(s) de devoção” presente no Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais trazia oito opções de preenchimento, com possibilidade de marcação de múltiplas respostas. As opções dos santos de devoção eram: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Sebastião, São Elesbão, Santo Antônio e São Jorge, além de um campo aberto, na opção “outros”.

A maior ocorrência de devoção identificada foi a Nossa Senhora do Rosário, que apareceu em 85% dos cadastros válidos. Se, por um lado, o dado corrobora o predomínio de devoção à aparição mariana associada ao objeto sagrado Rosário, por outro, indica que 134 dos cadastros se apresentam a partir de outras devoções, sem referenciar a Nossa Senhora do Rosário, o que aponta para a diversidade de significados e referências ritualísticas que compõem o bem cultural. Os outros santos de maior devoção explicitada seguiram a ordem elencada nas opções do cadastro: São Benedito, com 627 ocorrências cadastradas, e Santa Efigênia, com 507 ocorrências.

Dado o exposto, é possível considerar, a partir dos dados do cadastro, que há uma tríade devocional hegemônica nos congados em Minas Gerais centrada nessas três figuras: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Além dessa hegemonia da tríade devocional, outras duas figuras listadas na sequência do cadastro prosseguiram com a indicação de maior incidência de devoção: Nossa Senhora das Mercês e São Sebastião.





Contudo, a partir da sexta figura de maior incidência, torna-se perceptível a maior diversificação possibilitada pela opção “outros” como campo aberto.

Após a tríade destacada, portanto, as figuras de maior recorrência foram Nossa Senhora das Mercês, com 117 respostas, e São Sebastião, com 101. A seguir, na sexta colocação nas ocorrências, surge Nossa Senhora Aparecida, que não estava nas opções previamente apontadas no cadastro, e constou em 84 respostas. Em seguida na ordem de incidência, retomam as figuras assinaladas nas opções do cadastro (exceto São Elesbão), Santo Antônio, com 76; e São Jorge, com 75 respostas. Outras figuras apareceram com recorrência menor que em 50 respostas, mas demonstram a pluralidade ressaltada pela opção “outros”, como Espírito Santo (ou Divino Espírito Santo), em 32 respostas; São Domingos, em 23; Santos Reis, em 17; Santa Catarina, em 15; Santa Isabel, São Pedro e São Gerônimo, os três aparecendo em 13 respostas; e Santa Luzia, em 11. Outras 55 figuras de devoção apareceram nos cadastros válidos em 10 ou menos ocorrências, sendo que a maioria constou em apenas uma ocorrência (22 casos).²³⁸ Entre os que apareceram em 10 respostas dos cadastros válidos, consta a figura de São Elesbão, a de menor recorrência entre as opções previamente indicadas pelas opções do cadastro.

²³⁸ Nossa Senhora de Sant'Ana, São Cosme e São Damião, São Elesbão, São José, Nossa Senhora da Guia, Divino Pai Eterno, São Geraldo, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Conceição, São João, São Miguel Arcanjo, São João Batista, São Lázaro, Nossa Senhora da Saúde, Santa Cruz, Nossa Senhora das Graças, Santo Expedito, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora Imaculada Conceição, Princesa Isabel, Reis Magos, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Luz, São Vicente de Paula, São Domingos de Gusmão, Nossa Senhora dos Navegantes, São Francisco (um deles "de Paula"), São João Evangelista, São José Operário, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santa Rita, São Roque, Nhá-Chica, Nosso Senhor da Boa Vida, Nossa Senhora da Abadia, São Gonçalo, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora D'Ajuda, Santa Clara, Rainha da Paz, Santa Filomena, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora do Carmo, Folias de Reis, Festas do Divino, Escrava Anastácia, Escrava Feliciano, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Nossa Senhora do Pilar, Senhor do Bonfim, Senhora Menino, São Tomás de Aquino, Beato Padre Victor, Reinado Laico

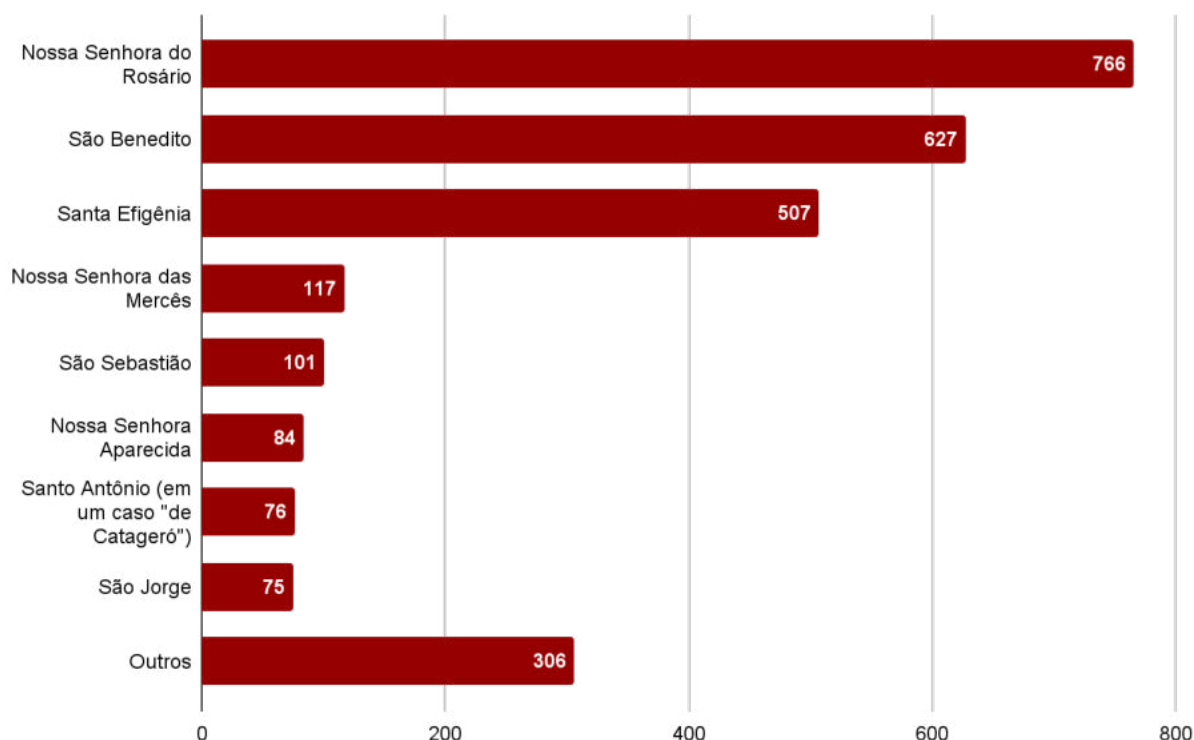


Figura 88 - Santos de devoção declarados no cadastro

As indicações de devoção caracterizam uma dimensão de relevância central para uma celebração religiosa, como o bem cultural Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais. De tal forma, a tríade devocional de maior recorrência nas respostas aos cadastros, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, merece um maior detalhamento, dada a sua correlação com o histórico do bem cultural.

Conforme ressaltado no histórico deste dossiê, na tradição da religiosidade católica, o rosário refere-se a uma corrente com contas ou nós, comumente associado à devoção mariana. Em 1214 a Igreja Católica reconheceu o rosário que, na narrativa católica, foi recebido por São Domingos de Gusmão, por intervenção da Virgem Maria, como um recurso a ser utilizado para a conversão de “infiéis”. A essa aparição foi atribuído o título mariano de Nossa Senhora do Rosário. Em 1571, o Papa Pio V recomendou o uso do rosário na Batalha de Lepanto, que contrapôs exércitos de reinos cristãos contra o Império Otomano, então em expansão na Europa Ocidental. A vitória cristã, ocorrida em 07 de outubro de 1571, teria sido comunicada a Pio V por outra aparição mariana, de modo que o





Papa instituiu para a data da vitória a Festa de Nossa Senhora da Batalha, a ser celebrada em toda igreja na qual houvesse um altar de Nossa Senhora do Rosário. Já em 1573, o Papa Gregório XIII alterou a celebração para a Festa de Nossa Senhora do Rosário, demarcando, assim, a data de devoção (Iepha-MG, 2014, p. 109)

No Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais constam 23 registros de grupos que informaram devoção a São Domingos de Gusmão (na maior parte das respostas, 21 das 23, apareceu como São Domingos) nos seguintes municípios: Abaeté (3 grupos), Betim, Candeias, Nazareno, São Tomás de Aquino, São Sebastião do Paraíso (13 grupos) e Uberlândia. Os cadastros são predominantemente de guardas surgidas a partir da segunda metade do século XX, exceto, por exemplo, em Abaeté, município localizado na Mesorregião Central Mineira, onde um dos grupos, emblematicamente intitulado “Catupé de São Domingos”, apresenta a informação “surgiu na época da escravidão”. No histórico cadastrado para o grupo “Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário de São Domingos do Prata”, surgido nos anos 1950 no município São Domingos do Prata, localizado na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, há uma síntese da narrativa cristã sobre São Domingos de Gusmão, o culto ao Rosário e a Batalha de Lepanto, corroborando com o histórico desta manifestação cultural.

A conexão com São Domingos de Gusmão, embora de menor ocorrência entre as respostas do cadastro para os santos de devoção, é relevante para apresentar a Nossa Senhora do Rosário, aparição mariana associada a esse santo e a figura de maior recorrência nas respostas do cadastro. O culto a essa aparição mariana é central para a narrativa de origem compartilhada pelos grupos congadeiros/reinadeiros que, com poucas variações entre os grupos, pode ser apresentada a partir de um trecho do histórico preenchido pelo grupo “Massambique de Nossa Senhora das Mercês”, de Carmópolis de Minas, município localizado na Mesorregião Oeste de Minas, redigido a partir da pesquisa do historiador Antenor de Castro, em seu livro Carmópolis de Minas – sua história e suas histórias, de 1974, publicado em Belo Horizonte:

Segundo a tradição do reinado mineiro, Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar e os que a viram quiseram levá-la a uma capela, onde pudessem cultuá-la. Porém, quando as bandas de música dos brancos tocaram para levar a santa à capela, ela retornou ao mar. Vários grupos de negros com seus tambores fizeram o mesmo. A santa atendeu somente aos apelos de um desses grupos, que tocou seus tambores no ritmo do Moçambique (referência a um dos reinos africanos), o que fez Moçambique tornar-se o grupo de maior importância na maioria dos reinados mineiros, que são mais de trezentos.²³⁹

A narrativa de origem citada é recorrente em toda a bibliografia consultada durante a construção deste dossiê, assim como aparece, com poucas e pontuais alterações, nos cadastros que informaram suas mitologias de origem. Explica-se, assim, a ocorrência hegemônica do culto a Nossa Senhora do Rosário nas repostas à pergunta dos “Santos de Devoção” nos cadastros, posto que a aparição mariana surgida diante dos grupos de pessoas negras escravizadas - e que teria aceitado sair das águas apenas com um dos grupos formados por essas pessoas negras - foi a que havia aparecido diante de São Domingos de Gusmão. Em alguns festejos de Reinados e Congados, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte – bem cultural registrado na esfera estadual em 2013 – faz parte do rito religioso a “Buscada da Santa”, momento no qual é reproduzida a narrativa de origem.

O culto a Nossa Senhora do Rosário surge como primordial para as Celebrações do Rosário em associação à narrativa de origem da tradição. Porém, a devoção a tal aparição mariana também possibilita uma conexão com a condição de escravizado e o desejo pela libertação de tal situação. Conforme apontado por Jeremias Brasileiro (2001), ao retratar a narrativa da adoção do Rosário pelos cristãos a partir de São Domingos de Gusmão:

A essa devoção também foi atribuída a libertação de milhares de escravos cristãos que se encontravam escravizados pelos muçulmanos. Daí provavelmente o mito de que Nossa Senhora do Rosário se transformasse na protetora dos escravos.²⁴⁰

²³⁹ CASTRO, Antenor. Carmópolis de Minas – sua história e suas histórias, 1974, p. 96-98.

²⁴⁰ BRASILEIRO, Jeremias. *O Ressoar dos Tambores do Congado - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas* (1955 - 2011). Dissertação (História). 2012. Universidade Federal de Uberlândia. p. 58.





Já os cultos a São Benedito e Santa Efigênia, que completam a tríade devocional hegemônica associada ao bem cultural, conforme identificado através dos cadastros, podem ter sua recorrência nas respostas associada ao fato de serem santos negros e à biografia de tais figuras. Segundo artigo do historiador Anderson José Machado de Oliveira (2006), entre os séculos XVII e XVIII a Igreja intensificou o interesse na conversão da população escravizada e contou, sobretudo, com a atuação das ordens religiosas de franciscanos e carmelitas “na promoção de santos pretos, que deveriam funcionar como exemplos de virtudes cristãs para os africanos e seus descendentes (Oliveira, 2006).”²⁴¹

No cenário de promoção de santos negros pelo catolicismo em contexto colonial do Brasil, conforme a dissertação do historiador Alvaci Mendes da Luz (2022), insere-se a recepção à figura de São Benedito no panteão de devoção da população negra. A hagiografia de São Benedito apresenta um homem negro, nascido na ilha de Sicília, na Itália, em 1526, filho de pais escravizados oriundos da Etiópia.

A partir de testemunhos recolhidos, de milagres e prodígios a ele atribuídos, [São Benedito] foi beatificado em 1743, pelo Papa Bento XIV, e canonizado em [24 de maio de] 1807, pelo Papa Pio VII. Foi o primeiro negro declarado santo pela Igreja Católica, e seu processo de canonização seguiu os trâmites mais rigorosos estabelecidos no final do século XVI.²⁴²

Ao mesmo processo de promoção de santos pretos no contexto escravista brasileiro é atribuído, pela historiografia, o culto a Santa Efigênia. Novamente conforme Anderson José Machado de Oliveira (2006), Santa Efigênia, assim como São Elesbão, são oriundos da nobreza etíope e por suas origens africanas e relação com a conversão ao Cristianismo da Etiópia nos primeiros séculos depois de Cristo, foram importantes na identificação de parte da população escravizada com alguns elementos da religião cristã.

Santa Efigênia, assim como Elesbão, pertencia à nobreza. Princesa da Núbia, filha do rei Egyppto, teria se convertido ao cristianismo sendo batizada pelo apóstolo Mateus. Indiferente aos prazeres mundanos e aos

²⁴¹ OLIVEIRA, Anderson J. M. *Devoção e Identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos*. In: TOPOI, Rio de Janeiro, v. 6, n.12, p. 60-115, 2006. p. 61.

²⁴² LUZ, Alvaci Mendes da. *Os negros de São Benedito na Igreja do Convento de São Francisco (São Paulo, 1854-1901): resistência e protagonismo em um território de disputas*. Dissertação (História). 2022. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 53.

requintes da corte, tornou-se religiosa fundando um convento. Após a sua conversão e a morte de seu pai, seu tio – Hitarco – teria usurpado o trono do herdeiro legítimo – Efrônio –, irmão de Efigênia, tentando desposá-la para consolidar o seu poder na Núbia. Efigênia teria se recusado a atender aos intentos do rei usurpador, despertando naquele uma profunda ira. Hitarco ordenou que fosse ateado fogo à habitação religiosa onde vivia Efigênia e as religiosas que ela liderava. O convento foi milagrosamente salvo por intercessão da santa. Efigênia foi também figura importante na recuperação do trono por seu irmão, restabelecendo o bom governo na Núbia com a morte do usurpador. Ainda segundo a narrativa, tanto Elesbão quanto Efigênia teriam abraçado a vida religiosa seguindo a regra carmelitana.²⁴³

Jeremias Brasileiro (2012), contudo, ressalta a hipótese do culto a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia em África e a vinda ao Brasil de africanos que eram cristãos antes da escravização, corroborando uma argumentação do historiador Ubiratan Castro de Araújo:

O Reino do Congo já era cristão desde 1460 e durante duzentos anos esteve em guerra com os colonizadores e o grande “manicongo” só cai em batalha por negar-se a exportar escravos para o Brasil por uma tropa de brasileiros. E essa é a matriz do Reino do Congo que é preservada, portanto, é uma grande mentira, porque escravos foram escravizados enquanto cristãos, e é essa matriz de congo que se proliferou em todo o Brasil através das irmandades de matriz congo e congo angola, buscando preservar a sua fé, apesar da escravidão. Houve negros que mantiveram suas origens e seus santos, como no caso de Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.²⁴⁴

A citação da fala de Ubiratan Castro de Araújo, destacada por Jeremias Brasileiro (2012), fornece indícios para fortalecer as dimensões de caracterização do culto a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia enquanto elementos não apenas associados à cristianização compulsória a que estavam sujeitos os africanos escravizados no Brasil, mas também de uma cristianização anterior. A relação do bem cultural com o Reino

²⁴³ OLIVEIRA, Anderson J. M. Devoção e Identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. In: *TOPOI*, Rio de Janeiro, v. 6, n.12, p. 60-115, 2006. p. 62, 63.

²⁴⁴ ARAÚJO, Ubiratan de Castro. Irmão noviço da Irmandade da venerável ordem terceira de Nossa Senhora dos homens pretos de Salvador – Pelourinho. Palestra realizada no auditório da FIEMG – Federação das Indústrias e Comércio de Minas Gerais - em Uberlândia. 01 abr. 2005. Apud. BRASILEIRO, Jeremias. *O Ressoar dos Tambores do Congado - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 - 2011)*. Dissertação (História). 2012. p. 59.





do Congo é ressaltada por parte da bibliografia (Morais. 2022: 86; Souza. 2002: 261; Fonseca. 2018) e alguns dos cadastros, conforme apontado no histórico deste dossiê. De tal forma, a relação entre o Reino do Congo, as Irmandades religiosas e o culto africano à tríade referenciada, fornece indícios para pensar a expressiva ocorrência dessas três figuras entre os “santos de devoção” nos Cadastros de Reinados e Congados em Minas Gerais.

*Senhora do Rosário
Foi quem me trouxe aqui
A água do mar é santa
Eu vi, eu vi, eu vi.*

4.3.2 A Data da Celebração

No Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais, duas perguntas referenciam os períodos de celebração das festas dos Reinados e Congados, sendo elas “Informe a data de abertura e de encerramento do calendário festivo” e “Informe a data de realização da Festa Grande/Festejo maior”. As respostas indicam que as Festas Grandes dos grupos que aderiram aos cadastros estão predominantemente distribuídas entre cinco meses: maio, julho, agosto, setembro e outubro, que totalizam 77% dos cadastros válidos.

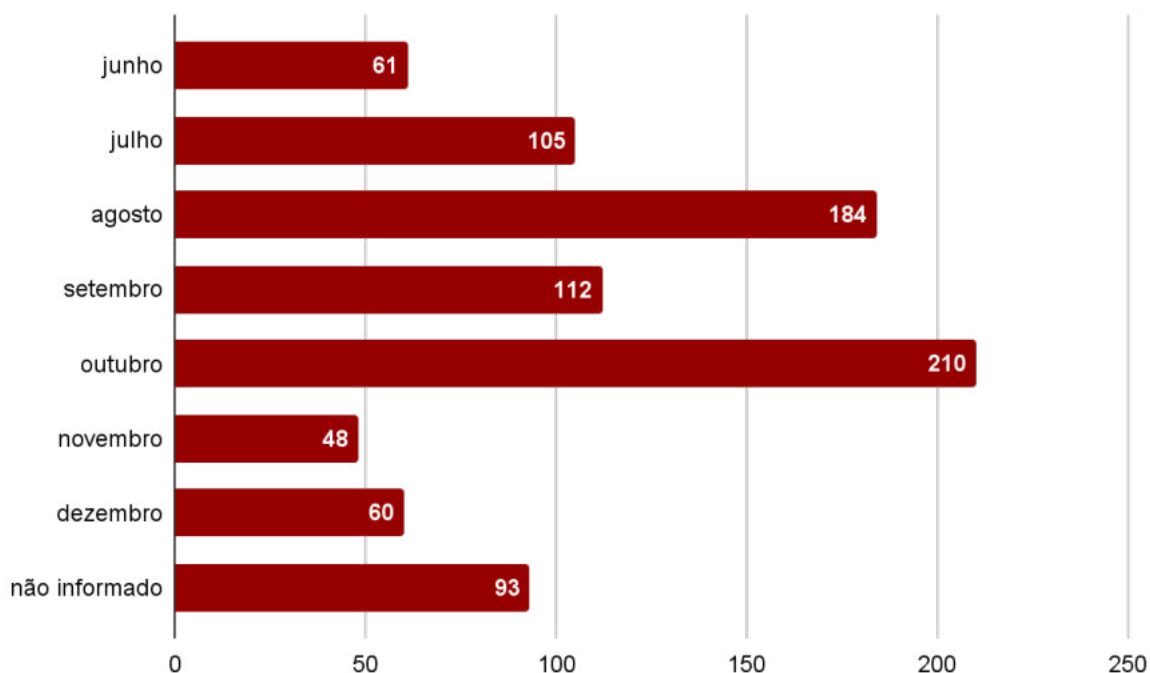


Figura 89 - Mês de realização de festa grande da comunidade

Entre os meses apontados para a ocorrência das denominadas Festas Grandes, há a predominância em outubro. Em geral, o que foi chamado nos Cadastros como “Festa Grande” são festejos marcados pela reunião de muitas guardas ou ternos em torno de uma devoção central. Isso porque a dinâmica de celebração dos grupos pode envolver festas “menores” no que tange a quantidade de guardas visitantes, devoções secundárias ou ainda a territorialidade. Por exemplo, um grupo de certo bairro realiza ali sua festa em devoção ao seu santo de proteção, ao passo que, em uma determinada data, esse grupo se junta a diversos outros grupos para desenvolver conjuntamente, num território de pertencimento em comum, a Festa Grande. Essa celebração, em geral, pode contar com maior estrutura, programação mais intensa, bem como maior número de visitantes.

A recorrência de cadastros apontando a Festa Grande em outubro é compreensível por ser o mês no qual é celebrada, oficialmente, vide calendário católico, a Festa ou dia de Nossa Senhora do Rosário desde 1573, quando a data foi fixada pelo Papa Gregório XIII.





Outubro também é o mês no qual, no Brasil, é celebrado São Benedito (05 de outubro), sendo que, nos demais países o santo é celebrado na data de sua morte, 04 de abril.²⁴⁵ O mês marca, ainda, a devoção à Nossa Senhora Aparecida, santa relacionada a história do povo negro, que conforme mencionado, teve recorrência nos cadastros. Todavia, destaca-se que a incidência das Festas Grandes em outubro não é tão dominante em comparação com as respostas à devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Diante da questão “Qual(is) santos(s) de devoção?”, constou a referência em 766 respostas a Nossa Senhora do Rosário e em 627 a São Benedito; enquanto, diante da pergunta “Informe a data de realização da Festa Grande/Festejo maior”, em 220 houve a resposta de realização no mês de outubro.

Entre os municípios nos quais houve cadastros que informaram a realização da Festa Grande em outubro, destaca-se Uberlândia, localizado na Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, no qual 18 grupos apontaram realizar a festa em tal mês. Também constaram com destaque Itaúna e Santo Antônio do Monte, que cadastraram 8 grupos com a Festa Grande em outubro em cada, sendo ambos municípios localizados na Mesorregião Oeste de Minas. Em Araguari, também localizado na Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, e Pedro Leopoldo, da Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, 7 grupos informaram a Festa Grande em outubro, enquanto em Leandro Ferreira, localizado na Mesorregião Central Mineira, ao menos 5 cadastros localizaram a festa em outubro.

O segundo mês de maior ocorrência nos cadastros é agosto, com 187 respostas. Tal recorrência, em um primeiro momento, poderia apontar uma correlação com a tradição das Festas de Agosto, características do catolicismo popular de algumas cidades do Norte de Minas Gerais, particularmente Montes Claros, onde ocorrem há cerca de 180 anos. O artigo *Cultura e Religião: Um estudo sobre as Festas de Agosto conforme a Oficialidade Católica*, escrito por Viviane Bernadeth Gandra Brandão (2017), ressalta:

²⁴⁵ São Benedito, o Negro. Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <<https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-benedito-o-negro>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Em seus quase duzentos anos, as Festas de Agosto tornaram-se parte da própria imagem de Montes Claros. Elas ocorrem em cinco dias em devoção à Nossa Senhora do Rosário; a São Benedito e ao Divino Espírito. (...) Os grupos de congado são os protagonistas das festas e cada um desempenha um ritual específico.²⁴⁶

Ressalta-se, porém, que entre as respostas do Cadastro que marcaram a ocorrência da Festa Grande no mês de agosto, apenas 03 foram do município de Montes Claros (entre os 4 cadastros válidos preenchidos por tal município) e não houve mais nenhum cadastro para tal mês preenchido na Mesorregião Norte de Minas. Contrariando a expectativa fomentada pela bibliografia referenciada, a maior incidência nas respostas indicando o mês de agosto para a Festa Grande ocorreu em municípios localizados em outras mesorregiões. Nesse sentido, destaca-se Dores do Indaiá, município localizado na Mesorregião Central Mineira, no qual 33 grupos informaram a realização da Festa Grande em tal mês. Em seguida, Machado, município da Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, cadastrou 19 grupos que celebram em agosto, e Bom Despacho, na Mesorregião Central Mineira, cadastrou 10 grupos. Itapecerica, município localizado na Mesorregião Oeste de Minas, e Luz, da Mesorregião Central Mineira, apresentaram 5 cadastros indicando a data da festa em agosto.

O terceiro mês de maior recorrência nas respostas do cadastro quanto ao período festivo é setembro, apontado por 116 grupos, mês no qual é celebrada a Festa de Santa Efigênia, no dia 21. Essa terceira maior incidência também sugere uma correlação com a proximidade ao mês de outubro, no qual há o predomínio das respostas sobre as festas. Alguns cadastros, aliás, trouxeram a informação de celebrar a festa para Nossa Senhora do Rosário em setembro. No tocante à recorrência de respostas indicando o mês de setembro, apenas um município apresentou acima de 5 grupos ressaltando tal mês para a ocorrência da Festa, Oliveira, localizado na Mesorregião Oeste de Minas, que apresentou 6 guardas ou ternos que indicaram a realização da Festa Grande em setembro.

²⁴⁶ BRANDÃO, Viviane B. G. Cultura e religião: um estudo sobre as festas de agosto conforme a oficialidade católica. In: *Pragmatizes* - revista latino americana de estudos em cultura, v. 13, p. 130-144, 2017. p. 135.





O quarto mês de maior recorrência nas respostas foi maio, apontado em 111 cadastros, o que pode trazer uma conexão com o mês no qual é lembrada a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão no Brasil. Conforme apontado no histórico deste dossiê, o simbolismo do 13 de maio de 1888 configurou mudanças na estrutura ritualística de alguns grupos (Santos, 2022, p. 50), como no município Itapeçerica, da Mesorregião Oeste de Minas, no qual o grupo “Reinado do Rosário de Nossa Senhora”, criado em 1820, além dos santos de devoção, informa que passou a “celebrar a Princesa Izabel que libertou os Escravos no dia 13 de maio de 1888.” É importante observar, que a apropriação da data do 13 de maio por movimentos sociais ou outros coletivos negros, não é unânime, visto que muitos visam combater sua "comemoração", buscando distanciar o ideal de liberdade da figura da monarquia, bem como, lançando luz sobre a inexistência de políticas de reparação no pós abolição.²⁴⁷ Entretanto, no interior das comunidades tradicionais, o 13 de maio por vezes é lembrado pela força da resistência dos ancestrais,²⁴⁸ o que ocorre em diversas cantigas e narrativas entoadas por reinadeiros e congadeiros, e por outros religiosos de matriz afro, que indicam a agência mágico-ritual dos ancestrais ou as intercessões de Nossa Senhora, a partir dos seus pedidos e celebrações, nos processos de luta pela assinatura da Lei Áurea.

Uma relação das Festas de Reinados e Congados com a religiosidade umbandista aparece em parte da bibliografia (Santos, 2022, p. 81; Moraes, 2022, p. 112), conforme apontado em outros momentos deste dossiê. Tal relação aparece também em alguns Cadastros, como o município de Uberaba, localizado na Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, por exemplo, ao cadastrar o “Terno de Congada Minas Brasil”, surgido no início do século XX, que destacou: “São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia são os protetores do Terno. A religião predominante é a Umbanda, embora alguns membros dizem ser católicos.”

²⁴⁷ O tensionamento do 13 de maio enquanto data celebrativa é apontado por algumas lideranças dos movimentos negros brasileiros em Alberti, Verena; Pereira, Amílcar. *Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*. Pallas Editora. 2016.

²⁴⁸ Como, por exemplo, apontado em: Oliveira, Izarete S ; Silva, Elias da; Costa, Kênia G. Comunidade Quilombola Dona Juscelina: a festa 13 de maio numa aproximação da semiótica do espaço. *Revista ABPN*, v. 12, p. 200-220, 2020.

A maior recorrência de cadastros que apontaram a Festa Grande realizada no mês de maio está concentrada em grupos estabelecidos em municípios localizados nas Mesorregiões Sul/Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Lambari, apresentou 12 grupos referenciando tal mês, Poços de Caldas, 9, e em Conceição do Rio Verde, 5, todos esses municípios localizados na Mesorregião Sul/ Sudoeste de Minas. Na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Monte Alegre de Minas apresentou 11 grupos que informaram a realização da Festa Grande em maio, e em Uberlândia, outros 6 guardas ou ternos cadastrados apontaram ocorrer em tal mês tal festa.

Por fim, julho é o quinto mês de maior recorrência nas respostas aos cadastros quanto à Festa Grande, com 103 grupos. Entre os municípios com maior recorrência de guardas informando a festa grande em tal mês, Abaeté, localizado na Mesorregião Central Mineira, apresentou 28 grupos cadastrados, indicativo corroborado pelo sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Abaeté, no qual consta a informação que em julho é anualmente celebrada a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário.²⁴⁹ Moema, município localizado na mesorregião Central Mineira, apresentou 7 grupos cadastrados que informaram a realização da Festa Grande em julho. Em Ibiá, da Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, constaram 6 respostas; e Cláudio, da mesorregião Oeste de Minas, apresentou em 5 grupos que cadastraram respostas para a realização da Festa Grande em julho.

A representação cartográfica da localização por municípios com maior recorrência de grupos que responderam realizar a Festa Grande em cada um dos 5 meses referenciados – outubro, agosto, setembro, maio e julho – permite constatar que não há uma concentração geográfica das incidências por mês em uma mesorregião do estado específica.²⁵⁰ Os meses de maior incidência nas respostas dos grupos estão distribuídos em pelo menos três mesorregiões – nesse caso, as de maior incidência do bem cultural nos cadastros: Metropolitana de Belo Horizonte, Central de Minas e Oeste de Minas.

²⁴⁹ Prefeitura de Abaeté. Festa de Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<https://abaete.mg.gov.br/festa-de-nossa-senhora-do-rosario-2023/>>. Acesso em 12 de abril de 2024.

²⁵⁰ Devido a abrangência da distribuição geográfica das festas no território do estado, a representação gráfica do dado está inserida no apêndice II relativo à documentação cartográfica elaborada por mês de realização da festa.





Vale ressaltar, porém, que o aparente esquematismo associando os períodos informados pelos grupos com as datas dos cultos religiosos ou outras datas celebrativas (como é o caso do 13 de maio) não reflete na totalidade a complexidade do bem cultural explicitada pelos grupos nas respostas ao cadastro. A “Irmandade do Rosário ‘Os Ciriácos’”, surgida em 1954 em Contagem, município da Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, por exemplo, apresentou em seu cadastro um calendário festivo de fevereiro a dezembro e informou a celebração da Festa de São Benedito no mês de maio, a festa de Nossa Senhora Santana e Candombe em julho e sua Festa Grande, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, no mês de setembro, datas distintas das comumente associadas às figuras de devoção, que foram apresentadas nos parágrafos anteriores.

As festas na Irmandade do Rosário “Os Ciriácos” têm início no dia 02 de fevereiro, com abertura do Reinado. O fechamento do reinado ocorre geralmente no dia 08 de dezembro. Em abril há a festa de São Jorge, em maio a Festa de São Benedito na qual a Irmandade recebe um grande número de visitantes e inúmeras guardas convidadas da Capital e do interior de Minas, em julho tem a festa de Nossa Senhora Santana e Candombe e em setembro é realizada a grande festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário quando novamente a Irmandade recebe um grande número de visitantes e inúmeras guardas convidadas da Capital, do interior de Minas e de outros estados.²⁵¹

Nas demais respostas ao cadastro diante da questão “Informe a data de realização da Festa Grande/Festejo maior”, o mês de junho apareceu em 62 grupos; dezembro, em 60; novembro, em 49; e janeiro, em 40. As marcações em janeiro trazem um elemento interessante, posto que em Ouro Preto e cidades próximas - ou influenciadas por tal município, a ocorrência de guardas que informaram as festas de Reinados e Congados em janeiro apresenta uma justificativa para a realização em tal mês, associada à Lenda de Chico Rei. O município de Ouro Preto apresentou 11 cadastros válidos e, entre esses, 6 marcaram a ocorrência da Festa Grande em janeiro. No sítio eletrônico da Prefeitura de Ouro Preto, em matéria de divulgação das festas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito em 2024, há uma explicação sobre a relação com o mês:

²⁵¹ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito é uma bela manifestação cultural e religiosa movida pela fé e alegria, tradição de descendência negra em Ouro Preto. A festa encanta a todos que passam pelas ladeiras ouro-pretanas. O festejo acontece de 6 a 14 de janeiro. (...) Segundo a tradição oral, ainda no século XVIII, depois de alforriado, Chico Rei, que havia sido rei no Congo antes de ser vendido como escravizado, conseguiu alforriar seu filho e outros membros da nação, organizando-os em torno da Irmandade do Rosário e de Santa Efigênia. No dia de Reis, 6 de janeiro, Chico Rei e sua família foram conduzidos em um grande Cortejo festivo pela irmandade e coroados na capela de Santa Efigênia. Após a coroação, ele e sua família desfilaram pelas ruas de Vila Rica, embaixo de um pálio e escoltados por uma guarda de moçambicanos. Foi assim criada a Festa do Reinado em Ouro Preto, posteriormente sendo reproduzida em várias cidades de Minas Gerais.²⁵²

Os meses de fevereiro (1 resposta); março (3 respostas); e abril (4 respostas) se destacam pela razão inversa, como períodos nos quais os grupos que informaram a ocorrência de celebrações de Reinados e Congados aparecem como exceções. Ressalta-se, ainda, que em todos esses grupos, tais meses não constam de forma isolada, mas em meio a uma listagem mais ampla de meses entre os quais a “festa grande” pode ocorrer.

É interessante ressaltar que, para muitos grupos cadastrados, o momento da “Festa Grande” não foi informado em um mês específico, mas sim perpassando dois ou mesmo vários meses, aproximando, portanto, de um calendário festivo. Por fim, a quantidade de cadastros nos quais não havia informação para a data de realização da “Festa Grande” merece destaque, totalizando 84 ocorrências.

A breve análise das informações presentes no Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais sobre os períodos de celebração, expostas neste tópico, evidenciam algumas limitações decorrentes do objetivo inicial desta ação inicial de identificação e mapeamento. No momento da elaboração do cadastro pelo Grupo de Trabalho temporário criado para discutir e propor o formulário com o intuito de identificar os grupos (guardas ou ternos) de Reinados e Congados e não as festas do Rosário em Minas Gerais. Assim, justifica-se um indicativo para a elaboração futura de um cadastro específico para a identificação e

²⁵² Ouro Preto em festa para celebrar “A fé que canta e dança”. Reportagem por Názia Pereira Disponível em: <<https://ouopreto.mg.gov.br/noticia/3843>>. Acesso em: 11 abr. 2024.





mapeamento das celebrações do Rosário em Minas Gerais, a fim de ampliar as informações, visando ao aprimoramento da caracterização do bem cultural.

Para melhor entendimento da distribuição das festas cadastradas demonstramos no apêndice II, as festas cadastradas nas mesorregiões em cada mês do ano.

*Nossa Senhora mandou recado Festa do Rosário,
Eu vou, eu vou, eu vou
Eu sou filho dela criado no Congo,
Eu sou, eu sou, eu sou.*

4.2.3 Cerimônias e Materialidades do Sagrado: artefatos e instrumentos

4.2.3.1 Cerimônias

As Celebrações do Rosário em Minas Gerais incluem momentos cerimoniais característicos, formalidades de natureza ritual e sagrada, tal como ocorre em toda celebração religiosa. A fim de exemplificação da relevância dos momentos cerimoniais, pode-se citar a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, bem cultural registrado pelo estado de Minas Gerais em 2013, que apresenta uma abrangente dimensão ritual identificada no processo de registro que singulariza os festejos chapadenses. Tal dimensão ritual é demarcada por cerimônias características ao bem cultural registrado, que ocorrem no decorrer de vários dias: começa pelo Meio-dia (ou “Meio-dia das Novenas”, que marca o início da Festa), passa por Novenas, a Quinta do Angu, a Buscada da Santa no Córrego do Rosário, o Mastro a Cavalos, os Reinados, a Missa da Festa, a Procissão e a Coroação, e a Cerimônia da Posse (na qual ocorre a transferência das coroas dos reis da festa para os Reis Novos), que encerra o ciclo festivo.²⁵³

No Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais, a identificação dos momentos cerimoniais é realizada através da questão “Cerimônias que compõem a Festa Grande/Festejo Maior”. A questão oferece 11 opções de seleção, em múltipla escolha, além da opção “Outros”, com preenchimento aberto. As opções para seleção foram: 1)

²⁵³ Iepha-MG. Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte de Minas Gerais. Cadernos do Patrimônio. Belo Horizonte, 2023, p. 29-33.

Candombe; 2) Novena/Trezena; 3) Preparação da festa (decorações de espaços e objetos/limpezas/aquisições/doações/etc.); 4) Levantamento e descimento de Mastros; 5) Leilão; 6) Alvorada; 7) Preparação dos alimentos; 8) Recepção das Guardas/Ternos/ Bandas; 9) Almoço/ Lanche; 10) Cortejos; e 11) Missa.

Entre as onze opções destacadas no questionário, nove apareceram em expressiva ocorrência, explicitando uma estrutura predominante nas cerimônias identificadas a partir do cadastro (Figura 13). A opção “Cortejos” apareceu em maior ocorrência das respostas, constando em 794 dos cadastros. “Almoço/Lanche”, em 789 cadastros; “Missa”, em 788; “Levantamento e descimento de Mastros”, em 786; “Preparação da festa”, em 742; “Recepção das Guardas/Ternos/ Bandas”, em 714; “Preparação dos alimentos”, em 695; “Novena/Trezena”, em 623; e “Alvorada”, em 530, completando a estrutura predominante identificada. A opção “Leilão” apareceu em recorrência um pouco menor, em 311 das respostas. Por fim, entre as opções de seleção, “Candombe” foi a de menor expressão, aparecendo em 88 respostas. O número de ocorrência das respostas, portanto, demonstra que as marcações não seguiram a ordem de opções apresentada pelo cadastro. As respostas ao Cadastro indicaram, ainda, um amplo e diversificado uso da opção “Outros”, que obteve 286 respostas.²⁵⁴

Tabela 2. Cerimônias que compõem a “Festa Grande/Festejo Maior”

Cerimônias	Contagem
Almoço/ Lanche	789
Alvorada	530
Candombe	88
Cortejos	794
Leilão	311
Levantamento e descimento de Mastros	786

²⁵⁴ Pagamento de promessas; promessa; louvação da bandeira; ensaios; barraquinhas; busca da santa; busca do trono coroado; reunião da associação; terço; apresentação de grupo de capoeira; tríduo; coroação do rei e rainha, príncipe e princesa; reinado; distribuição de doces; lavagem da igreja; visita aos enfermos; bingo; fogueira; confissão comunitária; cavalhadas; palestras; e oficinas.





Missa	788
Novena / Trezena	623
Preparação da festa (decorações de espaços e objetos/limpezas/aquisições/doações/etc.)	742
Preparação dos alimentos	695
Recepção das Guardas/Ternos/ Bandas	714
Outros	286

Fonte: Dados do cadastro Iepha-MG

*Meus Congadeiros é hora,
É hora, de trabalhar*

4.2.3.2 O Candombe

*Eee chego no pé de Candombé veio
Peço licencê*

*Eee peço licença ao meu Santana
Eee peço licença a Santaninha
Eee também minha Cuíca do Rosário de Maria*

Embora a opção “Candombe” tenha aparecido com menor incidência nas respostas à questão “Cerimônias que compõem a Festa Grande/Festejo Maior”, ela exige maior atenção, tendo em vista sua relevância para o bem cultural. Devido a tal relevância, outra das perguntas do Cadastro era específica: “O seu Reinado/Congado possui Candombe?” A questão obteve a resposta “Sim” em 117 cadastros e “Não” em 777 cadastros (Figura 14).

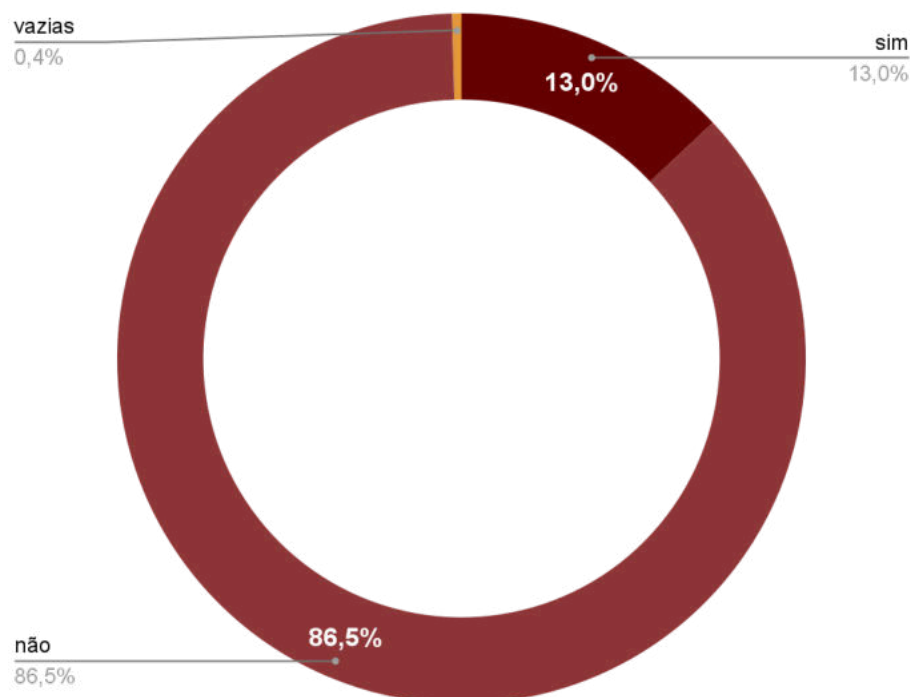


Figura 90 - Gráfico dos Reinados e Congados que possuem Candombe

Entre os que responderam possuir Candombe, 5 grupos também incluíram o Candombe, a partir da opção “Outros”, na questão “Marque quais grupos compõem seu Reinado/Congado”, sendo que todos estes cinco haviam, ainda, selecionado a opção “Candombe” na questão “Cerimônias que compõem a Festa Grande/Festejo Maior”. Entre estes 5, o “Candombe de Mocambeiro”, cadastrado em Matozinhos, município localizado na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, também se identificou como “Candombe de Mocambeiro ‘Filhos de Nossa Senhora do Rosário’”, a partir da opção “Outros”, na questão “Como se denominam?” e incluiu na questão “Descreva brevemente o histórico do Reinado/Congado” uma explicação sobre a manifestação:

A história do Candombe tem raiz em um costume africano que diz que a imagem da santa Nossa Senhora do Rosário apareceu pela primeira vez no mar, perto de uma praia. Colonizadores portugueses tentaram retirá-la da água, sem sucesso. Grandes embarcações foram usadas para o resgate, missas foram rezadas, mas a santa não saía da água. Então, do tronco de árvores os escravos escavaram três tambores que foram colocados em um oratório feito de sapê, na beira da praia. cantaram, dançaram, rezaram





com muita fé, atraindo a santa. Nesse momento, os portugueses a tomaram dos negros e a glorificaram no altar de uma capela feita toda em ouro, onde celebraram missas. No dia seguinte a santa havia voltado para o mar. Os negros novamente montaram seu humilde oratório e voltaram a soar seus tambores. E mais uma vez a santa voltou à terra, agora para ficar. Desde então, os três tambores de madeira e couro os tambus do candombe são considerados sagrados. No distrito de Mocambeiro, desde 1917, assim como em todos os outros Gongos, o Candombe é considerado o Pai do Congado, por sua trajetória derradeira de devoção e amor a Senhora do Rosário.

O Nosso Candombe “Filhos de Nossa Senhora do Rosário” é liderado pelo Capitão Nó, o Sr. Geraldo Moreira Filho, que junto a tantos outros componentes ou irmãos do Rosário como eles mesmos se tratam, mostrando a tradição por várias cidades e paróquias de nossa região tais como Matozinhos, Pedro Leopoldo, Jequitibá, Funilândia, Sete Lagoas, Lapinha, Lagoa Santa, Belo Horizonte, Aparecida do Norte - S/P e outras. As Apresentações geralmente são realizadas mais intensamente entre os meses de maio a outubro, meses em que temos os festejos e louvores em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e o Divino, mas há convites diversos para apresentações como eventos culturais, escolas e até mesmo aniversários. Nosso Candombe é composto por 5 instrumentos principais: Santana (homenagem à mãe de Nossa Senhora); Santa Maria (homenagem a Nossa Senhora); Chama (usado para chamar, juntar os candombeiros); Crivo (auxilia a harmonização do ritmo); Puíta (também conhecida carinhosamente como porquinha, pelo seu som de ronco); E dois guaiás (são instrumentos de trabalho do Capitães). Nós os candombeiros cremos que os tambus são sagrados, abençoados, entendemos que deve haver todo respeito e amor aos nossos instrumentos, na preparação para o uso dos mesmos, que são de couro e madeira são usados o fogo e a cachaça para afinar.²⁵⁵

A narrativa sobre o Candombe descrita no cadastro do “Candombe do Mocambeiro”, de Matozinhos, apresenta similaridades com a apresentada na peça técnica Inventário de Proteção do Acervo Cultural (IPAC), “Candombe - Comunidade dos Arturos”, ficha preenchida na categoria Celebrações e Ritos e produzida pelo Iepha-MG em meio ao processo de registro da Comunidade dos Arturos, em 2014. A ficha define o Candombe enquanto “um rito familiar que homenageia e invoca os antepassados e à Virgem do Rosário”, através do toque dos tambores, cantos e danças. O rito é realizado no interior da Capela do Rosário, como um evento restrito, com a participação de membros da comunidade e da Irmandade do Rosário e é realizado somente no período do Reinado, que

²⁵⁵ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

inicia no “sábado de aleluia”, após a quaresma e se encerra no final de novembro ou início de dezembro, ambos com a realização do Candombe. A descrição sobre as origens do rito confirma as proximidades entre o significado do Candombe para os Arturos e para o Candombe do Mocambeiro, descrito anteriormente.

Em Minas Gerais, o ritual de Candombe tem a característica de ser mais reservado, sendo restrito a um grupo familiar ou comunidade. Acredita-se que essas cerimônias sejam dotadas de conteúdo místico e que o toque dos tambores sagrados – geralmente três – trazem ao presente os antepassados escravos, que comungam daquele momento com seus descendentes vivos, trazendo sabedoria e iluminação.

Para os Arturos, o Candombe é o rito mais solene, importante e profundo de todo o reinado. Eles se referem ao rito como o “pai do Reinado”, pois foram seus instrumentos que retiraram Nossa Senhora das águas, dando início ao seu reinado na terra (ou o segundo reinado) – o primeiro reinado de Nossa Senhora é no céu, junto a Deus e seus anjos, segundo as crenças do Congado. É também o momento de lembrar-se do passado de sofrimento e dor, vivido por seus ancestrais escravos, que se fazem presentes nesse momento.

Na comunidade estão presentes três tambores chamados Santana, que serviu de andor para a santa no trajeto até o altar, Santaninha e Jeremias. Os Arturos acreditam que seus tambores sejam “muito antigos”, atribuindo a eles serem do período da escravidão, afirmando que foram os escravos que construíram os tambores para louvar Nossa Senhora.²⁵⁶

Ambas as descrições citadas coincidem em atribuir ao Candombe a designação de “pai” da manifestação, seja referenciada como congado (no cadastro do Candombe dos Mocambeiros) ou como reinado (na ficha de IPAC da Comunidade dos Arturos). Tal designação referenda a relevância do Candombe para a apresentação do bem cultural, ainda que sua incidência no cadastro tenha sido relativamente baixa (117 cadastros respondendo positivamente à questão “O seu Reinado/Congado possui Candombe?” e 777 respondendo negativamente, conforme já assinalado).

A referência ao Candombe como “o pai” do reinado ou congado foi destacada na influente obra *Congado: família de sete irmãs*, escrita pelo folclorista mineiro Saul Martins e publicada em 1988. Conforme o título da obra, Saul Martins (1988) apontou que os sete

²⁵⁶ Iepha-MG. Candombe – Comunidade dos Arturos. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural. Categoria Celebrações e Ritos. IPAC – Comunidade dos Arturos. 2014, p. 73.





irmãos que compõem o congado são: o Moçambique, o Congo, o Catopé, o Caboclo, o Marujo, o Vilão e os Cavaleiros de São Jorge. Os seis primeiros desse grupo de “irmãos” aparecem com recorrência na bibliografia especializada sobre a forma de expressão e na fala de muitos detentores do bem cultural.

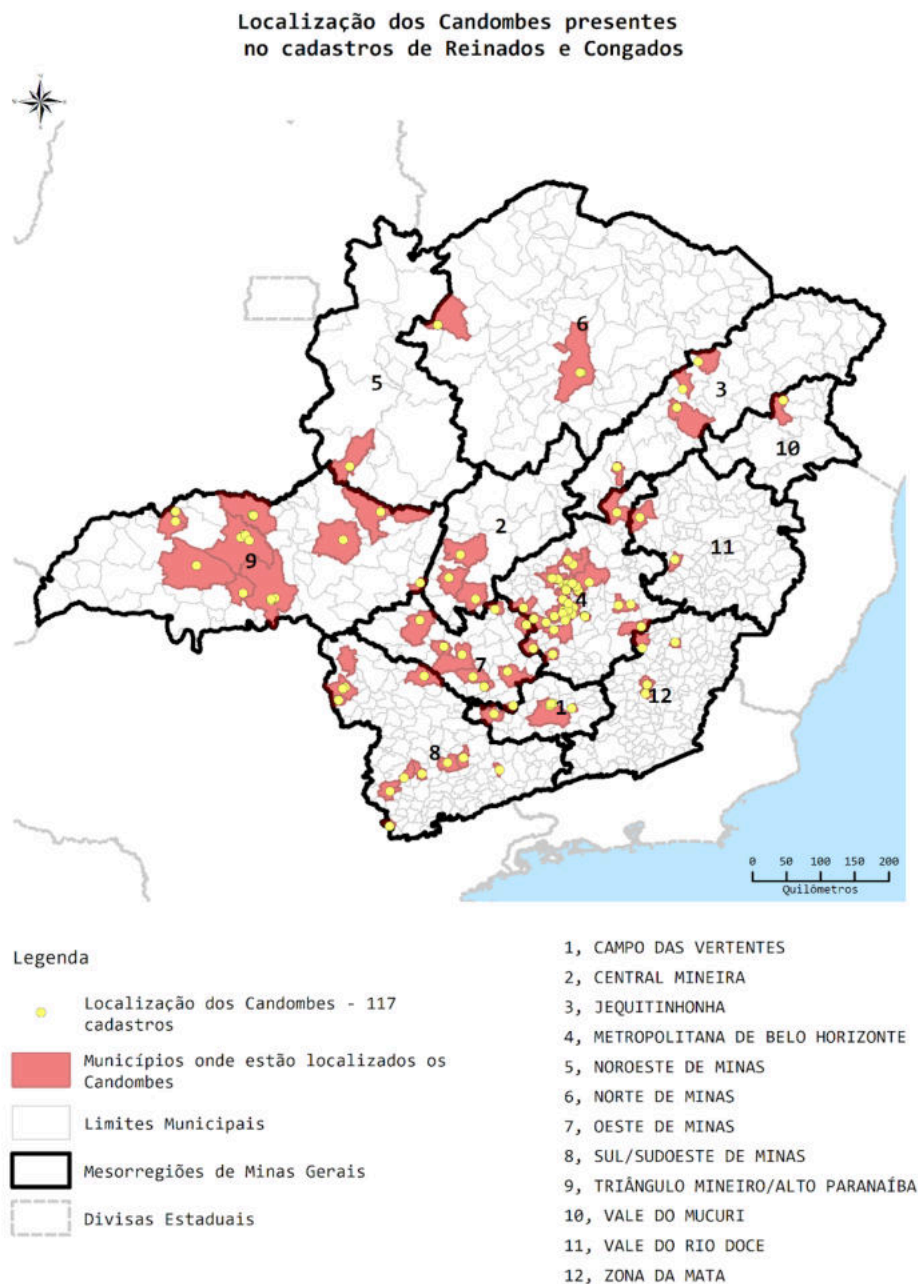


Figura 91 - Localização dos Candombes informados no Cadastro de Reinados e Congados em Minas Gerais

4.2.3.3 Os grupos que compõem o reinado/congado

A perspectiva dos “sete irmãos” como os grupos que compõem o congado ou reinado mineiro orientou a questão “Marque quais grupos compõem seu





Reinado/Congado” do Cadastro. A questão trouxe 8 opções pré-estabelecidas para seleção unindo os “sete irmãos” aos Tamborzeiros, grupo de grande relevância identificado durante o processo de registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte. Assim, as opções para seleção foram: Moçambique/ Maçambique; Congo; Catopé/Catopê/Catupé; Vilão; Marujo/Marujada; Caboclo/ Caboclinho; Cavaleiros de São Jorge; e Tamborzeiros, além da opção Outros, de campo aberto.

Os grupos que integram os Reinados e Congados são predominantemente chamados de Guardas ou Ternos. Uma explicação sobre suas semelhanças e especificidades foi realizada no histórico para o “Grupo Folclórico dos Caboclinhos”, cadastrado em Presidente Kubitschek, município localizado na Mesorregião Jequitinhonha:

O Caboclinho é uma das sete irmãs das guardas do Congado (Congo, Moçambique, Marujo, Catopé, Caboclinho, Cavaleiro de São Jorge e Vilão), todas nascidas a partir do Candombe (guarda fechada). As guardas assemelham-se nos fins – culto e união entre as pessoas de cor ou irmãos do Rosário – mas diferenciam-se na apresentação – plástica, rítmica e coreográfica; no cerimonial (rito), e no papel dentro do conjunto ou função que exercem. Cada tipo de terno, ainda, individualiza-se pelo nome particular dado ao grupo, pelo estandarte de pintura única e pela cor ou combinação de cores dos vestuários e dos paramentos. A função do caboclinho é de fantasia, arte, exibição.²⁵⁷

O trecho do histórico do “Grupo Folclórico dos Caboclinhos” compartilha da narrativa de “sete irmãs” do congado e do candombe como originário, o “pai” das guardas, ressaltando que há, entre elas, diferenças de natureza rítmica, coreográfica, cerimonial e de função. O histórico para o cadastro da “Irmandade do Rosário ‘Os Ciriácos’”, localizada em Contagem, ressalta sobre as atribuições e características das guardas, fornecendo detalhes para o congo e o moçambique, que compõem a Irmandade:

Compõe-se das referidas guardas de Congo e Moçambique. Cada Guarda têm sua representatividade: o congo é responsável por abrir os caminhos, sendo a guarda que segue à frente nos cortejos, o moçambique é responsável por conduzir os reis e rainhas, guardar e proteger o reinado, sendo, portanto os últimos no cortejo.²⁵⁸

²⁵⁷ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

²⁵⁸ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

A centralidade apresentada no histórico preenchido para a “Irmandade do Rosário ‘Os Ciriácos’” para as guardas de Congo e Moçambique coincidiu com os dados levantados através das respostas ao cadastro, que apontaram o predomínio do “Congo” e “Moçambique/Maçambique” entre as opções estabelecidas. Assim, as respostas para a questão sobre os grupos que compõem o reinado ou congado apresentaram a maior incidência do “Congo”, selecionado em 575 cadastros. A segunda maior ocorrência foi para “Moçambique/Maçambique” com 344 marcações. O “Catopé/Catopê/Catupé” constou em 175 respostas; “Marujo/Marujada”, em 126; “Vilão”, em 81; “Tamborzeiros”, em 64; “Caboclo/Caboclinho”, em 44; e “Cavaleiros de São Jorge”, em 8 respostas. Em 13 dos cadastros preenchidos a resposta para essa questão foi “Não se aplica” e em 85 cadastros foi mobilizada a opção “Outros”, diversificando a listagem das referências que podem integrar o bem cultural (Figura 15).²⁵⁹

²⁵⁹ Afoxé; Ala das baianas; Banda sinfônica; Bandeireira; Batuque; Batuque de roda; Beija-flor; Boiadeiros; Caiapó; Caixa de assovios; Caixinha e Bombaixo; Candombe; Capitão e coronel; Caravana; Caravana de reis; Catupé Tamboril; Congada de São Bento; Congo Real; Congo Real evangelista; Contra dança; Contra dança (criancinhas); Cortejo do império do Divino; Dança afro; Dança de Langra; Dançante; Enfeite; enfeite da festa; Estilo Gaúcho; Estrela do Oriente; Estrelas do Rosário; Filhos de Maria; Folia; Folia de reis; Foliões; Foliões de Santo Reis; Gaúchos; Guarda de Honra; Guarda, caixeiros; Imperial guarda de honra; Irmãos da irmandade; Jamba; Marinheiro; Marujeiro; Mulinha; Palhaço; Pampas Gaúcho; Pastorinhas; Penacho; Pérolas do Rosário; Pífano; Reisado; Serra dourada; Tenente (palhaço); Terno de enfeite (damas de cristal); terno de folia; Ternos de enfeites; Ternos femininos; além de variações desses nomes.



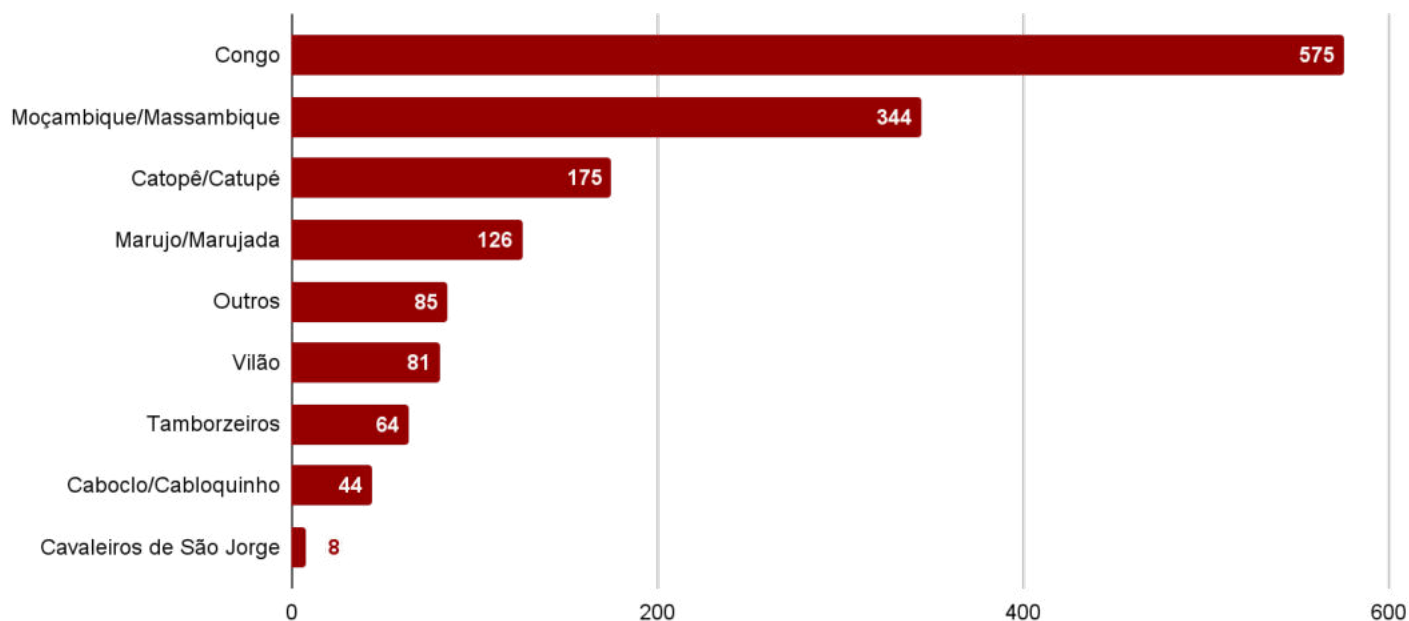


Figura 92 - Grupos que compõem o reinado e congado

A fim de exemplificar a diversificação presente a partir da categoria “Outros”, pode-se citar o cadastro do “Penacho”, em Córrego Danta, município localizado na Mesorregião Oeste de Minas que identificou o terno “penacho” e explicou em seu histórico:

É uma expressão religiosa onde envolve cantos, danças, missas e tradições. Nosso terno tem uma história forte pois é o segundo terno principal da festa, seguindo a tradição antiga, pois os antigos conta que o penacho foi o primeiro terno a tentar tirar Nossa Senhora do Rosário da gruta, mas como sempre viramos as costas ela ficou com medo e voltou e isso fez o Moçambique ser o principal pois sempre leva Nossa Senhora olhando para ela.²⁶⁰

Portanto, a diversificação possibilitada pela categoria “Outros” do cadastro na listagem de referências dos grupos que compõem o reinado e congado permite identificar variações, inclusive no mito que fundamenta a narrativa de origem do bem cultural.

*É um Rosário só, é um Rosário só
Rosário de Maria é Rosário só*

²⁶⁰ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

4.2.3.4 Artefatos

A dimensão dos artefatos representa uma importante indicação, posto configurar os elementos materiais associados às práticas culturais, ritualísticas e simbólicas deste bem cultural. A materialidade integrante aos Reinados e Congados em Minas Gerais foi mapeada na questão “Selecione os artefatos que compõem o seu Reinado/Congado” que incluiu oito opções fechadas para seleção e a opção “Outros”, aberta. As indicações pré-estabelecidas para marcação foram: Bastões; Terços e Rosários; Espadas; Coroas; Bandeira/Estandarte; Apito; Arco e flecha; e Toalha. As respostas preenchidas revelaram a maior ocorrência de “Bandeiras/ Estandartes”, selecionadas em 846 do total de respostas válidas (Figura 12). O segundo artefato com maior expressividade foi o “Apito”, com 727 ocorrências. Em terceiro lugar, com 722 respostas, apareceram os “Terços e Rosários”.

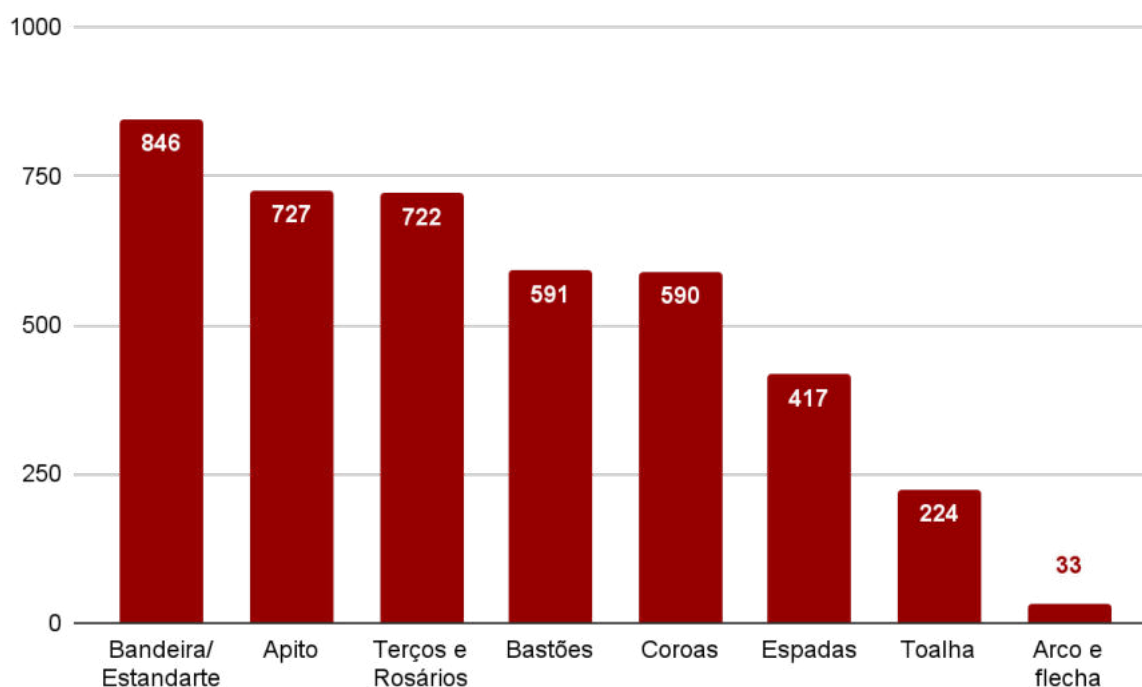


Figura 93 - Artefatos presentes nos Reinados e Congados de Minas Gerais

Para as guardas ou ternos das Celebrações do Rosário em Minas Gerais as bandeiras/estandartes são um artefato central, configurando como guias no trajeto, sendo,





portanto, um identificadas aparentemente na totalidade dos grupos, o que justifica o expressivo número de ocorrências. Importância similar é dada ao apito, que apresenta uma função de instrumento musical, tocado pelo capitão ou capitã da guarda ou terno, e também com uma função central para a ordenação dos ritmos tocados (pois, através do apito, dita-se os ritmos a serem tocados) e dos integrantes durante os cortejos, também quando utilizado é uma demonstração de liderança. Portanto, os bandeiras/estandartes, os apitos e os rosários são artefatos que, em geral, estariam presentes em toda guarda ou terno, corroborando com as respostas recebidas no cadastro.

Os “bastões” (591 respostas), que identificam um capitão ou capitã dos grupos, é considerado um artefato mais importante depois das Bandeiras, usado para ordenar e guiar os atos da Guarda e para abençoar ou benzer assim como as bandeiras.

As “coroas” (590) e as “espadas” (417) completam o grupo de artefatos mais destacados entre as respostas dos cadastros, seguidos por “toalha”, com 224 respostas. Os demais artefatos que foram apontados nas respostas revelam registros pontuais nos cadastros: “Fitas” apareceram em 10 respostas; “Penacho”, em 6; “cajado/cetro”, em 5; “Guizos”, em 4; “Correntes/cordões”, em 3; “Espelho”, em 2; e “Cachimbo”, em apenas 1 cadastro.

4.2.3.5 Os Instrumentos Musicais

O entoar de toadas, cantos e pontos integra uma dimensão central para os Reinados e Congados e seus festejos, de modo que os instrumentos musicais utilizados configuram entre os mais relevantes elementos materiais da cultura dos devotos do Rosário. O reconhecimento de tal relevância foi apontado no decorrer deste dossiê e foi objeto de pesquisa da etnomusicóloga Glaura Lucas (2002) em *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*, uma das obras de referência mobilizadas na pesquisa para este processo de registro. A relevância da musicalidade também é identificada no contato com os detentores do bem cultural. A título exemplar, o histórico para o “Grupo Folclórico dos Caboclinhos”, cadastrado em Presidente Kubitschek, município da Mesorregião

Jequitinhonha, apresenta o congado ressaltando a musicalidade como uma dimensão fundamental:

A prática do Congado é transmitida de pai para filho: aprende-se quando criança, por imitação, vendo e ouvindo as danças e os cantos. Estes podem ser alegres ou tristes, sendo que o ritmo musical alterna momentos lentos e rápidos dependendo da dança a ser executada. Os instrumentos utilizados são os tradicionais: a caixa, o violão, o pandeiro, a sanfona e a matraca que é carregada por cada dançarino. Porém, no caso do grupo de Presidente Kubitschek, tradicionalmente se utilizam apenas caixa e sanfona.²⁶¹

Nos Cadastros de Reinados e Congados de Minas Gerais, buscou-se identificar a materialidade componente da dimensão musical do bem cultural através da questão “Selecione os instrumentos musicais utilizados”, que incluiu 16 opções de seleção e a opção “Outros”, aberta. As opções previamente definidas no cadastro foram: Tambor; Tamboril/Tamborim; Gunga; Patangome; Caixa; Viola; Atabaque; Xique-Xique; Chocalho/Guaiá; Cuíca/Puíta; Pandeiro; Reco-reco; Afoxé; Sanfona; Zabumba; e Pífano.

Os dados das respostas (Figura 17) demonstraram não ter sofrido grande influência da ordem apresentada na listagem. Quatro instrumentos apareceram em incidência maior que 500 respostas, compondo um núcleo da musicalidade do bem cultural. Tal núcleo, segundo os dados do cadastro, traz o predomínio da “Caixa”, instrumento musical de maior recorrência, aparecendo em 823 respostas. “Tambor” e “Pandeiro” empataram na segunda maior ocorrência, ambos marcados em 646 cadastros. E a “Sanfona”, selecionada em 525 cadastros.

Com incidência menor que 500 seleções, o “Xique-xique” apareceu em 401 cadastros; “Reco-reco” em 390; “Chocalho/Guaiá” em 389; “Viola” em 372, “Gunga” em 245²⁶²; “Patangome” em 215; “Cuíca/Puíta” em 153; “Zabumba” em 128; e “Afoxé” em 126 cadastros. Apenas dois dos instrumentos sugeridos constaram em menos de 100 respostas: “Atabaque”, em 88; e “Pífano”, em 20 cadastros.

²⁶¹ Dados do Iepha-MG, segundo os Cadastros do Patrimônio Cultural Reinados e Congados de Minas Gerais.

²⁶² Ressalta-se que nas respostas do Cadastro, nem todos os grupos de Moçambique informaram o uso das gungas. A bibliografia consultada, contudo, aponta que as gungas, como instrumentos sagrados, são predominantemente utilizadas pelos grupos de Moçambique. Ver: Lucas, Glaura. *Os Sons do Rosário: Os congados mineiros dos Arturos e do Jatobá*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002, p. 92





Tabela 3. Instrumentos

Instrumentos	Quantitativo
Caixa	823
Tambor	646
Pandeiro	646
Sanfona	525
Xique-xique	401
Reco-reco	390
Chocalho / Guaiá	389
Viola	372
Tamboril/ Tamborim	348
Gunga	245
Patangome	215
Cuíca / Puíta	153
Zabumba	128
Afoxé	126
Atabaque	88
Violão	81
Outros	56
Cavaquinho	31
Pífano	20

Fonte: Análise realizada pelo Iepha-MG a partir dos dados disponíveis no Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais realizado pelo próprio instituto

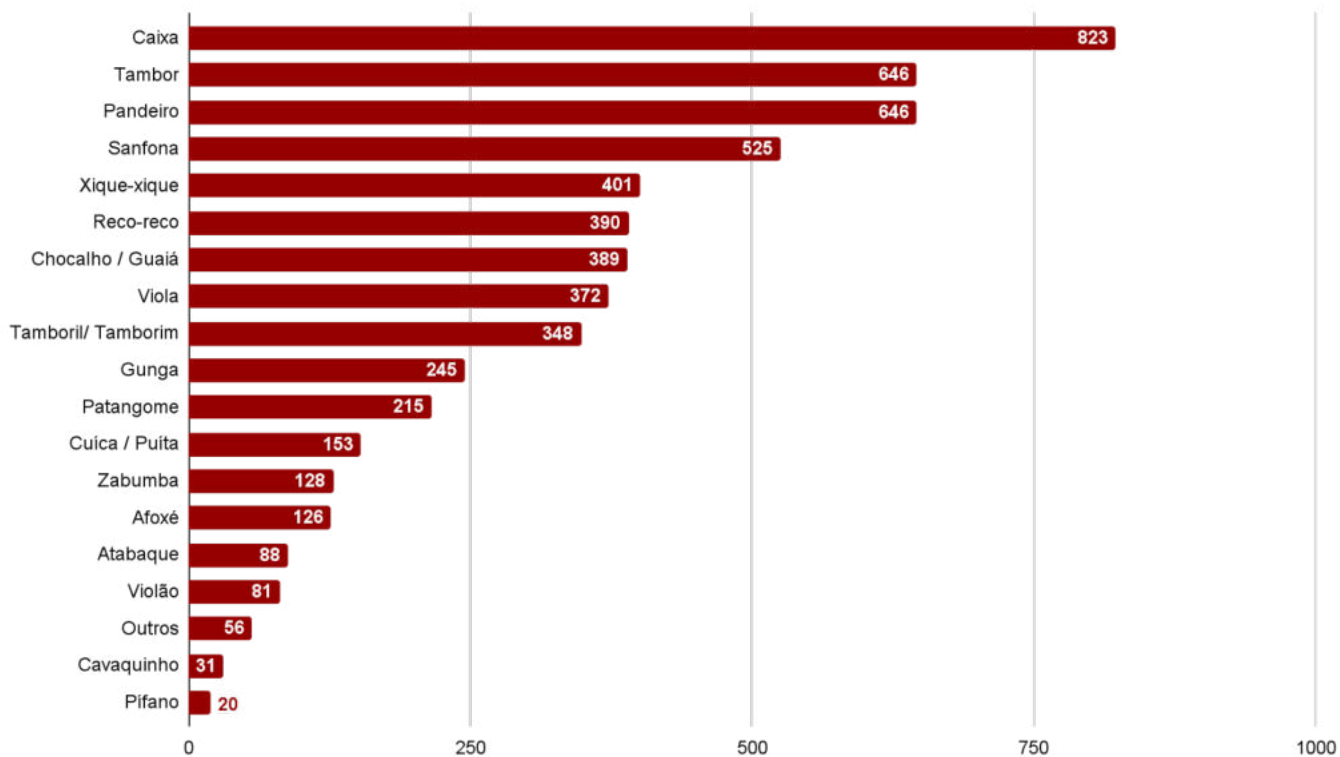


Figura 94 - Instrumentos musicais presentes no cadastro

*Pra quem não conhece o Congo
Não precisa se assustar
Oi que nois bate nossa caixas
Pro nosso santos louvar, aia.*

*O bastão que o capitão empunha
Ele não é enfeite não
Entre o céu e a terra
Ele faz a ligação, aia.*

*Oia as lata forma a gunga
Ela não só instrumento não
Ela é a liberdade
A liberdade, da escravidão, aia.*





4.4 Levantamento de demandas de salvaguarda

A sessão referente à salvaguarda no Cadastro dos Reinados e Congados, contou com perguntas sobre a formalização dos grupos, situação da sede, dificuldades enfrentadas e as ações indicadas para a melhoria e valorização dos congados em Minas Gerais.

Quanto à formalização dos grupos, dos 900 formulários válidos, 83% (743 formulários) receberam respostas para essa questão. O Cadastro mostra (figura 86) que o livro de atas (63%), seguido pelo documento do estatuto (59%) e o registro do CNPJ (58%) são os instrumentos mais utilizados pelas guardas a fim de formalizar sua existência jurídico-administrativa. A reunião dos grupos de congado em associações, seja em âmbito municipal ou regional, proporciona aos detentores maior organização social e política na busca por reconhecimento e melhores condições para manterem suas tradições, como acesso à editais de fomento, repasses diretos de recursos públicos, ao estabelecimento de convênios e parcerias com setor público ou privado.

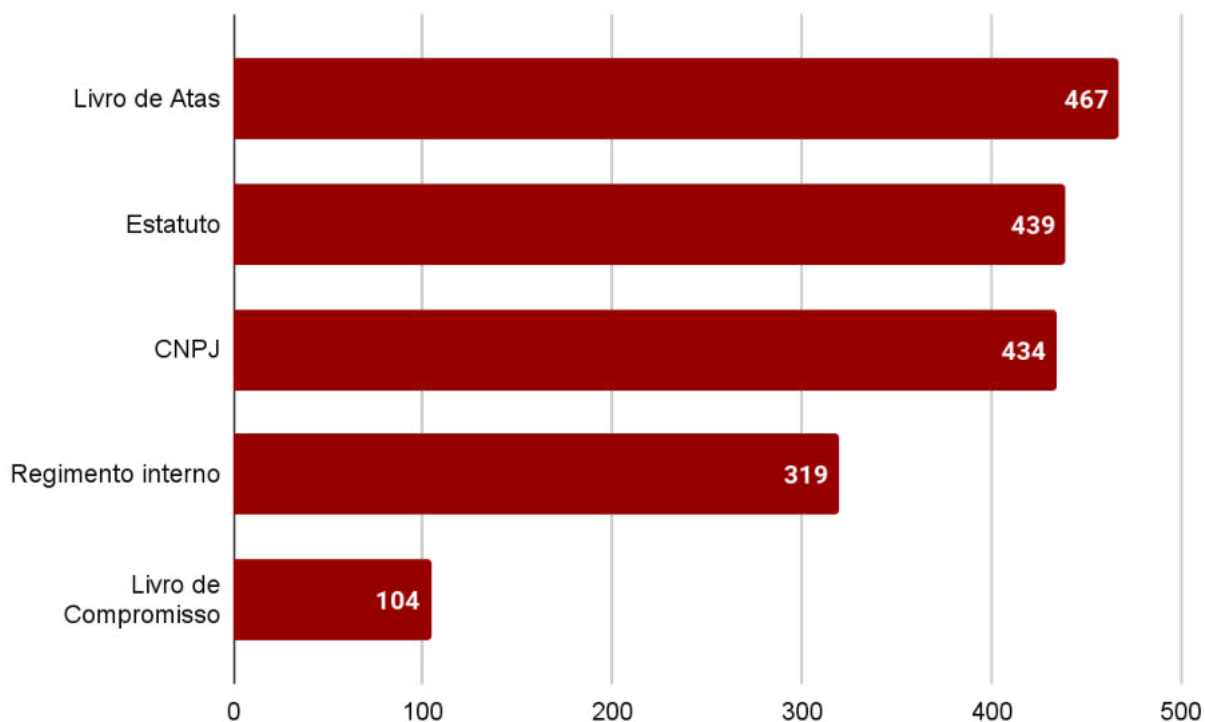


Figura 95 - Elementos de formalização dos grupos de reinado e congado.

Os dados do Cadastro revelam que a maior parte dos grupos (525 formulários de resposta) declararam possuir local para realizar reuniões, ensaios e abrigar o acervo de instrumentos e objetos sagrados (Figura 87). Entretanto, somente 278 grupos cadastrados informaram possuir sede própria. A maior parte das sedes utilizadas pelas guardas, portanto, são locais alugados, cedidos por entes diversos, como o poder público local e igreja católica ou mesmo compartilhados com a residência de membros das guardas .



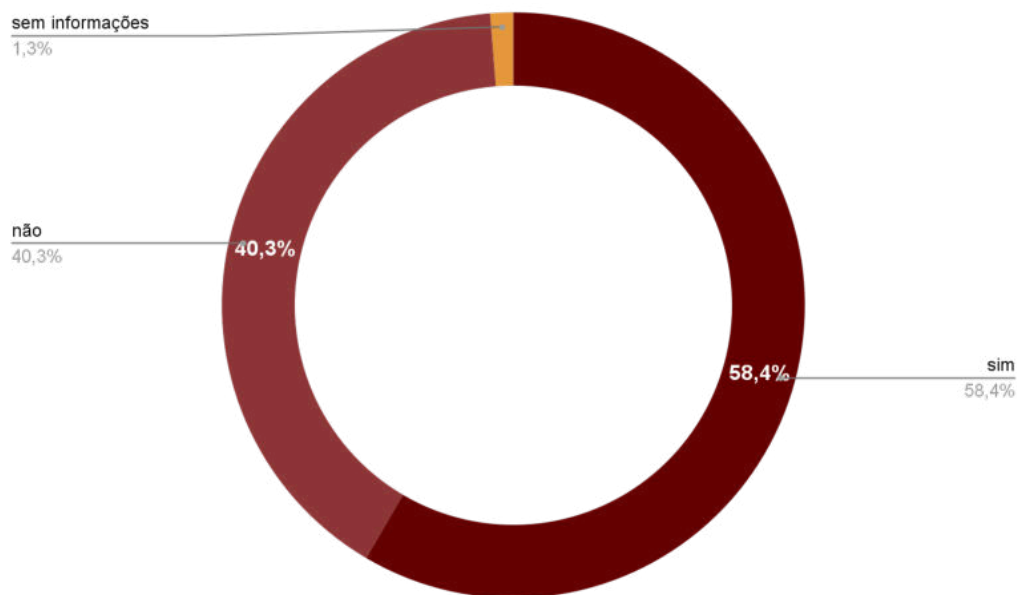


Figura 96 - Existência de sede do grupo.

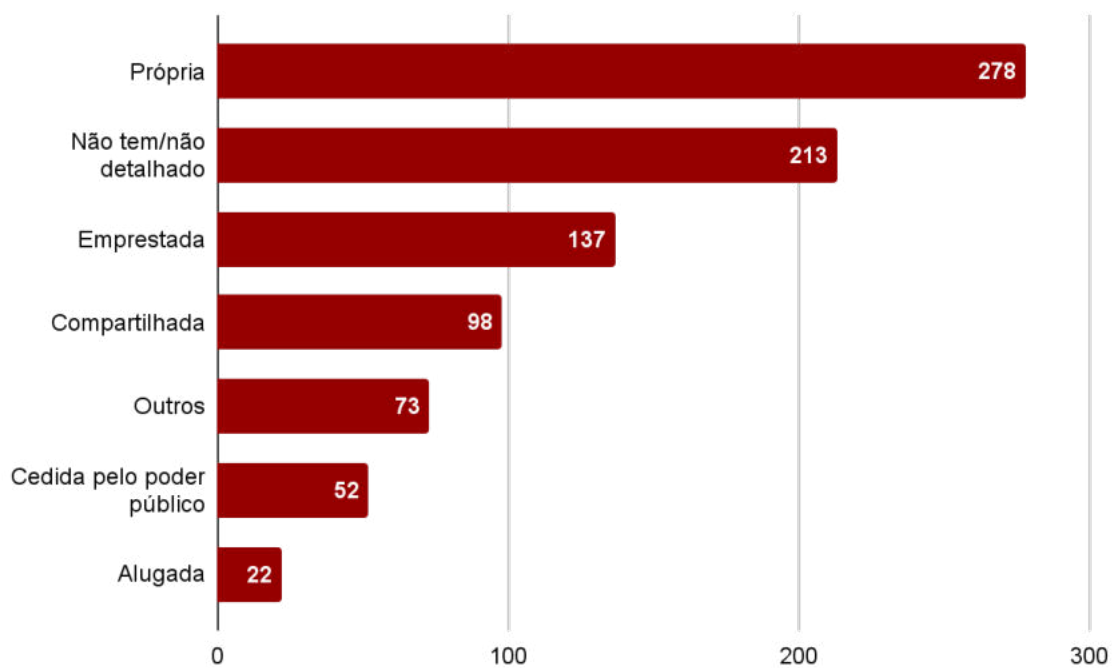


Figura 97 - Situação de posse das sedes.

No que se refere às dificuldades enfrentadas pelos grupos detentores para a manutenção do bem, as opções mais selecionadas pelos respondentes foram dificuldades ligadas ao transporte das guardas para participação nas festas e encontros, com incidência em 78% dos formulários válidos. Em seguida, constam as dificuldades para aquisição de instrumentos musicais e das indumentárias (uniformes, fardas, roupas, acessórios, etc), presente em 71% e 70% das respostas, respectivamente.

São inúmeras as dificuldades postas ao congado, e além destas mais citadas, o cadastro mostra recorrência significativa também de outras como a manutenção financeira dos grupos (62%), a falta de interesse dos mais jovens (46%), a vulnerabilidade socioeconômica dos membros das guardas (43%), o risco de desaparecimento dos saberes e de seus mestres (40%), a manutenção da sede (38%), a falta de apoio do poder público (37%) e o preconceito e intolerância religiosa (35%). Com menor incidência, foram apontadas as dificuldades ligadas à conversão a outras religiões e aos conflitos com a igreja católica, ambas em 14% das respostas e, por fim, os conflitos fundiários em 3% dos formulários.



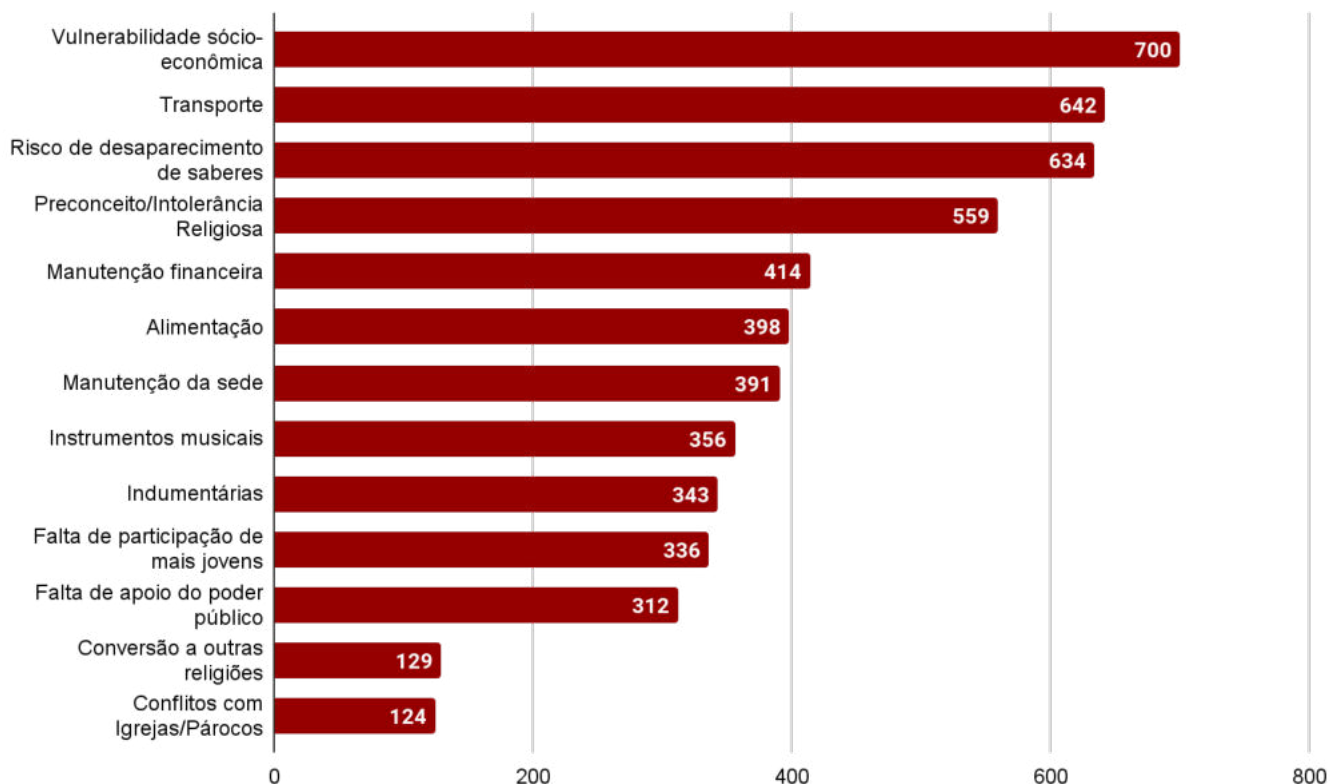


Figura 98 – Dificuldades enfrentadas para manutenção dos Reinados e Congados.

Por fim, o cadastro indagava sobre quais ações deveriam ser realizadas para garantir a continuidade da prática. Essa questão era opcional e, dos cadastros válidos, recebeu 86,4% de respostas. Foi necessário proceder à categorização das respostas abertas recebidas, conforme termos controlados presentes na Tabela 4 abaixo. A maior parte das respostas indicaram a necessidade de apoio do poder público, porém sem indicar de forma objetiva uma ação a ser realizada ou uma demanda a ser atendida. Por outro lado, esse dado deixa evidente que há uma forte expectativa dos grupos em relação à atuação governamental, frente à histórica ausência de políticas públicas estruturadas para a valorização da cultura negra no Brasil,²⁶³ onde se insere o fomento e demais ações de salvaguarda do patrimônio cultural afro mineiro. Dentre as respostas que indicavam ações

²⁶³ Esta ausência é apontada em diversa bibliografia, como por exemplo, nas entrevistas com lideranças dos movimentos negros brasileiros em Alberti, Verena; Pereira, Amílcar. *Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*. Pallas Editora. 2016.

específicas, as mais recorrentes dizem respeito ao repasse direto de recursos financeiros, a aquisição de indumentárias, o apoio para o transporte das guardas e construção da sede, apontando para a proeminência do eixo de salvaguarda do Apoio e Fomento.

Tabela 4. Subcategorias de salvaguarda

Subcategorias de salvaguarda	Quantitativo
Apoio poder público geral	173
Verba	150
Indumentária	139
Transporte e mobilidade	134
Instrumentos musicais	124
Construção Sede	124
Educação patrimonial	74
Manutenção da prática	63
Criação/simplificação de editais de fomento	55
Capacitação para manutenção da prática	49
Manutenção Sede	48
Participação da juventude	46
Divulgação	45
Apoio jurídico/legal	40
Indeterminado	24
Auxílio logístico	23
Reconhecimento como bem cultural	19
Alimentação	16
Criação de organização congadeiros	14
Preconceito religioso/racial	11
Custo da festa	9
Apoio/ diálogo com entidades religiosas	8
Ajuda financeira aos participantes do congado	8
Manutenção igreja	6
Produção audiovisual	5
Calendário	3





Fonte: Análise realizada pelo Iepha-MG a partir dos dados disponíveis no Cadastro de Reinados e Congados de Minas Gerais realizado pelo próprio instituto



Figura 99 – Percentual das ações de salvaguarda indicadas pelos grupos

Tabela 4. Incidência de demandas de salvaguarda.

Demanda de salvaguarda	Quantitativo
Verba	50
Transporte	29
Participação Social	29
Sede	58
Organização geral	45
Indeterminado	104
Reconhecimento	95
Manutenção Geral	252

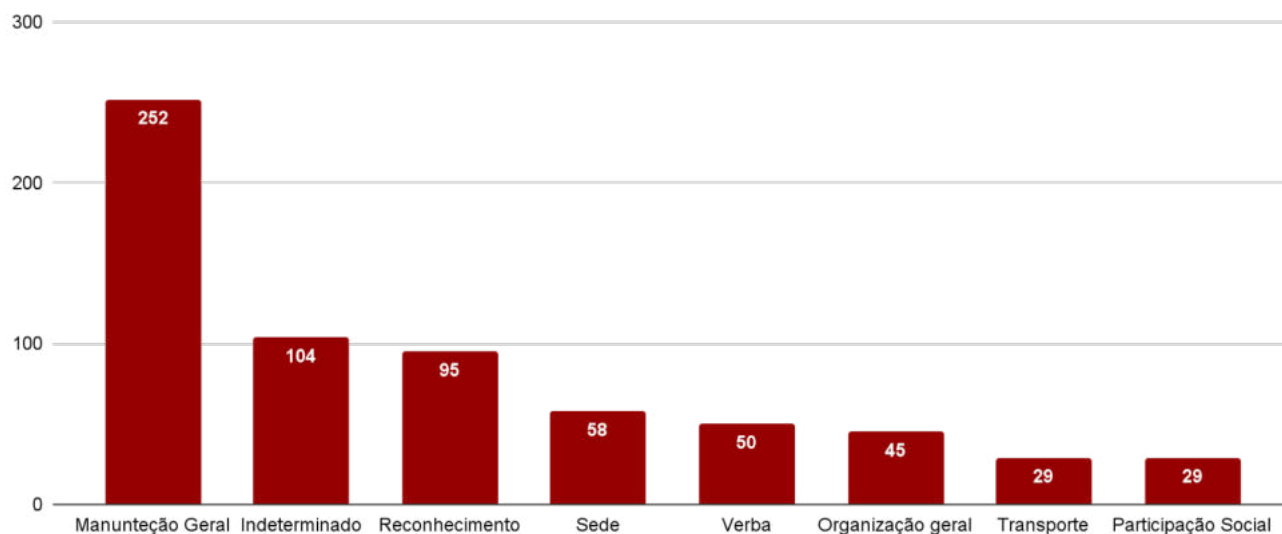


Figura 100 – Incidências de respostas por eixos centrais das demandas de salvaguarda.

*Vou contar-lhe uma história
Peço, preste atenção
É uma história muito antiga
Do tempo da escravidão.*

*No dia 13 de Maio
Assembléia trabaiô
Nego veio era cativo
E a Princesa libertô
Nego veio era cativo
E agora virou Sinhô.*

*No tempo da escravidão
Era branco que mandava
Quando branco ia pra missa
Era nego que levava.*

*Quando branco ia pra missa
Era nego que levava
Branco entrava pra Igreja
Nego cá fora ficava.*

*Branco entrava pra Igreja
Nego cá fora ficava
E se nego reclamasse
De chiquirá ele apanhava.*





*E se nego reclamasse
De chiquirá ele apanhava
Nego só ia rezar
Quando na senzala chegava.*

*Que dó, que dó,
Jesus Cristo está no céu
Amparando estas almas
Desses nego sofredô.*

*Ô sinhô abra a porta
Que os nego quer entrar
Para ouvir a Santa Missa
Que o Sinhô vai celebrar*

5. MOTIVAÇÃO PARA O REGISTRO

*Eu não matei, eu não roubei
Eu não fiz nada,
Vim pedi Nossa Senhora,
Para ser minha advogada.*

A partir da caracterização e análise histórico-antropológica dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais* em seus múltiplos aspectos, da apresentação dos dados obtidos pelos Cadastros do Patrimônio Cultural, das discussões bibliográficas e trechos de dossiês produzidos por diversos municípios de Minas Gerais, este documento discutiu uma amostra do extenso universo que compõe esse bem cultural no estado. As elaborações apresentadas aqui não devem se esgotar no presente, mas lançar luz para a extensão e diversidade que compõem o bem cultural.

Buscou-se com este dossiê demonstrar a capilaridade dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*, presente de norte a sul do vasto estado, sua dinamicidade e relevância para identidade de Minas Gerais, demarcando ainda sua origem negra solidificada na ancestralidade de mulheres e homens que foram escravizados e ocuparam as terras do estado e do país, deixando como herança uma cosmologia associada centralmente à devoção de Nossa Senhora do Rosário e aos seus festejos. É através das Celebrações do Rosário que seus detentores expressam sua dinâmica de vida, a relação com o sagrado, mantêm e transmitem seus saberes, além de fazerem resistência contra o racismo religioso e suas estruturas. Em seus múltiplos aspectos – social, cultural, religioso, e além – as celebrações apresentam a trajetória de fé e resistência de coletividades negras, que se expressam a partir do catolicismo negro e do Rosário como práticas vigentes e pulsantes no estado de Minas Gerais.

É comum que diante da consolidação das argumentações para o registro de um bem cultural seja realizado o processo de atribuição de *valores de significância cultural* que





justifiquem sua proteção por meio deste instrumento, e que norteiem a elaboração de ações para sua salvaguarda. A determinação da significância cultural é uma etapa do processo de gestão dos bens culturais, e ganhou importância nas discussões atinentes à preservação do patrimônio cultural através da publicação da Carta de Burra²⁶⁴. O documento define o conceito de significância como o “valor estético, histórico, científico, social ou espiritual, [que o bem representa] para as gerações passadas, presentes e futuras”.²⁶⁵ O termo remete aos sentidos e valores atribuídos aos bens culturais e que foram adquiridos ao longo do tempo a partir das relações estabelecidas com os sujeitos, nos diversos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais existentes. Originalmente pensados para valoração dos bens materiais, o Iepha-MG tem, nos últimos anos, acionado e ampliado esse conceito para o trabalho com as imaterialidades. Nesse sentido, os valores de significância devem ser sempre aqueles evocados pelos diversos atores e grupos sociais envolvidos na manifestação cultural, não sendo inerentes aos bens culturais, podendo, inclusive, modificar-se ao longo do tempo ou, ainda, coexistirem valores contraditórios e antagônicos.

Entretanto, colocamo-nos diante de um bem cultural cujas matrizes e fundamentos desafiaram, com suas noções de sagrado, territorialidade, comunidade e partilha, as próprias bases de formação colonial do Estado, guardando modos de vida complexos e enraizados na ancestralidade africana. Assim, torna-se tarefa também complexa operacionalizar a definição de valores partindo de nossas referências próprias de gestão e administração, tão distantes desse universo. De saída, é possível determinar que os *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*, evocam e perpetuam valores *estéticos*, a partir de suas sonoridades, ritmos e estilos de indumentárias; *históricos e etnográficos* a partir do que foi denominado como arquivos orais do povo negro (Martins, 2003) onde a oralidade e o gesto

²⁶⁴ A Carta de Burra é um documento de referência do patrimônio cultural que fornece orientações a respeito de bens culturais em suas diversas esferas. Nela existem diretrizes (não normativas) para a manutenção, conservação, preservação, restauração, reconstrução e demais práticas pertinentes a sítios com relevância cultural. Escrita em 1980 sob a responsabilidade do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos) – uma organização não governamental global associada à Unesco –, a carta sofreu atualizações em 1981, 1988, 1999 e 2013. Para mais informações, ver KÜHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. In: Anais do Museu Paulista, 2010, vol. 18, n. 2, p. 287-320. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5539>>. Acesso em 26 mar. 2024.

²⁶⁵ Art. 1, Carta de Burra. ICOMOS, Austrália, 1999.

expressos nas práticas, cantos e performances vão guardar e transmitir não apenas práticas de matriz africana, como também a própria história da diáspora e formação de Minas Gerais e do Brasil; de *espiritualidade e cosmologia* específicos; de *associativismo e comunidade*, visto as potencialidades de seu modo de vida pautado em valores comunitários e de cooperação mútua a partir das Irmandades.

No entanto, as Celebrações do Rosário se configuram em um bem de grande complexidade, pois assumem diferentes perspectivas nas narrativas e práticas de reinadeiros e congadeiros. Como mencionado, são momentos de festejar, de louvar, de se relacionar e prestar respeito ao sagrado, de promover a sociabilidade e a comensalidade, e de transmitir saberes e fazeres que, para além desses aspectos, se relacionam de maneira ímpar com a auto estima das comunidades afrodescendentes, com enfrentamento às dinâmicas racistas e com a resistência por meio da religiosidade e expressividade. O tempo de louvar Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e demais santos de devoção, de vestir a farda, pegar os instrumentos, levar a bandeira e ocupar as ruas, igrejas e comunidades é aguardado por todos. Seja pela própria comunidade que prepara sua sede, por guardas e ternos que vêm prestigiar a Festa em uma relação de troca com aqueles que também os visitam, bem como de devotos, vizinhos, turistas, pesquisadores e outros interessados que vão para as ruas acompanhar os cortejos.

Sendo assim, ao concluir essa análise e argumentação em defesa do registro desse bem cultural, a equipe técnica indica que, para além dos valores acima mencionados, de utilização corrente na categorização de bens culturais imateriais, os *Caminhos, Expressões e Celebrações do Rosário em Minas Gerais* vão evocar significâncias que perpassam e transcendem tais valores. Isso porque possuem uma conexão fundamental com o sagrado e a comunidade que se manifestam através da perspectiva do *cuidado coletivo*, na qual capitães e mestres usam de seus saberes para a manutenção do próprio bem-estar comum de suas guardas, ternos e comunidades. Isso tudo, não apenas durante os cortejos, quando bastão, bandeira, cantos, danças, instrumentos e objetos sagrados assumem a capacidade de





benzer o próprio grupo e aos que participam e acompanham em seu entorno, mas em aspectos ainda mais amplos, como veremos a seguir.

Percebe-se, a partir do estudo aqui apresentado, que os capitães e mestres possuem a responsabilidade de mediação entre o plano terreno e o sagrado, com um olhar atento para as necessidades e bem-estar geral de sua comunidade. Trata-se de problemas de saúde, no estrito senso, além de resolução de conflitos e questões familiares, perdas de bens ou dificuldades financeiras (Viana, 2013) que os cuidados com rezas e bênçãos, pelo uso de plantas, raízes, banhos e pelas mais variadas orientações ao longo de todo ano, para que estejam todos bem e fortalecidos no período das celebrações.

A noção de saúde (...) parece estar muito mais associada a um equilíbrio entre a esfera das causas invisíveis e aquela onde experimentamos as atividades e atribuições cotidianas (...) dessa forma, por sua capacidade de mediação, contando com o auxílio de entidades, bem como com um poder herdado de seus ancestrais, familiares e africanos; e é essa capacidade, esse poder, que norteia suas práticas de manipulação de plantas e confecção de garrafadas, assim como as benzeções e aconselhamentos. Constituem um todo que só faz sentido se pensado junto à sua devoção à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, ao dom e à missão dada a ele.²⁶⁶

Disto ainda deriva mais um componente da complexidade de valores dessas celebrações, a perspectiva *da resistência e da denúncia às violências coloniais* - as quais a estrutura colonial estatal buscou constantemente apagar ou enviesar sua história e narrativa. A partir da consolidação de mecanismos de cuidado coletivo, constroem comunidades autodefinidas, promovendo a autoestima e o pertencimento de gerações. Ao mesmo tempo em que, com suas cantigas e expressões, denunciam "o tempo do cativo", os processos coloniais e escravocratas. Ao evocar ainda por meio da festa, do canto, do rito e do ritmo a memória dos ancestrais a partir da coroação de Reis e Rainhas negros, reinadeiros e congadeiros se empenham em enfrentar o racismo que muitos vivenciaram e vivenciam cotidianamente, conforme descrito anteriormente neste dossiê a partir da reflexão de diversos intelectuais e mestres. Ao lado dessas reflexões, reiteramos o valor imensurável dos

²⁶⁶ VIANA, Talita. CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS APONTAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE CURA NO UNIVERSO DO CONGADO DE FAGUNDES – MG. PÓS, 2013.

Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais, que são, tanto devoção e festa, como um acionamento da memória dos povos negros do estado que deve ser mediada pela intercessão de Nossa Senhora do Rosário e pelos os saberes dos mais velhos, das lideranças, de capitães, capitães e suas pessoas de referência.

O registro dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais* como patrimônio cultural do Estado, portanto, não está relacionado a algum risco de perda ou desaparecimento da prática, como muitas vezes trata-se os bens de natureza imaterial no universo patrimonial. Pelo contrário, ao longo dessa pesquisa observou-se a vitalidade pulsante do bem cultural. Através das dimensões da celebração religiosa que se interpõem e se expandem no cerne da prática; das formas de expressão atreladas às festividades, com sua musicalidade negra, entoada por tambores, gungas e patangomes, que acompanham dançantes vestidos com indumentárias de uma infinidade de cores e estilos; de Reis e Rainhas coroados; de cortejos que ocupam as cidades e espaços públicos; dos trânsitos e trocas nas visitas entre guardas; da partilha do alimento; esse bem cultural narra a história de Minas Gerais pelas vozes e corpos da ancestralidade negra que construiu o estado, além de promover e fortalecer o bem estar coletivo, a memória e autoestima das comunidades e das pessoas negras. **Recomendamos, portanto, a inscrição dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais* no Livro de Registro das Celebrações e no Livro de Registro das Formas de Expressão**, compreendendo a capilaridade e vastidão de sua ocorrência no território mineiro, e reconhecendo os festejos em sua capacidade de expressão e síntese dos saberes que o constituem.





6. PROPOSTAS PARA O PLANO DE SALVAGUARDA DO BEM CULTURAL

A salvaguarda é a principal medida de proteção e manutenção de um bem cultural, que se consolida a partir de diretrizes previstas na legislação federal, estadual e em alguns municípios. Conforme orientações da *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial* proposta pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a salvaguarda se refere

as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal – e a revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos.²⁶⁷

Pensando os *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais* como um bem cultural de natureza imaterial, mas que é sustentado por diversos elementos da materialidade, as medidas de salvaguarda compõem elementos fundamentais para a construção deste dossiê técnico e de políticas públicas de proteção do bem cultural pelo poder público, visando reconhecimento, valorização e especialmente, a continuidade das práticas tradicionais e de seus detentores. No âmbito global, para assegurar a salvaguarda e a valorização dos bens culturais, a Unesco estabelece importantes diretrizes, tais como:

- a) adotar uma política geral visando promover a função do patrimônio cultural imaterial na sociedade e integrar sua salvaguarda em programas de planejamento;
- b) designar ou criar um ou vários organismos competentes para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial presente em seu território;
- c) fomentar estudos científicos, técnicos e artísticos, bem como metodologias de pesquisa, para a salvaguarda eficaz do patrimônio cultural imaterial, e em particular do patrimônio cultural imaterial que se encontre em perigo;
- d) adotar as medidas de ordem jurídica, técnica, administrativa e financeira adequadas para:
 - I) favorecer a criação ou o fortalecimento de instituições de formação em gestão do patrimônio cultural imaterial, bem como a transmissão desse patrimônio nos foros e lugares destinados à sua manifestação e expressão;
 - II) garantir o acesso ao patrimônio cultural imaterial, respeitando ao mesmo tempo os costumes que regem o acesso a determinados aspectos do referido patrimônio;

²⁶⁷ UNESCO. CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, Paris, 17 de outubro de 2003, p. 3.

III) criar instituições de documentação sobre o patrimônio cultural imaterial e facilitar o acesso a elas.²⁶⁸

No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é o órgão responsável pela atuação no âmbito federal, possuindo as suas próprias diretrizes, normativas e discussões acerca do patrimônio cultural imaterial e sua proteção em âmbito federal. A criação de um instrumento legal sobre a salvaguarda teve a sua primeira proposta em 1997, com a Carta de Fortaleza²⁶⁹, mas foi com a publicação do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, que trouxe a regulamentação do artigo 216, §1º da Constituição Federal de 1988 e efetivou a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), que o Brasil passou a contar ações regulamentadas para proteção aos bens de natureza intangível, como o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Em 2004, o Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) foi criado na instituição, dando início a estruturação da política para o patrimônio imaterial e a sua salvaguarda.

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), possui papel central para a implementação de medidas de salvaguarda em todo o país, com as suas seis diretrizes tendo como pilares “a documentação e produção de conhecimento que abordam o patrimônio cultural no contexto social e territorial onde se desenvolve, contemplando as condições sociais, materiais e ambientais que permitem sua manutenção e reprodução” (IPHAN, 2014). Conforme a Portaria N° 200 de 18 de maio de 2016, as seis diretrizes do PNPI são:

- Promover e difundir a Política de Salvaguarda do patrimônio Imaterial para todos os grupos, coletividades e segmentos que compõem a sociedade brasileira;
- Fortalecer e difundir as bases institucionais, conceituais e técnicas do reconhecimento e valorização da dimensão imaterial do patrimônio cultural;
- Contemplar, na sua execução, a diversidade e heterogeneidade dos contextos socioculturais existentes, priorizando, sempre que possível, grupos, segmentos e regiões menos atendidas pela ação institucional;
- Promover a salvaguarda dos bens culturais por meio do apoio às condições materiais que propiciam sua existência, aos processos de

²⁶⁸ Ibidem, p. 6.

²⁶⁹ Iphan. Carta de Fortaleza. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf>> Acesso em 02 abr. 2024.





transmissão de saberes e práticas constituintes da sua dinâmica e do fortalecimento dos seus detentores enquanto coletividades;

- Promover a gestão compartilhada do patrimônio cultural imaterial, articulando sociedade civil e instituições governamentais, respeitando as diferentes possibilidades de atuação e responsabilização dos atores envolvidos.
- Apoiar por meio de mediação junto às instâncias competentes, o reconhecimento e a defesa de direitos difusos, coletivos, autorais e conexos e de propriedade intelectual no que se refere ao patrimônio cultural imaterial e seus detentores.²⁷⁰

Dessa forma, as propostas que serão apresentadas a seguir levam em consideração as diretrizes e normativas federais e internacionais, buscando implementar ações que valorizem a inter-relação entre instituições parceiras e, principalmente, a autonomia dos detentores na gestão de seu patrimônio. Para tanto, algumas ações são priorizadas, como o reconhecimento de problemas enfrentados pelos detentores que podem impedir a continuidade das suas práticas e reflexão sobre os meios possíveis para resolução dessas questões, o planejamento de estratégias de execução, identificação e articulação entre instituições públicas das três esferas da gestão pública para o desenvolvimento de políticas de salvaguarda, além da participação e acompanhamento das ações planejadas (IPHAN, 2017, p. 13). O papel da instituição executora da salvaguarda é de planejamento, mediação e articulação, e relaciona-se com a centralidade e o protagonismo dos detentores do saber nesse processo, que devem ter participação ativa, coletivamente.

Destaca-se novamente o caráter compartilhado e participativo que se deve basear a gestão de um plano de salvaguarda. Afinal, se a preservação de um bem cultural atende, prioritariamente, aos detentores a ele vinculados, espera-se que estes sejam também envolvidos nas mais diversas etapas, desde a concepção, a execução, o monitoramento e a avaliação de um plano de salvaguarda. Desta maneira, “as expressões vivas da memória e identidade dos povos e comunidades do nosso país poderão se perpetuar indefinidamente, de

²⁷⁰ IPHAN. Portaria nº 200, de 18 de maio de 2016. Dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria_n_200_de_15_de_maios_de_2016.pdf>. Acesso em 30 de março de 2024.

pais para filhos, de avós para netos, salvaguardando o que se quer guardar” (IPHAN, 2017, p. 33).

A Constituição do Estado de Minas Gerais de 21 de setembro de 1989, em seu artigo 207, já formalizava que o poder público deve garantir o pleno exercício dos direitos culturais, e que tem como responsabilidade incentivar, valorizar e difundir as manifestações culturais do estado. Para isso, prevê a “adoção de medidas adequadas à identificação, proteção, conservação, revalorização e recuperação do patrimônio cultural, histórico, natural e científico do Estado” (MINAS GERAIS, 2021, p. 165).

No parágrafo primeiro deste artigo, já está indicada a orientação de uma condução compartilhada de demandas do patrimônio cultural ao registrar que “o Estado, com a colaboração da comunidade, prestará apoio para a preservação das manifestações culturais locais, especialmente das escolas e bandas musicais, guardas de congo e cavalhadas” (MINAS GERAIS, 2021, p. 165). Esse dossiê dá atenção especial ao recomendado no artigo, que solicita o apoio e preservação das denominadas “guardas de congo”, que conforme mencionado são grupos detentores dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*, sendo que o presente registro regulamenta e cria diretrizes para efetivação desse artigo constitucional.

O artigo 209 aponta que o Estado, com a colaboração da comunidade, viabilizará a proteção do patrimônio cultural mineiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e outros recursos que auxiliem a preservação desse patrimônio.

Além disso, conforme o decreto nº 47.921, de 22 de abril de 2020, é papel do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, “promover a identificação, o reconhecimento e a salvaguarda do patrimônio cultural do estado, por meio de medidas administrativas como inventário, registro, tombamento e outras formas de acautelamento” e “promover a realização de ações educativas para a identificação, o reconhecimento e a salvaguarda dos bens culturais, junto à sociedade e às instituições públicas ou privadas”.

Dessa forma, no âmbito estadual, o Iepha-MG atua conforme a legislação do estado e mantém muitas orientações e estratégias destacadas pela UNESCO e pelo IPHAN, com





destaque para a centralidade dos detentores de saber nos processos de salvaguarda, a partir de uma articulação entre o poder público e os coletivos responsáveis pela manutenção dos patrimônios culturais de natureza imaterial.

Ademais, a partir das orientações do já citado Programa Nacional do Patrimônio Imaterial do órgão federal, o Iepha-MG estabelece suas próprias diretrizes para garantia da preservação e continuidade do patrimônio cultural imaterial, considerando o seu dinamismo e importância na constituição das mais diversas comunidades. São elas:

- Promoção da inclusão social e melhoria das condições de vida de produtores e detentores do patrimônio cultural imaterial;
- Ampliação da participação dos grupos que produzem, transmitem e atualizam manifestações culturais de natureza imaterial nos projetos de preservação e valorização desse patrimônio;
- Promoção da salvaguarda de bens culturais imateriais por meio do apoio às condições materiais que propiciam sua existência bem como pela ampliação do acesso aos benefícios gerados por essa preservação;
- Implementação de mecanismos para a efetiva proteção de bens culturais imateriais em situação de risco;
- Respeito e proteção aos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso do patrimônio cultural imaterial.²⁷¹

Tais ações devem ser planejadas para desenvolvimento em curto, médio e longo prazo, ampliando os resultados da política de salvaguarda de forma efetiva. Além disso, o Iepha-MG se apropria do PNPI, a partir das linhas de atuação adotadas pelo programa: pesquisa, documentação e informação, reconhecimento e valorização, sustentabilidade, promoção e difusão, capacitação e fortalecimento institucional. Em relação à pesquisa, a sistematização de dados, levantamentos, mapeamentos e inventários, especialmente a metodologia do Inventário Cultural Participativo, são fundamentais na garantia do que se entende como sustentabilidade.

Nesse sentido, compreendendo o patrimônio cultural imaterial como dinâmico e em constante movimento, diversas iniciativas são pensadas para a permanência e sustentabilidade do bem cultural patrimonializado, sendo elas:

²⁷¹ Programa Nacional do Patrimônio Imaterial : compêndio dos editais : 2005 a 2010 / coordenação, Rívia Ryker Bandeira de Alencar. – Brasília, DF : Iphan, 2016.

- Formulação e implementação de planos de salvaguarda de bens culturais inventariados ou registrados;
- Estímulo e apoio à transmissão de conhecimento entre produtores de bens e de manifestações de natureza imaterial;
- Incentivo a ações de reconhecimento e valorização de detentores de conhecimentos e formas de expressão tradicionais, e apoio às condições sociais e materiais para a continuidade destes conhecimentos;
- Apoio a ações que visem à organização comunitária e gerencial de produtores ou detentores de bens culturais;
- Apoio a ações de melhoria das condições de produção e circulação de bens culturais imateriais, numa perspectiva de preservação do meio ambiente e de proteção de contextos culturais específicos;
- Apoio a programas de desenvolvimento social e econômico que incluam e valorizem o patrimônio cultural imaterial das comunidades envolvidas;
- Elaboração de indicadores para acompanhamento e avaliação de ações de valorização e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

No âmbito dessas ações, o Iepha-MG desenvolveu metodologias participativas para a captação de demandas de salvaguarda, como o Fórum de Salvaguarda dos Reinados e Congados, realizado de forma virtual em junho de 2022, com a presença de detentores e representantes de diferentes municípios.

A metodologia dos fóruns de salvaguarda promovida pelo Iepha-MG consiste em um momento de ouvir os detentores a fim de conhecer suas trajetórias, bem como identificar quais são as suas principais demandas e necessidades, de forma a garantir sua participação no desenvolvimento de propostas de salvaguarda. Trata-se de uma escuta ativa orientada pelos principais conceitos do patrimônio cultural, da memória e identidade coletiva, diversidade cultural, cidadania e sustentabilidade.

A partir dessas orientações, o Iepha-MG constrói as suas próprias diretrizes, aplicadas em todos os seus processos de registro e salvaguarda, a partir de quatro eixos de atuação:





Figura 101 - Eixos para salvaguarda de bens culturais imateriais do estado de Minas Gerais

Fonte: Elaboração Iepha-MG

E são essas orientações que servirão de base para a construção do plano de salvaguarda dos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*, pensando o desenvolvimento de estratégias que enriquecem e viabilizam a salvaguarda da celebração, dos saberes, modos de fazer, celebração e transmissão de técnicas que se relacionam com o bem cultural e com a atuação dos agentes de salvaguarda, sejam eles os próprios detentores, parceiros ou as instituições de proteção ao patrimônio.

*Moçambique é coisa de negô veio
De anda devagarinho
Oi quem anda com preto veio
Nunca fica no caminho.*

6.1 Propostas de ações para elaboração do Plano de Salvaguarda

Os quatro pilares de atuação do Iepha, são aplicados de forma prática, com o eixo “Transmissão da Tradição e Valorização” voltado para o desenvolvimento de ações voltadas

para a transmissão dos saberes, formas de expressão e celebrações dos Reinados e Congados dando apoio a imaterialidade e materialidade do bem cultural.

Em relação a “Gestão Participativa e Sustentabilidade”, a salvaguarda é pensada a partir da ampla participação dos detentores/comunidades detentoras, da sociedade civil e do Estado, articulando todas as esferas, através de fóruns, comitês, encontros, entre outros, obedecendo sempre os Protocolos Comunitários de Consulta das comunidades e respeitando o princípio do consentimento prévio, livre e informado. Além disso, os Cadastros do Patrimônio Cultural permanecerão abertos para os Reinados e Congados, para que novos cadastros possam ser realizados, contribuindo com a identificação dos grupos.

Conforme o eixo de “Apoio e Fomento”, a formação de gestores sobre o tema da Salvaguarda e a capacitação de detentores do bem cultural para a participação em editais e captação de recursos, além do apoio na logística e estrutura física para eles, são prioridade, possuindo ainda um foco na articulação e promoção de parcerias para disponibilização de recursos para ações de salvaguarda.

Por fim, o quarto eixo “Promoção e Difusão” diz respeito às ações de divulgação e valorização dos Reinados e Congados, destacando sua relevância cultural para a sociedade.

Inicialmente, as propostas de ações de salvaguarda direcionadas a este bem cultural foram construídas conforme as diretrizes e orientações descritas acima, levando-se em consideração, sobretudo, a experiência prévia de gestão da salvaguarda de dois bens culturais registrados no âmbito estadual ligados aos Reinados e Congados, a saber, Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (2013) e Comunidade dos Arturos (2014), bem como, a participação em eventos, reuniões, análises de demandas recebidas no Instituto de detentores ao longo dos anos, além do Fórum de Escuta para Salvaguarda dos Reinados e Congados realizado em 2022, no âmbito do Programa de Valorização da Cultura Afro em MG - Afromineiridades e das cartas, especialmente aquela destinada ao Iepha-MG, produzidas no 1º Fórum Mineiro de Reinados e Congados, realizado no município de Paula Cândido em 2023 e assinada por lideranças e representantes de 110 municípios mineiros, também foram orientadoras desta proposta.



Além disso, os trabalhos de campo, reuniões com detentores e ações de identificação já realizadas assumem grande importância para a proposição inicial das ações de salvaguarda, que deverão ser ratificadas nos encontros com os detentores do bem cultural durante a elaboração do Plano de Salvaguarda.

Outra importante fonte para a reflexão sobre as propostas de salvaguarda, foram as demandas levantadas pelas prefeituras municipais e pelos próprios detentores nos dados Cadastro do Patrimônio Cultural, com destaque aos campos “Selecione quais as dificuldades relacionadas à manutenção do Reinado/Congado?” e “Indique as ações que desejaria que fossem realizadas em benefício do Reinado/Congado (opcional)”.

Sendo assim, a partir das propostas aqui apresentadas, o Iepha-MG propõe que o Plano seja consolidado e atualizado a partir da criação de Comitês e fóruns regionais, visando a ampliação da participação das comunidades detentoras, que devem validar e acrescentar novas propostas a este Plano. Após aprovação do Plano de Salvaguarda junto aos detentores, as ações de salvaguarda deverão ser organizadas de acordo com uma perspectiva temporal, conforme horizontes de curto, médio e longo prazo.

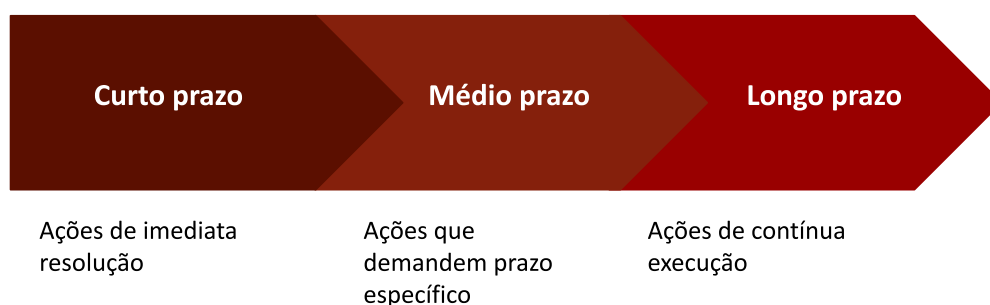


Figura 102 - Ações previstas após a validação da salvaguarda
Fonte: Elaboração Iepha-MG.

Sendo assim, a partir das demandas de salvaguarda que surgiram durante o processo de pesquisa e escuta, foram construídas quatro tabelas de ações, conforme os eixos de atuação previamente destacados, divididas entre propostas gerais, voltadas para os Reinados e Congados de Minas Gerais como um todo, e entre propostas específicas, voltadas para as

referências culturais relacionados aos *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*

EIXO 1 - TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO E VALORIZAÇÃO

Proposta Geral

Criação e execução de iniciativas que valorizem os *Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*, apoiem as condições materiais de produção e reprodução do bem e dos saberes que o constituem, e promovam ações de enfrentamento ao racismo religioso que ameaça a fruição da prática.

Propostas Específicas

1.1	Promover e apoiar espaços de troca de conhecimentos e aprendizagem entre mais velhos e mais jovens dos grupos.
1.2	Estimular e criar eventos e redes de intercâmbio de saberes entre reinadeiros e congadeiros do estado.
1.3	Promover e facilitar o diálogo entre as lideranças dos Reinados e Congados junto a paróquias e entidades religiosas em busca de resolução de conflitos.
1.4	Promover e facilitar o diálogo entre as lideranças dos Reinados e Congados junto ao poder público local a fim de garantir a liberdade de circulação e reprodução da prática cultural pelos seus detentores, bem como apoio logístico e material para as celebrações.
1.5	Criar um Grupo de Trabalho composto por detentores, representantes da Igreja Católica, gestores públicos locais, pesquisadores, representantes do Ministério Público, Defensoria Pública e outros agentes interessados a fim de propor





	estratégias de atuação contra o racismo religioso e a garantia da expressão religiosa de matriz africana dos Reinados e Congados.
1.6	Mediar, estimular e promover atividades de educação para o patrimônio junto às escolas municipais e estaduais, garantindo o protagonismo dos detentores, como estratégia pedagógica de enfrentamento ao racismo religioso.
1.7	Propor pontuação específica junto a política do ICMS Patrimônio Cultural para ações que promovam e valorizem programas de educação para o patrimônio e de combate ao racismo relacionados ao bem cultural.
1.8	Promover e estimular a realização de materiais e campanhas educativas de conscientização contra o racismo religioso e de promoção do bem cultural.
1.9	Elaborar documentação fotográfica e audiovisual acerca das ações dos Reinados e Congados, das festas, dos cantos, dos tocares, dos lugares de referência, das histórias e saberes de mestres congadeiros. Oportunizar e incentivar que mestres e jovens detentores realizem essas pesquisas e produções.
1.10	Articular com a rede estadual de ensino e com as redes municipais para o desenvolvimento de projetos nas escolas que valorizem a cultura congadeira, incentivando as gerações mais novas de congadeiros que estão em espaços escolares, a reconhecerem os elementos identitários do bem objeto de salvaguarda e valorizar seu legado.
1.11	Incluir pontuação específica no ICMS Patrimônio Cultural para municípios que destinarem parte do recurso ao intercâmbio cultural e para os municípios que realizarem transferência de recursos financeiros, para representantes de grupos de Reinados e Congados, por meio do CPF ou CNPJ, mediante plano de ação simplificado, no desenvolvimento de ações de salvaguarda do bem cultural.
1.12	Favorecer, por meio de parceria com a Secretaria Estadual de Educação e demais entidades, a formação de professores para tratativa das questões relativas ao patrimônio cultural imaterial, como questões raciais e religiosas, e

	sobre a história e relevância cultural do bem, nos espaços formais e não formais de educação.
1.13	Organizar uma publicação ilustrada que retrate as indumentárias, instrumentos utilizados e os festejos realizados pelos Reinados e Congados.
1.14	Estimular a transmissão dos saberes entre as gerações congadeiras, seja por meio de cursos, oficinas, eventos e demais recursos, e pelo apoio à garantia de gestão autônoma de seus territórios.
1.15	Apoiar pesquisas e documentações, bem como sua difusão, sobre as Celebrações do Rosário em Minas Gerais.
1.16	Incentivar a criação de políticas de proteção em nível local, como o Registro do bem cultural na esfera municipal.
1.17	Desenvolver um programa de incentivo e resgate da memória de congados e mestres congadeiros em risco de desaparecimento, através de registros de História Oral.

EIXO 2 - GESTÃO PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE

Proposta geral

Desenvolvimento de iniciativas que garantam a ampla e efetiva participação dos detentores de saber, da sociedade civil e de representantes do poder público para execução das ações de salvaguarda do bem cultural. Tais iniciativas devem manter uma regularidade e alcançar o território mineiro de maneira igualitária.

Propostas específicas





2.1	Instituir um comitê geral de salvaguarda do bem cultural, bem como comitês de salvaguarda nas mesorregiões para execução de ações que atendam às demandas regionais e possibilitem um diálogo mais próximo com as comunidades envolvidas.
2.2	Buscar parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - Iphan para articulação e mobilização de ações de salvaguarda.
2.3	Mobilizar e articular conselhos e comitês regionais deliberativos já instituídos para proposição de novas ações e participação nas iniciativas para a salvaguarda do bem.
2.4	Promover a formação de gestores locais sobre a temática da salvaguarda, estimulando a participação dos mais diversos agentes de patrimônio na construção de políticas locais, em especial detentores do saber.
2.5	Realizar cursos de formação com detentores para participação em editais vinculados às leis de incentivo à cultura e demais certames, a fim de garantir o acesso a mecanismos de fomento.
2.6	Realizar cursos, oficinas, assistências para formação de detentores acerca dos trâmites de processos de regularização da entidade que rege/coordena o reinado e congado.
2.7	Promover oportunidades para que agentes de patrimônio compartilhem seus saberes com os mais diversos coletivos e demais formas de organização, favorecendo a transmissão dos saberes e a permanência do bem por meio da manutenção das práticas a ele relacionadas.
2.8	Articular com os municípios e demais órgãos do Governo do Estado de Minas Gerais e do Governo Federal ações que visem o fortalecimento de políticas sociais para reinadeiros e congadeiros

EIXO 3 - APOIO E FOMENTO

Proposta Geral

Instituir mecanismos diversos e facilitados de apoio e fomento para execução das Celebrações do Rosário, que proporcionem o bom desenvolvimento de seus aspectos logísticos, materiais e rituais e auxiliar a formação de detentores para elaboração de projetos que visem a captação de recursos para manutenção e a valorização de sua tradição.

Propostas Específicas

3.1	Articular e promover um encontro estadual anual dos Reinados e Congados do estado, cuja sede seja itinerante e represente a diversidade de regiões, a fim de fortalecer a troca de saberes e autoestima dos grupos.
3.2	Articular a realização de editais para o financiamento de atividades de circulação dos grupos, bem como estimular o fomento para circulação por meio das prefeituras e parceiros locais.
3.3	Estimular a criação de editais específicos que contemplem as necessidades dos diversos integrantes da cadeia organizadora do festejo, necessidades logísticas como transporte, alimentação, construção/manutenção da sede dos guardas ou Irmandades de reinado e congado, aquisição de indumentários e instrumentos musicais. E incentivar a participação dos detentores na elaboração desses editais junto a agências de fomento.
3.4	Promover parcerias com universidades, legislativo, judiciário, terceiro setor, para financiamento de ações de salvaguarda.
3.5	Articular parcerias com os municípios e demais parceiros para o apoio na participação dos Reinados e Congados na centenária Festa de São Benedito, realizada na cidade paulista de Aparecida.





EIXO 4 - PROMOÇÃO E DIFUSÃO

Proposta geral

Desenvolver ações de promoção e difusão a partir de estratégias da educação para o patrimônio, da comunicação social, do turismo de base comunitária, e do protagonismo dos detentores e da gestão autônoma da prática.

Propostas específicas

4.1	Elaborar uma edição dos Cadernos do Patrimônio Cultural sobre os <i>Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais</i> para ampla divulgação.
4.2	Produzir materiais de audiovisual acerca dos <i>Caminhos, Expressões e Celebrações do Rosário em Minas Gerais</i> .
4.3	Aprofundar a pesquisa sobre o bem cultural nas regiões onde há pouca produção bibliográfica, registros municipais e grupos cadastrados no Cadastro dos Reinados e Congados de Minas Gerais, sobretudo o Norte de Minas e a região do Vale do Mucuri.
4.4	Aprofundar a pesquisa e mapeamento sobre as festas e festividades relacionadas aos Reinados e Congados de Minas Gerais, possibilitando um calendário estadual dos festejos relacionados ao bem cultural e a promoção de rotas turísticas direcionada aos Reinados e Congados.
4.5	Aprofundar as pesquisas sobre as relações do bem cultural com a diáspora negra, religiões de matriz africana (como candomblé e umbanda) e confluências afroindígenas.
4.6	Aprofundar a pesquisa em relação aos saberes associados ao bem cultural a partir dos mestres, capitães, dançantes, tocadores, artesãos, cozinheiros e etc.

4.7	Promover a realização de inventários dos acervos das guardas e ternos, seja de imagens, instrumentos e indumentárias.
4.8	Incentivar as ações educativas para diferentes públicos, ampliando o conhecimento sobre a temática.
4.9	Organizar e disponibilizar um acervo sobre os Reinados e Congados em Minas Gerais para consulta pública.
4.10	Desenvolver e executar um plano de comunicação junto à Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT) para divulgação e valorização dos Reinados e Congados como patrimônio cultural imaterial do estado.
4.11	Publicar e divulgar para amplo acesso o Dossiê dos <i>Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais</i> .
4.12	Ampliar a divulgação de trabalhos já realizados sobre Reinados e Congados em Minas Gerais, sejam publicações, produtos de audiovisual, manifestações artísticas ou culturais.
4.13	Envolver a cadeia do turismo e de serviços, especialmente caravanas religiosas, para criação de iniciativas específicas para esses setores.
4.14	Instituir um canal aberto e contínuo para recebimento de contribuições acerca deste plano de salvaguarda e demais ações relacionadas ao bem cultural.

*Eee passo preto cantado,
Canto preso da gaiola,
Eee abre a porta da gaiola
Deixa o passo preto ir embora.*

6.2 Estratégias para construção/implementação do Plano de Salvaguarda





O Plano de Salvaguarda é um instrumento de gestão que visa, por meio da relação entre Estado e Sociedade, alcançar a autonomia e a sustentabilidade do bem cultural. Ele está previsto no Decreto Estadual nº 42.505 de 2002, sob a forma do Programa Estadual de Patrimônio Imaterial e na portaria nº 47 de 2009, sendo tratado na seção do Dossiê Técnico, no item VI - Plano de Salvaguarda, que prevê o diagnóstico e a proposição de diretrizes e ações para a salvaguarda do bem protegido.

Conforme colocado anteriormente, o Plano de Salvaguarda deverá ser validado pelos detentores do bem cultural, podendo ser acrescido novas demandas a ele. Assim, a salvaguarda impõe-se como um processo que acontece de forma constante ao longo do tempo e que precisa da participação ativa dos seus detentores para seu bom desenvolvimento.

Sugere-se que a primeira estratégia para implementação do Plano de Salvaguarda, seja a criação de uma comissão formada por detentores, integrantes do Iepha-MG, e parceiros, que atuem não somente no âmbito da preservação do patrimônio cultural imaterial aqui descrito, mas também na articulação e condução de proposições de ações de promoção e salvaguarda do bem cultural registrado.

Visando a construção do Plano de Salvaguarda de maneira participativa e descentralizada, de forma a abarcar as necessidades dos grupos detentores dos *Caminhos, Expressões e Celebrações do Rosário em Minas Gerais*, o Iepha-MG concentrará este processo na Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial (GPCI), que irá trabalhar com a salvaguarda deste bem cultural. À GPCI cabem as seguintes funções:

- Mobilizar e articular a criação do comitê para salvaguarda;
- Auxiliar e orientar o comitê na elaboração do Plano de Salvaguarda;
- Promover apoio institucional logístico e administrativo para o comitê;
- Acompanhar o cronograma de editais e auxiliar o comitê na elaboração de projetos;
- Estabelecer formas de pontuação no ICMS Patrimônio Cultural para os municípios que o aderirem e fomentar comitês Regionais;
- Acompanhar as Rodadas do Patrimônio Cultural para mobilizar municípios;
- Articular ações de Salvaguarda com as Secretarias de Cultura;

- Concluir o Plano de Salvaguarda;
- Efetivar o Plano de Salvaguarda de acordo com cronograma estabelecido.

Sugere-se que o comitê seja composto por representantes de Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, guardas, por reinadeiros e congadeiros, gestores locais, coletivos de cultura, instituições de ensino e pesquisa, associações de municípios e outros. Ao comitê caberá:

- Planejar e executar ações que viabilizem a promoção, valorização e continuidade dos Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais, por meio do diálogo constante entre Estado e Sociedade;
- Mobilizar redes locais;
- Realizar fóruns permanentes de escuta e reuniões internas periódicas;
- Buscar parcerias e mecanismos de fomento;
- Avaliar, sugerir e executar os projetos e ações para a salvaguarda do bem cultural.

O comitê deverá definir seu estatuto e regimento interno, a periodicidade dos encontros, suas competências, a rotatividade dos integrantes, além de projetos prioritários e estratégias de atuação. Assim, espera-se:

- Plano de Salvaguarda elaborado;
- Efetivação de uma política sistemática de salvaguarda por parte do Iepha-MG;
- Aumento da autonomia dos grupos detentores;
- Técnicos, agentes e gestores capacitados para desenvolver e gerir políticas participativas para o patrimônio;
- Políticas para o patrimônio implementadas, integradas territorialmente e geridas de forma participativa;
- Gestão compartilhada de salvaguarda por meio de um Comitê instituído, em funcionamento e fortalecido

Por fim, espera-se que com o registro e a implantação do Plano de Salvaguarda para os *Caminhos, Expressões e Celebrações do Rosário em Minas Gerais*, principalmente através da articulação e criação do Comitê para Salvaguarda do bem cultural, possam ser garantidas as condições de manutenção e transmissão dessa importante prática cultural de Minas Gerais.





*Senhora do Rosário, senhora do Rosáriooo
Eu hoje, acordei pedindo força
Senhora me deu a força
To aqui pra agradecê*

*Adeus terra diferente
Meu coração ta doendo
Nossa senhora que nos cuide
Pelo mesmo caminho que viemos.*

*Pavão Dourado
Bateu asas e avoo
Adeus povo bão
Adeus que eu também vou.*

*Oooo Ooooo
O lelê lelê ooo
O lelê ooo.*

7. GLOSSÁRIO

Afoxé

É um instrumento musical composto de uma cabaça pequena redonda, de madeira ou plástico, recoberta com uma rede de miçangas ou contas em todo seu corpo. O som é produzido quando se giram as miçangas em um sentido, e a extremidade do instrumento (o cabo) no sentido oposto.

Bandeira

Na dinâmica dos Reinados e Congados as bandeiras assumem dois contextos diferentes, existindo:

A bandeira de mastro, consiste no levantamento da bandeira ou também chamado de levantamento do mastro marca a abertura dos festejos dos Reinados e Congados. A descida da bandeira marca o encerramento da Festa. O mastro levantado mostra o santo e aponta para o céu infinito, tornando-se assim um importante símbolo do sagrado. Em dias de festa, o mastro representa o eixo da terra e o centro do mundo, conectando os mundos material e espiritual.

Existe também a bandeira do terno/da guia/da guarda, que consiste na bandeira que vai à frente do terno, representa e identifica o grupo. Nela costumam identificar o santo padroeiro da guarda, a cidade e o nome do terno. Alguns informam também o nome do mestre. Podem ser carregadas de lado, lateralmente, ou carregadas no alto, quando chamadas de estandarte. Podem ser paramentadas com fitas coloridas. Nenhum terno canta ou dança sem a sua bandeira.

Banto

Corresponde a tronco linguístico, com mais de 250 línguas aparentadas, dentre elas o Kimbundo e o Kicongo, falada por mais de 400 povos de etnias e cosmologias distintas localizados em porções específicas do continente africano. Por possuir forte incidência de pessoas descendentes de falantes desse tronco linguístico, no Brasil, o termo banto costuma ser evocado para se referir ao conjunto de povos e costumes de locais





específicos de onde o tronco linguístico é oriundo, principalmente Angola, Congo e Moçambique.

Bastão

Vara cilíndrica, geralmente de madeira, cortado pelos capitães das guardas de reinado e congado e por seus reis e rainhas do trono coroado. Eles recebem uma preparação ritual, por meio de orações a ele dirigidas e ao seu portador. Possui atribuições de conexão espiritual, comando e poder. O bastão identifica quem é o capitão e é usado como forma de comandar o terno/guia em sua localização e musicalidade.

Benzeção

É um prática de cura espiritual, transmitida de geração em geração, baseada em ritos e rezas próprias. Na tradição dos Reinados e Congados, a prática da benzeção está associada à bandeira, ao bastão do capitão, às músicas, aos instrumentos e aos gestos. Todos são elementos que benzem.

Caboclo / Caboclinho / Penacho

Sendo uma das sete tradições do congado, o caboclo representa um diálogo intercultural entre negros indígenas. Sua característica marcante é o uso de adereços com penas e flechas. Ver também Congo, Moçambique, Catopé, Caboclo, Vilão e Cavaleiros de São Jorge.

Caixa

É um instrumento musical feito de madeira ou metal recoberto de membranas, de couro ou sintética, em ambas as extremidades. Pode apresentar uma esteira de metal colocada em contato com a membrana inferior, que vibra quando a membrana superior é tocada por uma ou duas baquetas de madeira.

Candombe

O candombe é dito como pai dos Reinados e Congados. Homenageia e invoca os antepassados e a Virgem do Rosário. É composto por três tambores antigos e sagrados. Sua manifestação costuma ser fechada apenas para os membros dos Reinados e Congados.

Capela

Edifício religioso próprio ou qualquer outro recinto de mesmo fim, podendo ser de

menores extensões. Destina-se ao culto, tendo uso público, semi-público ou privado. Para alguns estudiosos, do ponto de vista formal, não há diferença entre capela e igreja. Ambas podem ter o mesmo tamanho, o mesmo número de altares, batistérios e coro. A distinção entre ambas é de caráter administrativo, segundo o direito canônico. A capela é desprovida de padre, não sendo sede de paróquia e estando fora da jurisdição da diocese e, portanto, da paróquia.

Capitão / Mestre

É uma posição de comando assumida, geralmente por um membro mais velho, ou dotado de uma sabedoria específica dentro dos grupos de Reinados e Congados. É atribuído através de hereditariedade e/ou indicação espiritual. Em alguns grupos existe uma gradação de capitães, com divisões hierárquicas cujas responsabilidades podem variar: Capitão regente, capitão mor, capitão de coroa, capitão embaixador e capitão meirin, são algumas das divisões existentes nos Reinados e Congados.

Catupé

Sendo uma das sete tradições do congado, conhecidos como Catupé, Catupê, Catopé ou Catopê são um dos grupos característicos dentro dos Reinados e Congados. Comumente o capitão/mestre do Catupé usa um tamborim como instrumento musical e forma de liderar seu grupo. Ver também Congo, Moçambique, Catopé, Caboclo, Vilão e Cavaleiros de São Jorge.

Cavaleiros de São Jorge

Sendo uma das sete tradições do congado. A tradição é presente na bibliografia histórica sobre o bem, no entanto, a partir dos dados do Cadastro dos Reinados e Congados do Iepha-MG, apresenta-se com baixa incidência e perpetuação no estado de Minas Gerais. Ver também Congo, Moçambique, Catopé, Caboclo e Vilão.

Cetro

Bastão usado por reis e rainhas dos Reinados e Congados, como uma das simbologias do poder soberano e representatividade quanto ao sagrado e à ancestralidade.

Chico Rei

Galanga ou Chico Rei, é um personagem





presente na tradição oral mineira desde o século XVIII em Ouro Preto. Embora ainda não se tenha conhecimento de documentos históricos que comprovem sua existência, segundo as lendas, Chico seria filho de um importante rei africano e vendido como escravo para o Brasil. Sendo reconhecido como um rei exilado pelos seus compatriotas, teve sua liberdade comprada e atuando em uma irmandade, protagoniza a compra de alforrias de sua família e súditos, formando uma corte paralela dentro da cidade. A Corte de Chico Rei atuou na construção da rica capela de Santa Efigênia do Alto da Cruz, em Ouro Preto, onde foram realizadas festas à padroeira da capela e a Nossa Senhora do Rosário, a qual está relacionado a um mito de origem das guardas de congo no Estado.

Comunidades Tradicionais

Conforme o inciso I Art. 3º do Decreto 6.040/2007, Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua

reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Congo

Sendo uma das sete tradições do congado, é considerado aquele que abre os caminhos para as demais guardas. Geralmente tem seu ritmo bem marcado, baseado em suas células sonoras chamadas de congo e congo dobrado. Ver também Congo, Moçambique, Catopé, Caboclo, Vilão e Cavaleiros de São Jorge.

Coroa

Objeto de formato circular de diferentes materiais, às vezes, com pedrarias, que se coloca sobre a cabeça de reis e rainhas dos Reinados e Congados como sinal de realeza, dignidade, vitória, poder ou cargo e nobreza. Nas Celebrações do Rosário, é carregada por reis e rainhas em cortejos.

Cortejo

Nos Reinados e Congados quando um grupo se locomove, ele faz isso em cortejo. Trata-se de trajetória na via pública que geralmente pode ser acompanhada pela bandeira da guarda.

Cosmologia

Nas ciências sociais, é o modo particular de apreensão e explicação do universo circundante de determinado contexto sociocultural.

Detentor

Na terminologia do patrimônio, são indivíduos que possuem uma relação direta com a dinâmica de produção e reprodução de um determinado bem cultural, integrando comunidades, grupos ou coletividades. Os detentores possuem conhecimentos específicos sobre esses bens culturais e são os principais responsáveis pela sua transmissão e continuidade (IPHAN, 2017).

Guardas

Denominação dada para o grupo de tocadores, dançantes, bandeireiros, capitães etc. que tem consigo devoção a algum santo/santa e podem ser de congo, moçambique, catupé, vilão ou marujada.

Gungas

Instrumento em formato cilíndrico feito em material metálico, tampado em suas extremidades com pequenas esferas de

chumbo em seu interior, são amarrados nas pernas e durante a dança fazem o som de um chocalho. Também são chamadas de Campanha ou Campanhia, dependendo da região do estado de Minas Gerais.

Irmandade

Termo usado nos Reinados e Congados para denominar o coletivo a que pertencem, baseado em uma fé comum ao santo de devoção, principalmente a Nossa Senhora do Rosário. Possuem o princípio da fraternidade, onde Nossa Senhora do Rosário é a mãe e todos são irmãos.

Mastro

Haste de madeira ou metal, adornado com cores específicas a depender da localidade e devoção, utilizado como suporte para as bandeiras com santos de devoção e promessa. Tem função fundamental nas Celebrações do Rosário, pois a partir do seu levantamento, marca o início do festejo e o encerramento com a sua descida.

Marujada / Marujo

Sendo uma das sete tradições do congado, a marujada possui uma forte característica de dança que simula ondulações, além das





vestes e uso de chapéu, boinas, casquetes ou bonés que remetem a marinheiros (Silva, 2016). Ver também Congo, Moçambique, Catopé, Caboclo, Vilão e Cavaleiros de São Jorge.

Missa Conga

A “Santa Missa” é realizada especialmente para o festejo de Nossa Senhora do Rosário e para os reinadeiros. Geralmente é precedida por um canto tradicional de lamento feito na porta da igreja onde os reinadeiros pedem para o padre abrir as portas e deixá-los entrar. É o momento que o reinado se faz presente dentro da igreja. Durante a missa os reis ainda recebem algum destaque especial - por exemplo, no momento da comunhão, em que as hóstias são oferecidas pelo padre primeiramente a eles. Uma de suas características marcantes é a participação das guardas que realizam seus cantos tradicionais durante a celebração.

Moçambique / Massambike

Sendo uma das sete tradições do congado, tem como sua principal característica o uso das gungas (ver gungas neste glossário) e sua dança é marcada pelo

ritmo dos tambores com o uso e sonoridade das gungas. Segundo o fundamente dos Reinados e Congados, o moçambique foi o responsável por tirar a imagem de Nossa Senhora do Rosário das águas. Nos festejos cabe a ele buscar e conduzir os reis, rainhas e o andor com a imagem de Nossa Senhora do Rosário nos trajetos, sendo a última guarda do cortejo. Ver também Congo, Catopé, Caboclo, Vilão e Cavaleiros de São Jorge.

Patangomes

Instrumento sonoro, inspirado na bateia (tipo de peneira), usados pelos tocadores dos grupos de Reinados e Congados. Tocados com as mãos e presente nos cortejos. Também chamado de folha.

Ponto

Tipo de canto que se caracteriza por letra e melodia consideradas sagradas. É um termo usado pelas religiões de matriz africana que quando cantado tem por finalidade atrair e homenagear os ancestrais e as divindades espirituais.

Rei e Rainha

Nos Reinados e Congados existem diferentes contextos onde Reis e Rainhas

são coroados. Existem os reis e rainhas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, que são integrantes das Irmandades e que têm como característica a continuidade familiar e a alternância somente após a morte. Nos festejos dos Reinados e Congados também são coroados reis e rainhas do ano, que são pessoas da comunidade escolhidos anualmente. Muitas vezes os reis e rainhas do ano também são chamados de festeiros e responsáveis por custear e organizar grande parte das celebrações.

Reinado

Para esse termo temos diferentes significados. O primeiro diz respeito à prática do reinado como um sinônimo de congado, congada ou de Festa de Nossa Senhora do Rosário. Também é nomeado como reinado a reunião de todas as guardas e ternos durante seus festejos. Por fim, reinado também é utilizado como termo para explicar o dia da coroação dos reis e rainhas nos congados.

Rosário

O Rosário é uma corrente ou fio auxiliar na contagem das rezas durante a oração.

Reinadeiros e congadeiros costumam usá-lo cruzado em seu tronco como uma forma de proteção. Nesse contexto, geralmente são feitos de sementes chamadas “lágrimas de Nossa Senhora” e possuem um crucifixo em uma ponta. Na cosmologia dos Reinados e Congados, o rosário representa a força espiritual da tradição congadeira e a expressão da existência, fundamento, sacramento e mandamento das Irmandades.

Ternos

Sinônimo de Guarda. São formados por um grupo de tocadores e dançantes que tem consigo devoção a algum santo/santa e podem ser de congo, moçambique, catupé, caboclos vilão ou marujada.

Trono Coroado

São os Reis e Rainhas presentes nos cortejos das festas. Em muitas localidades, o trono tem cargo “perpétuo”, que engloba tanto os vivos quanto os falecidos, e é composto pela corte “coroadas”, ou seja, os Reis e Rainhas que passaram pelo processo ritualístico de preparação para o cargo.

Toadas





Sinônimo de canto, cantiga ou ponto. São cantos que se caracterizam por letra e melodia consideradas sagradas, iniciados entoadas por capitães e mestres e acompanhadas pelos demais integrantes das guardas. As toadas são definidas de acordo com o momento, local e intenção. Também são utilizadas para comunicação entre os próprios integrantes e com outros grupos. Podem ou não ser acompanhadas de instrumentos.

Vilão

Sendo uma das sete tradições do congado, tem como característica o uso de bastões de madeira por quase todos os integrantes das guardas. Os bastões são batidos acompanhando o ritmo dos tambores. Ver também Congo, Moçambique, Catopé, Caboclo e Cavaleiros de São Jorge.

8. TERMINOLOGIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

É constituído dos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL

São os chamados bens imóveis – núcleos urbanos, sítios arqueológicos e

paisagísticos, e edifícios isolados - e bens móveis – coleções arqueológicas, acervos museológicos, acervos documentais, bibliográficos, arquivísticos, fotográficos, cinematográfico, mobiliário, obras de arte e demais objetos. Esses bens são assegurados por legislação própria, visando à manutenção e preservação dos mesmos.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

São as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio de natureza imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação





com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O “patrimônio cultural imaterial” se manifesta em particular:

- a) nas tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- b) nas expressões artísticas;
- c) nas práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) nos conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- e) nas técnicas artesanais tradicionais.

IDENTIFICAÇÃO DE BENS CULTURAIS

É a seleção dos diversos elementos do patrimônio cultural com a participação das comunidades, grupos e organizações não governamentais pertinentes e por meio de trabalho técnico especializado. Para assegurar a identificação, com fins de preservação, é necessária a realização de um ou mais inventários do patrimônio

cultural, que serão atualizados regularmente. O inventário compreende as etapas de pesquisa, identificação, cadastro e acesso à informação sobre bens culturais necessárias às medidas subsequentes.

INVENTÁRIO

Corresponde à medida administrativa indicativa de outras formas de proteção ou acautelamento, significando importante instrumento de identificação e acesso à informação sobre os bens culturais de interesse de preservação.

VIGILÂNCIA

É o zelo permanente do bem cultural, por meio de ação continuada e integrada, entre os responsáveis as administrações federal, estadual e municipal.

TOMBAMENTO

É o instituto jurídico de proteção especial aplicado a bens culturais de natureza material de excepcional valor no que diz respeito à identidade cultural e à

memória coletiva dos diversos grupos que constituem a sociedade.

LIVROS DO TOMBO

I - Livro Arqueológico, Paisagístico e Etnográfico;

II - Livro de Belas Artes;

III - Livro Histórico;

IV - Livro das Artes Aplicadas.

CONSERVAÇÃO

É o conjunto de medidas que visa assegurar a preservação integral e material dos bens culturais, mediante a adoção de técnicas próprias ou a execução de intervenções, bem como a proposição destinada às administrações municipais de legislação urbanística específica para a preservação do sítio de valor cultural e da sua vizinhança.

REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL

É a medida administrativa cujo processo de reconhecimento visa à inscrição do patrimônio cultural em um dos Livros de

Registro (dos Saberes, das Celebrações das Formas de Expressão, dos Lugares, ou outro), tendo sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

LIVROS DE REGISTRO

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.

Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo anterior.





DESAPROPRIAÇÃO

É um instrumento de acautelamento e de ordenamento do território previsto pelo estatuto da Cidade de 2002 que incide sobre bem cultural de notória relevância e que apresente risco comprovado de irreparável destruição ou descaracterização.

PLANO DE PROTEÇÃO

É o conjunto de medidas administrativas de natureza jurídica, técnica ou conceitual que visam à preservação dos suportes materiais que proporcionam a fruição dos valores culturais identificados do

patrimônio de natureza material ou imaterial e que está relacionado a programas, planos, projetos e ações de tombamento, conservação e restauro e difusão.

SALVAGUARDA

É o conjunto de medidas administrativas de natureza jurídica, técnica ou conceitual que visa a garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não formal – e a revitalização desse patrimônio nos seus diversos aspectos.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, Mírian Walderez Oliva de. "CURIÁ TA TÁ, CURIATÁ!": CABOCLINHOS NO CONGADO EM MONTES CLAROS - DA FESTA A CENA ESPETACULAR. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

Alberti, Verena; Pereira, Amilcar. Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC. Pallas Editora. 2016.

Almeida, Waldemiro. Mesa temática: O congado em MG. In. Revista Comissão Mineira de Folclore n° 24, 2005.

Altivo, Bárbara. Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira-MG). Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Antonil, André João. Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas. Vocabulário por Alice P. Canabrava. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2011, p. 110. (Edições do Senado Federal; v. 160)

Arnhagen, Francisco A. História Geral do Brasil. Introdução e indicações por Antonio Paim. Acervo Digital. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Universidade de São Paulo.

Barbosa, Nila R. Quilombolas: somos todos parte desta história / Texto: Nila R. Barbosa, Ulisses Manoel da Silva; Fotos: Roberto Murta. Belo Horizonte: Bicho do Mato, 2014.

Belone, Ana Paula L.; Martins, Marcos C.; Gomes, Rafael B. (org.). Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações / Léa Freitas Perez (Coord.); Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

Brandão, Carlos Rodrigues. Encarte do álbum: Os Negros do Rosário. Lapa Discos. BH/MG. 1999.

Brasil. Supremo Tribunal Federal. Habeas Corpus nº 82.424, do Rio Grande do Sul, datado de 17/09/2003. Siegfried Ellwanger e Werner Cantalício João Becker e Outra. Disponível em: <http://jota.info/wp-content/uploads/2015/06/Ellwanger-HC-82424.pdf>.

Brasileiro, Jeremias. Congadas de Minas Gerais. Uberlândia: Impresso Editora, 2001. v. 3500.

Brasileiro, Jeremias. Irmandade dos saberes e sabores história de um patrimônio afro-brasileiro. Editora Subsolo, Uberlândia, 2021.

Brasileiro, Jeremias. Ler Imagens - Contar Histórias: cronovivências de uma cidade em preto e branco. Editora Subsolo: Minas Gerais, Uberlândia, 2019.

Brasileiro, Jeremias. O Ressoar dos Tambores do Congado - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 - 2011). Dissertação (História). 2012. Universidade Federal de Uberlândia.

Briskievicz, Danilo Arnaldo. Um estudo sobre a devoção à Senhora do Rosário na Vila do Príncipe, Minas Gerais, 1713 a 1821. SAECULUM, v. 27, João Pessoa, p. 48-65, 2022.

Brito, Gleice Tamires Gomes de. O lugar e a identidade quilombola: uma abordagem sobre o processo histórico da Irmandade do Rosário, em Ribeirão das Neves (MG). Universidade Federal de Viçosa, 2021.

Campolina, Alda M. P. et al. Escravidão em Minas Gerais. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura – Arquivo Público Mineiro/COPASA MG, 1988, p. 79. (Cadernos do Arquivo, 1)

Carneiro, Edson. Antologia do Negro Brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro em nosso país. Rio de Janeiro: Agir. 2005.

Carneiro, Edison. Religiões negras: Notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

Carrara, Angelo A. A Capitania de Minas Gerais (1674-1835): modelo de interpretação de uma sociedade agrária. História Econômica & História de Empresas, São Paulo Brasil, v. 3, n.2, p. 47-63, 2001.

Carvalho, Fabio Pereira. E tomarão lugar à mesa do Reino de Deus: Eugene D. Genovese e o evangelho nas senzalas. Outros Tempos , v. 8, p. 189-204, 2011.

Carvalho, José Jorge de. A tradição Musical Iorubá no Brasil: um cristal que se oculta e revela. In: TUGNHY, Rosangela Pereira, e Ruben Caixeta. (org.) QUEIROZ. Músicas Africanas e indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Castro, Antenor. Carmópolis de Minas – sua história e suas histórias, 1974.

Corrêa, Juliana Aparecida Garcia. DE REINADOS E DE REISADOS: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis/MG. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.





De Oliveira, Rosângela Paulino. Ritos de morte no congado mineiro: os Arturos. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 3, n. 6, 2018.

De Lima Magalhães, Daniel. Pipiruí e caixa de assovio: tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música. 2009.

De Sá, Marco Antonio Fontes. CONGADAS E REINADOS–CELEBRAÇÕES DE UM CATOLICISMO POPULAR, AFRICANO E BRASILEIRO. Revista Mosaico-Revista de História, v. 12, p. 286-302, 2019.

De Sousa, Patrício Pereira Alves. Os lugares da festa: narrativas de espaço, tempo e etnicidade no Congado mineiro. Revista Geografias, v. 12, n. 2, p. 39-56, 2016. Acesso em 14 de nov. 2023.

De Sousa, Patricio Pereira Alves. Corpos em drama, lugares em trama: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) - MG. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

Domingues, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF. v.12, p 113-136, 2007.

Ferreira, Rodrigo S. Origens da Congada: controvérsias e convergências. Unimontes Científica. Montes Claros, v. 7, n.2 – jul./dez.2005.

Fonseca, Mariana Bracks. Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora. Tese (História). Universidade de São Paulo. 2018.

Fonseca, Mariana Bracks. Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola. Século XVII. 2012. Dissertação (Mestre em História Social) - Universidade de São Paulo, 2012.

Franca, Ana Maria dos Santos. Os tamborzeiros de Araçuaí (MG): mediações raciais na Festa do Rosário. Dissertação (Antropologia Social). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

Gasparino, Isabel Casimira; Torres, Júnia. O Reino nas ruas. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 15, p. 2-9, dez. 2021.

Genovese, Eugene D. A terra prometida. O mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Gilroy, Paul. Joias trazidas da servidão: música negra e a política da autenticidade In. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora, v. 34, 2012.

Gomes, Flávio S; Lauriano, Jaime; SCHWARCZ, Lilia M. Enciclopédia Negra. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.

Gomes, Flavio. Negro e política (1888-1937). Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

Gomes, Núbia Pereira de Magalhães; Pereira, Edimilson de Almeida. Negras raízes mineiras: os Arturos. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. 1988.

Gonzalez, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan/jun). 1988.

Gonzalez, Lélia. Festa Afro-Brasileiras. In. Primavera para as rosas negras. Coletânea organizada e editada pela UCPA. União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana, 2018.

Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/MG. Belo Horizonte, 2014.

Iepha-MG. Dossiê de Registro da Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango. Belo Horizonte, 2018.

Iepha-MG. Dossiê de Registro Festa Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Chapada do Norte/MG. Belo Horizonte, 2013.

Iepha-MG. Dossiê de Registro SAT Apanhadores(as) de Flores Sempre-Vivas. Belo Horizonte, 2021.

Iepha-MG. Dossiê de Registro Sistemas Culinários da Cozinha Mineira - o Milho e a Mandioca. Belo Horizonte, 2023.

Iepha-MG. Inventário cultural do Rio São Francisco. Cadernos do Patrimônio Cultural. Belo Horizonte, 2015.

Incrá. Art. 3º. Instrução Normativa Incra n.º 49, de 29 de Setembro de 2008.

Iglésias, Francisco. Minas e a imposição do estado no Brasil. Revista de História, [S. l.], v. 50, n. 100 (1), p. 257-273, 1974.

Iphan. Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas do Brasil. Publicação no prelo. Disponível através de consulta pública do processo SEI! 01514.001106/2019-11.

Kilomba, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.





Kury, Lorelai. 'Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem'. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 863-880, 2001.

Le Goff, Jacques. Documento/monumento. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 462-478.

Lima, Emanoela Cristina. A toponímia africana em Minas Gerais. Dissertação (Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. 2012.

Lima, Ivan Costa; Santos, Francisco Danierbes S. Educação e tradição bantu: paradigmas teóricos e civilizatórios na formação de educadores/as. Revista Semina, v. v. 21, num. 2, p. 1-15, 2022.

Linebaugh, Peter; Rediker, Marcus. A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Lopes, Nei. Ifá Lucumí: o resgate da tradição. Pallas Editora, 2020.

Lott, Wanessa Pires. Tem festa de negro na república branca: o reinado em Belo Horizonte na Primeira República. Universidade Federal de Minas Gerais, Tese de Doutorado, 2017.

Lourenço Sonia Regina; da Silva, Danielli Katherine Pascoal. Uma análise antropológica sobre a cosmologia da Comunidade quilombola de Lagoinha de Cima: entre santos, "arrumações" e seres não-humanos. ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 3, n. 6, p. 73, 2016.

Lucas, Glaura. O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Salvador, 1999.

Lucas, Glaura. Os Sons do Rosário: Os congados mineiros dos Arturos e do Jatobá. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

Luz, Alvaci Mendes da. Os negros de São Benedito na Igreja do Convento de São Francisco (São Paulo, 1854-1901): resistência e protagonismo em um território de disputas. Dissertação (História). 2022. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Machado, Leonardo Henrique Cruz. Nas contas do meu Rosário: Protagonismos e Resistência Político-Religiosa no Quilombo Carrapatos da Tabatinga, Bom Despacho/MG. Monografia (Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

Martins; Felipe; Leal; Silva. Das confluências, cosmologias e contracolonizações. Uma conversa com Nego Bispo. EntreRios Revista do PPGANT-UFPI, Teresina, Vol. 2, n. 1, 2019.

Martins, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo, Perspectiva. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1997.

Martins, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, n. 26, p. 63-81, 2003.

Martins, Tarcísio José. Roubando a História, matando a Tradição: Carta da Câmara da Vila de Tamanduá à Rainha Maria I – 1793. MG Quilombo Editora Ltda. 2017.

Meneses, José Newton Coelho. Introdução. Economia: diversificação, dinâmica evolutiva e mercado interno. In: Maria Efigênia Lage de Resende; Luiz Carlos Villalta. (Org.). História de Minas Gerais. As Minas Setecentistas. 1 ed. Belo Horizonte: Companhia do Tempo; Autêntica, 2007, v. 1, p. 273-277.

Messias, Noeci C.; Simoni, Rosinalda C. Fé e Festividades nas Irmandades Negras no Interior do Brasil: (Re) Afirmação Identitária Afrodiaspórica. Mosaico (Goiânia), v. 12, p. 303-314, 2019.

Milagres, Jóvirson J.; Rabello, Kelly. CANDOMBE, CONGADO E JONGO: RELIGIOSIDADE AFRICANA E CATOLICISMO NEGRO. Enecult - Encontros de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 2019.

Morais, Ana Luzia da Silva. Diferentes crenças rezam uma mesma fé: Contemplação do Rosário por uma Rainha Konga em diálogo com as memórias dos (as) Reinadeiros (as) de Oliveira (MG). Dissertação (História). UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei. 2022.

Moura, Clovis. O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão. 2 ed. São Paulo: Ed. Dandara, 2021.

Moura, Clóvis. Rebeliões da senzala. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

Mulheres reinadeiras: rainhas, capitãs e cozinheiras de Irmandades do Rosário de Belo Horizonte. Projeto editorial Elias Gibran, Júlia Moysés, Junia Torres e Kelly Simone; ilustrações Lígia Mattos; fotografia e registro Patrick Arley. 1 ed. Belo Horizonte: Napele Produções Artísticas, 2022.

Munanga, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP. São Paulo (28): 56-63, Dezembro-Fevereiro, 95/96.

Musa, Priscila. Quem vê cara não vê ancestralidade: Arquivos Fotográficos e Memórias Insurgentes de Belo Horizonte. 2022. Tese de Doutorado (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG, [S. l.], 2022.

Nascimento, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. Ed. – São Paulo: Perspectivas. 2016.





Nascimento, Abdias. O Quilombismo: Documento de uma militância pan-africanista. 2ª edição, Fundação Cultural Palmares, OR Editorial Produtor Independente, 2002.

Nascimento, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. Filhos da África, 2018.

Nogueira, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo, Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.

O'dwyer, Eliane Cantarino. Quilombos – identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

Oliveira, Anderson José M. Devoção e Identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. TOPOI (RIO DE JANEIRO), Rio de Janeiro, v.6, n.12, p. 60-115, 2006.

Oliveira, Isabela Fernanda Gomes. Territorialidade na Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro/MG. Tese de Doutorado em Geografia. PUC MINAS. 2020.

Oliveira, Izarete S ; Silva, Elias da; Costa, Kênia G. Comunidade Quilombola Dona Juscelina: a festa 13 de maio numa aproximação da semiótica do espaço. Revista ABPN , v. 12, p. 200-220, 2020.

Oliveira, Washington Luís Santos. Kalunga do Rosário: um documentário contracolonial com o Reinado da Irmandade Os Leonídios. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.
Pereira, Edimilson de Almeida. Rosário de muitas fés: Mediações do sincretismo nas vivências religiosas populares em Minas Gerais. In.: BERKENBROCK, V. J.; DAIBERT JR, R. (org.); FLORIANO, M. G.. A mão que costura o vento: mediações do sagrado nas tradições religiosas afro-brasileiras. 1.ed. Juiz de Fora: MAMM – UFJF, 2015.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Dossiê de Registro do Território do Largo do Rosário. 2022.

Prefeitura Municipal de Betim. Dossiê de Registro de Bem Imaterial Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel. 2021.

Prefeitura Municipal de Bom Despacho. Dossiê de Registro Festa Do Reinado De Nossa Senhora Do Rosário. 2014.

Prefeitura de Minas Novas. Dossiê de Registro Municipal Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, 2020.

Prefeitura Municipal de Poços de Caldas. Dossiê de Registro do Bem Imaterial Festa de São Benedito de Poços de Caldas. Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio

Ambiente Departamento de Meio Ambiente. DIVISÃO DE PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO E TOMBAMENTO. Novembro de 2020.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. Dossiê de Registro do Congado em Uberlândia. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/educacao-patrimonial/>>. Acesso em 23 de nov. 2023.

Programa Nacional do Patrimônio Imaterial: compêndio dos editais : 2005 a 2010 / coordenação, Rívia Ryker Bandeira de Alencar. – Brasília, DF: Iphan, 2016.

Queiroz, Sônia M. M. Palavra africana em Minas Gerais. In: Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). O Léxico em estudo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

Queiroz, Sônia. Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Quijano, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e AL. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial, 2005.

Rohde, Bruno Faria. A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

Rubião, Fernanda Pires. Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradição no Congado de Oliveira (1950-2009). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

Romanos, Capítulo 2, versículo 11. Bíblia. Novo Testamento.

Rugendas, Johann Moritz, 1802-1858. Viagem pitoresca através do Brasil. p. [gravura 98].

Sá, Marcos A. Fontes de. Congadas e Reinados - Celebrações de um Catolicismo Popular, Africano e Brasileiro. Mosaico (Goiânia), V. 12, p. 286-302, 2019.

Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento / coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. Brasília: IPHAN, 2017.

Santos, Antônio Bispo. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília: INCT/UNB, 2015.

Santos, Pedrina de Lourdes. Eu tenho a África dentro de mim. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022.

Santos, Pedrina de Lourdes. Meu rosário, minha guia. Org: Ester Antonieta Santos, Luciana de Oliveira. Editora Selo PPGCOM/UFMG. 2022.





Schwarcz, Lilia M.; Starling, Heloisa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 291-350.

Silva, Daniel Albergaria. Festas de Guardas, Ternos e Nações: a coroação de reis congos e a devoção à Nossa Senhora do Rosário. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5672>. Acesso em: 30 abr. 2024.

Silva, Mauro L. Os 200 anos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte: Negligências, Silenciamentos e Resistências. Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, V. 6, p. 201-225, 2019.

Silva, Johnisson Xavier. O terno dos temerosos: as transformações e sentidos de suas práticas culturais na segunda metade do século XX. 2014. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

Simões, Maria do Rosário Reis; Da Silva, Elcione Luciana. Emo quá: Rituais, celebrações e Banquete na festa do rosário de serro/Minas Gerais. In: Das culturas da alimentação ao culto dos alimentos, Volume II, v. 16, p. 401, 2022.

Soares, Dalva Maria; Lopes, Maria de Fátima. De capitão a capitã: a inserção das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos no congado mineiro. Artigo apresentado em congresso. Fazendo gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em <<http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST30/Soares-Lopes30.pdf>>. Acesso em 23 de maio de 2024.

Souto, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. Revista Metamorfose, vol. 4, nº 4, jun de 2020. p. 133-144.

Souza, Marina de Mello. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Stumpf, Roberta Giannubilo. Minas contada em números - A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821). Revista Brasileira De Estudos De População. v. 34, p. 529-548, 2017.

UNESCO. CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, Paris, 17 de outubro de 2003.

Viana, Talita. CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS APONTAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE CURA NO UNIVERSO DO CONGADO DE FAGUNDES – MG. PÓS, 2013.

Visentini, Paulo Fagundes. As Revoluções Africanas. Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Ed. Unesp. 2012.

FONTES ARQUIVÍSTICA

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49728>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49732>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49732>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49729>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49730>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49733>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49727>. Acesso em 10 jan. 2024.

I Encontro de Reinado. 30/08/1992. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49731>. Acesso em 10 jan. 2024.

Crianças em Festa Popular - Congado em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62021>. Acesso em 10 jan. 2024

Escritor João Dornas Filho e crianças numa festa popular em Itaúna. 15 de agosto de 1956. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62022>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa do Reinado em Queluz, atual Conselheiro Lafaiete. 1924. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em





<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=33845>.
Acesso em 10 jan. 2024

Festa popular - Congado em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62020>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa popular em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62019>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa popular em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62017>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa popular em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62027>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa popular em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62018>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa popular em Itaúna. 15/08/1954. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62025>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa popular em Itaúna. 1950-1955. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62016>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49684>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49678>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49679>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49628>.
Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49668>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49693>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49685>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49627>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49667>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49688>. Acesso em 10 jan. 2024.

Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=49686>. Acesso em 10 jan. 2024.

Populares em Festa do Congado em Itaúna. 15/08/1952. Itaúna. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62014>. Acesso em 10 jan. 2024.

Populares em Festa do Congado em Itaúna. 1950-1955. Itaúna. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62015>. Acesso em 10 jan. 2024.

Preparativos para festa Popular em Itaúna. 15/08/1952. Itaúna. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62024>. Acesso em 10 jan. 2024.

Preparativos para festa Popular em Itaúna. 15/08/1952. Itaúna. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=62026>. Acesso em 10 jan. 2024.





RIEDEL, Augusto. *Congado dos Pretos em Morro Velho*. 1836-ca.1877. Nova Lima, MG. BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Disponível em <[Congado dos Pretos em Morro Velho \(bn.gov.br\)](http://bn.gov.br)>. Acesso em 10 jan. 2024.

SILVA, Arsenio da, fl. *Festa religiosa de origem africana*. 1860. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1464045/icon1464045.jpg>. Acesso em 10 jan. 2024.

SOARES, José Severino. *Festa Tradicional dos Negros de Uberaba em Homenagem a Nossa Senhora do Rosário*. Uberaba. 1897. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29705>. Acesso em 10 jan. 2024.

SOARES, José Severino. *Grupo de pessoas na Festa de Congado de Nossa Senhora do Rosário em Uberaba (MG)*. Uberaba. 1889. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29723>. Acesso em 10 jan. 2024.

Vistas, edificações, cultura e lazer de Conceição do Mato Dentro. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=44534>. Acesso em 10 jan. 2024.

Vistas, edificações, cultura e lazer de Conceição do Mato Dentro. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=44536>. Acesso em 10 jan. 2024.

Vistas, edificações, cultura e lazer de Conceição do Mato Dentro. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=44537>. Acesso em 10 jan. 2024.

Vistas, edificações, cultura e lazer de Conceição do Mato Dentro. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=44530>. Acesso em 10 jan. 2024.

Vistas, edificações, cultura e lazer de Conceição do Mato Dentro. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=44535>. Acesso em 10 jan. 2024.

Vistas, edificações, cultura e lazer de Conceição do Mato Dentro. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=44533>. Acesso em 10 jan. 2024.

FONTES ELETRÔNICAS

Após 100 anos de proibição, congado volta a ocupar igrejas católicas de Belo Horizonte. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/08/10/apos-100-anos-de-proibicao-congado-volta-a-ocupar-igrejas-catolicas-de-belo-horizonte.ghtml>>. Acesso em 20 mar. 2024

MPMG. Lobo Leite, distrito de Congonhas, festeja retorno da imagem de São Benedito furtada há quase 30 anos e recuperada pelo MPMG. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/portal/menu/comunicacao/noticias/lobo-leite-distrito-de-congonhas-festeja-retorno-da-imagem-de-sao-benedito-furtada-ha-quase-30-anos-e-recuperada-pelo-mpmg-8A9480678F3E5EBD018F62E9681F402A-00.shtml>>. Acesso em 22 de maio de 2024.

Padre proíbe congado em igreja de Minas. Alma Preta. Disponível em: <<https://noticiapreta.com.br/padre-proibe-congado-em-igreja-de-minas/>>. Acesso em 18 de abr. 2024.

“O Santo Rosário. História, Método e Orações”. In: O CLARIM – Semanário Católico de Macau DADOS E REFERÊNCIAS – BREVE HISTÓRIA DO ROSÁRIO: Texto retirado e adaptado do livro “O Segredo do Rosário”, de São Luís Maria Grignon de Montfort. EXPOSIÇÃO DA ORAÇÃO DO TERÇO DO ROSÁRIO E DOS MISTÉRIOS/COMO RECITAR O TERÇO DO ROSÁRIO: Com base no site do Vaticano: www.vatican.va/special/rosary/documents/misteri_po.html Santuário de Fátima: Disponível em: <<https://www.fatima.pt/pt/pages/terco>>. Disponível em: <<https://www.santidade.net/folhetos/santo-rosario.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2024.

PIMENTEL, Thaís. Bandeira de reinado forjada a ferro há 200 anos é encontrada em capela de Ouro Preto: Relíquia remonta origem de manifestação religiosa criada por africanos escravizados. Historiadores acreditam que trabalho foi feito por pessoas que vieram de Benin e Gana. Belo Horizonte, 6 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/06/bandeira-de-reinado-forjada-a-ferro-ha-200-anos-e-encontrada-em-capela-de-ouro-preto.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2024.

“A fantástica história de Chico Rei”. Disponível em: <<https://chicorei.com/>>. Acesso 24 jan. 2024.

UEMG. Saberes do Reinado em Minas Gerais. Evento: <https://ed.uemg.br/eventos/mesa-redonda-saberes-do-reinado-em-minas-gerais-e-a-universidade-encontros-possiveis/>. Acesso em 27 de nov. 2023.

FONTES AUDIOVISUAIS





CONGADO: DO ROSÁRIO À COROA, Gabiroba Vídeo. Esmeraldas, Brasil. 2016. 29 min.

CONGADO: UM REINO OCULTO NO BRASIL PROFUNDO. Patos de Minas, Brasil. 2023, 21 min.

A FÉ QUE CANTA E DANÇA, Direção: Vinicius Terror. Ouro Preto, Brasil. 2021, 18 min.



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais

APÊNDICE I

Belo Horizonte
2024



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Registros dos Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais

Metodologia

A fotografia é elemento de grande importância para análise técnica, mas além de tudo pode ser entendida como uma episteme, capaz de transmitir memórias, conhecimentos e modos de ver e viver, ultrapassando a barreira visual (MUSA, 2022). Nesse sentido, para construção da documentação fotográfica do registro dos Reinados e Congados de Minas, inicialmente, foi utilizada a metodologia de pesquisa em acervos online de arquivos e museus, como o Arquivo Público Mineiro e Biblioteca Nacional Digital, compreendendo a relevância dessas instituições como instrumentos de pesquisa e acesso à documentação e, nesse caso, a imagens históricas das celebrações negras. Nesse processo, observou-se dificuldades em encontrar fotografias dos reinados e congados, que apesar de serem seculares e estarem em constante movimento, não possuem tanto espaço nas instituições arquivísticas. Conforme a pesquisadora e arquiteta, Priscila Musa (2022):

Dentro da câmera escura, os fochos de luz ocultaram genocídios, epistemicídios, urbanicídios. Os arquivos públicos, privados e algumas instituições de salvaguarda da memória mantêm conjuntos de imagens que contribuem para a construção de modos hegemônicos de ver e de imaginar a cidade. No entanto, os diferentes sistemas de mundo, suas formas plurais de vida, de construção de territorialidades e de visibilidades se valeram de uma multiplicidade infinita e contínua de maneiras de negociar e/ou implodir os regimes de dominação da cidade, do arquivo, da fotografia e do filme.¹

Desse modo, as ausências podem ser pensadas como um forte indicativo de uma estrutura social racista, que reproduz apagamentos históricos e que, mesmo em meio a políticas públicas de compensação histórica, desenvolvimento de técnicas de catalogação e digitalização e interesse de pesquisadores e organizadores em alimentar os acervos e democratizar o acesso a eles, ainda encontramos dificuldades em meio a essa estrutura. Apesar disso, os reinados e congados resistem e se mostram presentes, sendo representados nas poucas fotografias do século XIX e em grande parte do século XX. Conforme a tabela 1 abaixo, foram utilizados 24 descritores na pesquisa com

¹ MUSA, Priscila. Quem vê cara não vê ancestralidade: Arquivos Fotográficos e Memórias Insurgentes de Belo Horizonte. 2022. Tese de Doutorado (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG, [S. l.], 2022, p. 229.



um retorno grande de resultados, principalmente de documentos escritos, mas pequeno em relação a fotografias e registros das celebrações.



Tabela 1 - Levantamento acervos digitais ²

Descritores	Acervo APM		Acervo BN	
	nº resultados totais	nº resultados utilizados	nº resultados totais	nº resultados utilizados
Afoxé	0		1	0
Banda	59	0	218	0
Caboclinho	0		12	0
Catupé	0		0	0
Congada	0		12	1
Congado	16	15	1	1
Congo	144	0	101	0
Festa dos pretos/negros	126	15	23	0
Festa folclórica	14	14	7	0
Festa religiosa	72		35	0
Folclore	17		81	0
Folgueto	0		0	0
Folia	0		23	0
Folia de Reis	0		0	0
Guarda	142	0	474	0
Irmandade	0		197	0
Marujada/Marujo	0		5	0
Moçambique	3	0	40	0
Mozambique	0		22	0
Nossa Senhora do Rosário	0		40	0
Reinado	13	7	353	0
Santa Efigênia	8	0	7	0
São Benedito	14	0	110	0
Terno	254	0	10	0
RESULTADOS GERAIS	882	51	1772	2

² Acervos como Walter Firmo, Museu da imagem e do som e Arquivo Nacional, também foram analisados, porém não obtiveram número significativo de imagens e/ou não estavam com acesso disponível.



RESULTADOS UTILIZADOS		40³		2
------------------------------	--	-----------------------	--	----------

Fonte: Análise realizada pelo Iepha-MG a partir dos dados disponíveis nos acervos: Arquivo Público Mineiro e Biblioteca Nacional Digital.

Outra fonte de pesquisa fundamental para formulação da documentação fotográfica foi a análise dos dados do Cadastro dos Reinados e Congados de Minas Gerais, lançado pelo Iepha/MG, assim como na contextualização histórica do presente dossiê. Em um dos campos de preenchimento do cadastro “Insira fotos representativas do grupo (opcional)” foi possível coletar 422 imagens de reinados e congados de todo o estado de Minas Gerais. Para compor o dossiê, foram selecionadas 148 fotografias de guardas que tiveram as suas fotos enviadas pelas prefeituras municipais ou pelos seus próprios integrantes, seguindo o único critério de seleção de fotos com uma resolução de média a alta qualidade. Dentre as 148 fotos selecionadas, foram abrangidas 10 das 12 mesorregiões de Minas Gerais, conforme a tabela abaixo.

Tabela 2 - Levantamento de fotografias do cadastro por mesorregião

Quantidade	Mesorregião
10	Campo das Vertentes
18	Central Mineira
3	Jequitinhonha
44	Metropolitana de Belo Horizonte
0	Noroeste de Minas
1	Norte de Minas
20	Oeste de Minas
16	Sul/Sudoeste de Minas
19	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
0	Vale do Mucuri
6	Vale do Rio Doce
11	Zona da Mata

Fonte: Análise realizada pelo Iepha-MG a partir dos dados disponíveis no Cadastro dos Reinados e Congados de Minas Gerais realizado pelo próprio.

³ A redução do número de imagens utilizadas se deu pela duplicidade de imagens em diferentes descritores.



A partir da tabela 2, pode-se observar a potência do cadastro para identificação das guardas do estado, mas também as suas limitações, como a quantidade pequena de fotografias de guardas e ternos das regiões ao norte de Minas Gerais. Entende-se que como foi realizada uma seleção, conforme supracitado, nem todos os cadastros foram incluídos, mas ainda assim a diferença quantitativa de cadastros pensando geograficamente é significativa, indicando a importância de ampliar e divulgar políticas de identificação, como o Cadastro de Reinados e Congados, para essas regiões. Apesar disso, a pluralidade do bem é notória em meio as fotografias, que demonstram de maneira evidente os elementos das manifestações ressaltadas ao longo do dossiê.

Pensando na importância da pesquisa em uma bibliografia recente e voltada aos saberes dos detentores do bem, também foi utilizado como fonte de pesquisa o livro “Ler Imagens - Contar Histórias: cronovivências de uma cidade em preto e branco” do historiador, escritor e mestre da cultura popular, Jeremias Brasileiro. Em sua obra, o autor busca retratar a história de Uberlândia sob o ponto de vista da população negra e congadeira da cidade, utilizando a fotografia como um recurso visual que complementa e enriquece os relatos. Dessa forma, muitas imagens compartilhadas no livro, passaram a compor o dossiê, como uma forma de continuar partilhando histórias, rostos e celebrações que permaneceram apagadas por muito tempo. Outra obra utilizada como fonte foi o livro “Viagem pitoresca através do Brasil” de Johann Moritz Rugendas, pintor alemão e viajante, que produziu a sua obra no Brasil do século XIX, retratando diversas paisagens naturais, pessoas e como no caso da imagem utilizada na documentação fotográfica, de celebrações, como a Festa do Rosário.

Nesse sentido, o acervo do Iepha e o acervo pessoal dos seus servidores também foi fundamental para compor a pesquisa, com diversas fotos de trabalhos de campo realizados pela equipe da instituição em eventos, como o Programa de Valorização da Cultura Afro em Minas Gerais - Afromineiridades iniciado em 2022, na cidade de Timóteo, no Vale do Rio Doce, que também compõem a riqueza cultural dos Reinados e Congados e destacam, em grande parte, elementos característicos das celebrações, como as bandeiras, as coroas, o rosário, os tambores e caixas, as vestimentas, entre outros. Ademais, em diálogo com a equipe, tomou-se conhecimento de uma bandeira de reinado forjada a ferro há mais de 200 anos, encontrada em Ouro Preto no



ano de 2020. Tendo como fonte o portal de notícias do G1, a imagem da bandeira também foi incluída, como indicativo importante do caráter secular e ancestral da manifestação. Sendo assim, ao todo foram coletadas 265 imagens de congados e reinados de Minas, com a variedade de fontes e narrativas, conforme supracitado. A seguir destrinchamos alguns tópicos relevantes para a compreensão das imagens levantadas.

Reinados e Congados

A nomenclatura dada a essas celebrações de matriz bantu no Brasil é discutida por diversos autores tanto usando como sinônimos quanto ressaltam suas diferenças, e uma das autoras que defende essa diferença é a intelectual Leda Maria Martins. Como visto no dossiê, para a autora tudo é congado, mas nem tudo é reinado. Leda afirma que Reinado é a parte da festa em que a ancestralidade é reverenciada a partir da coroação dos reis, que retomam as origens nos reis africanos, assumindo um caráter místico. Já o congado é tudo que envolve o reinado, sendo assim, o reinado é o fundamento do congado.

Devoção e Santos negros

A cristianização foi um mecanismo essencial para a colonização portuguesa e espanhola em terras africanas, a devoção a santos de origem africana fora usada pelas ordens missionárias, principalmente as Carmelitas e Franciscanas, como modelos de comportamento de uma ancestralidade africana, utilizando Santos como São Benedito, Santa Efigênia e Santo Eslebão para apresentar o catolicismo aos africanos trazidos escravizados para o Brasil e para Portugal. Os escravizados de origem bantu denominaram esses santos como santos negros.

Os povos da região do Congo e Angola eram culturalmente distintos das outras etnias presentes no continente africano, já que para esses povos os ancestrais eram muito importantes como a ligação existente entre os mundos sobrenatural e natural. Os mortos assumiam para esses povos papel parecido ao dos santos na teologia católica. Sendo a devoção a santos parte importante e estrutural do catolicismo ibérico, os colonizadores puderam usar essa semelhança como um dos diversos facilitadores do processo de cristianização e colonização, a introdução da devoção dos denominados santos negros, foi mais um meio utilizado para a dominação cultural desses povos.



Marco Antônio Fontes de Sá nos informa que

São Benedito era filho de escravos, nasceu na Sicília (Itália) no início do século XVI e se tornou um eremita franciscano que depois ingressou na ordem dos frades menores por causa da unificação das ordens franciscanas organizada pelo Papa Pio IV. Santa Efigênia era uma princesa africana na Núbia e consta que foi convertida ao catolicismo pelo próprio evangelista Mateus. A virgem do Rosário não é uma imagem negra, mas se tornou a principal devoção entre os escravizados no Brasil colônia, a partir do mito fundador da devoção e que é a base da organização das festas em sua homenagem, especialmente em Minas Gerais, onde essa devoção é mais forte ainda hoje.⁴

Guardas

Não é intenção deste pequeno epílogo destrinchar as várias versões do mito que funda o aparecimento da imagem de Nossa Senhora do Rosário, porém podemos destacar que apesar de numerosos, esses mitos são bastante similares. A narrativa que baseia esses mitos vem da história da imagem que aparece nas águas e que foi retirada com o toque dos tambores dos negros do Moçambique, depois que os Congos tentaram e quase conseguiram, e os brancos fracassaram, com sua música. Esse mito é revivido nas encenações realizadas nas chamadas Festas do Rosário, populares em Minas Gerais, remontando suas ações no mito as guardas ou grupos revivem seus papéis, como explica Glaura Lucas:

Nos cortejos, portanto, é o Moçambique que conduz reis e rainhas, privilégio conquistado por ter resgatado a imagem do mar, ou por representar o Candombe, sendo assim, o primeiro na hierarquia. Ele toca e desloca-se devagar, pois foi assim que a santa foi retirada das águas. Os moçambiqueiros são os que detêm os segredos e os mistérios e seus cantos rememorizam a África e os antepassados. A guarda de Congo segue sempre à frente e, com sua movimentação rápida, saltitante, motivada, sobretudo pelo ritmo do Dobrado, tem a função de abrir e limpar os caminhos para que o Moçambique e o reino coroados possam passar.⁵

Roupage e estética

A formação da identidade negra do Brasil colônia não se desvencilhou da cosmovisão do povo Bantu, o qual via o mar como a separação entre o mundo dos vivos e dos mortos. O povo Bantu denominava o mar como Kalunga Grande, carregado de misticismo e mistérios, que

⁴ DE SÁ, Marco Antonio Fontes. CONGADAS E REINADOS—CELEBRAÇÕES DE UM CATOLICISMO POPULAR, AFRICANO E BRASILEIRO. Revista Mosaico-Revista de História, v. 12, p. 286-302, 2019, p. 827.

⁵ LUCAS, Glaura. Os Sons do Rosário: Os congados mineiros dos Arturos e do Jatobá. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002. p. 59 apud DE SÁ, Marco Antonio Fontes, 2019.



Edmilson de Almeida e Núbia Pereira de Magalhães Gomes constroem uma correspondência com as procissões das festas do Congado. Os autores afirmam que

A configuração estética de ritual atende, em princípio, à demanda das narrativas sagradas, como se vê, por exemplo, na disposição dos ternos de Congo e Moçambique. O colorido e a movimentação intensa do Congo contrastam com a dualidade de azul e branco e o movimento cadenciado do Moçambique. O fato de um terno específico preceder o outro nos cortejos define a série de alternâncias colorido/bicolor, acelerado/cadenciado que produz uma sensação estética similar às ondulações das águas [...].⁶

A superfície espelhada das águas Kalunga representa a divisão entre o mundo dos vivos e dos mortos, pois o reflexo presente na superfície seria o retrato do mundo vivo. Sendo assim, superfícies que possuem a característica de reflexão, como os espelhos tragos pelos colonizadores, dentro da cultura Bantu, podia ser visto como uma forma de comunicação com o mundo sobrenatural. Seria então, os espelhos presentes nos chapéus das guardas de Congo de Minas Gerais como uma forma de limpar os caminhos à frente do cortejo.

Símbolos e significados

A compreensão de Kalunga também nos ajuda a entender ainda mais como se deu a introdução do catolicismo na África Bantu. Mesmo que a expansão cristã nos faça acreditar que a cruz seja de seu uso exclusivo, um cosmograma em formato de cruz já era utilizado pelos povos Bantu antes mesmo da introdução colonizadora. O cosmograma em formato de cruz era correlacionado a Kalunga, já que Kalunga era associado ao ciclo do nascer e do pôr do sol, acompanhando os quatro pontos percorridos pelo sol que representam o nascimento quando o sol surge no horizonte; a maturidade no apogeu solar; a morte ao sol se pôr no outro lado do horizonte; e o mundo sobrenatural quando a noite cai e não é mais possível para os vivos contemplar o sol, pois ele está iluminando o mundo dos mortos.

A utilização de diferentes símbolos da África bantu que possuem significados confluentes ao de tradição católica foi uma estratégia de dispersão religiosa cristã que se estendeu para variados símbolos, com destaque para a relação do rosário com o ifá africano, destrinchado no dossiê.

⁶ GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. Negras raízes mineiras: os Arturos. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. 1988, p. 67-8 apud DE SÁ, Marco Antonio Fontes, 2019.



Dessa forma, a documentação fotográfica dos Reinados e Congados, indicada abaixo, transmite as memórias das celebrações ao longo do tempo, através de uma diversidade de elementos culturais e estéticos que indicam a complexidade do bem cultural e as suas riquezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASILEIRO, Jeremias. **Ler Imagens - Contar Histórias: cronovivências de uma cidade em preto e branco**. Editora Subsolo: Minas Gerais, Uberlândia, 2019.

DE SÁ, Marco Antonio Fontes. CONGADAS E REINADOS—CELEBRAÇÕES DE UM CATOLICISMO POPULAR, AFRICANO E BRASILEIRO. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 12, p. 286-302, 2019.

MUSA, Priscila. **Quem vê cara não vê ancestralidade: Arquivos Fotográficos e Memórias Insurgentes de Belo Horizonte**. 2022. Tese de Doutorado (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG, [S. l.], 2022.



Figura 1 - Festa de Nossa Senhora do Rosário, patrona dos negros, pelo pintor alemão Johann Rugendas, Século XIX

Fonte: Rugendas, Johann Moritz, 1802-1858. Viagem pitoresca através do Brasil. p. [gravura 98]



Figura 2: Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário. **Fonte:** Jean-Baptiste Debret. Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário. Porto Alegre, 1828. Aquarela sobre papel. Museu Castro Maya.



Figura 3: Congado dos Pretos em Morro Velho. Nova Lima 1868-1869.

Fonte: Brasiliana Fotográfica (Biblioteca Nacional Digital)



Figura 4: Grupo de pessoas na festa de Congado de Nossa Senhora do Rosário em Uberaba. 1889

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 5: Festa tradicional dos Negros de Uberaba em Homenagem a Nossa Senhora do Rosário em Uberaba. 1897.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 6: *Carte de Visite* onde se observam reis e rainhas negros coroados e sendo aclamados por tambores. 1860.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital (BN)



Figura 7: Festa do Reinado em Queluz, atual Conselheiro Lafaiete. 1924.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 8: Crianças em festa popular - Congada em Itaúna. 1950 - 1955.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 9: Escritor João Dornas Filho com Crianças numa Festa popular em Itaúna, 15-08-1956.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 10: Festa popular - Congado em Itaúna. 1950 - 1955.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 13: Festa popular em Itaúna. 1950 - 1955

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 11: Festa popular em Itaúna. 1950 - 1955

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 14: Festa popular em Itaúna. 15-08-1954

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 12: Festa popular em Itaúna. 1950 - 1955

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 15: Festa popular em Itaúna. 15-08-1954

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 16: Festa Popular em Itaúna. 1950 - 1955
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 19: Populares em festa do Congado em Itaúna.
15-08-1953.
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 17: Festa popular em Itaúna. 1950 - 1955
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 20: Preparativos para festa popular em Itaúna
15-08-1952
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 18: Populares em festa do Congado em Itaúna.
15-08-1952.
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 21: Preparativos para festa popular em Itaúna.
15-08-1952
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 22: Vistas, Edificações, Cultura e Lazer de Conceição do Mato Dentro

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 23: Vistas, Edificações, Cultura e Lazer de Conceição do Mato Dentro

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 24: Massambique de Nossa Senhora das Mercês de Resende Costa, mesorregião do Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 25: Irmandade dos Congadeiros Nossa Senhora do Rosário de Carmo da Mata, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 26: Vistas, Edificações, Cultura e Lazer de Conceição do Mato Dentro

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 27: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 28: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 29: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto.

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 30: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 31: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 32: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 33: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 34: Festa religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 35: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 36: Festa religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 37: Festa Religiosa em São Sebastião do Rio Preto

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 38: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 39: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 40: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 41: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 42: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 43: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 44: I Encontro de Reinado
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM)



Figura 45: Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Carmópolis de Minas, Oeste de Minas.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 46: Missa conga na Festa do Rosário da Comunidade dos Arturos. 1993. Contagem. Foto de Lúcio Dias.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 47: Crianças congadeiras na Festa do Rosário da Comunidade dos Arturos. 1993. Foto de Lúcio Dias.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 48: Festa de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos. 1993. Contagem. Foto de Lúcio Dias.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 49: Irmandade de N. S. do Rosário da Comunidade dos Arturos

Fonte: Fotografia Lúcio Dias cedida ao Arquivo Iepha-MG



Figura 50: Irmandade de N. S. do Rosário da Comunidade dos Arturos em 15 de maio de 1998.

Fonte: Fotografia Lucio Dias cedida ao Arquivo Iepha-MG



Figura 51: Bandeira de reinado forjada a ferro há 200 anos, encontrada em Ouro Preto. Foto: Aldo Araújo/Arquivo pessoal.

Fonte: Portal de notícias G1.



Figura 52: Placa de "Água grátis para os congadeiros" na Rua Santa Rita na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 53: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 55: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 54: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 56: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 57: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 58: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 59: Grupo/guarda/terno de reinado e congado a caminho da Missa Conga da 115ª Festa de São Benedito.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 60: As Meninas do Rosário em Santo Antônio do Monte, Oeste de Minas
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 61: Associação Banda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Barroso, Campo das Vertentes.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 62: Associação Cultural Longo em João Monlevade, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 63: Associação Cultural de Congado em João Monlevade, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 64: Associação Cultural Marujos em João Monlevade, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 65: Associação Cultural Marujos em João Monlevade, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 66: Terno de Moçambique Estrela Guia da cidade de Uberlândia a caminho da Missa Conga da 115ª Festa de São Benedito.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 68: Associação da Guarda União Nossa Senhora Aparecida em Cachoeira da Prata, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 67: Associação da Guarda de Congo da Vila Santa Rosa em Turmalina, Jequitinhonha.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 69: Associação de Congados e Moçambique São Benedito Estrelada Guia em Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 70: Associação de Congados Terno cor de Rosa em Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 72: Associação de Cultura Popular em Dom Silvério, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 71: Associação de Congados Moçambique Verde Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 73: Associação do Reinado do Rosário em Itapecerica, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 74: Associação dos Congados Moçambique Marinheiro em Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 77: Banda Dançante de Congada Moçambique Nossa Senhora do Rosário em Ibertioga, Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 75: Associação dos Congados Terno Verde em Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 78: Banda Dançante do Rosário de Santa Efigênia em Barbacena, Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 76: Banda Dançante do Rosário de Santa Efigênia em Barbacena, Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 79: Banda Dançante do Rosário de Santa Efigênia em Conselheiro Lafaiete, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 81: Banda de Congo Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 80: Banda de Congado Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário em Ouro Preto, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 82: Clube Dançante Nossa Senhora do Rosário em Ipaneminha, Vale do Rio Doce.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 83: Banda de Congo Nossa Senhora Do Rosário em Porto Firme, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 84: Beija-Flor Rosário de Luz em Carmo do Paranaíba, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 85: Clube Operário Treze de Maio em Santana do Jacaré, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 86: Congada e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Mercês em Piedade do Rio Grande, Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 87: Congada Estrela do Sul em Nova Resende, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 88: Congada Filhos do Rei em Leandro Ferreira, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 89: Congada Nossa Senhora do Rosário em Campanha, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 92: Congada Nossa Senhora do Rosário em Silvanópolis, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 90: Congada Nossa Senhora do Rosário em Nova Serrana, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 93: Congada São Benedito em Gonçalves, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 91: Congada São Benedito em Campanha, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 94: Congada Serenado Nicolau em Moema, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 95: Congado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário em Rio Manso, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 98: Congado de Nossa Senhora do Rosário em Carmópolis de Minas, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 96: Congado de Nossa Senhora Aparecida e Divino Pai Eterno em Conselheiro Lafaiete, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 99: Congado de Nossa Senhora do Rosário em Chapada do Norte, Jequitinhonha.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 97: Congado de Nossa Senhora do Rosário em Caetanópolis, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 100: Congado Nossa Senhora do Rosário de Caetanópolis em Diamantina, Jequitinhonha.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 101: Congado Nossa Senhora do Rosário de Santana do Deserto, Rio Doce na Zona da Mata.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 102: Congado Nossa Senhora Rosário Escrava Anastácia em Tiradentes, Campo das Vertentes.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 103: Congado Santo Antônio em Caeté, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 104: Congado do Sr. Ismael em Carmo da Mata, Oeste de Minas.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 105: Congado Luís Carolina em Santo Antônio do Monte, Oeste de Minas.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 106: Congado Marujo NSR Santa Efigênia em Santana de Pirapama, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 107: Congado Nossa Senhora Rosário em Caranaíba, Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 108: Congado Nossa Senhora Rosário em Paula Cândido, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 109: Congado Nossa Senhora Rosário em Raul Soares, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 110: Congado Nossa Senhora Rosário em Patos de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 111: Congado Nossa Senhora do Rosário do Dobra em Barra Longa, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 113: Congados de Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Cipotânea, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 112: Congado São Benedito e Nossa Senhora Rosário em Serrania, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 114: Congo e Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Illicinea, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 115: Congo Irmãos Lodino em Iguatama, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 116: Congo Real de Nossa Senhora do Rosário em Bom Despacho, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 117: Congo Vilão em Dores do Indaiá, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 118: Congo Vilão em Dores do Indaiá, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 119: Contra Dança em Dores do Indaiá, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 120: Corte do Vital Macota em Bom Despacho, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 123: Grupo AfroBlack em Pedralva, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 121: Festa de Nossa Senhora do Rosário São Benedito e Santa Efigênia em Dores do Indaiá, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 124: Grupo de Caboclos em Peçanha, Vale do Rio Doce.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 122: Guarda de Conga Santa Efigênia Lagoa de Santo Antônio em Pedro Leopoldo, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 125: Grupo de Congado 4 Pés e Estrela da Guia em Cruzeiro da Fortaleza, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 126: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Dionísio, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 128: Grupo de Marujo José Albino da Silva em Frutal, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 127: Grupo de Congo Anunciação do Rosário de Maria em Carmo do Paranaíba, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 129: Grupo de Marujos Dos Vieira em Peçanha, Vale do Rio Doce.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 130: Grupo Folclórico de Congado de Nossa Senhora do Rosário em Jaguaráçu, Vale do Rio Doce.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 132: Guarda de Marujos De Nossa Senhora do Rosário em João Monlevade, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 131: Grupo Rezeiro de Gameleiras, Norte de Minas.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 133: Guarda de Caboclo do Divino Espírito Santo em Vespasiano, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 134: Guarda de Catupé de Santa Efigênia em Carmo do Cajuru, Oeste de Minas.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 135: Guarda de Congado Nossa Senhora das Graças de Catas Altas da Noruega, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 137: Guarda de Congo da Comunidade Rural de Buritis em Divinópolis, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 136: Guarda de Congo Catupé Estrela do Oriente de Bom Despacho, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 138: Guarda de Congo Feminina de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Aparecida, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 139: Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário de Alto Rio Doce, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 140: Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião em Mariana, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 143: Guarda de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário de Vera Cruz de Minas em Pedro Leopoldo, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 141: Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário Urca, Pampulha em Belo Horizonte, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 144: Guarda de Marujo Nossa Senhora do Rosário de Ravena em Sabará, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 142: Guarda de Congo Rosário de Aliança Brás Pires, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 145: Guarda de Marujos Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Senhora do Carmo de Itabira, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 147: Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Itaguara, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 146: Guarda de Marujos São Sebastião de General Carneiro de Sabará, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 148: Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Alto dos Pinheiros em Belo Horizonte, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 149: Guarda de Moçambique Nossa Senhora da Luz em Lagoa Santa, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 152: Guarda Irmandade do Santíssimo Sacramento de Jequitibá, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 150: Guarda de Nossa Senhora do Rosário Serra dos Maiais de Inhaúma, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 153: Guarda Moçambique de Nossa Senhora do Rosário Senhora de Oliveira, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 151: Guarda dos Marinheiros de Nossa Senhora das Mercês de Bom Despacho, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 154: Guarda Moçambique Nossa Senhora Aparecida de Passa Tempo, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 155: Guarda Nossa Senhora das Mercês de Passa Tempo, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 156: Guarda Nossa Senhora do Rosário em Cachoeira da Prata, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 157: Guarda União Nossa Senhora Aparecida em Cachoeira da Prata, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 158: Instituto Cultural dos Marinheiros Guarda de Marujos Nossa Senhora da Saúde de Itabira, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 159: Irmandade Congado de Santa Efigênia em Serrania, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 160: Irmandade da Nossa Senhora do Rosário dos Arturos, Contagem, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 162: Irmandade de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Belo Horizonte, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 161: Irmandade de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Belo Horizonte, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 163: Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jardim América, Belo Horizonte, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 164: Irmandade Moçambique São José Operário e São Benedito no Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia em Sabará, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 165: Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Ibitité, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 166: Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Ribeirão das Neves, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 167: Marujada de Sabinópolis em Sabinópolis, Vale do Rio Doce.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 168: Grupos de reinados e congados se reúnem em agradecimento em frente ao Café Doce Vida na Casa de Apoio ao Romeiro.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 169: Moçambique de Serra da Saudade, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 172: Moçambique de São Benedito em Bom Despacho, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 170: Moçambique Africano São Benedito de Santa Rita de Ibitipoca, Zona da Mata.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 173: Moçambique de São Benedito em Matozinhos, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 171: Moçambique Cor de Rosa de Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 174: Moçambique e Catopé de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito Congada da Maria em São João del Rei, mesorregião do Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 175: Moçambique Luz Divina de Luz, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 178: Pérolas do Rosário de Dores do Indaiá, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 176: Mozambique Nossa Senhora do Rosário de Martinho Campos, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 179: Reco Reco de Dores do Indaiá, mesorregião Central mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 177: Penacho de Luz, mesorregião Central Mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 180: Reinado de Minas Novas

Fonte: Acervo Pessoal - Nicole Batista



Figura 181: Terno dos Temerosos em Januária.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 182: Reinado de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha
Fonte: Acervo Pessoal - Nicole Batista

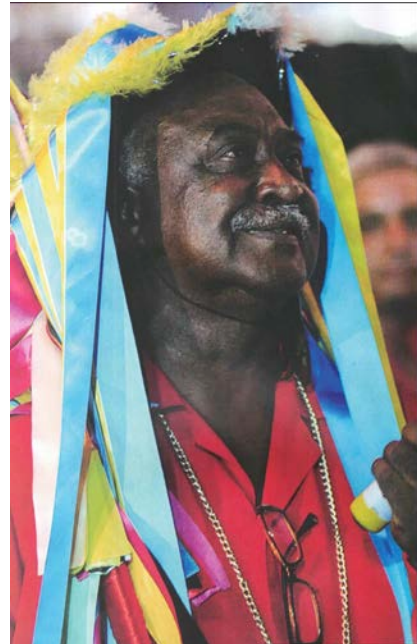


Figura 183: Reinado de São Sebastião do Paraíso,
Sul/Sudoeste de Minas
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural
Iepha-MG



Figura 184: Reinado de Moçambique de Nossa
Senhora do Rosário em Mateus Leme, mesorregião
metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural
Iepha-MG



Figura 185: Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Coronel Fabriciano, Vale do Rio Doce.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 188: Terno de Congada Camisa Branca Penacho da Ema de Uberaba, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 186: Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Patrocínio, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 189: Terno de Congada Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Cambuquira, Sul/Sudoeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 187: Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Itabira, mesorregião metropolitana de Belo Horizonte

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 190: Festa do Rosário, Reinado Mirim em Araçuaí, Jequitinhonha.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 191: Terno de Congado Amarelo e Branco de Uberlândia, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 194: Terno de Congado São João Onça de Pitangui, região metropolitana de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 192: Terno de Congado Azul Claro de Monte Alegre de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 195: Terno de Congo Camisa Verde de Ituiutaba, região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 193: Terno de Congado Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Aguanil, Oeste de Minas.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 196: Terno de Congo Canutinhos de Jacuí, Sul/Sudoeste de Minas.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 197: Terno de Congo Filhas de Paraíso de São Sebastião do Paraíso, Sul/Sudoeste de Minas. **Fonte:** Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 200: Terno de Congo União Jacuiense de Jacuí, Sul/Sudoeste de Minas. **Fonte:** Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 198: Terno de Congo Rosário Real de São Benedito, Uberlândia, região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. **Fonte:** Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 201: Terno Manda Brasa de Córrego Danta, Oeste de Minas. **Fonte:** Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 199: Terno de Congo União do Rosário de Jesuânia, Sul/Sudoeste de Minas. **Fonte:** Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 202: Terno Marinheiros de Nossa Senhora do Rosário em Arcos, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 203: Terno de Moçambique de Dores do Indaiá, região central mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 205: Terno Serra Dourada de Serra da Saudade, região central mineira.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 204: Terno Moçambique de Belém de Uberlândia, região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 206: Terno Camisa Verde em Uberlândia.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 207: Tambores da Guarda de São Benedito no município de Oliveira
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 208: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados com seus instrumentos a espera da entrada do santuário de N. S. Aparecida na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 209: Reinado do Rosário de N. Senhora em Itapecerica
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 210: Terno de Congada Rainha das Águas em Lambari
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 211: Sr. Mário Braz da Luz selecionando plantas medicinais para oferecer a uma benzida na Comunidade Quilombola dos Arturos
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 213: Congada da Misericórdia durante a Festa do Rosário em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 212: Terno de Congado Rainha das Águas no Serro
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 214: Tamborzeiros do Rosário de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 215: Guarda de Moçambique no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 216: Criança em Guarda de Moçambique no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 219: Bandeira da Associação Cultural Irmandade Reino do Rosário no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 217: Apresentação de Guarda de Moçambique no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 220: Cortejo de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 218: Apresentação de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 221: Grupos de Reinados e Congados em São Romão.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 222: Terno de Congada Penacho em Uberaba
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 224: Tamborzeiros do Rosário de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 223: Congo Rosário de Maria no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 225: Tambozeiro faz reverência a bandeira de Nossa Senhora do Rosário no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 226: Reinado no Encontro de Afromineiridades em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 229: Boi do Rosário na cidade de Oliveira em 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 227: Criança acompanha Terno de Massambique no Encontro de Afromineiridades em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 230: Reinado no Encontro de Afromineiridades em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 228: Entrada de cortejo de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 231: Entrada de Guarda de Congado na Festa de Pai Benedito no Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 232: Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus na Comunidade Quilombola Irmandade Os Carolinos. 2023
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 233: Cortejo de congados e reinados na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.
Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 234: Missa Conga na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.
Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 235: Reinadeiro em Missa Conga na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 238: Guardas de Reinados e Congados na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 236: Congadeiros na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 237: Congado na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 239: Reinado na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 240: Cortejo de Reinados e Congados na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Renata Gaboci.



Figura 243: Guarda Feminina na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Renata Gaboci.



Figura 241: Criança congadeira na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Renata Gaboci.



Figura 244: Cortejo de Reinados e Congados no Canjerê - Festival de Cultura Quilombola. Belo Horizonte. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 242: Cortejo de guarda de congado na Festa da Abolição da Comunidade dos Arturos em Contagem, MG. 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG Renata Gaboci.



Figura 245: Bandeira de Congado de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 246: Congado de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 247: Congadeiras de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 248: Congadeira de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 249: Congadeiro no Festival Canjere - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 251: Marujada no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 250: Cortejo de reinados e congados mineiros no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 252: Reinado no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 253: Crianças congadeiras em cortejo de Reinados e Congados mineiros no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 255: Marujada em Igreja no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 254: Cortejo de Reinados e Congados mineiros em Igreja no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 256: Reinados e congados mineiros no Festival Canjerê - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 257: Reinado Mirim, Festa do Rosário. Araçuaí, MG. Vale do Jequitinhonha
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 259: Cruzeiro no município de Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 258: Cruzeiro do Quilombo Os Carolinos na Festa do Rosário de 2023.
Fonte: Arquivo Iepha-MG Foto de Maria Luiza Oliveira.



Figura 260: Congo Real Evangelista, Congo Sereno Beija Flor, Congo Real Santo Antônio, Unidos do Rosário Bombachinho e Moçambique de São Gotardo, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 261: Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel em Betim, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 263: Imagem de Nossa Senhora do Rosário do Terno de Congado Nossa Senhora do Rosário de Carrancas, região Campo das Vertentes.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 262: Imagem de São Benedito da Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário do município Carmo do Cajuru, Oeste de Minas.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 264: Bandeira de Guarda de Moçambique junto à imagem de Nossa Senhora Aparecida no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG.



Figura 265: Cartaz da 115ª Festa de São Benedito.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 267: Igreja de São Benedito na cidade de Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG

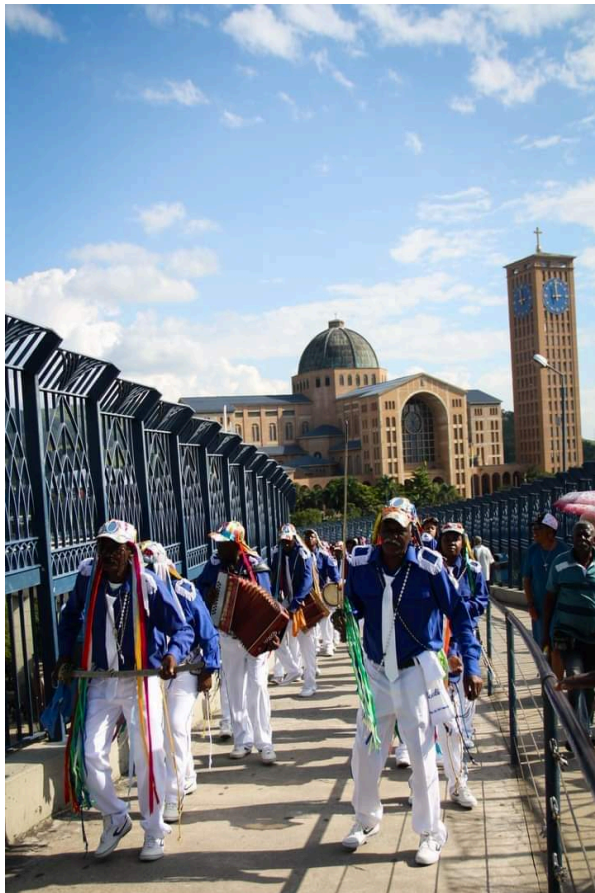


Figura 266: Guarda de Marujo de N. S. do Rosário de Sabará na Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 268: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 269: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 270: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados na rampa de acesso ao santuário na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 273: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 271: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 274: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 272: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 275: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 276: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados saindo para cortejo após almoço na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 279: Instrumento de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 277 : Tambores e caixas de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 280: Instrumento no Encontro de Afromineiridades em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 278: Instrumentos de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 281: Instrumentos de reinados e congados mineiros presentes no Festival Canjere - Festival de Cultura Quilombola em Belo Horizonte, 2023.
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 282: Vestimenta de reinados e congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 285: Irmandade Os Carolinos, Belo Horizonte.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 283: Gunga de Moçambique no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 286: Coroa de Reinado no Encontro de Afromineiridades em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 284: Coroa e Bandeira de Reinados e Congados no Encontro de Afromineiridades, em Timóteo, Vale do Rio Doce. 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 287: Evento do Programa de Valorização da Cultura Afro em MG - Afromineiridades em Timóteo na mesorregião do Vale do Rio Doce (MG), 2022.

Fonte: Arquivo Iepha-MG (Nicole Batista).



Figura 288: Feitura do Angu em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 291: Distribuição de doces em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 289: Distribuição do Angu em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 292: Momento de consagração dos reinados e congados em frente a Igreja de N. S. Aparecida na cidade de Aparecida (SP) na 115ª Festa de São Benedito
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 290: Distribuição de licores em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 293: Momento de consagração dos reinados e congados em frente à Igreja de N. S. Aparecida na cidade de Aparecida (SP) na 115ª Festa de São Benedito

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 295: Momento de consagração dos reinados e congados em frente à Igreja de N. S. Aparecida na cidade de Aparecida (SP) na 115ª Festa de São Benedito

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 294: Momento de consagração dos reinados e congados em frente à Igreja de N. S. Aparecida na cidade de Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 296: Momento de consagração dos reinados e congados em frente à Igreja de N. S. Aparecida na cidade de Aparecida (SP) na 115ª Festa de São Benedito

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 297: Momento de consagração dos reinados e congados em frente à Igreja de N. S. Aparecida na cidade de Aparecida (SP) na 115ª Festa de São Benedito

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 298: Grupos/guardas/ternos de reinados e congados vão à Igreja de São Benedito na 115ª Festa de São Benedito em Aparecida (SP)

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 299: Terno dos Temerosos em Januária

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 300: Terno dos Temerosos em Januária

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 301: N. S. do Rosário em Brejo do Amparo, em Januária

Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 302: Igreja de N. S. do Rosário em Brejo do Amparo, em Januária
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 304: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 303: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 305: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 306: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 307: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 310: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 308: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 311: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 309: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 312: Festa de N. S. do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte
Fonte: Arquivo Iepha-MG



Figura 313: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 316: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 314: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 317: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 315: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 318: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 319: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 320: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 321: Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário em Alvinópolis

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 322: Moçambique do Antônio Martins em Dolores do Indaiá, 2023

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 323: Reinado em Francisco Badaró

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 324: Terno de Moçambique São Benedito Mãe África em Ipuina

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 325: Congada Guarda de São Benedito em Sacramento

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 326: Congado da Virgem do Rosário em Nova Serrana

Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural Iepha-MG



Figura 327: Congado no município de Passa Tempo
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural
Iepha-MG



Figura 328: Congado no município de Passa Tempo
Fonte: Arquivos dos Cadastros do Patrimônio Cultural
Iepha-MG

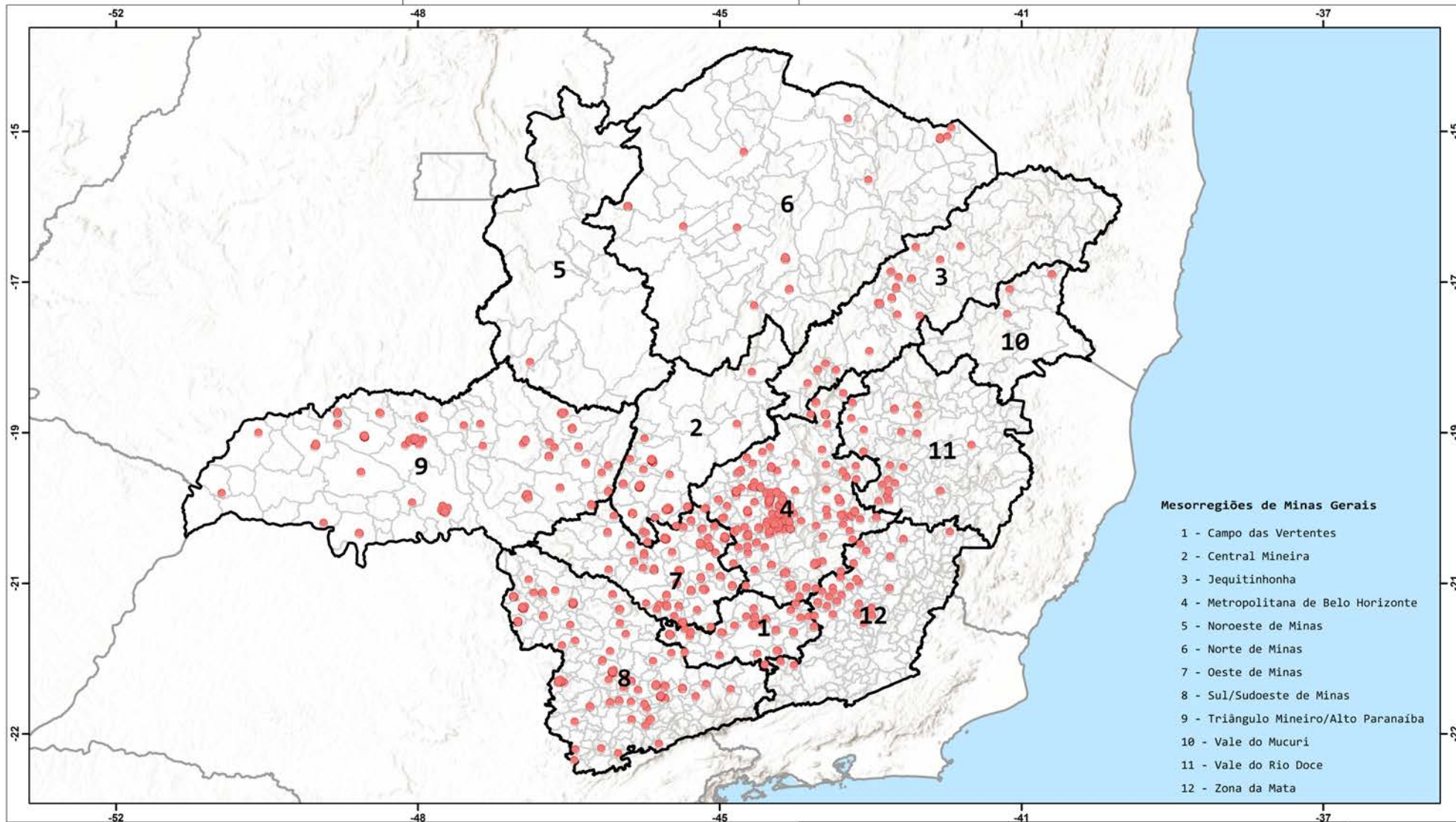


DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais

APÊNDICE II

Belo Horizonte
2024

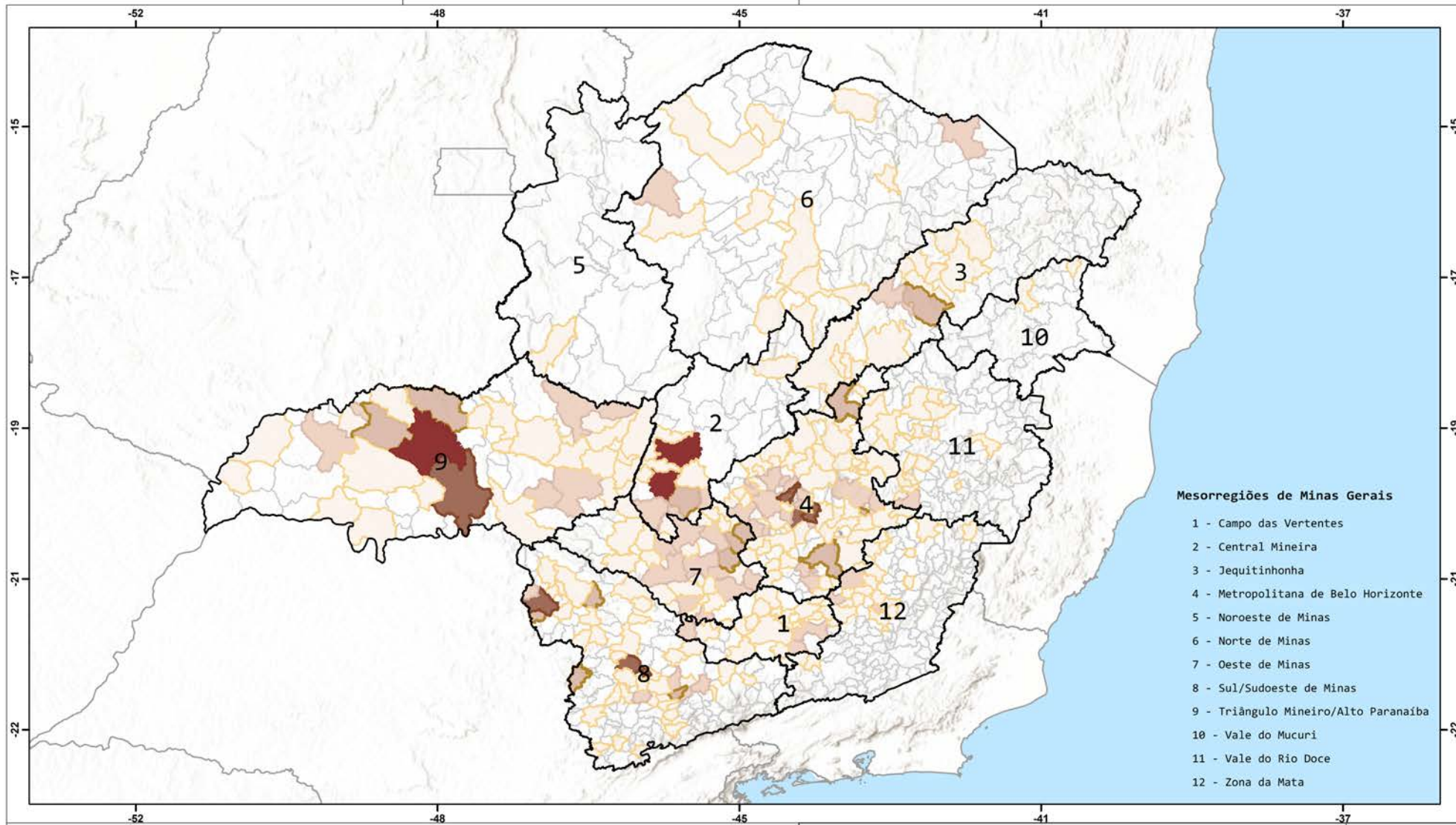


Legenda

- Distribuições dos Reinados e Congados em Minas Gerais (900 cadastros)
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais



BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>
CONTEÚDO Localização dos Reinados e Congados cadastrados		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
0 50 100 150 Quilômetros		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01



Mesorregiões de Minas Gerais

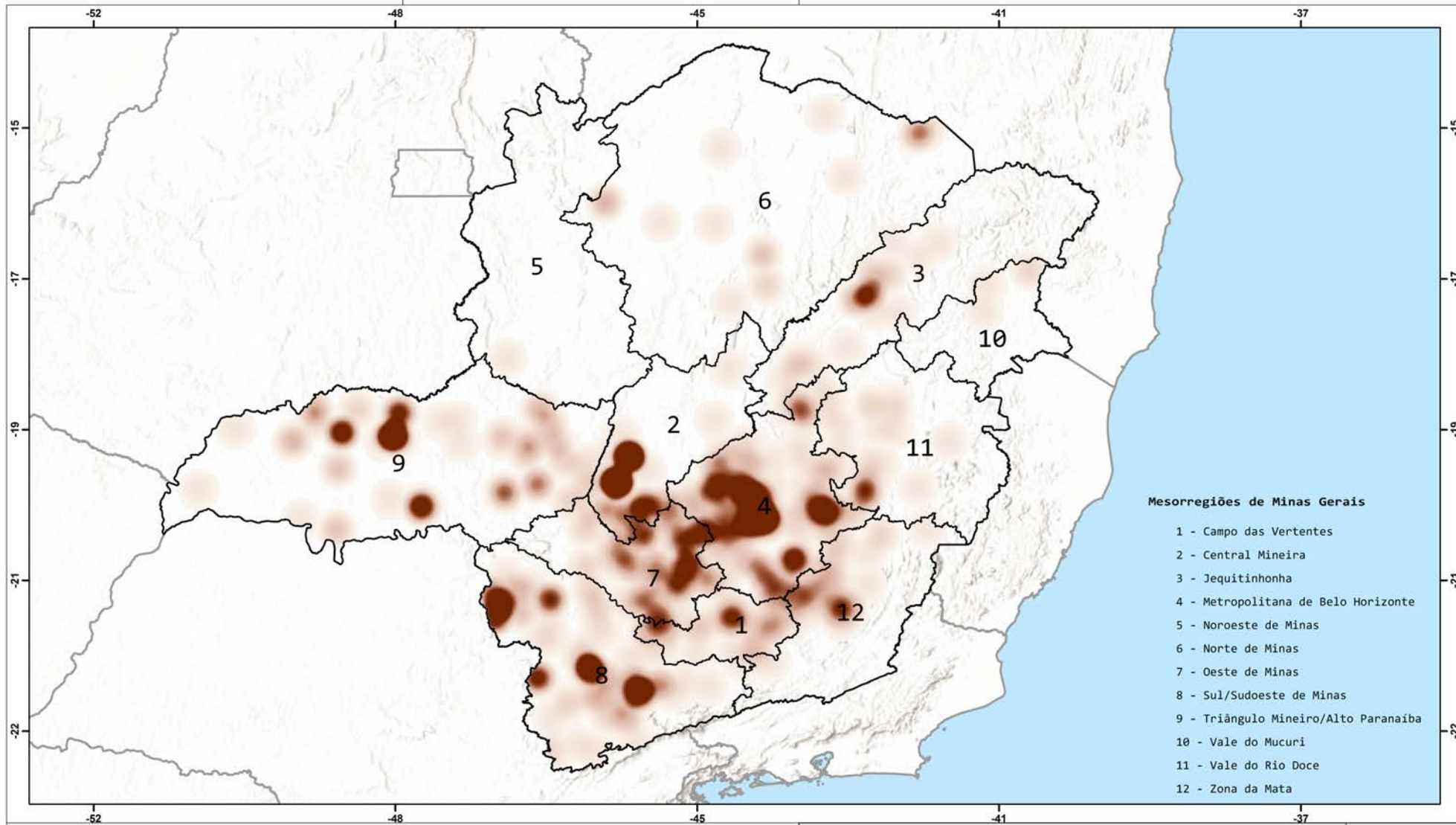
- 1 - Campo das Vertentes
- 2 - Central Mineira
- 3 - Jequitinhonha
- 4 - Metropolitana de Belo Horizonte
- 5 - Noroeste de Minas
- 6 - Norte de Minas
- 7 - Oeste de Minas
- 8 - Sul/Sudoeste de Minas
- 9 - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
- 10 - Vale do Mucuri
- 11 - Vale do Rio Doce
- 12 - Zona da Mata

Legenda

- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Número de cadastros por municípios 1 - 3
- 4 - 7
- 8 - 12
- 13 - 21
- 22 - 39




BEM CULTURAL			
Cadastro dos Reinados e Congados			
CONTEÚDO		MUNICÍPIO - DISTRITO	
Número de cadastro de Reinados e Congado por municípios		853 municípios	
		ESCALA	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM
		1:5.000.000	SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.	
RESPONSÁVEL TÉCNICO		COORDENADOR TÉCNICO	
Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG			
FONTE		COLABORAÇÃO	
IEPHA 2023, IBGE 2022.			
			 <small>GOVERNO DIRETENTE</small> <small>ESTADO EFICIENTE</small>
			FORMATO
			A3
			DATA
			Mar. 2024
			FOLHA
			01/01

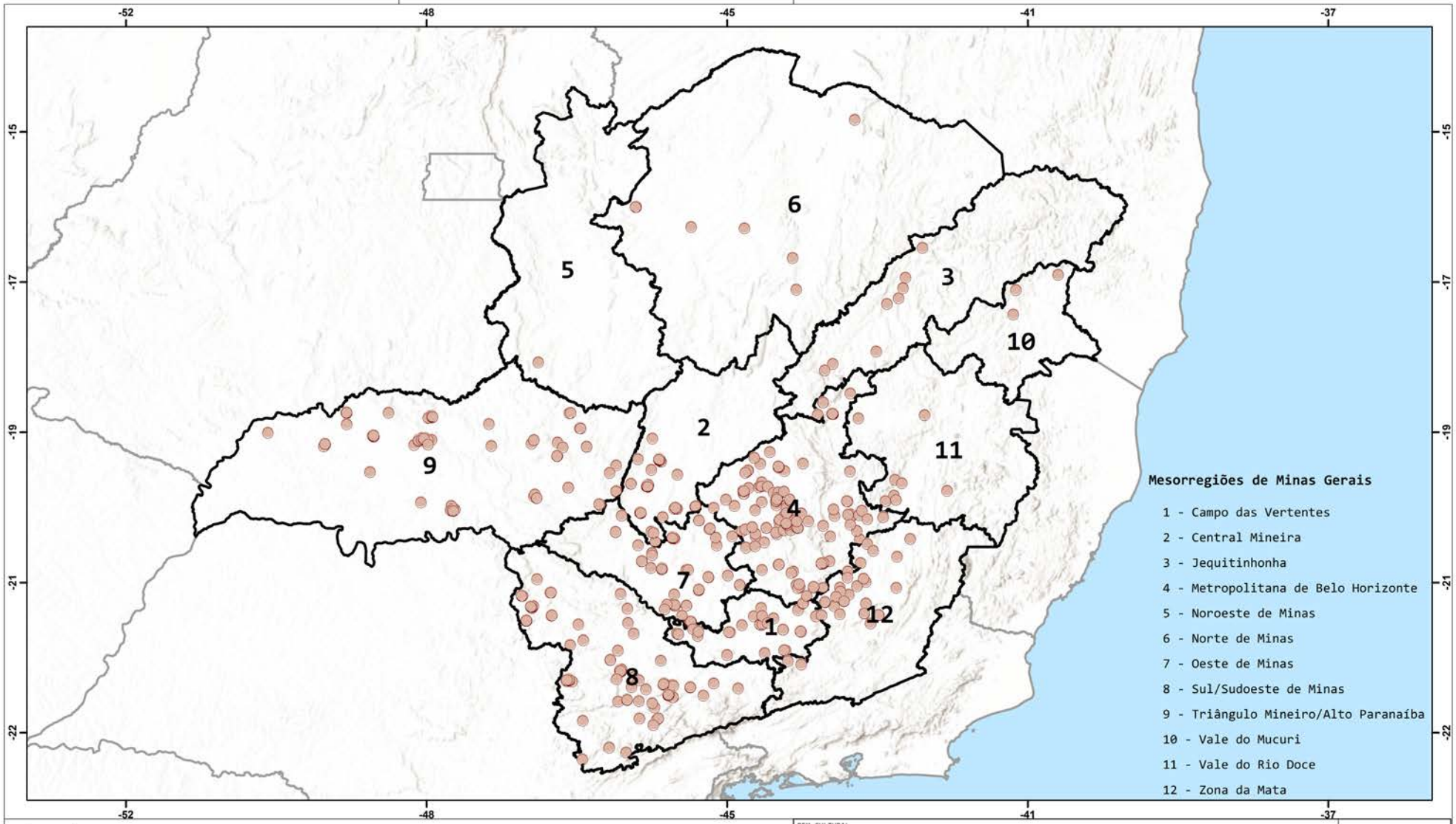


Legenda


-  Mesorregião
 -  Divisas estaduais
- Concentração dos Reinados e Congados**
-  Alta
 -  Média
 -  Baixa




BEM CULTURAL			Cadastro dos Reinados e Congados		 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>
CONTEÚDO Densidade dos Reinados e Congados cadastrados			MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000	
ASSINATURA R.T.			ASSINATURA C.T.		FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG			COORDENADOR TÉCNICO		DATA Fev. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.			COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01



Legenda

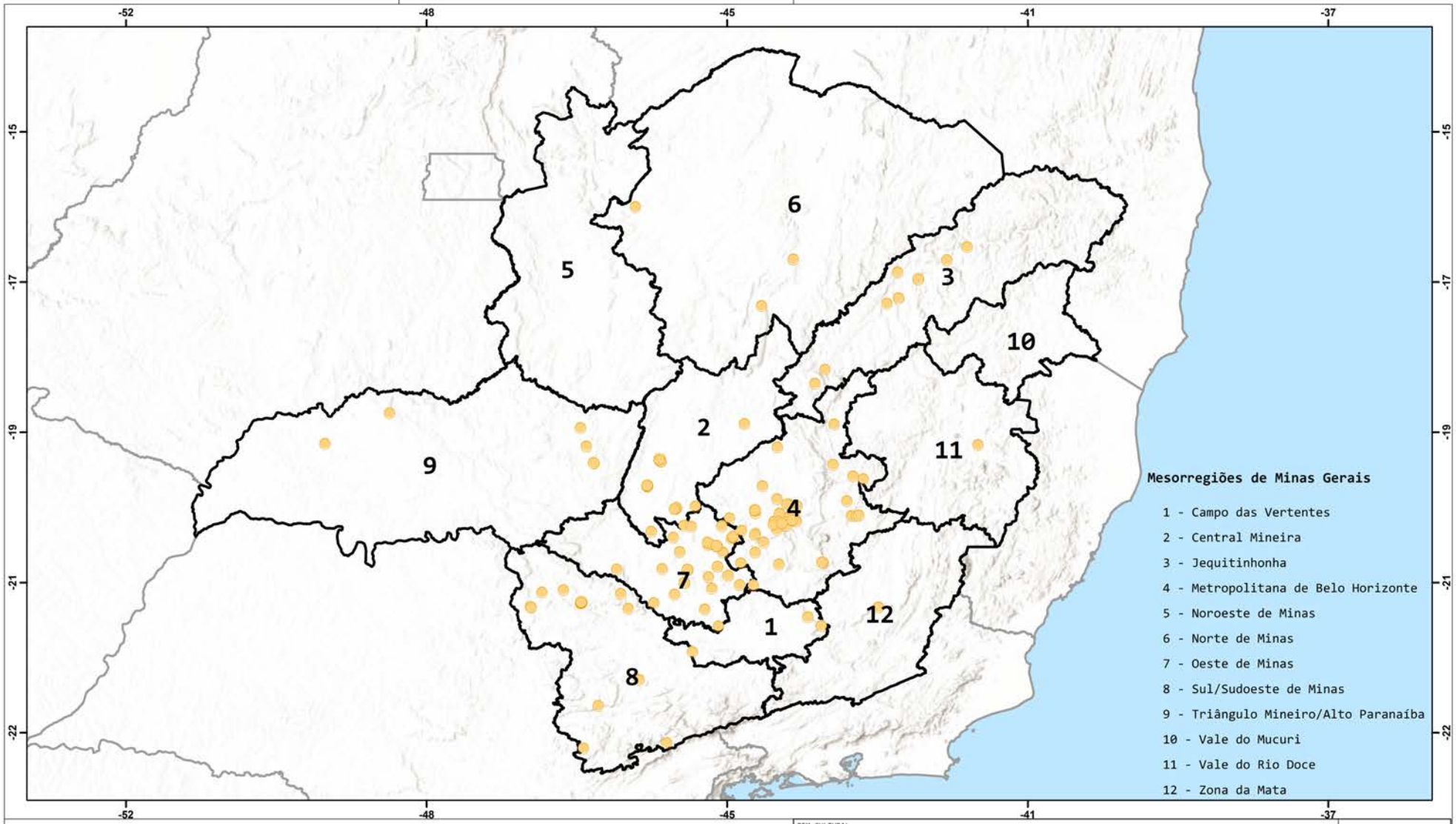
 Distribuições dos Congados em Minas Gerais (615 cadastros)

 Mesorregião MG

 Divisas estaduais



BEM CULTURAL			  <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>
Cadastro dos Reinados e Congados - Denominações			
CONTEÚDO	Localização dos Congados cadastrados	MUNICÍPIO - DISTRITO	853 municípios
	 <small>quilômetros</small>	ESCALA	1:5.000.000
		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM	SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.	FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO	Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG	COORDENADOR TÉCNICO	DATA Fev. 2024
FONTE	IEPHA 2023, IBGE 2022.	COLABORAÇÃO	FOLHA 01/01

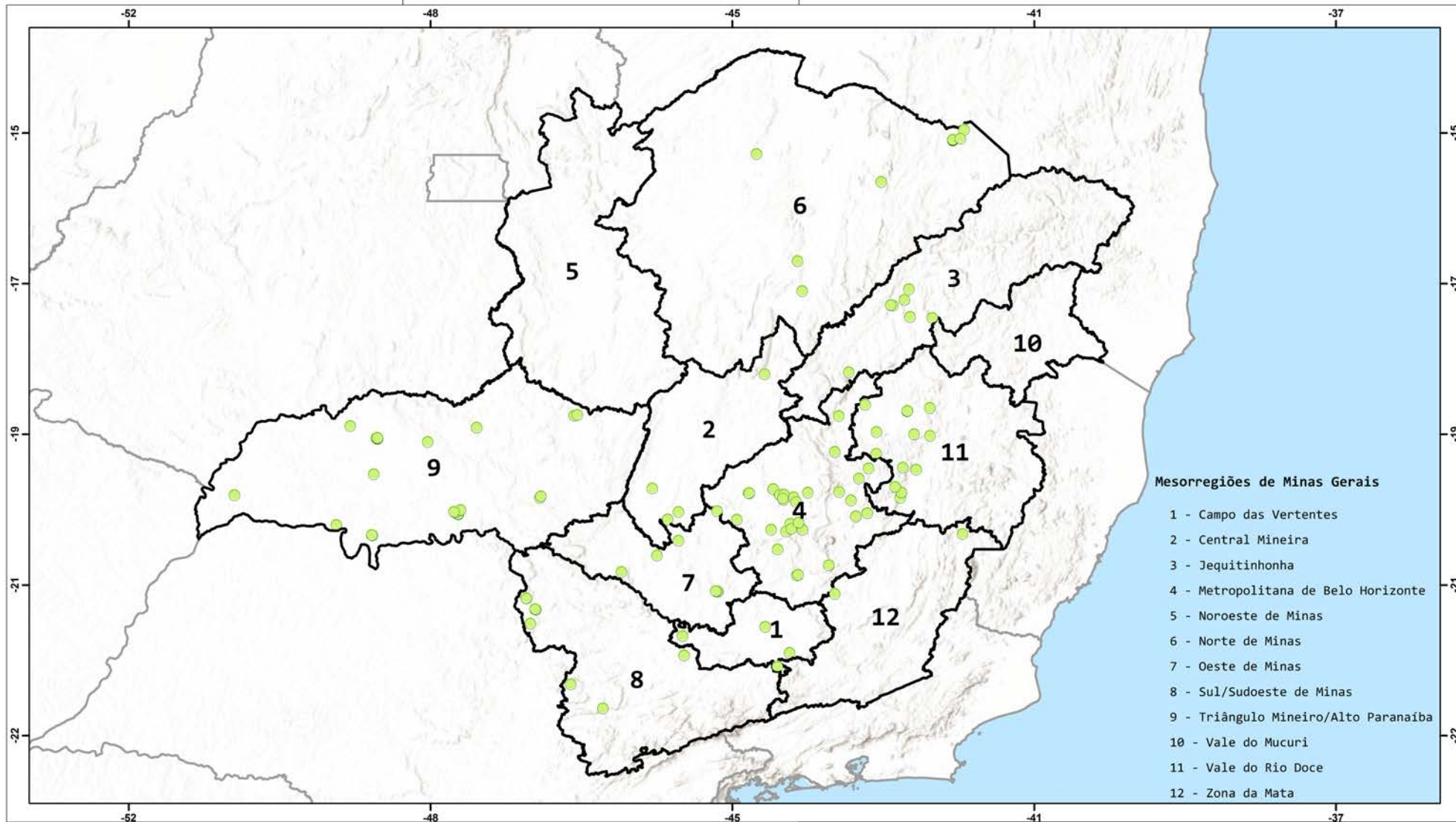


Legenda

- Distribuições dos Reinados em Minas Gerais (161 cadastros)
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais



BEM CULTURAL			 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>
Cadastro dos Reinados e Congados - Denominações			
CONTEÚDO	Localização dos Reinados cadastrados	MUNICÍPIO - DISTRITO	853 municípios
	 <small>quilômetros</small>	ESCALA	1:5.000.000
		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM	SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.	FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO	Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO
DATA			Fev. 2024
FONTE	IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO
			FOLHA 01/01



Legenda

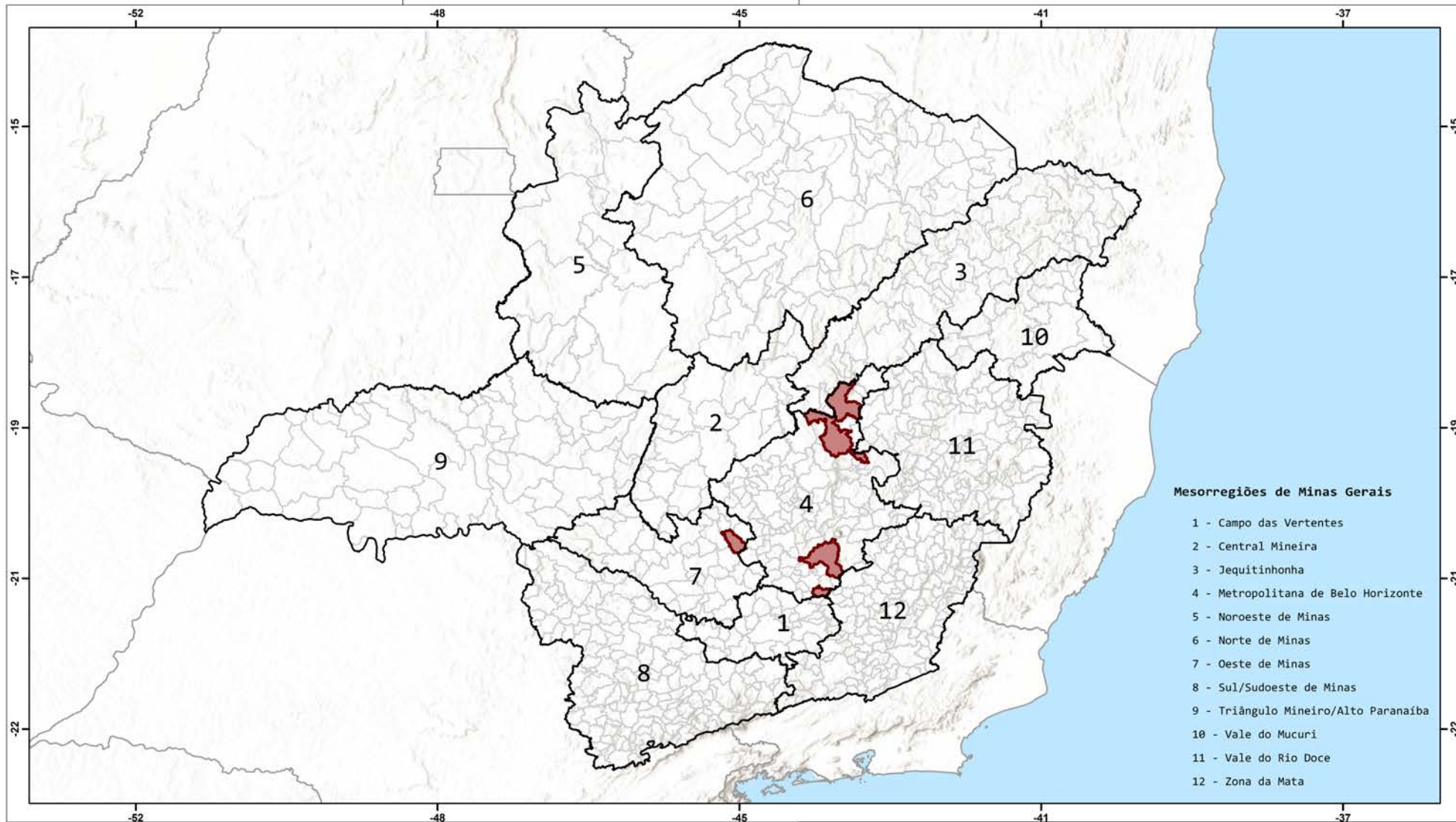
Distribuição das outras denominações cadastradas (Afoxé, Associações, Banda, Caboclada, Caiapós, Candombe, Caravana, Catupé, Corte, Danças, Embaixada, Folias, Grupos, Guardas, Irmandade, Marujada, Moçambique, Rainha Conga, Reisado e Termo - 124 cadastros)



Mesorregião MG
Divisas estaduais




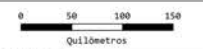
BEM CULTURAL			
Cadastro dos Reinados e Congados - Denominações			
CONTEÚDO Localização de outras denominações cadastradas		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios	
		ESCALA 1:5.000.000	
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.	
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO	
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO	
		 <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>	
		FORMATO A3	
		DATA Fev. 2024	
		FOLHA 01/01	

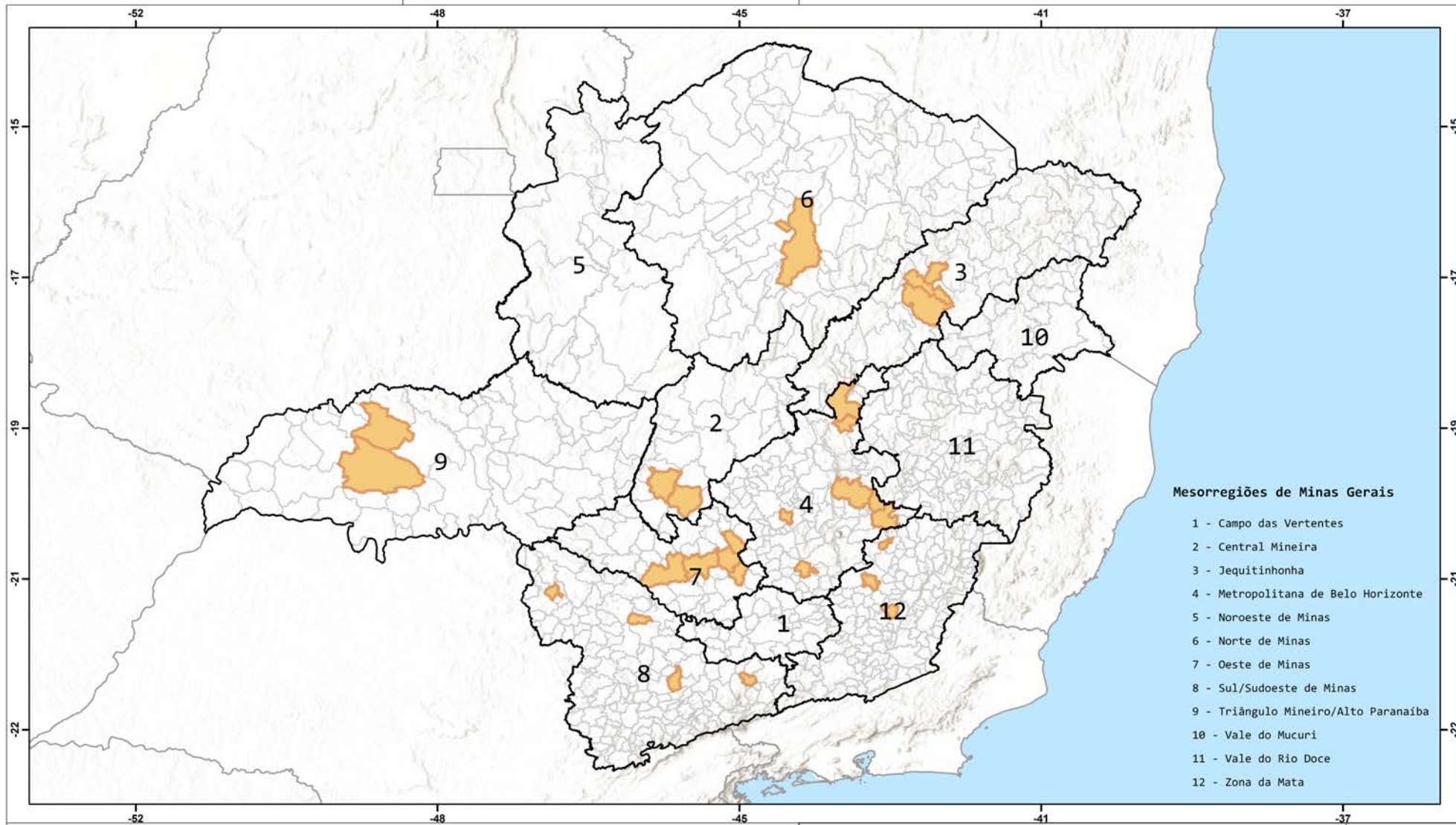


Legenda

-  Mesorregião MG
-  Divisas estaduais
-  Municípios com registro de Reinados e Congado - Século 18



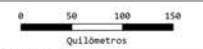
BEM CULTURAL			 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIRETENTE ESTADO EFICIENTE</small>
Cadastro dos Reinados e Congados			
CONTEÚDO	Localização de Reinados e Congados - Século 18	MUNICÍPIO - DISTRITO	853 municípios
		ESCALA	1:5.000.000
		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM	SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.	FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO	Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG	COORDENADOR TÉCNICO	DATA Mar. 2024
FONTE	IEPHA 2023, IBGE 2022.	COLABORAÇÃO	FOLHA 01/01

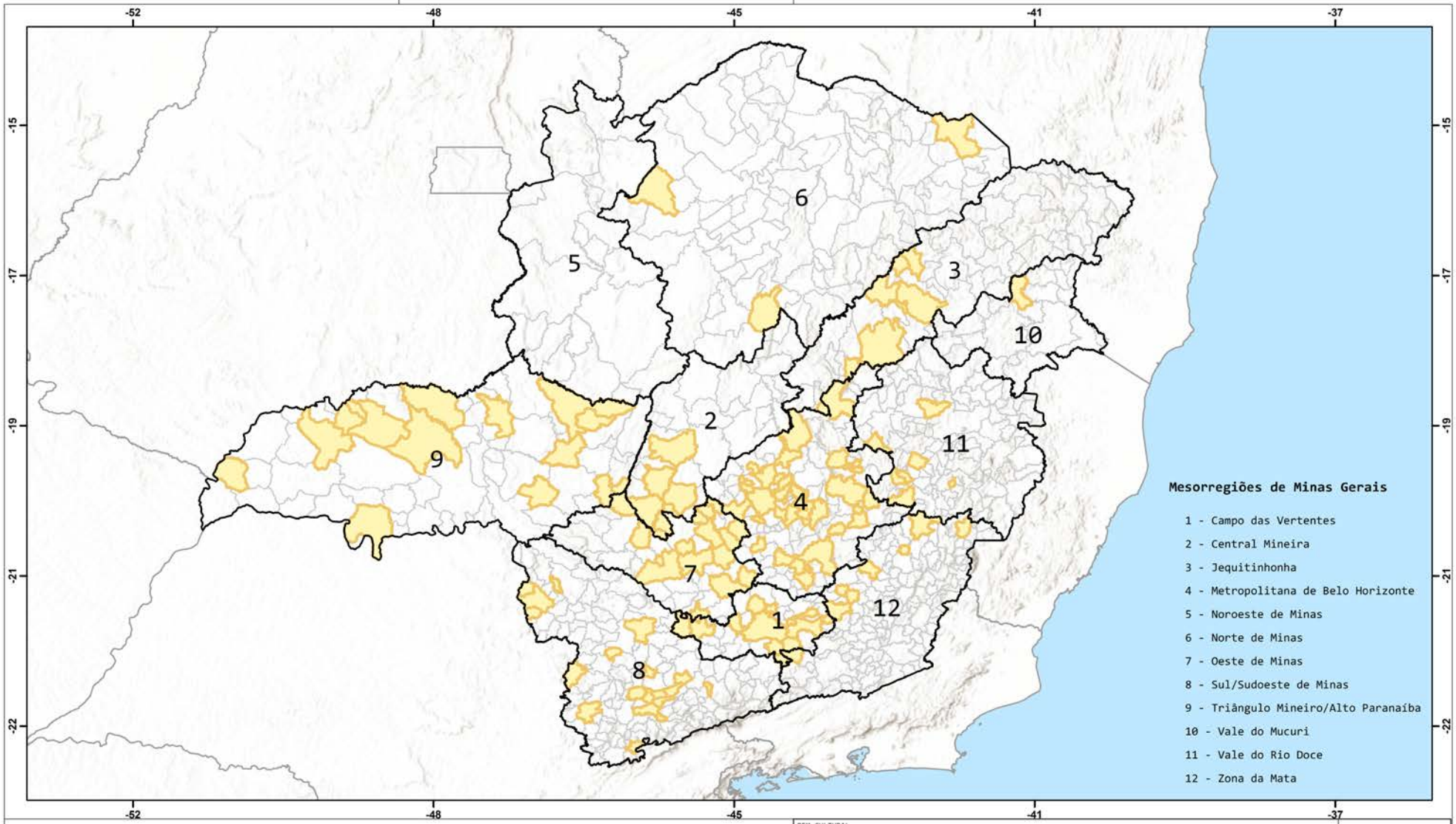


Legenda

-  Mesorregião MG
-  Divisas estaduais
-  Municípios com registro de Reinados e Congado - Século 19



BEM CULTURAL			  <small>GOVERNO DIRETENTE ESTADO EFICIENTE</small>
Cadastro dos Reinados e Congados			
CONTEÚDO Localização de Reinados e Congados - Século 19	MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
	ESCALA 1:5.000.000	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000	
ASSINATURA R.T.	ASSINATURA C.T.	FORMATO A3	
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO	DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO	FOLHA 01/01

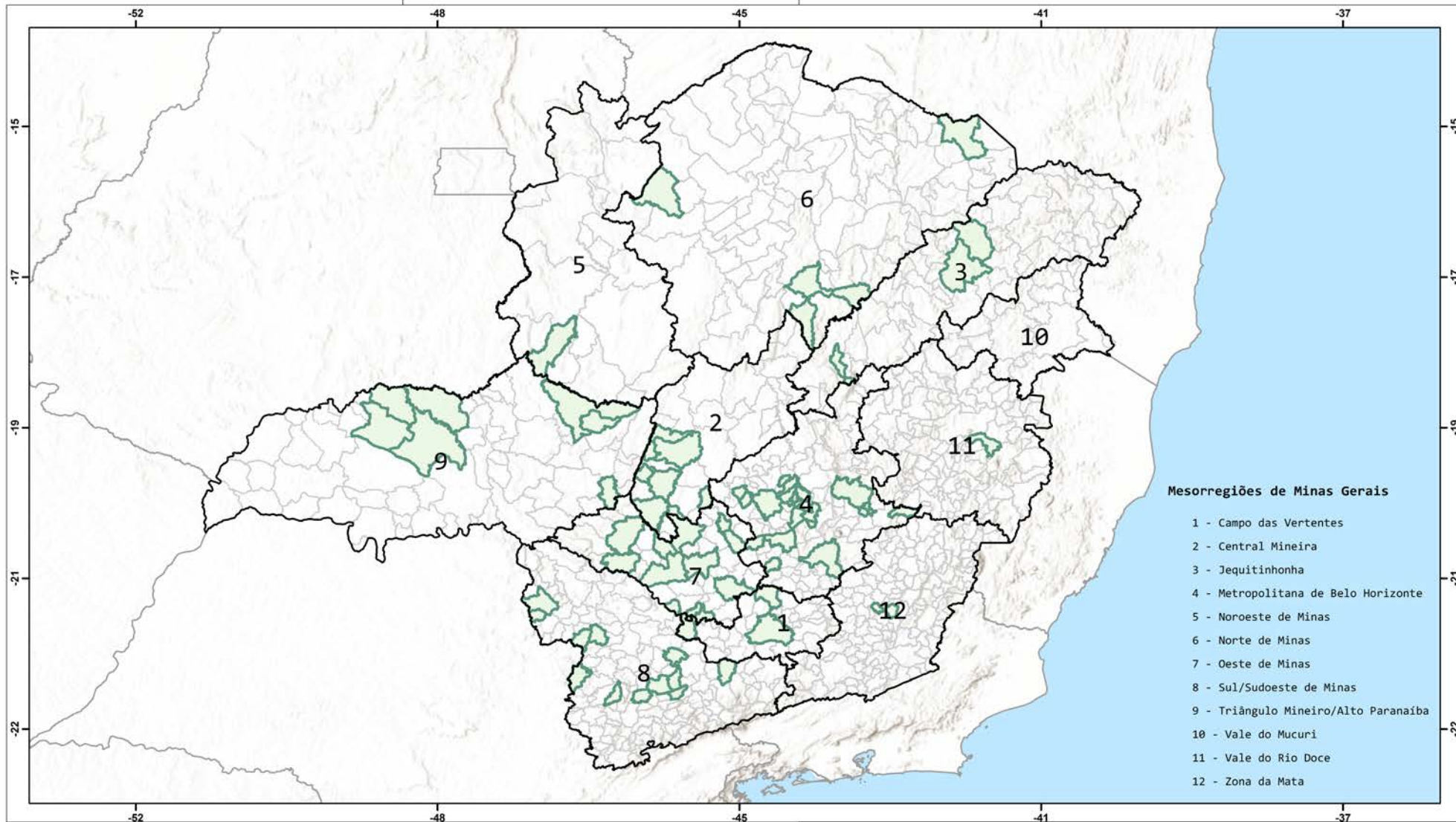


Legenda

-  Mesorregião MG
-  Divisas estaduais
-  Municípios com registro de Reinados e Congado - Século 20




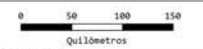
BEM CULTURAL			 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIRETAMENTE ESTADO EFICIENTE</small>
Cadastro dos Reinados e Congados			
CONTEÚDO	Localização de Reinados e Congados - Século 20	MUNICÍPIO - DISTRITO	853 municípios
		ESCALA	1:5.000.000
		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM	SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.	FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO	Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG	COORDENADOR TÉCNICO	DATA Mar. 2024
FONTE	IEPHA 2023, IBGE 2022.	COLABORAÇÃO	FOLHA 01/01

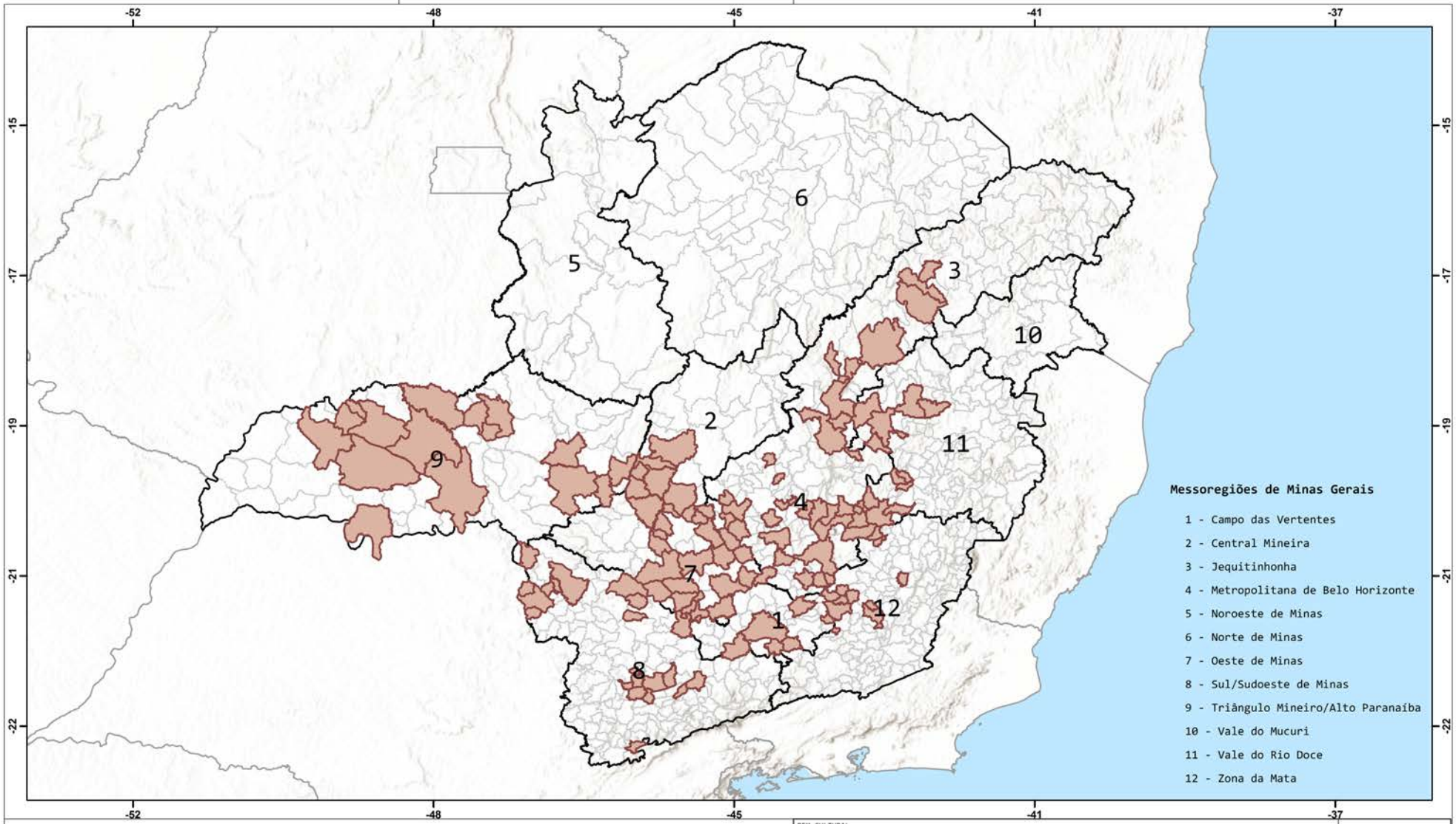


Legenda

-  Mesorregião MG
-  Divisas estaduais
-  Municípios com registro de Reinados e Congado - Século 21





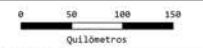
BEM CULTURAL			  <small>GOVERNO DIRETAMENTE ESTADO EFICIENTE</small>
Cadastro dos Reinados e Congados			
CONTEÚDO Localização de Reinados e Congados - Século 21	MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
	ESCALA 1:5.000.000	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000	
ASSINATURA R.T.	ASSINATURA C.T.	FORMATO	A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG	COORDENADOR TÉCNICO	DATA	Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.	COLABORAÇÃO	FOLHA	01/01

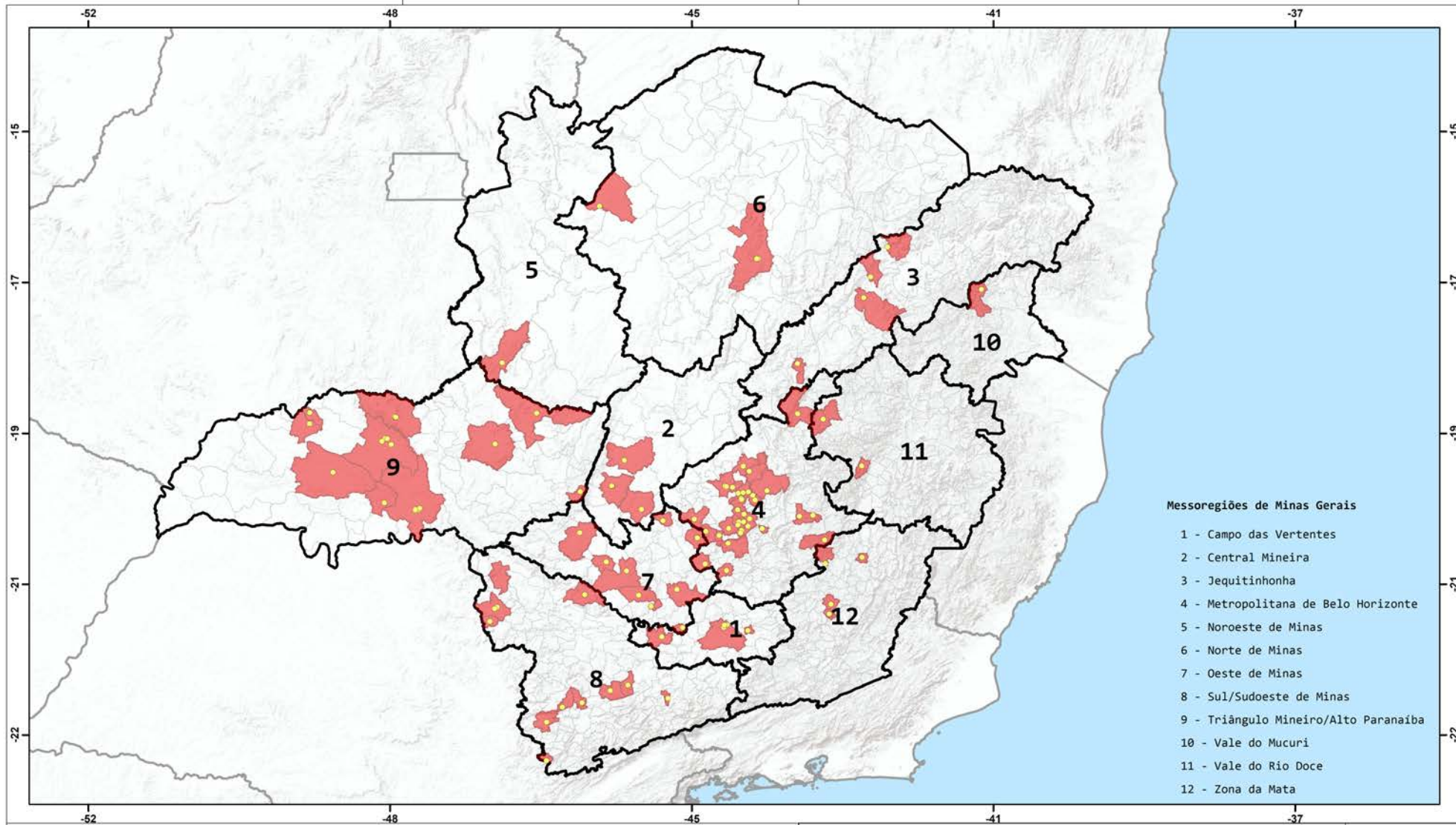


Legenda

- Municípios que possuem registro de Reinados e Congado
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais



BEM CULTURAL			Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>
CONTEÚDO Levantamento dos Reinados e Congados registrados por municípios		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios			
 <small>quilômetros</small>		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000	
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.			FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO			DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO			FOLHA 01/01

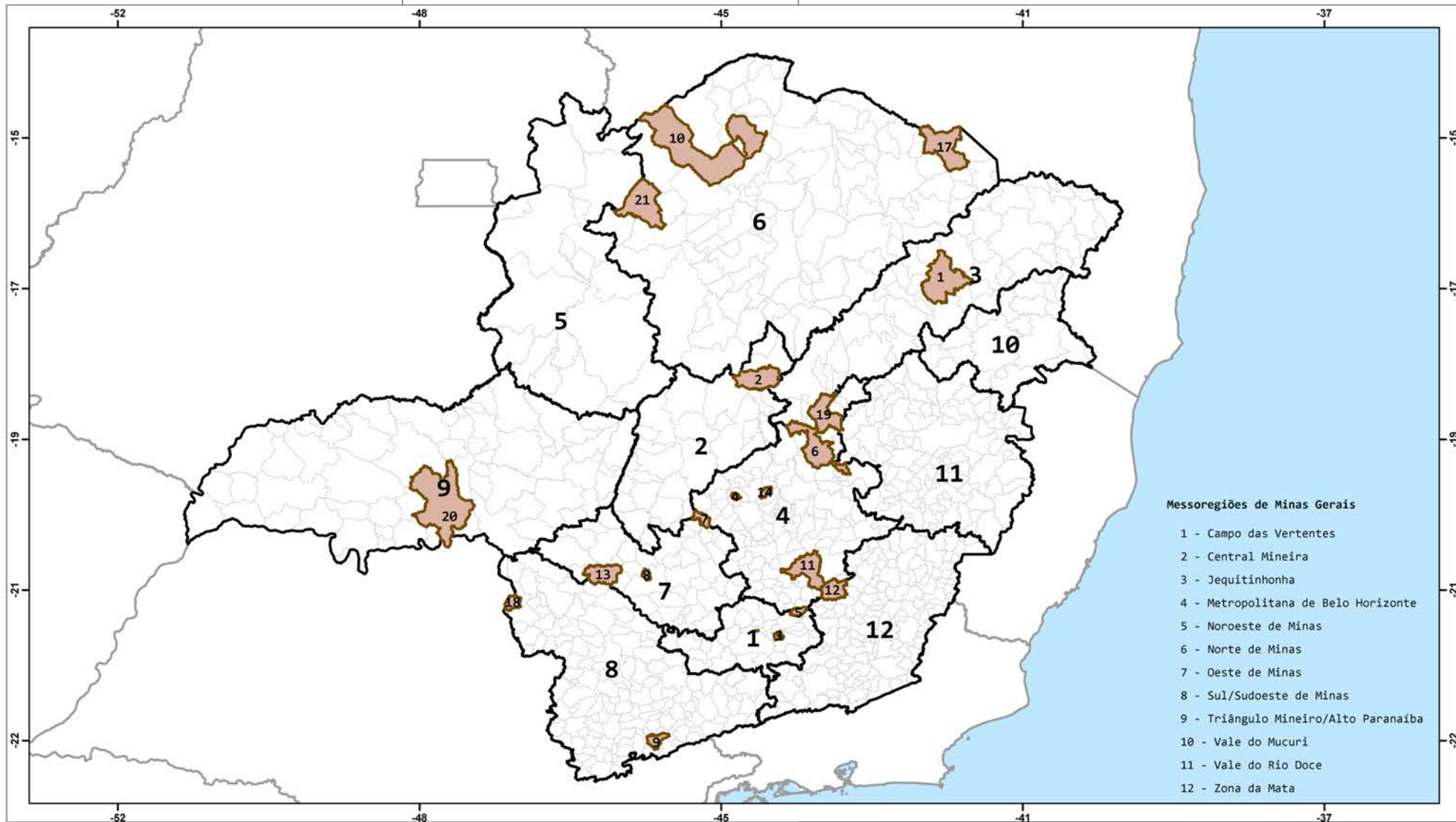


Legenda

- Localização dos Candombes - 117 cadastros
- Municípios onde estão localizados os Candombes
- Limites municipais
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais





BEM CULTURAL			Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Localização dos Candombes presentes no cadastros de Reinados e Congados			MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
0 50 100 150 Quilômetros		ESCALA 1:5.000.000	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000		
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		FORMATO A3	
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG			COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.			COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01



Legenda

- Municípios com festas no mês de Janeiro
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais



BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Janeiro		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

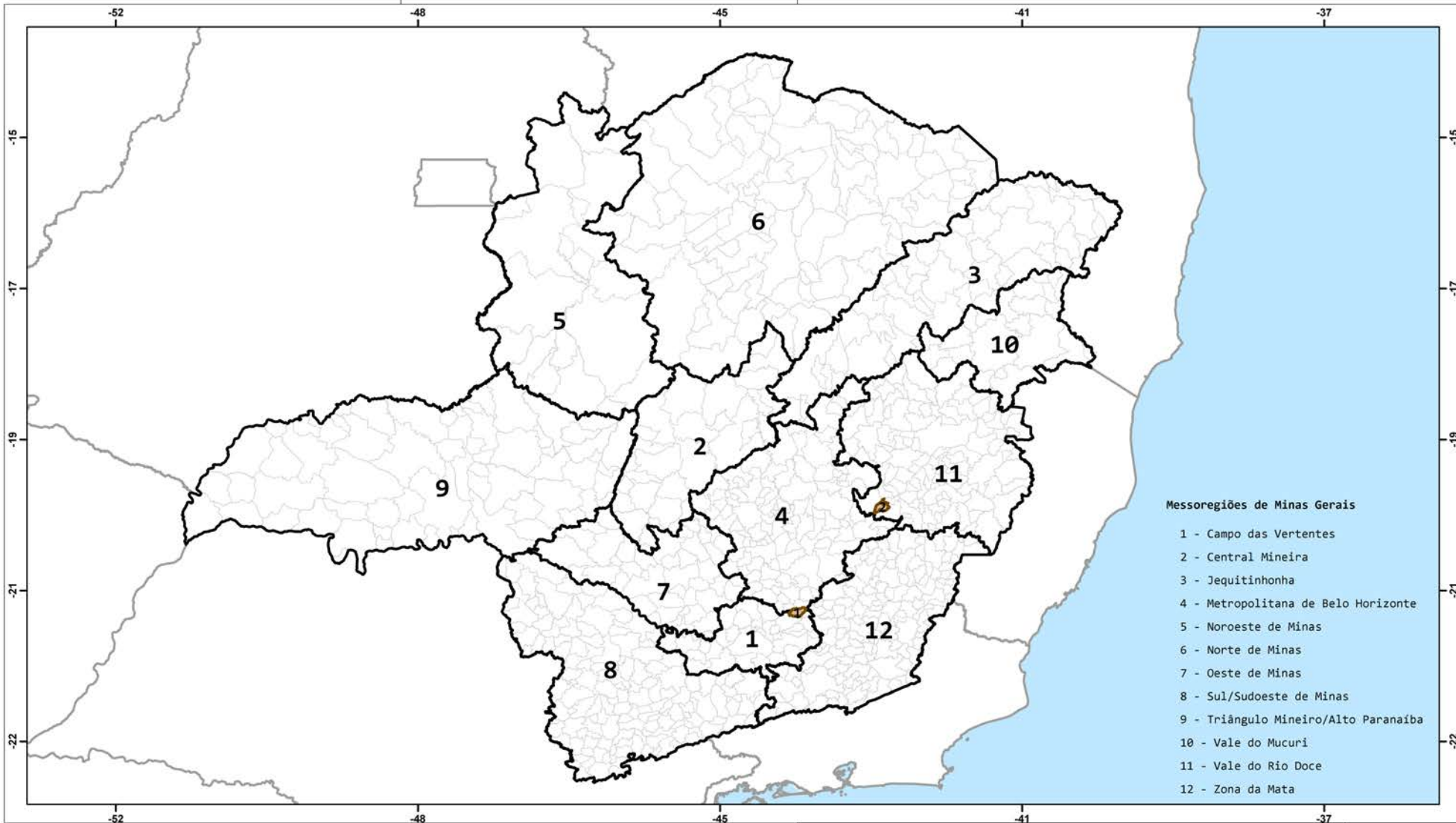


- Mesoregiões de Minas Gerais**
- 1 - Campo das Vertentes
 - 2 - Central Mineira
 - 3 - Jequitinhonha
 - 4 - Metropolitana de Belo Horizonte
 - 5 - Noroeste de Minas
 - 6 - Norte de Minas
 - 7 - Oeste de Minas
 - 8 - Sul/Sudoeste de Minas
 - 9 - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 - 10 - Vale do Mucuri
 - 11 - Vale do Rio Doce
 - 12 - Zona da Mata





- Legenda**
- Municípios com festas no mês de Fevereiro
 - Mesorregião MG
 - Divisas estaduais
 - Limites municipais



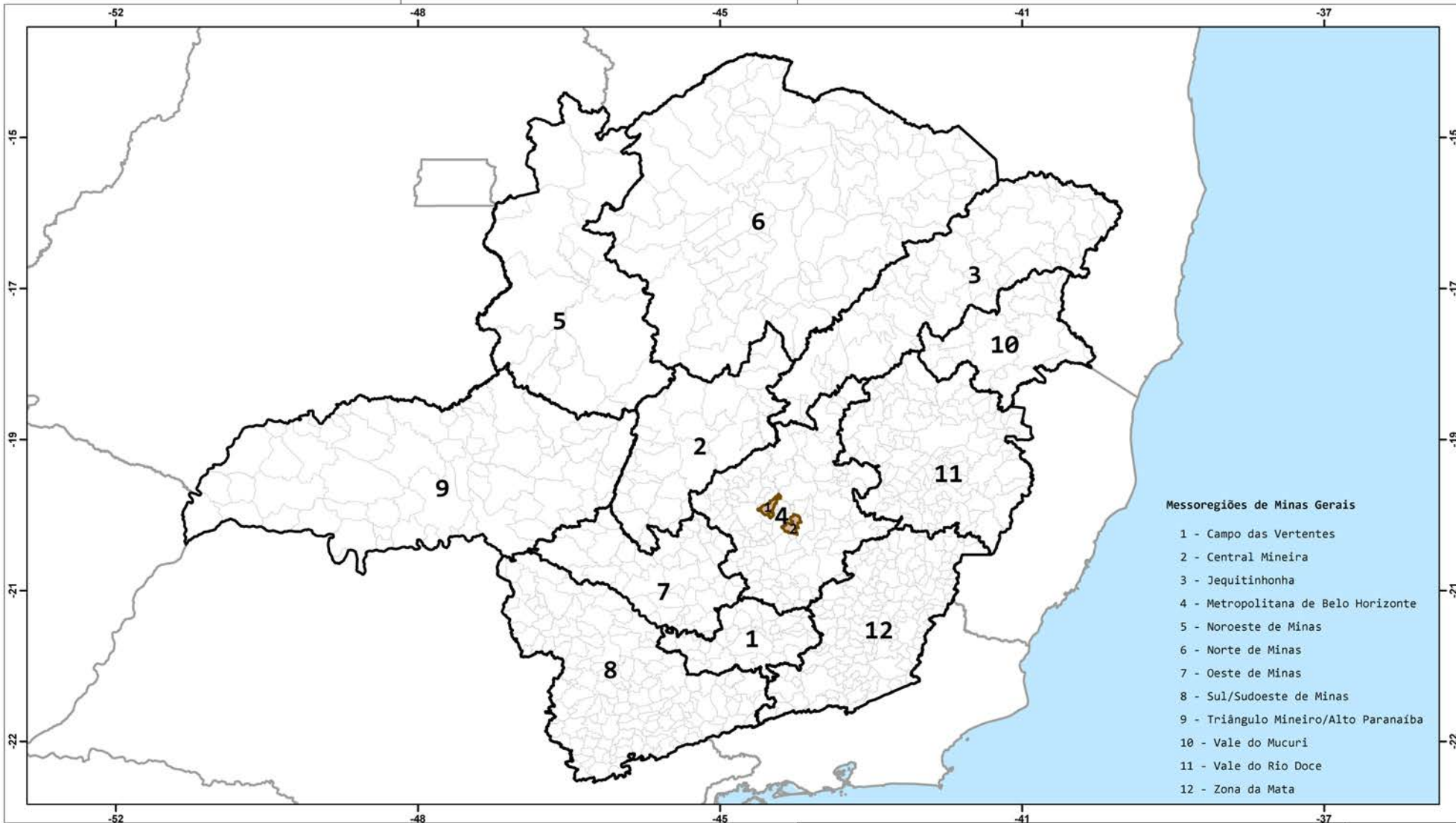
BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		 <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO	Distribuição dos município com festas em Fevereiro	MUNICÍPIO - DISTRITO	853 municípios	
		ESCALA	1:5.000.000	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM
		SCG - SIRGAS 2000		FORMATO
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO		COORDENADOR TÉCNICO		DATA
Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG				Mar. 2024
FONTE		COLABORAÇÃO		FOLHA
IEPHA 2023, IBGE 2022.				01/01



- Mesoregiões de Minas Gerais**
- 1 - Campo das Vertentes
 - 2 - Central Mineira
 - 3 - Jequitinhonha
 - 4 - Metropolitana de Belo Horizonte
 - 5 - Noroeste de Minas
 - 6 - Norte de Minas
 - 7 - Oeste de Minas
 - 8 - Sul/Sudoeste de Minas
 - 9 - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 - 10 - Vale do Mucuri
 - 11 - Vale do Rio Doce
 - 12 - Zona da Mata

- Legenda**
-  Municípios com festas no mês de Março
 -  Mesoregião MG
 -  Divisas estaduais
 -  Limites municipais


BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO	Distribuição dos município com festas em Março	MUNICÍPIO - DISTRITO	853 municípios	
		ESCALA	1:5.000.000	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM
		SCG - SIRGAS 2000		FORMATO
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO		COORDENADOR TÉCNICO		DATA
Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG				Mar. 2024
FONTE		COLABORAÇÃO		FOLHA
IEPHA 2023, IBGE 2022.				01/01

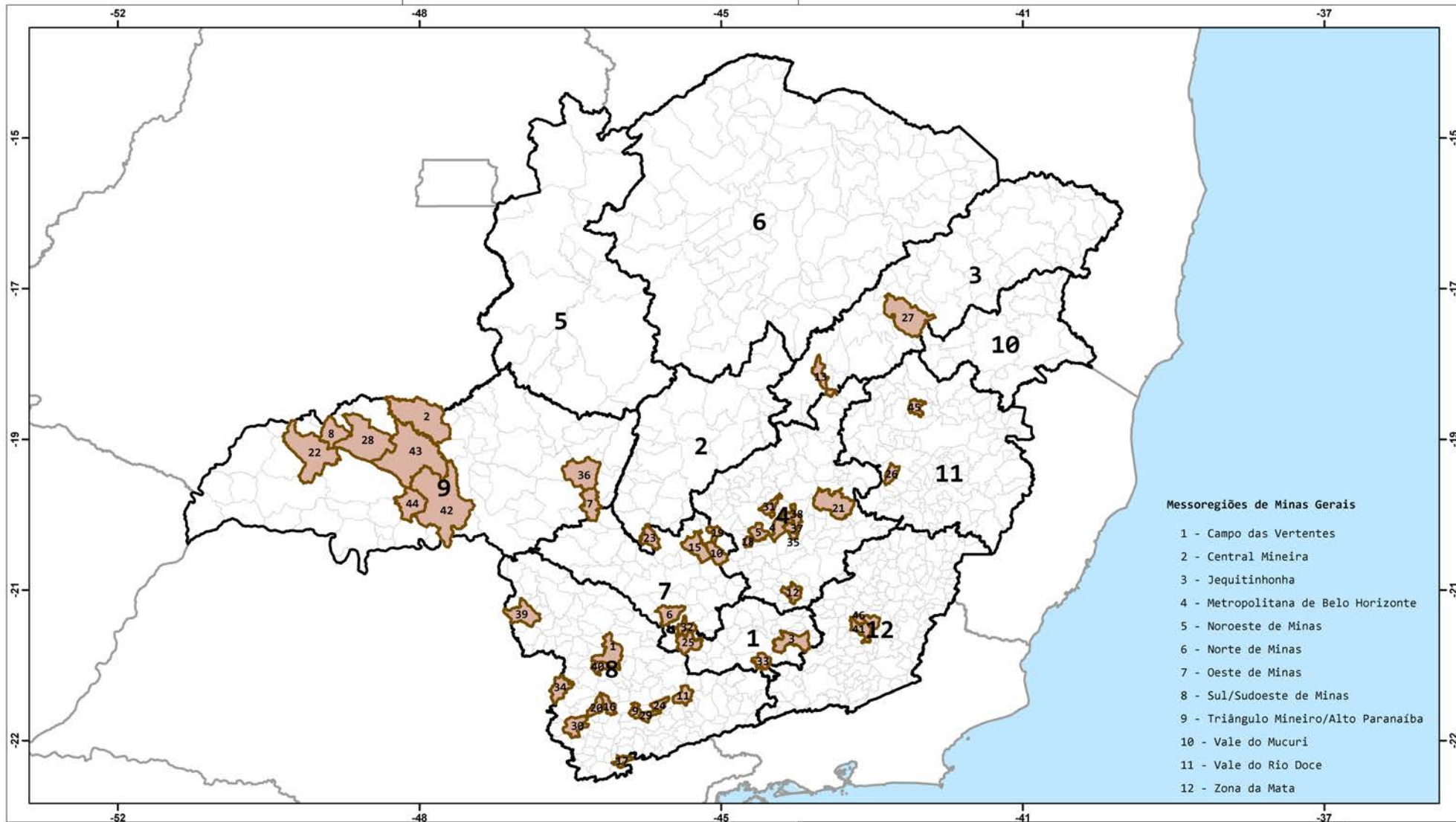


Legenda

- Municípios com festas no mês de Abril
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais






BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Abril		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

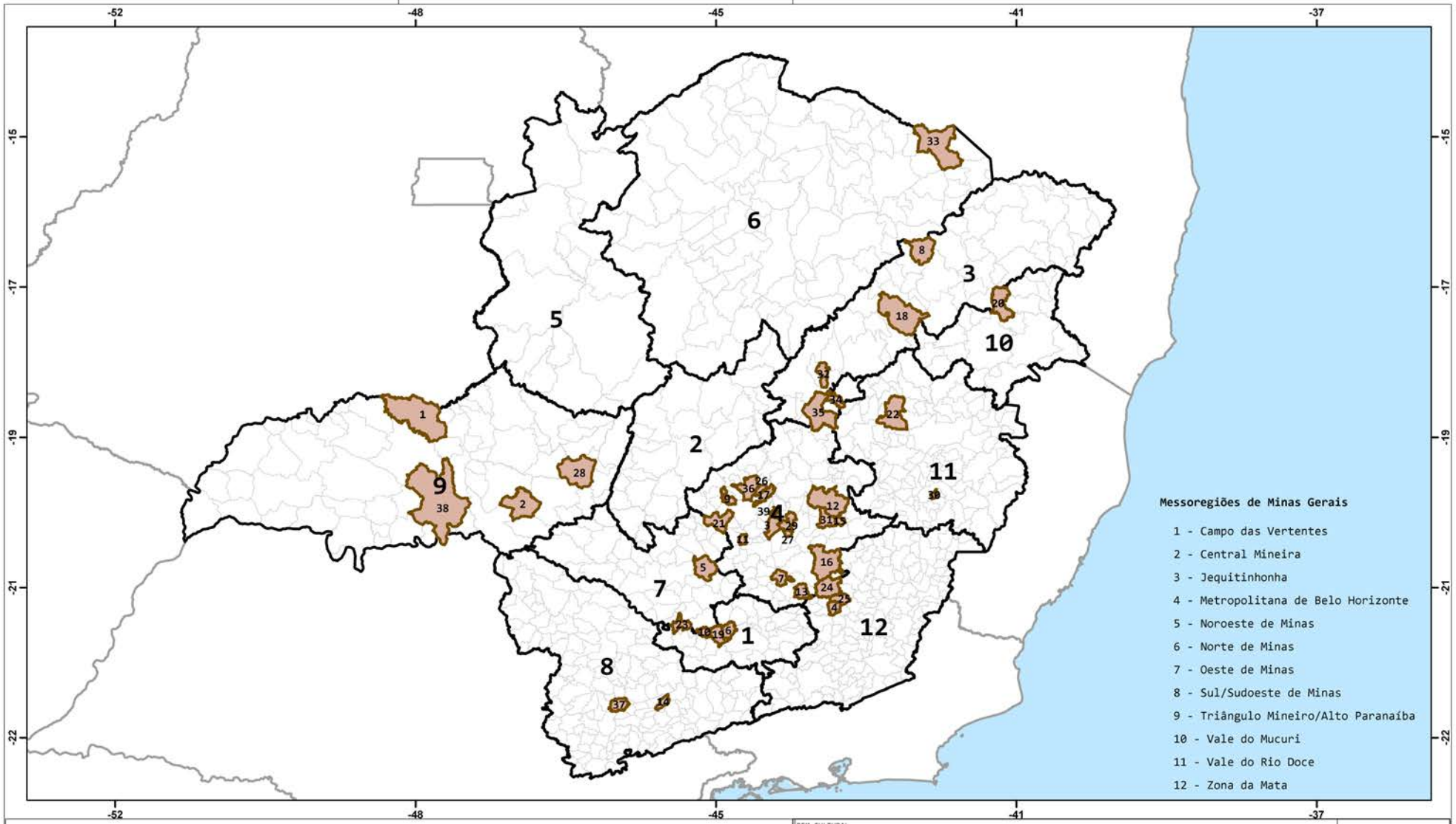


Legenda

- Municípios com festas no mês de Maio
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais



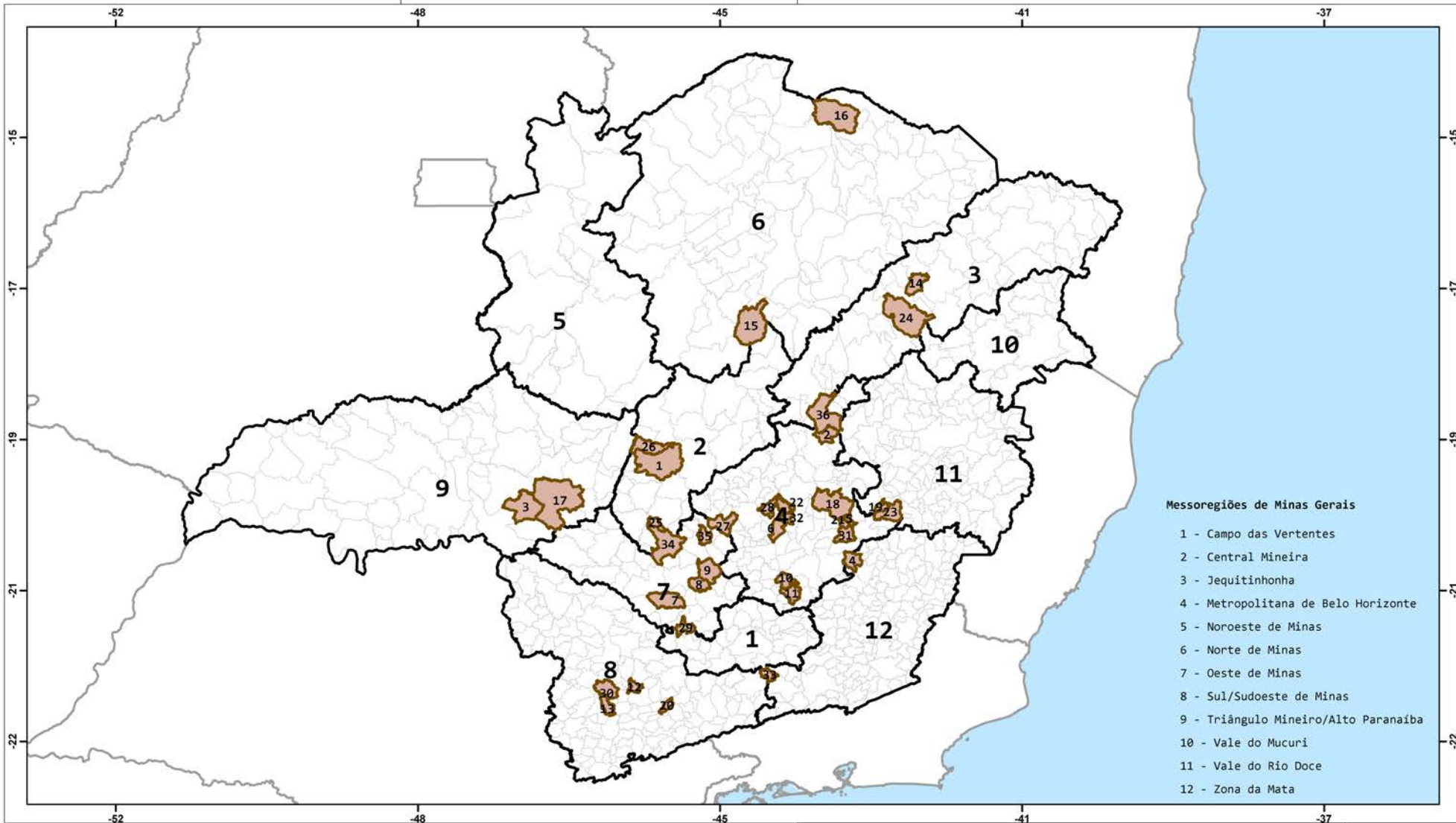
BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Maio		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01



Legenda

- Municípios com festas no mês de Junho
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais




BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Junho		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

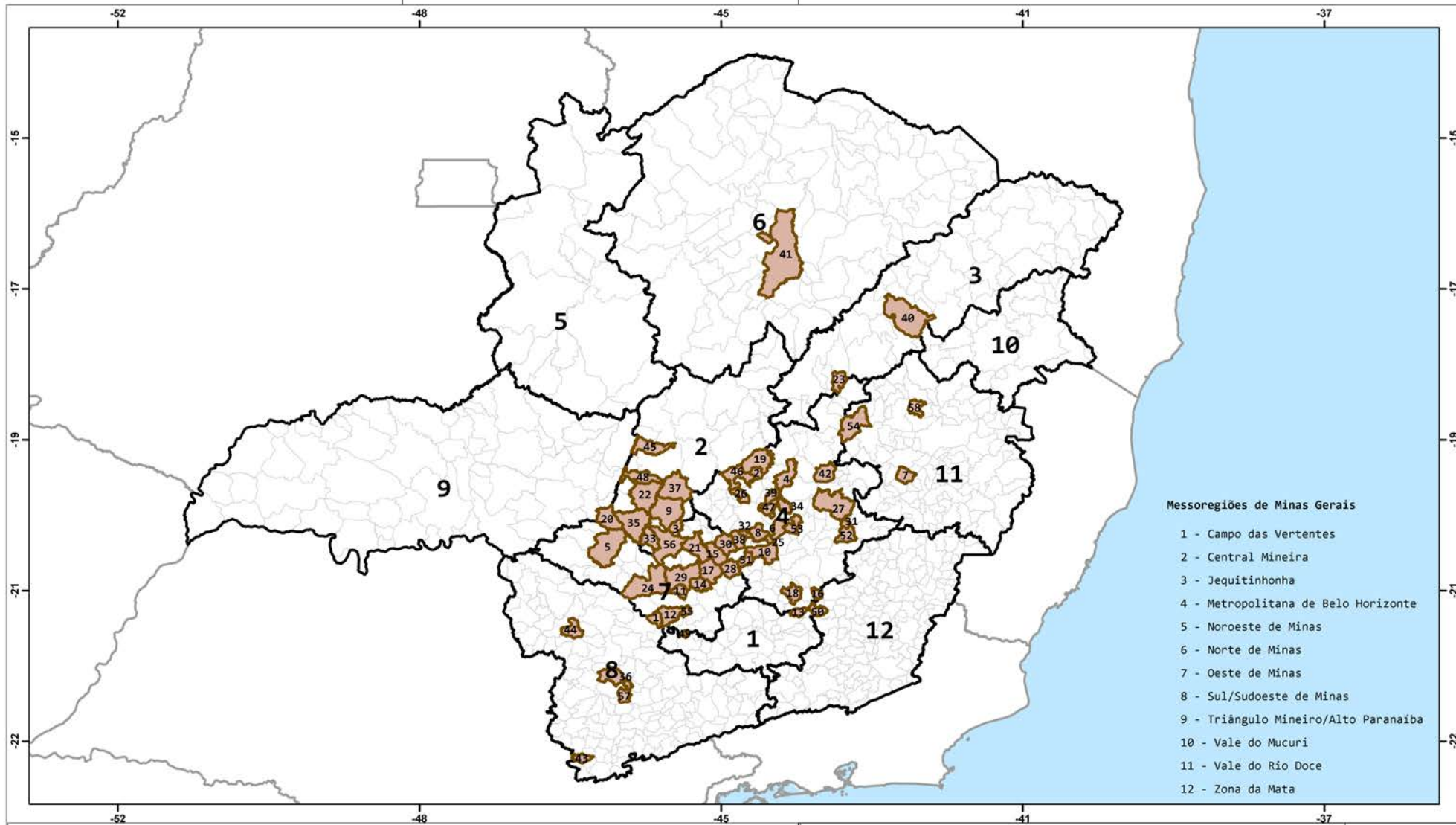


Legenda

- Municípios com festas no mês de Julho
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais





BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO		MUNICÍPIO - DISTRITO		
Distribuição dos município com festas em Julho		853 municípios		
		ESCALA		
		1:5.000.000		
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		FORMATO
				A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO		COORDENADOR TÉCNICO		DATA
Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG				Mar. 2024
FONTE		COLABORAÇÃO		FOLHA
IEPHA 2023, IBGE 2022.				01/01

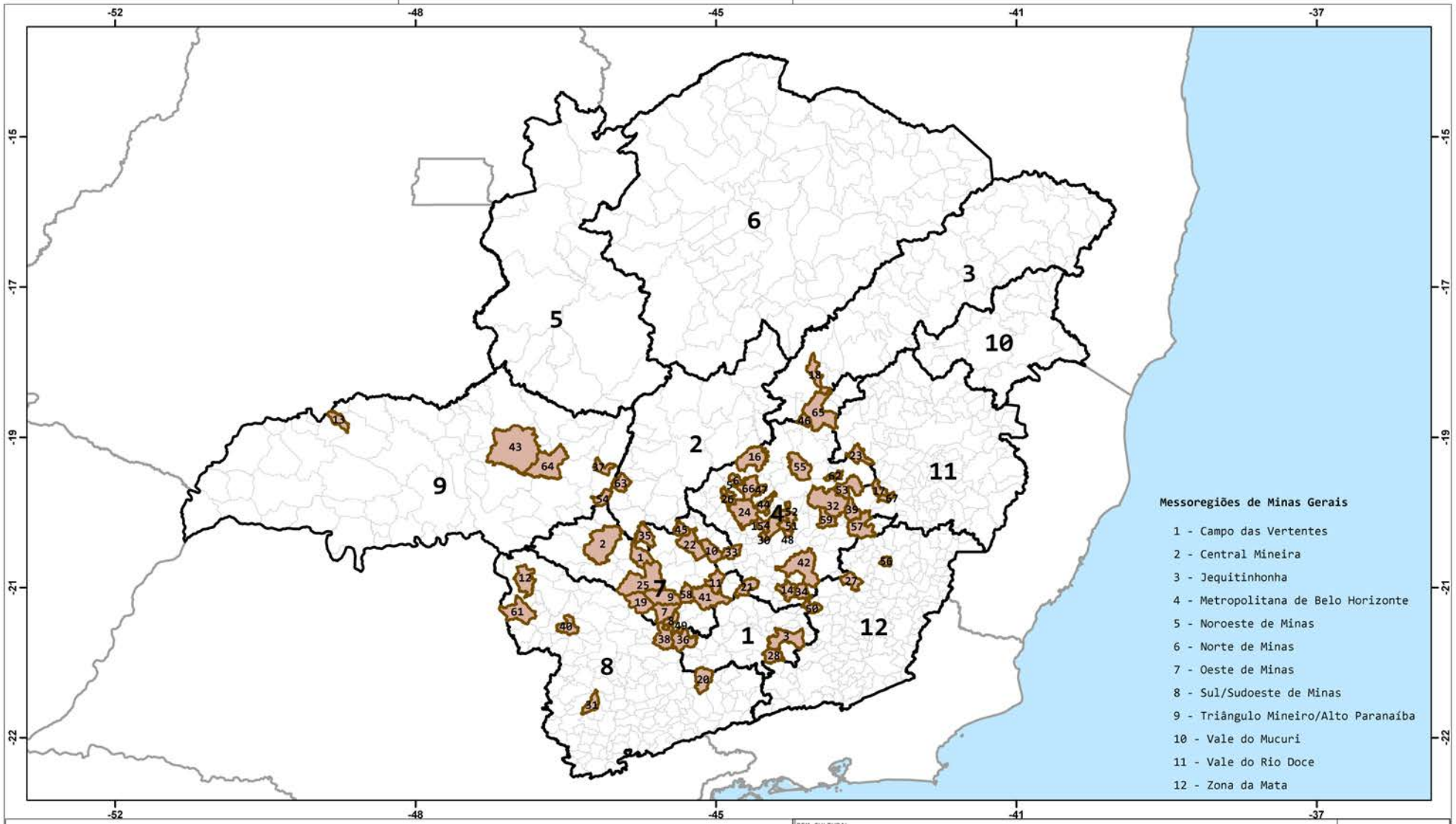


Legenda

- Municípios com festas no mês de Agosto
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais



BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Agosto		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

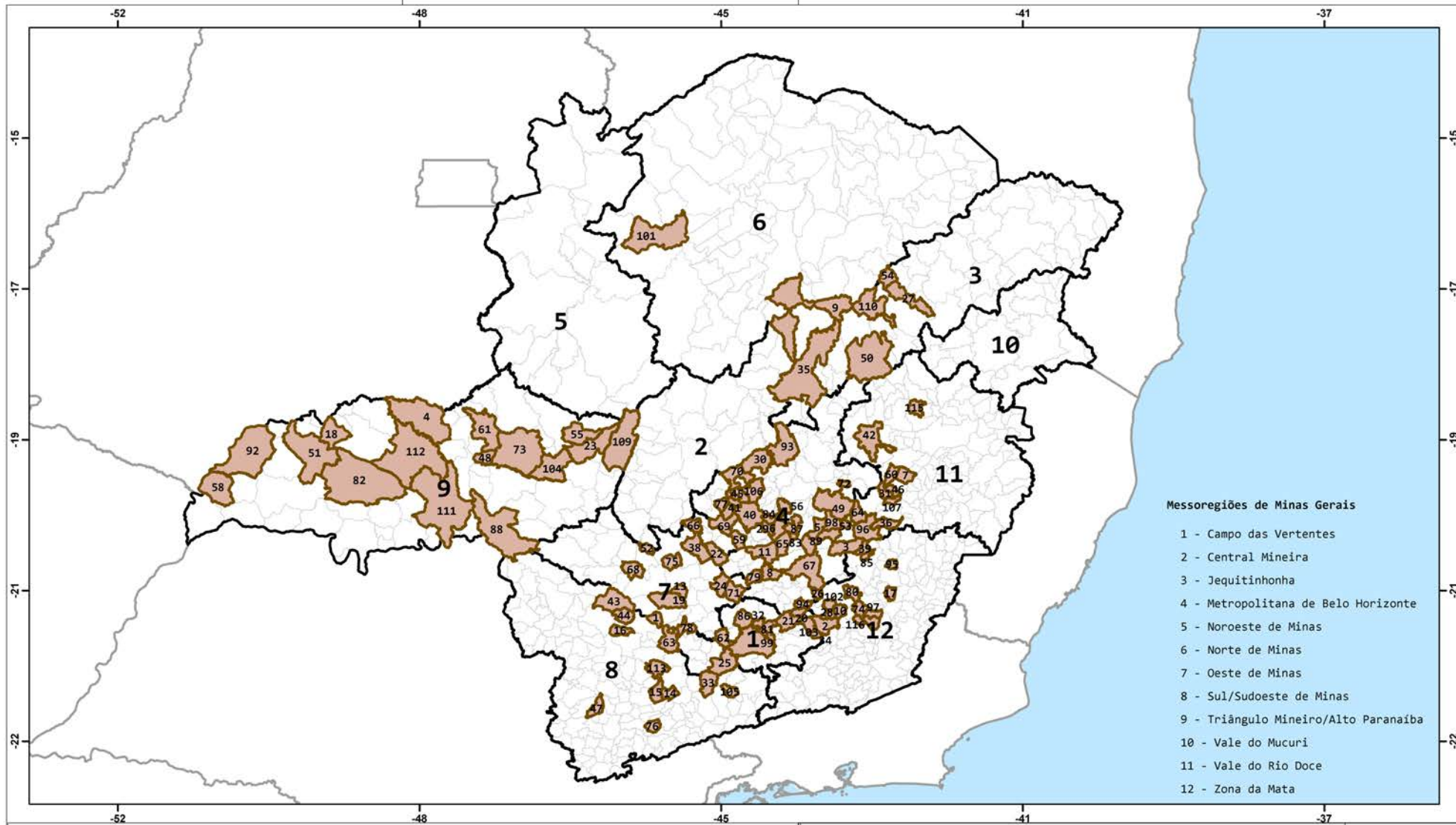


Legenda

- Municípios com festas no mês de Setembro
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais



BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		 <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Setembro		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
 ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000		FORMATO A3
ASSINATURA R.T. RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		ASSINATURA C.T. COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

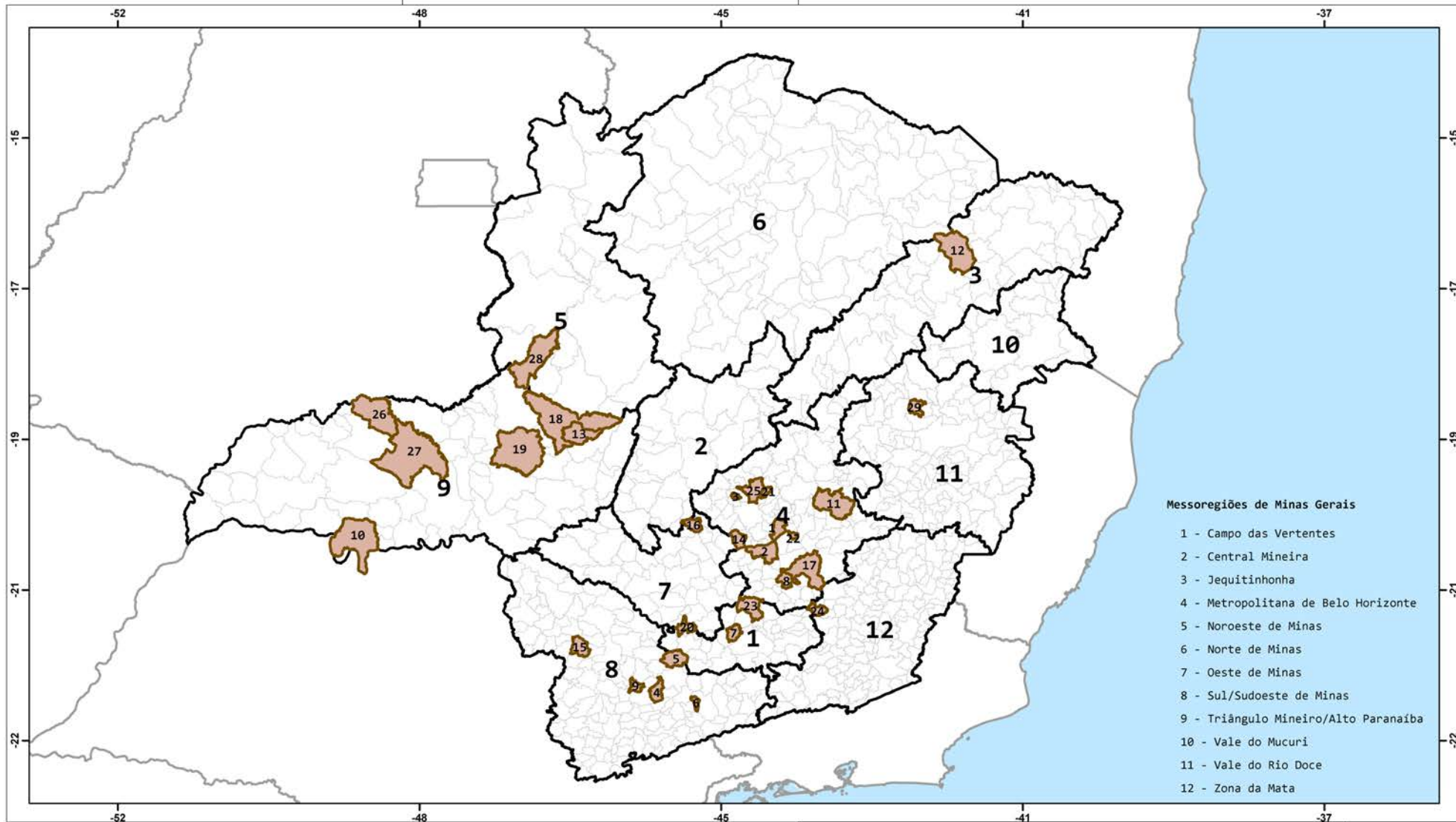


Legenda

- Municípios com festas no mês de Outubro
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais




BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		 MINAS GERAIS <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Outubro		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

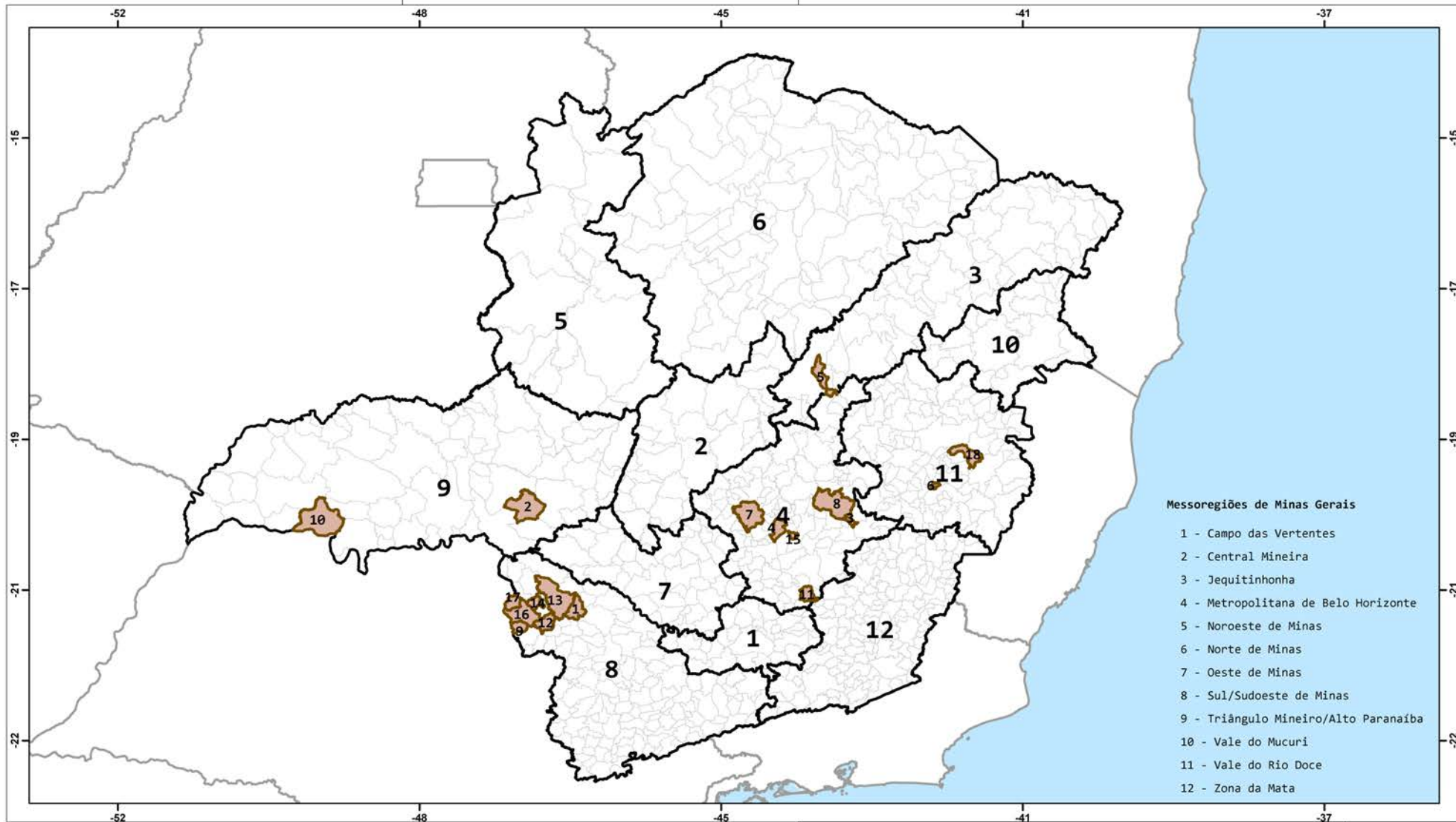


Legenda

- Municípios com festas no mês de Novembro
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais






BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Novembro		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01

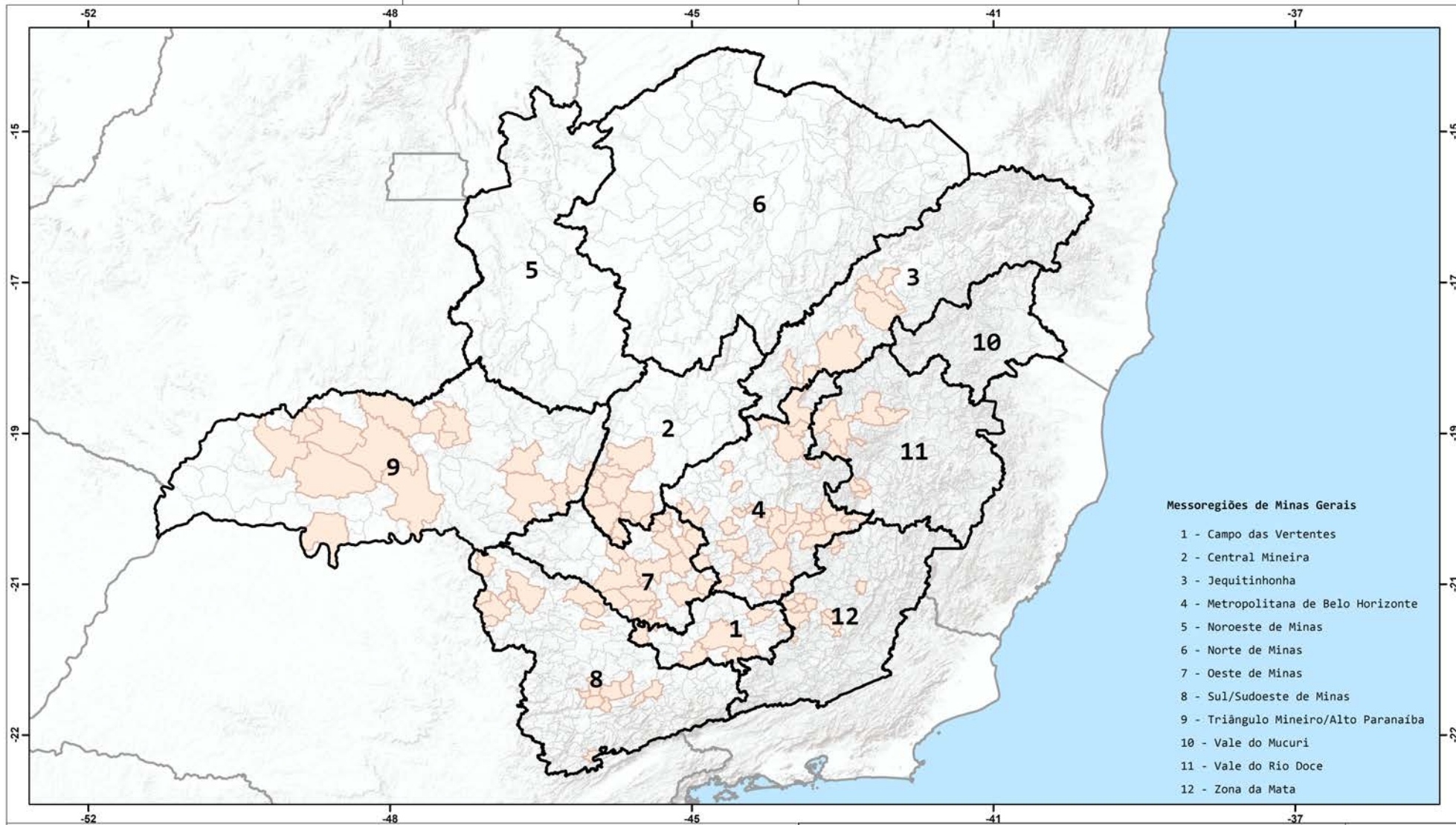


Legenda

- Municípios com festas no mês de Dezembro
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais
- Limites municipais



BEM CULTURAL		Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.</small>
CONTEÚDO Distribuição dos município com festas em Dezembro		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios		
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.		
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG		COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO		FOLHA 01/01



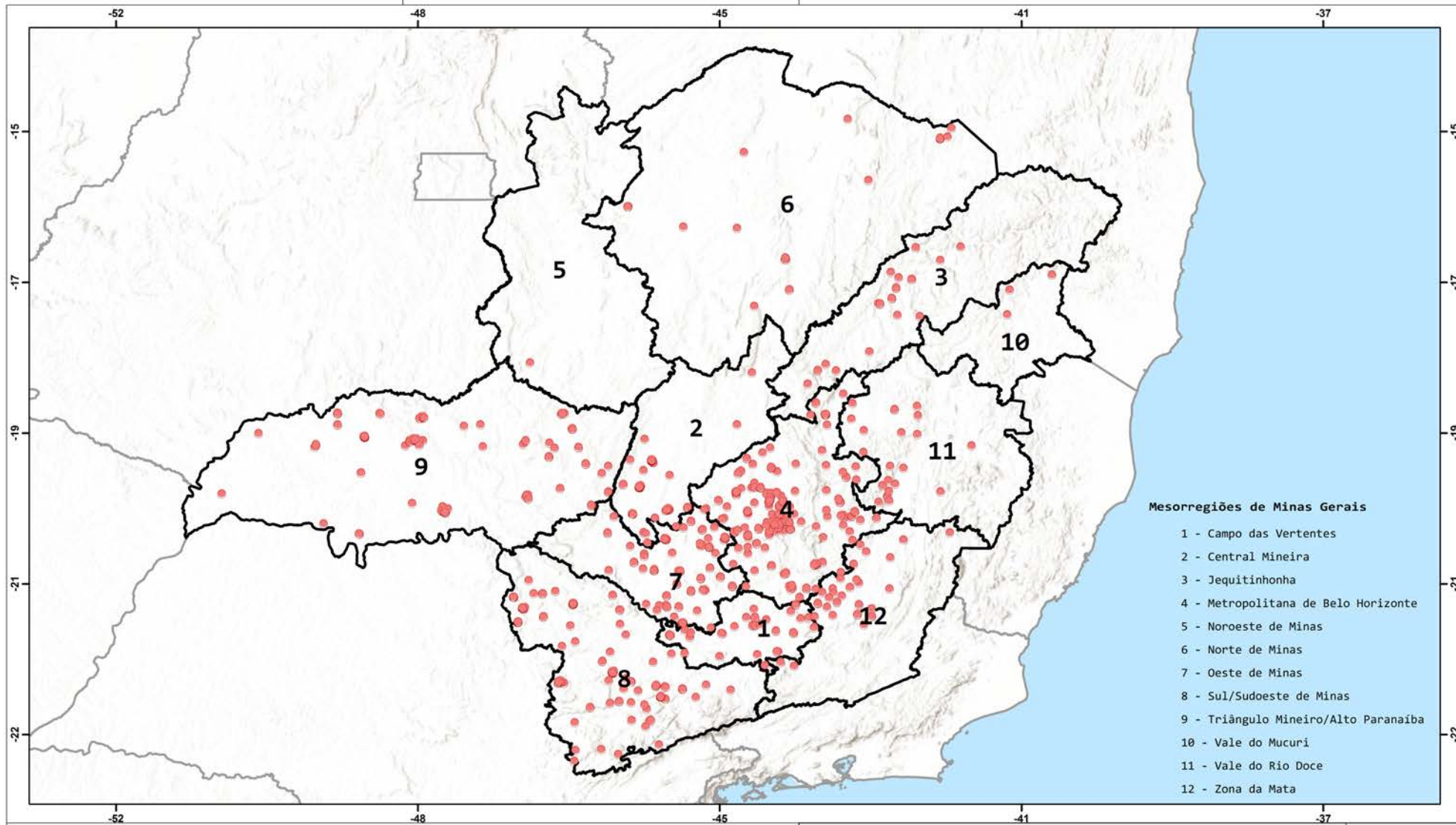
- Mesoregiões de Minas Gerais**
- 1 - Campo das Vertentes
 - 2 - Central Mineira
 - 3 - Jequitinhonha
 - 4 - Metropolitana de Belo Horizonte
 - 5 - Noroeste de Minas
 - 6 - Norte de Minas
 - 7 - Oeste de Minas
 - 8 - Sul/Sudoeste de Minas
 - 9 - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 - 10 - Vale do Mucuri
 - 11 - Vale do Rio Doce
 - 12 - Zona da Mata

Legenda

- Municípios que possuem registros de Reinados e Congados - 129 municípios
- Limites municipais
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais





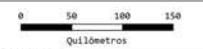
BEM CULTURAL			
Cadastro dos Reinados e Congados			
CONTEÚDO	MUNICÍPIO - DISTRITO		
Levantamento dos congados e reinados protegidos pelos municípios em MG	853 municípios		
ASSINATURA R.T.	ASSINATURA C.T.	ESCALA 1:5.000.000	
RESPONSÁVEL TÉCNICO	COORDENADOR TÉCNICO	SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000	
FONTE	COLABORAÇÃO	FORMATO A3	
IEPHA 2023, IBGE 2022.		DATA Mar. 2024	
		FOLHA 01/01	



Legenda

- Distribuições dos Reinados e Congados em Minas Gerais (900 cadastros)
- Mesorregião MG
- Divisas estaduais



BEM CULTURAL			Cadastro dos Reinados e Congados		  <small>GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE</small>
CONTEÚDO Localização dos Reinados e Congados cadastrados		MUNICÍPIO - DISTRITO 853 municípios			
		ESCALA 1:5.000.000		SISTEMA DE COORDENADAS - DATUM SCG - SIRGAS 2000	
ASSINATURA R.T.		ASSINATURA C.T.			FORMATO A3
RESPONSÁVEL TÉCNICO Gustavo de Oliveira Geógrafo CREA 192489 D MG			COORDENADOR TÉCNICO		DATA Mar. 2024
FONTE IEPHA 2023, IBGE 2022.		COLABORAÇÃO			FOLHA 01/01



**LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO
MUNICIPAL ASSOCIADOS AOS CAMINHOS, EXPRESSÕES E
CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG**

**Caminhos, expressões e celebrações
do Rosário em Minas Gerais**

APÊNDICE III

Belo Horizonte

2024



APÊNDICE III
LEVANTAMENTO DE BENS REGISTRADOS A NÍVEL MUNICIPAL AOS
CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG

Levantamento de bens registrados em âmbito municipal associados aos Reinados e Congados de Minas Gerais, realizados a partir dos dados do Programa ICMS Cultural, encaminhados ao Iepha-MG pelas prefeituras.

ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
1	Abaeté	Festa do Rosário	2020
2	Alto Rio Doce	Congadas de Alto Rio Doce	2024
3	Alvinópolis	Congado de Nossa Senhora do Rosário	2024
4	Alvorada de Minas	Festa de N. Sra. do Rosário	2011/2012/2013
5	Araçaí	Festa de N. Sra. do Rosário de Araçaí	2011/2012
6	Araguari	Festa de N. Sra. do Rosário e São Benedito	2017/2018
7	Araújos	Festa de N. Sra. do Rosário	2016
8	Arcos	Festa de N. Sra. do Rosário	2012/2014
9	Barão de Cocais	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2020



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
10	Bela Vista de Minas	Congado de Bela Vista de Minas	2013/2014
11	Belo Vale	Congado de Belo Vale	2018
12	Betim	Reinado de N. Sra. do Rosário	2011/2012
13	Betim	Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia de Santa Isabel	2023
14	Bom Despacho	Festa de Reinado de N. Sra. do Rosário	2016
15	Bom Sucesso	Ternos de Vilão, de Moçambique, de Catopé e de Quatro Pé do município de Bom Sucesso	2020
16	Brás Pires	Festa de N. Sra. do Rosário	2011/2012
17	Brumadinho	Guarda de Moçambique do Aranha	2016/2017
18	Brumadinho	Guarda de Congo e Moçambique do Sapé	2016/2017/2018
19	Caeté	Congado de Santo Antônio	2017/2019
20	Caeté	Festa de N. Sra. do Rosário de Morro Vermelho	2017/2019/2020
21	Campanha	Terno de Congada de Nossa Senhora do	2018/2019



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
		Rosário	
22	Campo Belo	Festa de Reinado	2013
23	Campo do Meio	Congado de Nossa Senhora do Rosário	2023
24	Campos Altos	Festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito	2021
25	Cana Verde	Terno Catopé de Cana Verde	2019
26	Canaã	Festa de N. Sra. do Rosário	2016/2017
27	Canápolis	Festa N. Sra. do Rosário e São Benedito	2012
28	Candeias	Festa do Rosário do Alto do Cruzeiro	2011
29	Candeias	Festa do Rosário do Bairro da Ponte	2011/2014
30	Carandaí	Bandas de Congados de Carandaí	2019
31	Careaçu	Congada de São Benedito	2024
32	Carmo do Cajuru	Reinado de N. Sra. do Rosário	2016
33	Carrancas	Terno de Congado de N. Sra. do Rosário	2017/2018



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
34	Carvalhópolis	Congada Santa Efigênia de Carvalhópolis	2011/2012
35	Catas Altas da Noruega	Guarda de Congado de N. Sra. das Graças	2012
36	Centralina	Festa de Congados e Moçambique em Louvor a N. Sra do Rosário e São Benedito	2017
37	Chapada do Norte	Congado de N. Sra. do Rosário	2013/2014/2015
38	Cipotânea	Banda de Congado Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	2020
39	Cláudio	Festa do Reinado de N. Sra. do Rosário de Cláudio	2013/2014
40	Conceição do Mato Dentro	Marujada de Nossa Senhora do Rosário	2023
41	Conceição do Mato Dentro	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2011/2020
42	Conceição do Rio Verde	Encontro de Congadas	2012
43	Conselheiro Lafaiete	Festival de Congado	2023
44	Coroaci	Grupo de Caboclinhos	2019/2020
45	Coronel Fabriciano	Associação dos Marujos São José dos Cocais	2016



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
46	Coronel Fabriciano	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2019/2020
47	Couto de Magalhães de Minas	Festa do Rosário com Grupo Folclórico de Marujada	2016
48	Cristais	Festa do Rosário / Reinado	2013
49	Desterro de Entre Rios	Irmandade de N. Sra. do Rosário	2018/2021
50	Desterro do Melo	Festa de N. Sra. do Rosário	2013
51	Dionísio	Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário	2024
52	Divinésia	Associação de Congados do Município de Divinésia	2018
53	Divinópolis	Reinado de N. Sra. do Rosário	2012
54	Dom Silvério	Congado de Dom Silvério	2020
55	Dores de Guanhães	Marujada de N. Sra. do Rosário	2017
56	Dores do Indaiá	Festa de N. Sra. do Rosário	2012
57	Estrela do Indaiá	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2020



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
58	Estrela do Sul	Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	2020
59	Felício dos Santos	Marujada N. Sra. do Rosário	2011
60	Formiga	Congado de Formiga	2011
61	Francisco Badaró	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Sucuriú	2020
62	Frutal	Grupo de Marujo José Albino da Silva	2021
63	Gonçalves	Congada de São Benedito	2020
64	Guanhães	Marujada Zico de Olina	2015
65	Guapé	Terno de Congada e Guarda de Moçambique	2020
66	Ibertioga	Banda Dançante de Congada e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário	2024
67	Ibiá	Festa em Louvor a N. Sra. do Rosário e São Benedito	2017/2018
68	Ibiraci	Reinado da comunidade negra de Ibiraci	2011/2012



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
69	Igaratinga	Festa do Congado e do Reinado	2022
70	Ilicínea	Ternos de Congada e Moçambique de Ilicínea	2019
71	Ipatinga	Congado Nossa Senhora do Rosário	2018
72	Itaguara	Congado de Itaguara	2011/2012
73	Itamarandiba	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	2021
74	Itamogi	Congadas	2012/2013
75	Itapecerica	Associação do Reinado de N. Sra. do Rosário	2011/2012
76	Itaú de Minas	Festa das Congadas	2020
77	Itaúna	Reinado de Itaúna	2017/2018
78	Itaverava	Congado de Itaverava	2019
79	Ituiutaba	Irmandade de São Benedito e Ternos de Congo	2011/2017/2018
80	Japaraíba	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2019



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
81	Jesuânia	Tradicional Festa das Congadas	2017/2018/2019
82	João Monlevade	Guardas de Congado de São João Evangelista (I.002/2015) e de N. Sra. Santana (I. 003/2015)	2017/2018
83	João Monlevade	Guarda de Marujo N. Sra. do Rosário	2011/2012
84	Lagoa da Prata	Festa do Rosário	2021
85	Luz	Festa de N. Sra. do Rosário	2015
86	Minas Novas	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	2020
87	Moema	Festa do Reinado N. Sra. do Rosário	2015
88	Monte Alegre de Minas	Festa em Louvor de N. Sra. do Rosário e São Benedito	2011/2012/2013
89	Monte Carmelo	Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	2024
90	Nepomuceno	Festa do Encontro de Congada	2019/2020
91	Nova Era	Guardas de Congo de N. Sra. do Rosário	2014



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
92	Nova Serrana	Festa do Reinado	2014/2015
93	Oliveira	Festa de N. Sra. do Rosário	2017/2018/2019
94	Onça de Pitangui	Terno de Congado São João	2016/2017
95	Ouro Preto	Festa de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia	2021
96	Paiva	Banda de Marujo	2021
97	Pará de Minas	Guardas de Congado	2012
98	Passa Tempo	Festa do Reinado de N. Sra. do Rosário	2015
99	Passos	Festa do Reinado e da Cavahada	2022
100	Peçanha	Marujos dos Vieira	2016/2017/2018
101	Perdigão	Festa de Reinado	2021
102	Perdões	Guardas de Congada de Perdões	2020
103	Piedade do Rio Grande	Congada e Moçambique de N. Sra. do Rosário	2015/2016
104	Piedade do Rio Grande	Festa da Congada e do Moçambique	2017/2018



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
105	Prata	Terno de Congo e Moçambique	2024
106	Pratápolis	Festa de Final de Ano - Congadas	2020
107	Prudente de Morais	Guarda de N. Sra. do Rosário	2016/2017/2018
108	Quartel Geral	Festa do Rosário	2021
109	Ribeirão das Neves	Festa em honra à N. Sra. do Rosário	2015/2018
110	Ribeirão Vermelho	Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	2021
111	Rio Doce	Congado de N.Sra do Rosário de Santana do Deserto	2013/2014
112	Rio Espera	Congado de Rio Espera	2012
113	Rio Piracicaba	Guardas de N. Sra. do Rosário	2012
114	Romaria	Congado	2020
115	Sabará	Guardas de Marujos	2017
116	Sabará	Festa de N. Sra. do Rosário de Sabará	2017
117	Sabinópolis	Festa N. Sra. do Rosário	2011/2013



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
118	Santa Bárbara	Grupo de Congo N. Sra. do Rosário	2016
119	Santana do Jacaré	Reinado de Nossa Senhora do Rosário	2020
120	São Domingos do Prata	Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário	2019
121	São Gonçalo do Rio Abaixo	Irmandade N. Sra. da Guia	2011/2013
122	São Gonçalo do Sapucaí	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2024
123	São Gotardo	Congadas de São Gotardo	2022
124	São João da Mata	Tradicional Festa do Rosário	2024
125	São João del Rei	Manifestação do Congado do município de São João del-Rei	2021
126	São João del Rei	Grupo de Moçambique e Catupé N. Sra. Rosário e São Benedito	2020
127	São Sebastião do Paraíso	Festa da Congada e Moçambique	2012/2013
128	São Tomás de Aquino	Festas das Congadas e Moçambiques	2024
129	Senhora de Oliveira	Congado de Sra. de Oliveira	2011/2012



ID	Município	Bem Cultural Registrado	Ano do Registro
130	Serra da Saudade	Festa de N. Sra. do Rosário	2014
131	Serra do Salitre	Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia e os Ternos de Congada	2019/2020
132	Serro	Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro	2018
133	Silvianópolis	Festa de Nossa Senhora do Rosário	2022/2023
134	Timóteo	Congado	2023/2024
135	Turvolândia	Festa de N. Sra. do Rosário	2011
136	Ubá	Sociedade Ubaense de Congados Nossa Senhora do Rosário	2016/2024
137	Uberaba	As Formas de Expressão dos grupos de Congada, Moçambiques e Afoxés	2019
138	Uberlândia	Congado - Espaço de Resistência e Identidade/Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	2011/2012/2013
139	Vespasiano	Congado	2023



ANEXO
LEVANTAMENTO DE BENS TOMBADOS A NÍVEL MUNICIPAL RELACIONADO AOS
REINADOS E CONGADOS

Levantamento de bens tombados em âmbito municipal associados aos Reinados e Congados de Minas Gerais, realizados a partir dos dados do Programa ICMS Patrimônio Cultural, encaminhados ao Iepha-MG pelas prefeituras municipais participantes do programa.

ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
1	Alfredo Vasconcelos	Imagem de N. Sra. do Rosário (Acervo da Matriz de N. Sra. do Rosário - Pç. N. Sra. do Rosário s/nº - Centro)	Decreto nº 266/2007	2008
2	Alto Rio Doce	Capela N. Sra. do Rosário	Decreto nº 2253/2006	2009
3	Alvinópolis	Imagem de N. Sra. do Rosário	Decreto nº 2.035/2008	2009
4	Araçuaí	Imagem de N. Sra. do Rosário (Altar-mor da Igr. de N. Sra. do Rosário - Pç. do Rosário s/nº)	Decreto nº048/1999	2001
5	Araxá	Imagem de N. Sra. do Rosário (Igr. de N. Sra. do Rosário - Paroquia de São Sebastião - R. Belo Horizonte nº 661)	Decreto nº961/2011	2013
6	Baependi	Igreja de N. Sra. do Rosário	Decreto nº 516/2003	2008
7	Barbacena	Igreja N. Sra. do Rosário	Decreto nº2.328/1988	s/ data
8	Barra Longa	Capela N. Sra. do Rosário	Decreto nº039/	2003



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
			2002	
9	Barra Longa	Imagem de N. Sra. do Rosário (acervo da Capela de N. Sra. do Rosário)	Decreto nº 039/2002	2003
10	Belo Horizonte	Capela N. Sra. do Rosário (Fachadas e volume)	Deliberação nº03/1994	s/ data
11	Belo Horizonte	Irmandade de N. Sra. do Rosário do Jatobá	Deliberação nº 16/1995	s/data
12	Betim	Capela de N. Sra. do Rosário	Deliberação nº 3/02/1998	2001
13	Bonfim	Conj Arquit e Paisagístico Capela N. Sra. do Rosário	Decreto nº021 A/1997	2002
14	Bonfim	Imaginária da Capela N. Sra. do Rosário constando das Imagens de N. Sra. do Rosário e Sta. Efigênia	Decreto nº003/1999	2001
15	Bonfim	Imaginária da Igreja Matriz e Santuário Senhor Bom Jesus do Bonfim constando das Imagem de Nossa Senhora do Rosário, São José, Nossa Senhora do Carmo, São Miguel Arcanjo, São Francisco de Assis São Sebastião, São Benedito e São Vicente de Paula	Decreto nº003/1999	
16	Caeté	Capela de N. Sra. do Rosário	Decreto nº 2016/2004	2017
17	Campo Belo	Igreja Nossa Senhora do	Decreto nº	2009



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
		Rosário	2134/2006	
18	Campo Belo	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	2015
19	Cana Verde	Capela Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº309/2009	2011
20	Carangola	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº4245/2008	s/ data
21	Carmo do Cajuru	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº1122/2017	2020
22	Carmo do Paranaíba	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº6.577/2021	2023
23	Carmópolis de Minas	Memorial do Rosário	Decreto nº1031/2019 e Decreto complementar nº1257/2020	2023
24	Chapada do Norte	Imagem de Nossa Senhora do Rosário (Capela de Nossa Senhora do Rosário)	Decreto nº 009/2006	2012
25	Conceição da Barra de Minas	Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a edificação com todos os elementos artísticos e mobiliários além do adro gramado ao seu redor.	Decreto nº 2767/2004	2021
26	Conceição do Mato Dentro	Conjunto de Coroas e Cetros - Rei e Rainha do Rosário e Divino	LM 1690/2002	2003
27	Conceição do Mato Dentro	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Resolução nº 003/2004	s/ data



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
28	Congonhas	Igreja do Rosário	Decreto 3.343/2002	2004
29	Coronel Xavier Chaves	Igreja Nossa Senhora do Rosário	D.681/2000	s/ data
30	Coronel Xavier Chaves	Conjunto de Imagem: São Sebastião, São Francisco Xavier, Sant'ana, Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário	D.683/2000	s/ data
31	Cristais	Imagem de Nossa Senhora do Rosário dos Negros	Decreto 07/2004	2008
32	Elói Mendes	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto 962/2006	2008
3334	Elói Mendes	Praça do Rosário	Decreto 962/2006	2007
35	Ervália	Capela Nossa Senhora do Rosário e acervo	Decreto 08/2009	2011
36	Estrela do Sul	Imagens sacras: Nossa Senhora do Rosário, Santa Rita, São Benedito, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião - Bens tombados alojados na Capela de Santa Rita	Decreto 11/2003	s/ data
37	Estrela do Sul	Capela de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Decreto 10/2003	2006
38	Felisburgo	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	D.09/1998	



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
39	Felisburgo	Igreja Nossa Senhora do Rosário	D.003/1998	
40	Felisburgo	Acervo de Imagem da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	2021
41	Ferros	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Lei orgânica	s/ data
42	Francisco Badaró	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	D.005/2009	2010
43	Grão Mogol	Capela Nossa Senhora do Rosário	D.007/2001	s/ data
44	Grão Mogol	Acervo da Igreja Matriz de Santo Antônio e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data
45	Grupiara	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto 081/2018	2022
46	Guimarânia	Capela de Nossa Senhora do Rosário	D.656/2005	2007
47	Ibiraci	Capela de Nossa Senhora do Rosário	D.2897/2008 - D.2471/2004	2010
48	Ibirité	Capela de Nossa Senhora do Rosário	D.1972/2004	2011
49	Ibituruna	Passinho do Rosário	D.009/2006	s/ data
50	Ibituruna	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	D.009/2006	2007
51	Ilicínea	Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	D.990/2019	2021



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
52	Inhaúma	Conjunto Arquitetônico da Capela de Nossa Senhora do Rosário e o Cruzeiro	D.006/1999	2024
53	Ipatinga	Sede do Clube Dançante Nossa Senhora do Rosário-Congado Ipaneminha	D.3579/1996	2001
54	Iraí de Minas	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário	D.005/1998	s/ data
55	Iraí de Minas	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 051/2006	s/ data
56	Itabira	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	D.0866/2009	s/ data
57	Itabira	Conjunto de Paredões: da Rua Tiradentes, da Igrejinha do Rosário na Avenida João Soares da Silva, da Rua Ipoema, da Praça Joaquim Pedro Rosa e da Rua Coronel Linhares Guerra	D.2050/1998	2001
58	Itabira	Bens móveis da Igreja de Nossa Senhora da Saúde, da Catedral de Nossa Senhora Aparecida, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Igreja Nossa Senhora da Conceição e Igreja Nossa Senhora de Conceição de Ipoema, Capela São José em São José do Turvo, da Casa paroquial de Ipoema	D.1802/1998	s/ data
59	Itabirito	Rua do Rosário (do nº 13 ao	D.1716/1992 -	2002



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
		212)	D.7694/2006	
60	Itabirito	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Decreto 14427/2022	2024
61	Itamarandiba	Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	Incrição II de 14/04/1999	2002
62	Itapecerica	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 2043/2006	2007
63	Itaúna	Conjunto Urbano e Arquitônico do Morro do Rosário	Decreto nº 4.236/2000	2003
64	Itumirim	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1045/2007	2010
65	Itumirim	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1042/2007	s/ data
66	Jaboticatubas	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Lei Orgânica Municipal nº 10/08/1990	2001
67	Jaboticatubas	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 3564/2019	2021
68	Japaraíba	Cruzeiro da Antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 064/2020	2022
69	Japaraíba	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Portaria 047/2009	2011
7071	João Pinheiro	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 455/2009	s/ data
72	Lagoa Dourada	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1003 / 2002	s/ data



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
73	Lagoa Dourada	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1002 / 2002	2004
74	Lagoa Santa	Capela Nossa Senhora do Rosário	Deliberação nº 01 / 2001	2002
75	Lavras	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data
76	Lima Duarte	Imagem de Nossa Senhora do Rosário e o Sacrário pertencentes a Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 05/ 1997	2003
77	Lima Duarte	Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Ibitipoca	Decreto nº 03/1998	2002
78	Lima Duarte	Conjunto Arquitetônico da Igreja do Rosário de São Domingos da Bocaina e sua Praça bem como todos os bens móveis alfaias imaginárias e Documentos pertencentes a esta Igreja	Decreto nº 05/2000	2002
79	Lima Duarte	Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lima Duarte móveis alfaias imaginárias paramentos litúrgicos e documentos	Decreto nº 05/1999	2002
80	Madre de Deus de Minas	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 034/2022	s/ data
81	Mariana	Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário	Inscrição nº12; Edital do Conselho de 19/11/2015	2018



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
82	Mateus Leme	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 23/2002	2007
83	Matozinhos	Acervo da Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário - Coroas e Instrumentos	Deliberação nº 01/2001	2002
84	Minas Novas	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 017/2007	s/ data
85	Minas Novas	Imagem de Nossa Senhora Rosário	Decreto nº 016/2007	2023
86	Monte Carmelo	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 2561/2022	2024
87	Monte Carmelo	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 066/1998	2007
88	Muriaé	Conjunto Praça do Rosário	Decreto nº 1645/1998	2001
89	Mutum	Capela Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1406/2003	2004
90	Nova Lima	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1852 / 2002	2003
91	Paracatu	Painel de Nossa Senhora Rosário São Domingos e Santa Catarina de Siena	Decreto nº 5.165/2017	2020
92	Passa Tempo	Capela Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 15/2001	2013
93	Patrocínio do Muriaé	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data
94	Pedra do Anta	Igreja Nossa Senhora do	Decreto nº	2012



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
		Rosário	162/2010	
95	Pequi	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Lei nº 1051/1994	s/ data
96	Perdões	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1776/2003	2004
97	Piedade do Rio Grande	Igreja do Rosário - Antiga Igreja Nossa Senhora da Piedade	Decreto nº 884/2006	s/ data
98	Piedade do Rio Grande	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1723/2012	2012
98	Piedade dos Gerais	Ruínas da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 001/2002	2003
99	Piranga	Igreja Nossa Senhora do Rosário - Pinheiros Altos	Decreto nº 1522/2007	2008
100	Piranga	Casarão do Rosário	Decreto nº 1479/2007	2007
101	Prata	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 2141/2004	2006
102	Prudente de Morais	Acervo da Guarda de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	2004
103	Raposos	Imagem de Nossa Senhora do Rosário com o menino Jesus	s/ informação	2001
104	Raposos	Capela Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	2001
105	Ressaquinha	Capela de Santana São José e Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
106	Ribeirão Vermelho	Capela de Nossa Senhora do Rosário de Santos Dias	Decreto nº 994/2003	2007
107	Rio Acima	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 189/2022	2024
108	Rio Paranaíba	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 101 / 2002	2003
109	Rio Pomba	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1615/2001	2002
110	Rio Vermelho	Capela Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 04/2003	2004
111	Sabará	Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Ravena	Decreto nº 688/ 2000	2008
112	Sabinópolis	Igrejinha de Nossa Senhora do Rosário	Decreto 1.544/2021	2023
113	Sacramento	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data
114	Santa Bárbara	Centro Histórico Sede Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Igreja Capela da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, Igreja Capela Senhor do Bonfim, Ruínas do Hospital Velho	Decreto nº 1.376 / 2006 (Municipal)	2007
115	Santa Bárbara	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1.376 / 2006	2007
116	Santa Bárbara	Casa do Largo do Rosário - Casa de Cultura	Decreto nº 1.376 / 2006	2001



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
117	Santa Luzia	Conjunto de 20 imagens tombadas isoladamente: Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição, Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, Menino Jesus, Anjo Gabriel, Nossa Senhora das Dores, São João de Deus, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores (da Igreja do Rosario), Nossa Senhora da Soledade, Santa Luzia Grande, N.São Morto, Senhor do Bonfim, São Francisco, São José, São João Batista, Senhor dos Passos, Nossa Senhora do Carmo (Matriz)	s/ informação	2007
118	Santa Luzia	Conjunto Arquitetônico Casa Paroquial e Igreja Nossa Senhora do Rosário – Pinhões	s/ informação	2012
119	Santana do Jacaré	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 846/2002	2003
120	Santana do Jacaré	Capela - Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 845/2002	2003
121	São Domingos do Prata	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 060/2003	2004
122	São Francisco de Paula	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 016/2003	2005
123	São Gonçalo do Rio Abaixo	Imagem de N. Sra. do Rosário	Decreto nº 512/2003	2005



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
124	São Gonçalo do Rio Abaixo	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 39/2006	2007
125	São Gonçalo do Rio Preto	Imagem de Nossa Senhora do Rosário	S/ informação	2011
126	São Gonçalo do Sapucaí	Igreja Nossa Senhora do Rosário	S/ informação	2014
127	São João Batista do Glória	Capela do Rosário	Decreto nº 1040/2006	2007
128	São João del-Rei	Ponte do Rosário	S/ informação	2007
129	São Romão	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 14/2008	s/ data
130	São Thomé das Letras	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	S/ informação	s/ data
131	Senador Modestino Gonçalves	Capela de Nossa Senhora do Rosário	S/ informação	2013
132	Senhora dos Remédios	Capela Nossa Senhora do Rosário		2009
133	Sericita	Capela do Rosário - Povoado de Santana	Decreto nº 275/2009	2013
134	Serro	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 5609/2015	2017
135	Serro	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Serro	Decreto nº 5611/2015	2017



ID	Município	Denominação do Bem Tombado	Homologação	Ano de pontuação no Programa ICMS Cultural
136	Serro	Imagem Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 1841/2003	2007
137	Silvianópolis	Coroas Sagradas Festa Nossa de Senhora do Rosário	Decreto nº 091/2021	2024
138	Tapira	Igreja Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data
139	Tocantins	Conjunto Paisagístico da Praça do Rosário	Decreto nº 052/2010	2013
140	Tupaciguara	Igreja do Rosário	s/ informação	s/ data
141	Turvolândia	Monumento Nossa Senhora do Rosário	Decreto nº 61/2019	2022
142	Uberlândia	Igreja/Capela Nossa Senhora do Rosário em Miraporanga	Lei 1.650/ 1968	2003
143	Uberlândia	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Lei Municipal nº 4.263/ 1985	2018
144	Volta Grande	Igrejinha – Capela Nossa Senhora do Rosário	s/ informação	s/ data



**LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO
ESTADUAL ASSOCIADOS AOS CAMINHOS, EXPRESSÕES E
CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG**

**Caminhos, expressões e celebrações
do Rosário em Minas Gerais**

APÊNDICE IV

Belo Horizonte
2024



APÊNDICE IV
LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO ESTADUAL ASSOCIADOS AOS
CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG

Levantamento de bens protegidos em âmbito estadual associados às celebrações do Rosário em MG, realizados a partir de arquivos e acervos de informações da Diretoria de Proteção e Memória do Iepha-MG. Entre eles, Registro, Tombamento e Inventário de variados municípios mineiros desde a década de 1970.

ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
1	Pedro Leopoldo	Conjunto Histórico da Capela de Nossa Senhora do Rosário e Quinta do Sumidouro	Tombamento	1976
2	Sabará	Tombamento da Capela de Nossa Senhora do Rosário e da Capela de Santa Efigênia em Mestre Caetano	Tombamento	1978
3	Chapada do Norte	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Tombamento	1980
4	Sacramento	Igreja de Nossa Senhora do Rosário e da Matriz de Nossa Senhora do Desterro	Tombamento	1984
5	São Thomé das Letras	Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Tombamento	1985
6	Januária	Capela de Nossa Senhora do Rosário em Brejo do Amparo	Tombamento	1989



ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
7	Piranga	Capela de Nossa Senhora do Rosário	Tombamento	1989
8	Santa Bárbara	Centro Histórico, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Capela de Arquiconfraria do Cordão de São Francisco e Capela do Bonfim	Tombamento	1989
9	Chapada do Norte	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte	Registro	2012
10	Contagem	Comunidade dos Arturos	Registro	2014
11	São Romão	Caboclo	Inventário	2015
12	São Romão	Congado	Inventário	2015
13	Januária	Festa de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	2015
14	Januária	Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	2015
15	Contagem	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos	Inventário	2014



ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
16	Contagem	Festa da Abolição dos Arturos	Inventário	2014
17	Contagem	Candombe dos Arturos	Inventário	2014
18	Contagem	Congado dos Arturos	Inventário	2014
19	Contagem	Guarda de Congo dos Arturos	Inventário	2014
20	Contagem	Guarda de Moçambique dos Arturos	Inventário	2014
21	Contagem	Reinado dos Arturos	Inventário	2014
22	Contagem	Levantamento Mastros dos Arturos	Inventário	2014
23	Contagem	Culinária dos Arturos	Inventário	2014
24	Contagem	Mestre da Guarda Moçambique dos Arturos- Seu Antônio	Inventário	2014
25	Contagem	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos	Registro	2014



ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
26	Contagem	Reinado/Congado dos Arturos	Registro	2014
27	Contagem	Benzeção dos Arturos	Registro	2014
28	Alvorada de Minas	Bens móveis integrados a Igreja Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
29	Barão de Cocais	Bens móveis integrados a Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
30	Betim	Acervo integrado a Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
31	Chapada do Norte	Bandeiras da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
32	Chapada do Norte	Bandeiras de Mastro da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
33	Chapada do Norte	Caixas da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
34	Chapada do Norte	Cetros da rainha da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
35	Chapada do Norte	Cetros do rei da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-



ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
36	Chapada do Norte	Cofre e chaves da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
37	Chapada do Norte	Coroas da Rainha Encostada da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
38	Chapada do Norte	Coroas da Rainha da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
39	Chapada do Norte	Coroas do Rei da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
40	Chapada do Norte	Espadas Corta Vento da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
41	Chapada do Norte	Livro de Ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
42	Chapada do Norte	Livro de Registro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
43	Chapada do Norte	Livro de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
44	Chapada do Norte	Opa da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
45	Chapada do Norte	Tambor da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-



ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
46	Chapada do Norte	Umbela da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
47	Chapada do Norte	Pontão da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
48	Chapada do Norte	Outros bens móveis e integrados da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
49	Pedro Leopoldo	Bens móveis e integrados da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
50	Itabira	Bens móveis e integrados da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
51	Sabará	São Bento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
52	Santa Luzia	Bens móveis e integrados da Capela de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade Quilombola de Pinhões	Inventário	-
53	Serro	Bem móvel da Capela de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
54	Belo Horizonte	Festa de Pai Benedito da Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango	Inventário	2018
55	Chapada do Norte	Festa de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-



ID	Município	Bem Cultural Protegido	Tipo de proteção	Ano
56	Chapada do Norte	Mastro a cavalo	Inventário	-
57	Chapada do Norte	Licores da Festa de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
58	Chapada do Norte	Doces da Festa de Nossa Senhora do Rosário	Inventário	-
59	Chapada do Norte	Quinta do Angu	Inventário	-
60	Chapada do Norte	Congada de Nossa Senhora do Rosário do Córrego da Misericórdia	Inventário	-
61	Chapada do Norte	Grupo dos tamborzeiros	Inventário	-



**LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS EM ÂMBITO
FEDERAL ASSOCIADOS AOS CAMINHOS, EXPRESSÕES E
CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG**

**Caminhos, expressões e celebrações
do Rosário em Minas Gerais**

APÊNDICE V

Belo Horizonte

2024



APÊNDICE V
LEVANTAMENTO DE BENS PROTEGIDOS A NÍVEL FEDERAL RELACIONADO AOS
CAMINHOS, EXPRESSÕES E CELEBRAÇÕES DO ROSÁRIO EM MG

Levantamento de Inventários Nacionais de Referências Culturais (INRC) associados às celebrações do Rosário em Minas Gerais, realizados a partir de listagem disponibilizada em seu site pelo Iphan.

UF	Classificação	Nome atribuído
MG	Inventário	Congadas de Minas Gerais
MG	Inventário	Memórias e Cantos de Moçambique do Tonho Pretinho
MG	Inventário	Saberes do Sagrado Irmandade do Rosário e o Registro Patrimonial
MG	Inventário	Serra do Cipó

Levantamento de bens tombados em âmbito FEDERAL associados às celebrações do Rosário em Minas Gerais, realizados a partir de listagem disponibilizada em seu site pelo Iphan.

UF	Município	Classificação (relacionada à forma de proteção)	Nome atribuído	Ano do Tombamento
MG	Sabará	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1938
MG	Barão de Cocais	Edificação e Acervo	Capela de Nossa Senhora do Rosário	1938
MG	Mariana	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	1938
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Capela de Nossa Senhora do Rosário de Padre Faria	1938



MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1938
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Passo da Rua do Rosário	1938
MG	Itabira	Edificação e Acervo	Ermida de Nossa Senhora do Rosário	1944
MG	Mariana	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	s/ data
MG	Lavras	Edificação e Acervo	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário	1948
MG	Conceição do Mato Dentro	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1948
MG	Caeté	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1949
MG	Diamantina	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1949
MG	Tiradentes	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1949
MG	Mariana	Edificação e Acervo	Passo da Ladeira do Rosário	1949
MG	Sabará	Infraestrutura ou equipamento urbano	Chafariz do Rosário	s/ data
MG	Ouro Preto	Infraestrutura ou equipamento urbano	Ponte do Rosário	s/ data
MG	Itabirito	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	s/ data
MG	Paracatu	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1961
MG	Berilo	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1963

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

Governo do Estado de Minas Gerais





LEVANTAMENTO DE GRUPOS DE REINADOS E CONGADOS CADASTRADOS POR MUNICÍPIO

Caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais

APÊNDICE VI

Belo Horizonte
2024



APÊNDICE VI

LEVANTAMENTO DE GRUPOS DE REINADOS E CONGADOS CADASTRADOS POR MUNICÍPIO

O levantamento abaixo descreve o nome de cada grupo de Reinado ou Congado cadastrado nos Cadastros do Patrimônio Cultural. As informações prestadas por cada um desses grupos foram de relevância fundamental para a construção da caracterização apresentada nesse Dossiê de Registro.

MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
ABAETÉ	FILHOS DE MARIA	ADENISON ALVES DOS SANTOS
ABAETÉ	GUARDA ESTRELA DA GUIA	AMANDA GABRIELA DA SILVA
ABAETÉ	CONGO REAL MIRIM SÃO BENEDITO	ARILMA ANTONIA GOMES
ABAETÉ	ASSOCIAÇÃO DO CONGADO DE NOSSA SENHORA DO CONGADO ABAETÉ	AVELAR DA SILVA
ABAETÉ	CONGO VILÃO	CARLOS VINÍCIUS DOS SANTOS
ABAETÉ	MOÇAMBIQUE RAIZES DE SÃO BENEDITO	CAROLINE ISABELA GOMES SILVA
ABAETÉ	GUARDA ROSÁRIO DE MARIA	CESAR AUGUSTO FERREIRA DA ROCHA
ABAETÉ	GUARDA DE CONGADA ESTRELA DO ROSARIO	EDUARDO RIBEIRO DE SOUSA
ABAETÉ	GUARDA ESTRELA DO ROSÁRIO DE ABAETE	EDUARDO RIBEIRO DE SOUSA
ABAETÉ	CATUPÉ DO TAMBORIM	EVANDO JOSÉ DA SILVA
ABAETÉ	CABOCLO CONGO PENACHO	ISAIAS VITAL DE SOUZA
ABAETÉ	UNIDOS NOSSA SENHORA APARECIDA	IVONELIA GERALDA DE SOUSA
ABAETÉ	ASSOCIAÇÃO DO CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE ABAETE	IVONETE
ABAETÉ	CATUPÉ DO CAZUÁ	IVONETE CORDEIRO
ABAETÉ	GUARDA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	JESIELE DA SILVA
ABAETÉ	CATUPÉ DE SÃO DOMINGOS	JESUS AMADO PEREIRA
ABAETÉ	CONGO PENACHO	LUÍS CARLOS DE ALMEIDA
ABAETÉ	GUARDA CONGO REAL	MARCELO GERALDO DE SOUSA
ABAETÉ	CONTRA DANÇA SANTA EFIGÊNIA	MARIA FRANCISCA DA CUNHA LARA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
ABAETÉ	MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MOZAR AMARO DA SILVA NETO
ABAETÉ	GUARDA ROSAS DE OURO	NAELIA APARECIDA RAMOS DA SILVA
ABAETÉ	ROSAS DE OURO	NAÉLIA APARECIDA RAMOS DA SILVA
ABAETÉ	CATUPÉ DO PANDEIRO	PEDRO HENRIQUE DA SILVA RODRIGUES
ABAETÉ	CATUPÉ DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO	RONALDO LUIZ DA SILVA
ABAETÉ	GRUPO DAS ESCRAVAS	SEBASTIÃO CUSTÓDIO PEREIRA
ABAETÉ	CONGO SERENO DE ABAETÉ	WANDERSON APARECIDO DA CUNHA
AGUANIL	TERMO DE CONGADO – MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANDERSON RODRIGO CARDOSO
ALFENAS	CONGADO DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSARIO	LUIZ ANTÔNIO DA SILVA
ALPINÓPOLIS	MOÇAMBIQUE DE SANTA EFIGÊNIA	ANTÔNIO BELMIRO DE MENEZES
ALPINÓPOLIS	TERNO ROSA.	BALTAZAR GABRIEL LEMOS
ALPINÓPOLIS	TERNO BRANCO DE CONGO	BENEDITO NATALINO RODRIGUES DUARTE
ALPINÓPOLIS	TERNO VERDE E AMARELO	DAVID JOSÉ DOS SANTOS DE PAULA
ALPINÓPOLIS	TERNO VERMELHO DE CONGO	JOSUÉ CUSTÓDIO DE LIMA
ALPINÓPOLIS	TERNO DE MOÇAMBIQUE AUGUSTO BELIZÁRIO	LEONALDO CÂNDIDO DA SILVEIRA
ALPINÓPOLIS	TERNO MARAVILHA	LUCIANO VITOR ROZENDO MARCIANO
ALPINÓPOLIS	MOÇAMBIQUE TINO DA MARIA BORGES	MARCOS ROBERTO BORGES DE PAULA
ALPINÓPOLIS	TERNO AZUL E VERMELHO	RODRIGO CARLOS RODRIGUES
ALTO RIO DOCE	CONGADA DE ABREUS	LÚCIA APARECIDA PRATA
ALTO RIO DOCE	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARIA EDUARDA DA COSTA MACIEL
ALVINÓPOLIS	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE ALVINÓPOLIS.	MIGUEL ARCANJO ALVES



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
ALVORADA DE MINAS	REINADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LADISLAU COIMBRA DE OLIVEIRA
ARAÇAI	GUARDA MARUJINHOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - ARAÇAI	WALÉRIO HENRIQUE GONÇALVES
ARAÇUAÍ	GRUPO DE BATUQUE E FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE DE ITIRA	GRACE PEREIRA DE MATOS
ARAGUARI	GRUPO DE TERNO DE CONGADO PRINCESA ISABEL	ALAN THALES TEODORO DOS SANTOS
ARAGUARI	GRUPO DE DANÇA PRINCESA ISABEL	ALEXSANDRA TEODORA FERREIRA
ARAGUARI	AZUL E ROSA	ALLAN KARDEC BORGES
ARAGUARI	CONGO VERDE	CONGO VERDE
ARAGUARI	TERNO MOÇAMBIQUE BRANCO DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	JOÃO BATISTA
ARAGUARI	CONGO ROSÁRIO DE MARIA	JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA GOMES
ARAGUARI	CONGO NOSSA SENHORA DA GUIA	LUCÉLIA VALÉRIO
ARAGUARI	ASSOCIADO CULTURAL CONGO DE OURO	ROSEMERE MARIA DOS SANTOS
ARAGUARI	TERNO DE CONGO TREZE DE MAIO	ZULU
ARAÚJOS	FOLIA DE CONGADO DA FESTA DE REINADO DA CIDADE DE ARAÚJOS	GERALDO ORLANDO DE CARVALHO
ARAXÁ	CONGO BANDEIRA SANTA	JERÔNIMO PEREIRA DE LIMA
ARAXÁ	MOÇAMBIQUE LIBERDADE	JOÃO PAULO FERREIRA DE PAULA
ARAXÁ	MOÇAMBIQUE MOCIDADE VERDE E BRANCO DE ARAXÁ	JOSÉ RONAN DOS SANTOS
ARAXÁ	MOÇAMBIQUE RAIZ AFRICANA	LEONICE APARECIDA DOS SANTOS
ARAXÁ	MOÇAMBIQUE LIBERDADE LIBERDADE	MARCELO JÚLIO TEIXEIRA
ARAXÁ	CONGO RAINHA DA LUZ	PLÍNIO JÔNATHAS SILVA
ARAXÁ	MOÇAMBIQUE IMPÉRIO DO ROSÁRIO	SIDNEY MANOEL
ARCOS	TERNO MARINHEIROS DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	ESTEFANIA NADINAMAR JANUARIO
ARCOS	MOÇAMBIQUE OS FILHOS DE SÃO JORGE	GELIEL JUNIO DA SILVA
ARCOS	CONGO SERENO	GISLENE APARECIDA MIGUEL
AUGUSTO DE LIMA	FOLIA DE REIS DE AUGUSTO DE LIMA-MG	CLAUDIO ANTONIO DE LIMA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
BALDIM	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	SHIRLAINE MARIA PIRES SILVÉRIO
BAMBUÍ	ASCONSERB - ASSOCIAÇÃO DA CONGADA DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE BAMBUÍ	FERNANDA TORRES CAMPOS
BAMBUÍ	ESTRELA DO ROSÁRIO	PATRÍCIA APARECIDA DE MACEDO VITÓRIA
BARÃO DE COCAIS	GUARDA DO CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE BARÃO DE COCAIS	MARCOS RAIMUNDO
BARÃO DE COCAIS	GUARDA DO CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE BARÃO DE COCAIS	MARIA FELICIDADE
BARBACENA	BANDA DANÇANTE DO ROSÁRIO DE SANTA EFIGÊNIA	JOSÉ PEDRO DA SILVA
BARBACENA	BANDA DANÇANTE DO ROSÁRIO DE SANTA EFIGÊNIA	RISELI MOREIRA DA SILVA
BARBACENA	BANDA DANÇANTE DO ROSÁRIO DE SANTA EFIGÊNIA	TALITA ARIANE DA SILVA
BARRA LONGA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO DOBLA	FLAVIANO CUSTODIO ALMEIDA GOMES
BARRA LONGA	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO PIMENTA	VALDECI DA SILVA PONTES
BARROSO	ASSOCIAÇÃO BANDA DE CONGADA E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ALTAIR BATISTA DO NASCIMENTO
BARROSO	BANDA DE CONGADA E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	ROSMALY GRACIELE TAVARES
BELA VISTA DE MINAS	MOÇAMBIQUE LUZ DIVINA	CARLOS MAGNO RAMIRO
BELA VISTA DE MINAS	MOÇAMBIQUE LUZ DIVINA	EDUARDO JULIO GARCIA
BELA VISTA DE MINAS	GUARDA DE MARUJOS	MARIA APARECIDA FLORENCIO
BELO HORIZONTE	REINADO DE CONGO DE SÃO CRISTÓVÃO DO REINO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	BRUNO GERALDO JACKSON RODRIGUES
BELO HORIZONTE	IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DO JARDIM AMERICA - BH	CESAR AUGUSTO DA SILVA
BELO HORIZONTE	ASSOCIAÇÃO NOSSA SENHORA DO ROSARIO REINO DE NOSSA SENHORA DA PROVIDÊNCIA	CLEONE DE SOUZA PEDRO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
BELO HORIZONTE	GUARDA CONGO REAL VENDA NOVA	CRISTIANE APARECIDA MOREIRA
BELO HORIZONTE	GUARDA DE CONGO VELHO DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	DAMIÃO DOS REIS
BELO HORIZONTE	GUARDA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO BAIRRO PADRE EUSTÁQUIO	DENILSON FIUZA
BELO HORIZONTE	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DO BAIRRO ALTO DOS PINHEIROS	ELIZANGELA APARECIDA SANTANA
BELO HORIZONTE	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSARIO -OS CIRIACOS	ELLEN OLIVEIRA
BELO HORIZONTE	IRMANDADE DE CONGO E MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	FABIO FELIPE EVARISTO
BELO HORIZONTE	IRMANDADE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	GERALDA DE FÁTIMA SANTOS
BELO HORIZONTE	GUARDA DE MARUJOS SÃO SEBASTIÃO	GISELLE APARECIDA CECÍLIO BARBOSA
BELO HORIZONTE	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO URCA PAMPULHA BELO HORIZONTE MG	GLEISSON RODRIGUES BATISTA PASSOS
BELO HORIZONTE	GUARXA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E APARECIDA	JOSE FRANCISCO CANDIDO
BELO HORIZONTE	IRMANDADE ESTRELA DO ORIENTE	LUANA RAFAELA FELIX FERREIRA
BELO HORIZONTE	ORDEM TEMPLÁRIA DA CRUZ DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	MANOEL FONSECA DOS REIS
BELO HORIZONTE	GUARDA DE CONGO FEMININA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO BAIRRO APARECIDA	MARIA DO NASCIMENTO
BELO HORIZONTE	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO JATOBÁ	RITIELLY CAROLINE PEREIRA BARROSO/LEDA MARIA MARTINS
BELO HORIZONTE	IRMANDADE DE SÃO BARTOLOMEU DO REINO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WALDINEY ANTÔNIO DA CRUZ SANTOS
BELO ORIENTE	ASSOCIAÇÃO DOS MARUJOS FILHOS DE MARIA E BOI BALAI	JOSÉ GERALDO DA COSTA
BELO VALE	GUARDA DE CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANTONIO MATIAS PINTO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
BELO VALE	ASSOCIAÇÃO GUARDA MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	CAMILA MARINA DE SOUSA
BELO VALE	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA	JOÃO PAULO CEZAR DOS SANTOS
BERILO	CONGADOS NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE BERILO/BATUQUE DOS QUILOMBOLAS	IONE RODRIGUES COSTA
BETIM	GUARDA DE CONGO DE SANTO EXPEDITO	ELENICE BRÁZ DA SILVA BARBOSA
BETIM	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA COLÔNIA SANTA ISABEL	MARIA DE LOURDES GOMES E SILVA
BETIM	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA	MARIA ROSA DE ASSIS
BIAS FORTES	CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARIA JOSÉ FRANCO SANTANA
BOCAIÚVA	TERNO DE CATOPÊS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	LUCÉLIA PEREIRA FERREIRA
BOCAIÚVA	TERNO DE CATOPÊS MENINO JESUS DE MARIA	ROBERTO RIBEIRO DE ANDRADE
BOM DESPACHO	NOME DO CORTE: CONGO PENACHO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO\ PENACHO CABOCLO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ÂNGELO GERALDO DA SILVA
BOM DESPACHO	CORTE CONGO ESPERTO DO WELTON	CÁSSIA TACIANA DE FREITAS COSTA
BOM DESPACHO	GUARDA MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOÃO BATISTA DA SILVA
BOM DESPACHO	MOCAMBIQUE SANTA EFIGÊNIA	JOHNATA PAULINO DOS SANTOS
BOM DESPACHO	CONGO REAL DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ FRANCISCO DA SILVA
BOM DESPACHO	GUARDA DOS MARINHEIROS DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	JOSÉ GERALDO DE PAULA
BOM DESPACHO	GUARDA DE CONGO CATUPÉ ESTRELA DO ORIENTE	LUIZ ALBERTO ALVES
BOM DESPACHO	MOÇAMBIQUE DE SÃO BENEDITO	MARIA DAS GRAÇAS EPIFÂNIO DA SILVA
BOM DESPACHO	CORTE DO VITAL MACOTA	VITAL LIBÉRIO GUIMARÃES
BOM DESPACHO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE SANTA EFIGÊNIA.	WEBER RODRIGUES ALVES E JOHNATA PAULINO DO SANTOS



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
BRÁS PIRES	GUARDA DE CONGO ROSÁRIO DA ALIANÇA	IRENE SILVA MAGALHÃES GONÇALVES
BRASÍLIA DE MINAS	CONGADO DE FERNÃO DIAS	SEBATIÃO ALKIMIM DOS SANTOS
BRUMADINHO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DOS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE ARANHA E CÓRREGO DE ALMAS	EDUARDO LUCIO DOS SANTOS
BRUMADINHO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO BAIRRO SANTA EFIGÊNIA.	FERNANDA RIBEIRO DIAS
CACHOEIRA DA PRATA	ASSOCIAÇÃO DA GUARDA UNIÃO NOSSA SENHORA APARECIDA	GILKA DA LUZ COTA ROCHA
CACHOEIRA DA PRATA	GUARDA UNIÃO NOSSA SENHORA APARECIDA DE CACHOEIRA DA PRATA	GILKA DA LUZ COTA ROCHA
CACHOEIRA DA PRATA	GUARDA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOVANE REZENDE DE ALMEIDA
CAETANÓPOLIS	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	OSMAR APARECIDO DE CARVALHO
CAETÉ	CONGADO DE SANTO ANTÔNIO	MARIA CÉLIA PORTO
CAMACHO	TERNO MOZAMBIQUE DE GARCIAS	LEONE JOSE LIMA
CAMACHO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CAMACHO	LUIZ PAULO
CAMBUÍ	SÃO BENEDITO	ERIBERTO APARECIDO DOS SANTOS SILVA
CAMBUQUIRA	TERNO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	SIRLEI APARECIDA RODRIGUES
CAMBUQUIRA	TERNO DE CONGADA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	TERESINHA RODRIGUES ALVES TOMAZ
CAMPANHA	CONGADA SÃO BENEDITO	AGNALDO CORREA
CAMPANHA	CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ SABINO DE SOUZA FILHO
CAMPANHA	TERNO DE CONGADA DE SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DE MARIA	LUIZ MAURO DIAS JUNIOR
CAMPANHA	TERNO DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DE MARIA	LUIZ MAURO DIAS JÚNIOR
CAMPANHA	TERNO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	TERNO NOSSA SENHORA DO ROSARIO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
CAMPO BELO	ASSOCIAÇÃO DA IRMANDADE DOS CONGADEIROS DE SANTA EFIGÊNIA DO POVOADO DOS DIAS	CÉLIO RODRIGUES FERREIRA
CAMPO BELO	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADEIROS IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO SÃO BENEDITO	CRISTIANO APARECIDO DE OLIVEIRA
CAMPO BELO	IRMANDADE CONGADEIROS NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA FEIRA	JUNIO MARCIO DA SILVA
CAMPO BELO	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADEIROS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO PORTO DOS MENDES	THAIS ROBERTA GOMES DE MORAIS
CAMPO DO MEIO	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VANDERLEI DA SILVA
CAMPOS ALTOS	CONGADO CATUPE PENA VERDE	AMARILDO GEOVANE DE SOUZA
CAMPOS ALTOS	GRUPO MOÇAMBIQUE LUZ DIVINA	CLÁUDIA APARECIDA BATISTA
CAMPOS ALTOS	TERMO CATUPÉ SÃO BENEDITO	ROGÉRIO APARECIDO BARNABÉ
CANA VERDE	TERNO DE CATOPE	FRANCISCO EVA
CANAÃ	GRUPO DE CONGO NOSSA SENHORA DO RSÁRIO	DOROTY MARIA SERAFIM
CANÁPOLIS	MOÇAMBIQUE BEIJA FLOR CAMISA AZUL CLARO	ADMILSON BOAVENTURA DOS SANTOS
CANÁPOLIS	MOÇAMBIQUE COROA DE OURO	CLOVES NASCIMENTO SANTOS
CANDEIAS	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	HÉLIO JOSÉ DE SAOUSA FILHO
CANDEIAS	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DO ALTO DO CRUZEIRO	WESLEY ALVARENGA GONÇALVES
CARANAÍBA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JESU FAUSTINO DUTRA
CARANAÍBA	BANDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DA GLORIA DE CARANAIBA.	VICENTE MARCOS DA COSTA
CARANDAÍ	GUARDA DE CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CARANDAÍ	ELIZABETH DE OLIVEIRA SILVA GAMA
CAREAÇU	CONGADA DE SÃO BENEDITO	JOSEANE ALEXANDRE SILVA
CARMO DA CACHOEIRA	FOLIA DE REIS SÃO VICENTE DE PAULO	JAIR DA SILVA TOMÁS
CARMO DA CACHOEIRA	FOLIA DE REIS IRMÃOS ALVIM	MURILO DAS GRAÇAS ALVIM



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
CARMO DA MATA	IRMANDADE DOS CONGADEIROS NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	CLEONICE DE PAULA CRUZ
CARMO DA MATA	FESTA DE SÃO BENEDITO	FERNANDO CÉSAR SESÁRIO
CARMO DA MATA	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA CACHOEIRA DOS DIAS	GILMAR SALVADOR DE ARAÚJO
CARMO DA MATA	TERNO DE CATUPE DO ANTONIO CANDIDO	LUIZ GUSTAVO CUNHA CANDIDO
CARMO DO CAJURU	IRMANDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA DO ROSÁRIO	ANDERSON CLEITO DA SILVA
CARMO DO CAJURU	CONGADO IRMANDADE DE SÃO JOSÉ	ANDRÉ LUIS QUADROS
CARMO DO CAJURU	GUARDA DE CATUPÉ DE SANTA EFIGÊNIA	CARLOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA
CARMO DO CAJURU	IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EDSON GERALDO EPIFÂNIO
CARMO DO CAJURU	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CARMO DO CAJURU MG	EDSON GERALDO EPIFÂNIO
CARMO DO CAJURU	IRMANDADE DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	FLÁVIA ARLINDA SILVA DOMINGOS
CARMO DO PARANAÍBA	GRUPO DE CONGO ANUNCIAÇÃO DO ROSÁRIO DE MARIA	ANTÔNIO DOMINGOS DE SOUZA/ JANAÍNA RIBEIRO DE SOUZA
CARMO DO PARANAÍBA	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARIA DAS DORES COSTA SOUZA
CARMO DO PARANAÍBA	BEIJA-FLOR ROSÁRIO DE LUZ	MARIA DO CARMO DE JESUS
CARMÓPOLIS DE MINAS	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LUIZA KARLA DE OLIVEIRA
CARMÓPOLIS DE MINAS	MASSAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	PAULO CÉSAR ALEXANDRE
CARMÓPOLIS DE MINAS	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	TANCREDO NEVES DE OLIVEIRA
CARRANCAS	TERNO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CARRANCAS	MARIA HELENA DE VASCONCELOS CARLOS
CÁSSIA	TERNO DE CONGO TRÊS BANDEIRAS	JOSÉ LUCAS FERNANDES GONÇALVES
CATAS ALTAS DA NORUEGA	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	LUIZ HERCULANO DA SILVA
CAXAMBU	CONGADO DO SR. ISMAEL	CARLA IVANI DO SANTOS



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
CEDRO DO ABAETÉ	CONGO DE OURO	SINARA MORAES FIGUEIREDO
CENTRALINA	CONGO SENHOR DE MAIO	FLÁVIO VICENTE DE LIMA
CENTRALINA	CONGO BEIJA FLOR	ROGERIO WILLIANS DA SILVA
CENTRALINA	GRUPO DE CONGADO BEIJA FLOR	ROGÉRIO WILLIANS DA SILVA
CHAPADA DO NORTE	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GENI CARVALHO SOARES
CHAPADA DO NORTE	IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS	MAURÍCIO APARECIDO COSTA
CIPOTÂNEA	CONGADOS DE SANTA EFIGÊNIA, NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	JOSÉ JUSTINIANO ATANÁSIO
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHOR DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DO BANANAL	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS NA COMUNIDADE DE SÃO BENTO	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CLÁUDIO/MG	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DE BOCAINA	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DE MACHADINHOS	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DE MONSENHOR JOÃO ALEXANDRE	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DO CORUMBÁ	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DO MATIAS	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CLÁUDIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA COMUNIDADE DO PALMITAL	BRUNO DAVID ADAMY GUIMARÃES
CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS	GRUPO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VICENTE CIRILO RIBEIRO
CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO	MARUJADA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ APARECIDO DOS SANTOS(XÓ)
CONCEIÇÃO DO PARÁ	FOLIA DE REIS	ARMANDO DE ALMEIDA ANGELICA
CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	CONGADA UNIÃO DA CHÁCARA DAS ROSAS	ANTÔNIO MAXIMIANO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	CONGADA DE SÃO BENEDITO	JOSÉ MARQUES MARIANO
CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	CONGADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	PAULO FIDÉLIS
CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	CONGADA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	PEDRO ANTÔNIO MÁXIMO
CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	CONGADA DE SÃO BENEDITO	THIAGO OLIVEIRA GALVÃO
CONGONHAS	ASSOCIAÇÃO GUARDA MARUJO MARINHEIRO SEREIA DO MAR	CARLOS EVANDO DO NASCIMENTO
CONGONHAS	GUARDA DE MARUJO MARINHEIRO SEREIA DO MAR	CARLOS EVANDO DO NASCIMENTO
CONGONHAS	DANÇA DE LANGRA	JOSÉ GERALDO EVARISTO
CONGONHAS	CONGADO MARUJO NSR DEE SANTA EFIGÊNIA	LUIZ BENTO DA SILVA
CONSELHEIRO LAFAIETE	CONGADO DE NOSSA SENHORA APARECIDA E DIVINO PAI ETERNO.	JOSÉ VIEIRA
CONSELHEIRO LAFAIETE	GUARDA FEMININA SÃO JORGE	JOSIMAR HENRIQUE DA SILVA SANTOS
CONSELHEIRO LAFAIETE	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DE CONSELHEIRO LAFAIETE	MARIA MADALENA SILVA MATA
CONSELHEIRO LAFAIETE	BANDA DANÇANTE DO ROSÁRIO DE SANTA EFIGÊNIA	RODRIGO APARECIDO MARINHO
CONSELHEIRO LAFAIETE	GUARDA DE CONGADO DE SANTA EFIGÊNIA	SIDNÉIA LEANDRA DA SILVA REIS
CONTAGEM	REINADO - COMUNIDADE DOS ARTUROS	ANTÔNIO MARIA DA SILVA
CONTAGEM	OS CIRIACOS	CARLOS CESAR MUNIZ
CONTAGEM	IRMANDADE DO ROSÁRIO "OS CIRIACOS"	EVALDO DA CONCEIÇÃO RICARDINO
CONTAGEM	IRMANDADE DA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS ARTUROS DE CONTAGEM.	JORGE ANTÔNIO DOS SANTOS
CONTAGEM	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO JARDIM INDUSTRIAL	MARCELO IVO DA SILVA
CORDISBURGO	UNIÃO DO ROSÁRIO DE MARIA	RONY ANGELO VALGAS
CORDISBURGO	GUARDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS	VALÉRIO DA ROCHA SILVA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
CORDISBURGO	GUARDA DE CONGO LAGOA BONITA	VANDERLEI RIBEIRO DE FARIA
CORDISLÂNDIA	CONGADA DO PARQUE SÃO BERNARDO	BENEDITO DA SILVA LEMES (DITINHO DA CONGADA)
CORDISLÂNDIA	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	RITA DOS REIS RIBEIRO
COROACI	MARUJADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ÉLIDA APARECIDA DE SÁ
CORONEL FABRICIANO	GUARDA DE MARUJO SÃO JOSÉ	IGOR HENRIQUE
CORONEL FABRICIANO	GUARDA DE MARUJOS SÃO JOSÉ DOS COCAIS	JOSÉ SANTANA DE FARIAS
CORONEL FABRICIANO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ SANTANA DE FARIAS (MESTRE SANTANA)
CORONEL MURTA	"MUIÉ RENDEIRA"	ÂNGELA MARIA MARTINS SOUSA
CORONEL XAVIER CHAVES	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	EUGENIO JOSÉ DOS SANTOS
CORONEL XAVIER CHAVES	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	JOSÉ DO ROSÁRIO ANACLETO - ZÉ CARREIRO
CÓRREGO DANTA	TERNO PENACHO	DIVINO PEREIRA DA SILVA
CÓRREGO DANTA	PENACHO	GEOVANA MENDES DA SILVA
CÓRREGO DANTA	TERNO MANDA BRASA	JOÃO RICARDO ROCHA DINIZ RIBEIRO
CÓRREGO FUNDO	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CÓRREGO FUNDO	DULCIENE RABELO DA SILVA
COUTO DE MAGALHÃES DE MINAS	MARUJADA COUTO DE MAGALHÃES	ADÃO MATIAS DE SOUZA
COUTO DE MAGALHÃES DE MINAS	CONGADO DA IMACULADA CONCEIÇÃO	ADRIANO BARBOSA DA SILVA
CRISTAIS	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE CRISTAIS	SIDINEIS ANTONIO DA COSTA
CRUZEIRO DA FORTALEZA	GRUPO DE CONGADO 4 PÉS E ESTRELA DA GUIA	JOÃO BATISTA DA SILVA
CRUZEIRO DA FORTALEZA	GRUPO DE GONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ RAIMUNDO FANAFORTE



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
CRUZÍLIA	GRUPO DE CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSARIO	MARILANE IZABEL RIBEIRO FERNANDES
DESTERRO DE ENTRE RIOS	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARCO ANTÔNIO
DESTERRO DO MELO	REINADO DO ROSÁRIO	ELAINE SILVEIRA
DIAMANTINA	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS	PLACIDINA SOARES FONSECA
DIOGO DE VASCONCELOS	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ DA CUNHA SEVERINO
DIONÍSIO	GRUPO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	CONCEIÇÃO FERREIRA
DIVINÉSIA	ASSOCIAÇÃO DE CONGADOS DO MUNICÍPIO DE DIVINESIA	CARLOS DANIEL DE LANDA ALMEIDA
DIVINÉSIA	GUARDA DE CONGO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE DIVINESIA	CARLOS DANIEL DE LANDA ALMEIDA
DIVINÉSIA	GUARDA DE CONGO E FOLIA DO DIVINO ESPIRITO SANTO DE DIVINESIA	CARLOS DANIEL DE LANDA ALMEIDA
DIVINÉSIA	BANDA DE CONGADO MARIA SELMA E LEONÍDIO	JOSÉ CARLOS DA SILVA
DIVINÓPOLIS	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ADÃO MÁXIMO MOREIRA
DIVINÓPOLIS	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOANITA APARECIDA MÁXIMO BERNARDO
DIVINÓPOLIS	GUARDA DE MOÇAMBIQUE SANTA ISABEL	RICARDO LUCIO DE ANDRADE
DIVINÓPOLIS	GUARDA DE CONGO DA COMUNIDADE RURAL DE BURITIS	VICENTE DONIZETE RODRIGUES
DOM CAVATI	FOLIA DE REIS	JOSÉ BATISTA SOBRINHO
DOM SILVÉRIO	ASSOCIAÇÃO DE CULTURA POPULAR DO CONGADO DE DOM SILVÉRIO - MG	VERA LÚCIA FERREIRA
DORES DE GUANHÃES	MARUJADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EDVARD APARECIDO DOS SANTOS
DORES DO INDAIÁ	CATUPE RECO RECO	ADILSON PAULO DA SILVA
DORES DO INDAIÁ	CONTRADANÇA	AGUINÃONALDO COSTA
DORES DO INDAIÁ	CONGO SERENO	ANA LAURA ALZIRA SANTOS
DORES DO INDAIÁ	ASSOCIAÇÃO DO CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ARIADNA ZICA VIANA E OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	ESTRELAS DO ROSÁRIO	BÁRBARA MENDES CARVALHO FRANÇA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
DORES DO INDAIÁ	CATUPÉ MISSIONEIRO	CARLOS DA SILVA JUNIOR
DORES DO INDAIÁ	GUARDA CAIXINHA DE BOMBAIXO	DERLI BATISTA DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	ESTRELA DO ORIENTE	DIEGO BATISTA
DORES DO INDAIÁ	CONGO VILÃO	ÉDER ALVES BRAGA
DORES DO INDAIÁ	CATUPÉ TAMBORIL	ERLIQUE RODRIGUES
DORES DO INDAIÁ	CATUPE CONGADO	GERALDO CESAR DA SILVA
DORES DO INDAIÁ	MOÇAMBIQUE SAO JOSE	JOÃO VITOR DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	TERNO CONTRA- DANÇA	JOSE ADRIANO SOUZA
DORES DO INDAIÁ	RECO RECO	JOSÉ XAVIER BORGES - EDMAR DA SILVA
DORES DO INDAIÁ	CONGO VILÃO	JOVANDECI TEODORO DA SILVA
DORES DO INDAIÁ	DAMAS DE CRISTAL	KAREN KAROLINA SANTOS
DORES DO INDAIÁ	CATUPÉ MISSIONEIRO	LINYKER MESÊNCIO ARAÚJO E SILVA
DORES DO INDAIÁ	MOÇAMBIQUE	LUCIANO CLAUDINO
DORES DO INDAIÁ	PEROLAS DO ROSARIO	MARIA ANGELICA APARECIDA DE JESUS
DORES DO INDAIÁ	MENSAGEIRAS DE SÃO BENEDITO	MARIA APARECIDA DA SILVA SANTOS
DORES DO INDAIÁ	ESTRELA DE SÃO BENEDITO	MARIA ELZA ALEXANDRE
DORES DO INDAIÁ	ROSAS DE OURO	NADIR SUELEN ALVES DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA	PADRE MARCOS ANTÔNIO DA COSTA
DORES DO INDAIÁ	CATUPÉ DO PANDEIRO	PEDRO HENRIQUE DA SILVA RODRIGUES
DORES DO INDAIÁ	ESTRELA DA GUIA	PROTÁSIO DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	ESTRELAS DO ROSÁRIO	QUENIA GRASIELE DE MORAIS OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	MOÇAMBIQUE COMUNIDADE ANTONIO MARTINS	ROSÂNGELA ÁLVARES CAETANO
DORES DO INDAIÁ	CONTRA DANÇA	SEBASTIÃO DIVINO DO SANTOS
DORES DO INDAIÁ	FESTA DO ROSÁRIO (ROSA DE OURO)	SUELEN CAROLINE CAETANO E NADIR SUELEN ALVES DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	CONGO VILÃO	VALDO LUCIO DA SILVA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
DORES DO INDAIÁ	FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WELERSON JUNIO DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	PAMPAS GAÚCHOS	WELERSON JÚNIOR DE OLIVEIRA
DORES DO INDAIÁ	COMISSÃO DE CONGADEIROS DA COMUNIDADE ANTÔNIO MARTINS	WILLIAM ALVES MONTEIRO
DORES DO INDAIÁ	CONGO REAL	WLISSÉS CEZANO
ESMERALDAS	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA	CRISTIANO JOSÉ VIEIRA
ESMERALDAS	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EDER JORGE MOREIRA DAMASCENO
ESMERALDAS	GUARDA DE CONGADO UNIÃO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ VIEIRA DA ROCHA FILHO
ESMERALDAS	GUARDA DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARIA CRISTINA ARAÚJO
ESMERALDAS	GUARDA NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO	VAGUIONARA FRANCISCA DOS SANTOS
ESPÍRITO SANTO DO DOURADO	TERNO DE SÃO BENEDITO- FILHOS DE PAI JOSÉ	PAULO EGÍDIO DE SOUZA
ESTRELA DO SUL	CATUPÉ CAGUNDA FAMILIA BERNARDES	FERNANDO ALVES DA SILVA
FELÍCIO DOS SANTOS	MARUJADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	PASCOAL ANTÔNIO SILVÉRIO
FERROS	GRUPO DE CABOCLOS DO LEVI	BENEDITO LAGE
FORMIGA	IRMANDADE DE CONGADEIROS DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA	ADENIR RODRIGUES DE SOUZA
FORMIGA	MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	FLAVIA LUIZA DE MELO
FORMIGA	IRMANDADE DO CONGADO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES	HILDA APARECIDA OLIVEIRA PAULA
FORMIGA	IRMANDADE DO CONGADO DO ROSÁRIO	WANDERLANE APARECIDO DA SILVA
FORMIGA	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WANDERLANE APARECIDO DA SILVA
FORTUNA DE MINAS	GUARDA UNIÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FORTUNA DE MINAS	AFRANIO PEREIRA
FORTUNA DE MINAS	GUARDA DE CONGO UNIÃO DO ROSÁRIO DE SANTA EFIGÊNIA DE FORTUNA	ERMELINO GONÇALVES GARCIA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
FORTUNA DE MINAS	GUARDA UNIÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FORTUNA DE MINAS	GERALDO FERREIRA
FORTUNA DE MINAS	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DA GUARDA CATOPÊ DO PANDEIRO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FORTUNA DE MINAS	MARIA IZABEL FERNANDES PINTO
FRANCISCO BADARÓ	GRUPO DE TAMBORZEIROS DOS HOMENS PRETOS DO SUCURIÚ	ANTONIO MARCOLINO DA SILVA
FRANCISCO BADARÓ	IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO SUCURIÚ	ANTÔNIO SÉRGIO MENDES
FRANCISCO DUMONT	IMPERIO DO DIVINO ESPIRITO SANTO	MARIA DO SOCORRO ALVES DA SILVA
FRUTAL	MOÇAMBIQUE AFRICANO SÃO BENEDITO	DEBRAIR CASSIMIRO AMÂNCIO
FRUTAL	GRUPO DE MARUJO JOSÉ ALBINO DA SILVA	JOSÉ ELIAS
FRUTAL	GRUPO DE MARUJO JOSÉ ALBINO DA SILVA	LUCIANA APARECIDA ELIAS
GAMELEIRAS	GRUPO REZEIRO	HELENA RODRIGUES DAMASCENA
GONÇALVES	CONGADA SÃO BENEDITO	IVO SEBASTIÃO DA SILVA
GONZAGA	GRUPO DE CABOCLINHOS/SEM NOMEAÇÃO/NÃO HÁ REGISTRO	EDILCEIA MARIA TEIXEIRA DOS SANTOS
GUANHÃES	MARUJADA NOSSA SENHORA APARECIDA	DANIEL APARECIDO FERREIRA DE OLIVEIRA
GUAPÉ	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE GUAPÉ	EVANDRO ANTÔNIO DE OLIVEIRA
GUAPÉ	TERNO DE CONGADO	RAVÍZIO AUGUSTO BENTO
GUARACIABA	CONGADO SÃO CAMILO DE LÉLIS	GERALDO GONZAGA SATURNO
GUARACIABA	CONGADO SÃO CAMILO DE LELIS E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GERALDO GONZAGA SATURNO
HELIODORA	TERNO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANTÔNIO JOSÉ ELIAS
IBERTIOGA	BANDA DANÇANTE DE CONGADA E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE IBERTIOGA	JOCIMAR LUCIANO DE AQUINO
IBERTIOGA	REINADO	LAESSIO OTAVIO SILVA AQUINO
IBIÁ	CONGO SERENO	DARC CELESTINA DA SILVA
IBIÁ	SERENO	DARC CELESTINA DE JESUS



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
IBIÁ	CONGADO MOÇAMBIQUE	JOSÉ APARECIDO PEREIRA
IBIÁ	CONGO REAL	JOSÉ APARECIDO PEREIRA
IBIÁ	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ APARECIDO PEREIRA
IBIRITÉ	GUARDA DE CONGO SÃO JOSÉ DE IBIRITÉ	ADRIANA LÚCIA BARRA NUNES
IBIRITÉ	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE IBIRITÉ	WANDERLUCIO BARCELOS DE OLIVEIRA
IBITURUNA	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GABRIEL DO VALE DE OLIVEIRA
IGARAPÉ	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTO ANTÔNIO	CARMEM NASCIMENTO MARTINS
IGARAPÉ	IRMANDADE DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO JOÃO BATISTA	JOSÉ MARIA DE SOUZA MOTA
IGARAPÉ	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.	MONKLIN DELANO MARTINS RAMOS
IGARATINGA	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANTÔNIO JOSÉ FERNANDES NETO
IGUATAMA	CONGO IRMÃOS LODINO	JOSÉ LODINO
ILICÍNEA	CONGO E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DE ILICÍNEA	ADRIANO MAXIMIANO DA SILVA
INHAÚMA	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTO EXPEDITO	CLEIDE MARIA PEREIRA LEÃO
INHAÚMA	GUARDA DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO SERRA DOS MAIAS	GUILHERME PEREIRA REGINALDO
IPATINGA	CLUBE DANÇANTE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - CONGADO DO IPANEMINHA	ARISTEU ROSALINO DE ALMEIDA
IPUIÚNA	TERNO DE MOCAMBIQUE	ELBITON MOREIRA DOMINGUES
IPUIÚNA	TERNO DE MOÇAMBIQUE SANTA EFIGÊNIA E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO "FILHOS DO ROSÁRIO). FESTA CULTURAL DE SANTA EFIGÊNIA E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.	ROSELENA APARECIDA DO AMARAL DOS SANTOS
IRAÍ DE MINAS	SÃO JOSÉ E SÃO BENEDITO	WEVERTON LOURENÇO DOS SANTOS
ITABIRA	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	ANTONIO MARCOS BEATO
ITABIRA	ASSOCIAÇÃO DAS CONGADAS DE ITABIRA	ANTÔNIO MARCOS BEATO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
ITABIRA	GUARDA DE MARUJO NOSSA SENHORA DO ROSARIO	ANTÔNIO MARCOS BEATO
ITABIRA	GUARDA DE MARUJOS SANTO ANTÔNIO	CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA
ITABIRA	INSTITUTO CULTURAL DOS MARINHEIROS DE ITABIRA	JOSÉ GERALDO SILVA
ITABIRA	GUARDA DE MARUJOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA VILA PACIÊNCIA	MARIA BARBOSA FERREIRA
ITABIRA	GUARDA DE MARUJOS NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO DISTRITO DE SENHORA DO CARMO	SÍLVIO MARTINS DOS SANTOS E FELICIANO BENTO
ITAGUARA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VALDIVINO DE ANDRADE
ITAJUBÁ	FOLIA DE REIS FULÔ DA MANTIQUEIRA	RONALDO JOSÉ PEREIRA
ITAMARANDIBA	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VINICIUS MOTA LIMA
ITAMOGI	TERNO DE CONGO SÃO DOMINGOS	APARECIDO DONIZETE VALENTINO DA SILVA
ITAMOGI	TERNO MOR SÃO BENEDITO	DONIZETE APARECIDO CAETANO
ITAMOGI	TERNO DE MOÇAMBIQUE SANTA LUZIA	DONIZETE DE SOUZA
ITAMOGI	TERNO DE CATUPÉ UNIDOS DE SANTA EFIGÊNIA	GUILHERME AUGUSTO DE OLIVEIRA
ITAMOGI	TERNO DE CONGO SANTA LUZIA	JORGE TEIXEIRA JÚNIOR
ITAMOGI	TERNO DE MOÇAMBIQUE MIRIM DE SANTA LUZIA	MÁRCIA APARECIDA TEIXEIRA FIDELIS
ITAMOGI	CATUPÉ UNIDOS DE SANTA EFIGÊNIA	MARCOS PAULO DE OLIVEIRA
ITAMOGI	TERNO DE CONGO DE SANTA LUZIA	MARIO FARIA VOLPE
ITAMOGI	TERNO DA COMUNIDADE DE SANTA CATARINA	NELSON PEREIRA
ITAMOGI	TERNO DE CONGO IPIRANGA	RODRIGO FERNANDES
ITAMOGI	MOÇAMBIQUE SANTA LUZIA	SENHORINHA DO CARMO AMARAL DE SOUZA
ITAPAGIPE	COMPANHIA DE REIS ESTRELA DO ORIENTE A CAMINHO DE BELÉM	ADRIANO LOPES
ITAPECERICA	REINADO DO LAMEUS	ANDRÉIA DA SILVA RIBEIRO
ITAPECERICA	REINADO DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA	ANTÔNIO CARLOS FARIA PAZ
ITAPECERICA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS	DÁRIO PIO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
ITAPECERICA	MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMPEIA	DÁRIO PIO
ITAPECERICA	SÃO BENEDITO	HELTON CESAR ARAUJO OLIVEIRA
ITAPECERICA	ASSOCIAÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA	JOEL SILVA REIS
ITATIAIUÇU	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E FOLIA DE REIS SÃO SEBASTIÃO	GERALDO DOS REIS SANTANA
ITAÚ DE MINAS	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (CONGÃO)	DENIS DONIZETTI MAGALHÃES
ITAÚ DE MINAS	TERNO DE CONGO DE SANTA EFIGÊNIA (OS MARINHEIROS)	MARIA CÉLIA AMORIM SANTOS
ITAÚ DE MINAS	TERNO DE SÃO BENEDITO (MOÇAMBIQUE)	RONALDO TEIXEIRA AMORIM
ITAÚNA	CONGO VIRGEM DO ROSÁRIO	DARCI SALOMÉ
ITAÚNA	GUARDA DE CONGO SANTA EDWIRGES	GENIPLLO MARTINS DE OLIVEIRA
ITAÚNA	CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOÃO FERREIRA FILHO
ITAÚNA	MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO	JULIANA ALVES DE OLIVEIRA
ITAÚNA	FESTA DE REINADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE ITAÚNA	LUCIANO RODRIGUES DE SOUSA
ITAÚNA	CANDOMBE FEMININO	MARCIA DE FÁTIMA MARRA FELIZARDO
ITAÚNA	MOÇAMBIQUE SANTA EFIGÊNIA	MOÇAMBIQUE SANTA EFIGÊNIA
ITAÚNA	MOÇAMBIQUE SANTA CRUZ	RAIMUNDO DONIZETE DE OLIVEIRA
ITAVERAVA	BANDA DE CONGADO DE SANTA EFIGENIA DA BARRA E NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MACUCO	HÉLIO ANICETO GONZAGA
ITAVERAVA	GUARDA DE CONGADO SÃO BENEDITO	JOSÉ GERALDO DOS ANJOS
ITAVERAVA	GUARDA DE CONGADO DE SANTO ANTÔNIO	OSMAR DA MATA NICOLAU
ITINGA	ESCRAVA FELICIANA	ALÍRIO RAMOS
ITUIUTABA	MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO E SÃO BENEDITO	ADRIANA CAROLINE ALVES DA SILVA GARCIA
ITUIUTABA	TERNO DE CONGO CAMISA VERDE	ANA DULCINEIA DA COSTA SOUZA
ITUIUTABA	CORTE DE REIS	MARIA LUCIA OLIVEIRA
ITUIUTABA	CONGO REAL	TALES FERREIRA OLIVEIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
JABOTICATUBAS	CANDOMBE DE SÃO JOSÉ DA SERRA	FLÁVIO VIEIRA DOS SANTOS
JACUÍ	TERNO DE CONGO UNIÃO JACUIENSE	CÉLIO BATISTA DA SILVA
JACUÍ	TERNO DE CONGO CANUTINHOS	JOSÉ BENEDITO BORGES/HERNANE LOPES DE SIQUEIRA
JACUÍ	TERNO DE CONGO FAMILIA MACEDO (ANTIGO TERNO DO JÚLIO CRISTIANO)	MESSIAS JOSÉ DE MACEDO
JAGUARAÇU	GRUPO FOLCLÓRICO DE CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE JAGUARAÇU	JAILTON LAURINDO
JANUÁRIA	TERNO DOS TEMEROSOS/REIS DOS CACETES	JOÃO DAMASCENA DE ALMEIDA
JAPARAÍBA	IRMÃOS DO ROSÁRIO	ESTER LUIZ DE JESUS
JEQUITIBÁ	GUARDA DE CONGO OFICIAL DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LEOMANO GERALDO LOPES
JEQUITIBÁ	GUARDA IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SAGRAMENTO	FABIANA ALVES DE OLIVEIRA MARTINS
JEQUITIBÁ	GUARDA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ROSIMEIRE SOARES MOREIRA
JESUÂNIA	TERNO DE CONGO MIRIM SÃO COSME DAMIÃO	ANTONIO LUIS DE OLIVEIRA
JESUÂNIA	TERNO DE CONGO UNIÃO DO ROSÁRIO	ERICK DE OLIVEIRA E SILVA
JESUÂNIA	TERNO DE CONGADAS SÃO PEDRO	MARCOS DE PAULA NOGUEIRA
JESUÂNIA	TERNO SÃO BENEDITO	SEBASTIÃO ANACLETO CARNEIRO
JOÃO MONLEVADE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL CONGO DE JOÃO MONLEVADE	ANDERLINDA VICENTINA FERNANDES
JOÃO MONLEVADE	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA APARECIDA	ANDERLINDA VICENTINA FERNANDES
JOÃO MONLEVADE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CONGADO DE JOÃO MONLEVADE	ANGELA MARIA MAGALHÃES
JOÃO MONLEVADE	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
JOÃO MONLEVADE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO NOSSA SENHORA SANTANA DE LARAJEIRAS	NATÁLIA RODRIGUES NONATO
JOÃO MONLEVADE	ASSOCIAÇÃO DA GUARDA NOSSA SENHORA SANTANA E LARANJEIRA	ROSIMEIRE NONATO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
JOÃO MONLEVADE	GUARDA DE MARUJOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VALDETE MOREIRA FIRMO
JOÃO MONLEVADE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL MARUJOS DE JOÃO MONLEVADE	VALDETE TEREZINHA MOREIRA FIRMO
JOSÉ GONÇALVES DE MINAS	REINADO FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA	ELIENE PEREIRA DE SALES
JUATUBA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE NSR UNIÃO DE SÃO SEBASTIÃO DE JUATUBA	ADIMILSON DO CARMO MACHADO
LAGOA DA PRATA	ASSOCIAÇÃO DO CONGADO DOS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO – GRUPO I, DA CIDADE DE LAGOA DA PRATA/MG. TAMBÉM CHAMADO DE GRUPO I	ADEIR JOSÉ DA SILVA
LAGOA DA PRATA	CONGADO DOS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO, GRUPO I, DE LAGOA DA PRATA, MG	ADEIR JOSÉ DA SILVA
LAGOA DA PRATA	GRUPO IRMANDADE DE SÃO GUSMÃO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	CARLOS ROBERTO
LAGOA FORMOSA	CONGADA E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE LAGOA FORMOSA	GASPAR AUGUSTO MACHADO
LAGOA FORMOSA	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GASPAR AUGUSTO MACHADO
LAGOA FORMOSA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GASPAR MACHADO
LAGOA SANTA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DA LUZ	ISRAEL DE OLIVEIRA
LAGOA SANTA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE UNIÃO DO ROSÁRIO - IRMANDADE UNIÃO DO ROSÁRIO	LUAN ANTONNY GONÇALVES DE MOURA MARTINS
LAGOA SANTA	MOÇAMBIQUE DE NOSSA DA LUZ	MARIA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA
LAGOA SANTA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DA LUZ LAGOA SANTA MG	MARIA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA
LAGOA SANTA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DE SANTANA	ROSEMAIRE GONÇALVES ALVES
LAGOA SANTA	GUARDA DE CONGO UNIÃO DO ROSÁRIO-LAGOA SANTA / CAMPINHO	VERÔNICA APARECIDA PEREIRA
LAGOA SANTA	CANDOMBE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WAGNER CÂNDIDO
LAMBARI	TERNO DE CONGO ESTRELA CADENTE	ÂNGELA RODRIGUÊS MARCIANO DE CASTRO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
LAMBARI	TERNO DE CONGADO TREZE DE MAIO	BENEDITO MODESTO
LAMBARI	TERNO ASTRO REI - SÃO VICENTE DE PAULA	DORALICE FERREIRA DO NASCIMENTO / SULEM BRIGAGÃO DA SILVA
LAMBARI	TERNO DE CONGADA RAINHA DAS ÁGUAS	ELAINE RODRIGUES DE CASTRO JÚLIO/ LUIZ FERNANDO JÚLIO
LAMBARI	TERNO DE CONGADA IRMANDADE DE SANTA CRUZ	JORGE VITOR NICOLAU
LAMBARI	IRMANDADE SANTA CRUZ	JOSÉ VITOR NICOLAU
LAMBARI	TERNO SÃO BENEDITO	MÁRCIO INÁCIO DO PRADO
LAMBARI	TERNO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	RODOLFO PRADO DA SILVA
LAMBARI	TERNO SÃO BENEDITO	SHEILA RODRIGUES DE OLIVEIRA PRADO
LAMBARI	TERNO FLOR DE MAIO	SORAYA FIRMINO DA SILVA
LAVRAS	MOÇAMBIQUE DE SÃO BENEDITO	GISELLE BARBOSA DOS SANTOS ANASTÁCIO DE OLIVEIRA
LAVRAS	SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JANE DARA CARVALHO
LAVRAS	MOÇAMBIQUE DA FAMÍLIA BARBOSA	WALTER BARBOSA
LEANDRO FERREIRA	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADEIROS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DE LEANDRO FERREIRA MG	CLAUDINEI LIBERIO DOS SANTOS
LEANDRO FERREIRA	CONGADA FILHOS DO REI	SABRINA REIS LIBERIA SANTANA
LEANDRO FERREIRA	GUARDA DE CONGO PADRE LIBERIO	WASHINGTON LIBERIO TADEU DE PAULA DIAS
LIMEIRA DO OESTE	GRUPO DE MOÇAMBIQUE NOSSA DO ROSÁRIO	GRUPO DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
LUZ	ASSOCIAÇÃO DA CONGADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE LUZ	ARNALDO JÚNIOR
LUZ	MOÇAMBIQUE LUZ DIVINA	JOSÉ JERSON FERREIRA DE ALMEIDA JÚNIOR
LUZ	CONGADA CORAÇÃO DE OURO	RAYANE VENTURA CARDOSO
MACHADO	TERNO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	DAIANE APARECIDA LIMA DE PAULA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
MACHADO	TERNO AFROJOVEM	ELIANE CRISTINA DA SILVA
MACHADO	TERNO DE SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA - TRÊS SANTOS	JOSÉ APARECIDO DA COSTA
MACHADO	TERNO DE SÃO BENEDITO DO SR. DADÚ	JOSÉ OTÁVIO FILHO (DADÚ)
MACHADO	TERNO DE SÃO BENEDITO	LÚCIO FERREIRA
MACHADO	TERNO DA CENTENÁRIA	LUIZ APARECIDO DE PAULA
MACHADO	CONGADO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	LUIZ CARLOS DE MORAES
MACHADO	TERNO DE SÃO BENEDITO, NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNCIA DE DOURADINHO	LUIZ CLÁUDIO DA SILVA
MACHADO	IRMANDADE DE SÃO BENEDITO	MARCELO DE SOUZA
MACHADO	TERNO DE SÃO BENEDITO - TERNO DO BOI	MARCO ANTÔNIO SOUZA
MACHADO	TERNO DOS BAIANOS	MARCUS VINICIUS SOUZA AMÂNCIO
MACHADO	TERNO DE SÃO BENEDITO DO BAIRRO BOM JESUS	PAULO OSCAR DE SOUZA
MACHADO	TERNO DO JAMIL - SÃO BENEDITO, NOSSA SENHORA E SANTA EFIGÊNIA	PAULO RICARDO DA SILVA BARROS
MACHADO	TERNO VIVA UNIÃO DE SÃO BENEDITO	ROSIEL DE SOUZA
MACHADO	TERNO DO BATIÁ - SÃO BENEDITO	SEBASTIÃO ANSELMO
MACHADO	TERNO DO CARNEIRO - SÃO BENEDITO, NSRA. ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA	SEBASTIÃO MIGUEL
MACHADO	TERNO DE DEMONSTRAÇÃO - MODELO	TERNO DE DEMONSTRAÇÃO - MODELO
MACHADO	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WALTER LUIZ NOGUEIRA
MARIANA	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO SEBASTIÃO DE MARIANA	MARCELO EUATAQUIO RAMOS
MARLIÉRIA	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE CAVA-GRANDE/CONGADO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	EFIGÊNIA DELFINA DE JESUS MIRANDA SILVA
MARLIÉRIA	CONGADO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	EFIGÊNIA DELFINA DE JESUS MIRANDA SILVA
MARTINHO CAMPOS	MOZAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WEBERTON AMARO DA SILVA
MATERLÂNDIA	GRUPO FOLCLORICO DOS CABOCLOS	JOSE ADAIR
MATEUS LEME	GUARDA E FOLIA DE REIS DE SÃO FRANCISCO	MONICA NOGUEIRA MOREIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
MATEUS LEME	GUARDA DE CONGO E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DA GRAÇAS	ROMILDA MARIA RESENDE FERREIRA
MATEUS LEME	GUARDA DE CONGO E MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VANDERLEI SEBASTIÃO PEREIRA
MATOZINHOS	GUARDA DE NOSSA SENHOR DO ROSÁRIO DE MATOZINHOS	CLAUDIR PEREIRA DA SILVA
MATOZINHOS	MOÇAMBIQUE DE SÃO BENEDITO DE MATOZINHOS	NILTON MARTINS DE MATOS
MATOZINHOS	CANDOMBE DE MOCAMBEIRO "FILHOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO"	NUBIA ALVES RIBEIRO
MATOZINHOS	GUARDA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MOCAMBEIRO	NUBIA ALVES RIBEIRO
MATUTINA	CATUPÉ ESTRELA MATUTINA	SABRINA DA SILVA ALVES
MESQUITA	MARUJADA DE TODOS OS SANTOS	JESUS SANTOS DA SILVA
MINAS NOVAS	REINADO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	ADÃO CARLOS EVANGELISTA
MINAS NOVAS	IMPERIAL GUARDA DE HONRA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE MINAS NOVAS	ADELMO FERNANDES
MINAS NOVAS	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE MINAS NOVAS	DOMINGOS TEODOLINDO COSTA MOTA
MINAS NOVAS	TAMBORZEIROS DO ROSÁRIO DE MINAS NOVAS	JOSÉ GERALDO GOMES
MINAS NOVAS	MARUJADA UNIÃO	MARCIANO SILVA
MINAS NOVAS	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE MINAS NOVAS	MARIA ANGÉLICA RODRIGUES COSTA
MINAS NOVAS	CONGADO DE SÃO BENEDITO E SANTA IFIGÊNIA	NILDETE LOPES
MINAS NOVAS	REINADO DE SÃO BENEDITO	REINADO DE SÃO BENEDITO
MINAS NOVAS	MARUJADA DE SANTO ANTÔNIO / BANDA DE TAQUARA BEM POSTA	VILI MENDES
MOEMA	GUARDA "MOÇAMBIQUE SERENO" (MOÇAMBIQUE DO ZIMBO)	GERALDO MAGELA GALVÃO
MOEMA	CONGADA SERENA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (CONGADA DO CHICO CABOCLO)	GISELE ALVES FERNANDES FERREIRA
MOEMA	MOÇAMBIQUE DO BREGUETE	JOSE FRANCISCO BORGES MESQUITA
MOEMA	CONGADA ANDORINHAS	JÚLIO CÉSAR DE OLIVEIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
MOEMA	MENINOS NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (CONGADA ZÉ CILINO)	LAÉRCIO JOSÉ DE SOUZA
MOEMA	CONGADO SÃO VICENTE	OSMAR DIONÍSIO PEREIRA
MOEMA	CONGADA SERENA DO NICOLAU	RONAN JOSÉ DA COSTA
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DE CONGADOS E MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO ESTRELA DA GUIA	ANGELA ROSA DE GOUVEIA
MONTE ALEGRE DE MINAS	MOÇAMBIQUE CAMISA VERDE	JAIME SABINO DE OLIVEIRA
MONTE ALEGRE DE MINAS	TERNO DE CONGADO AZUL CLARO	KATIA APARECIDA GONÇALVES
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DO CONGADO MOÇAMBIQUE TERNO COR-DE-ROSA	LUÍS FERNANDO PERES DE MOURA
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DE CONGADOS MOÇAMBIQUE VERDE	MARA REGINA TEIXEIRA GUIMARÃES
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DE CONGADOS TERNO COR-DE-ROSA	ROSÁRIO APARECIDO PEREIRA
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADOS TERNO BRANCO	SANDRO JOSÉ DE FREITAS COSTA
MONTE ALEGRE DE MINAS	TERNO CONGADO BRANCO	SILVIA DE FREITAS COSTA SILVA
MONTE ALEGRE DE MINAS	MOÇAMBIQUE COR DE ROSA	SUELI PEREIRA DE AQUINO MOURA
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADOS MOÇAMBIQUE MARINHEIRO	VALDECI PEREIRA JUNIOR
MONTE ALEGRE DE MINAS	MOÇAMBIQUE MARINHEIRO	VALDECI PEREIRA JÚNIOR
MONTE ALEGRE DE MINAS	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADOS TERNO VERDE	VERA LÚCIA DA COSTA SILVA
MONTE BELO	TERNO DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ALEX SODA PIZA
MONTE CARMELO	CONGO MARINHEIRO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANÍSIO SILVA
MONTES CLAROS	1 TERNO (CONGADO) DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JÚNIO PIMENTA SANTOS (MESTRE ZANZA JÚNIO)
MONTES CLAROS	REINADO	MARIA DO SOCORRO PEREIRA DOMINGOS



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
MONTES CLAROS	TERNO DE CABOCLINHOS	MARIA DO SOCORRO PEREIRA DOMINGOS
MORRO DO PILAR	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E DIVINO DO ESPÍRITO SANTO	FESTA DE SÃO BENEDITO, NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E DIVINO DO ESPÍRITO SANTO
MUNHOZ	SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ SILVA
MUZAMBINHO	NETOS DA BAHIA	NETOS DA BAHIA
NATÉRCIA	TERNO DE CONGADO SÃO BENEDITO	ANTÔNIO DONIZETTE DOS SANTOS
NAZARENO	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ RONALDO DOS SANTOS
NAZARENO	CONGADO 4 PÉS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	SEBASTIÃO LOPES DA SILVA
NEPOMUCENO	MOÇAMBIQUE FAMILIA CARDOSO	ALCINDOR CARDOS
NEPOMUCENO	TERNO DE CONGADO NOSSA SENHORA APARECIDA	FRANCISCO DE PAULA VITOR BRESSANI
NEPOMUCENO	TERNO DE CONGADO DA COMUNIDADE VILAS ESMÉRIA	GONÇALO GOINZAGA RAFAEL
NEPOMUCENO	CONGADA DA FAMILIA EDUARDO E HONORATO	JORGE HONORATO LIMA
NOVA ERA	GUARDAS DE CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE NOVA ERA	CELIO BONIFÁCIO DE ALMEIDA/SANDRA COELHO
NOVA ERA	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO VILA SANTA ROSA	CRISTIANO GONÇA
NOVA ERA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA VILA SANTA ROSA	CRISTIANO GONÇALVES
NOVA ERA	REINADO NOSSA SEWNHORA DO ROSARIO	CRISTIANO GONÇALVES
NOVA ERA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE NOVA ERA	JUDITY ANUNCIATA SERRY HEBACH
NOVA LIMA	GUARDA DE MARUJOS E CONGADO DE NOSSA SENHORA APARECIDA	EVERLANE CRISTINA GONÇALVES
NOVA RESENDE	CONGADA ESTRELA DO SUL	JOÃO DOS REIS
NOVA SERRANA	CONGADO VIRGEM DO ROSÁRIO	JOSÉ MESSIAS FELIPE
NOVA SERRANA	CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LÍVIA TALIA DA SILVA
NOVO ORIENTE DE MINAS	CONGADO BELAS ARTES	ADALBERTO SOUSA SILVA
NOVO ORIENTE DE MINAS	GRUPO CONGADO DO CORREGO DO OURO	MANOEL MENDES DE SOUZA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
OLIVEIRA	GUARDA DE AJUDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA APARECIDA	ANTÔNIO DE PAULO SILVA OLIVEIRA
OLIVEIRA	GUARDA MOR DE CATOPÉ DE NOSSA SENHORA APARECIDA	BENEDITO CÂNDIDO
OLIVEIRA	IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - OS LEONÍDIOS	ESTER ANTONIETA SANTOS
OLIVEIRA	GUARDA MOR DE CATOPÉ DE SÃO BENEDITO	GILMAR DOS SANTOS
OLIVEIRA	GUARDA MOR DE CATOPÉ DE SANTA EFIGÊNIA	LOURIVAL DE JESUS MORAIS
OLIVEIRA	GUARDA MOR DE CATOPÉ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MAURINHO LÚCIO DE OLIVEIRA
ONÇA DE PITANGUI	TERNO DE CONGADO SÃO JOÃO	NEUSA APARECIDA ISAÍAS LÚCIO
OURO FINO	ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CULTURAL CONGADA SERENA DE SÃO BENEDITO	APARECIDO NOGUEIRA DE SÁ
OURO PRETO	BANDA DE CONGADO SANTA EFIGÊNIA E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANICÉLIA MARIA XISTO RODRIGUES
OURO PRETO	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	DIRCE MOUTTINHO XAVIER
OURO PRETO	GUARDA DE CONGO MANTO AZUL DE NOSSA SENHORA APARECIDA E SAO BENEDITO	JUSSARA FERNANDES DA SILVA
OURO PRETO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA	KEDISON GERALDO FERREIRA GUIMARÃES
OURO PRETO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SANTA EFIGÊNIA E SÃO BENEDITO "A FÉ QUE CANTA E DANÇA"	KEDISON GERALDO FERREIRA GUIMARÃES
OURO PRETO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SANTA EFIGÊNIA E SÃO BENEDITO	KEDISON GERALDO FERREIRA GUIMARÃES
OURO PRETO	GUARDA DE CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGENIA DO ALTO DA CRUZ	RODRIGO ALVARENGA DOS PASSOS
OURO PRETO	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	SILVANIA APARECIDA BORGES
OURO PRETO	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	SILVÂNIA APARECIDA DOS SANTOS BORGES
OURO PRETO	REINADO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE OURO PRETO	SOLANGE SABINO PALAZZI FORTES



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
PAINEIRAS	GUARDA CONGO DOURADO	JOÃO ARTIRINO
PAINS	GUARDA DE CONGO SÃO JUDAS TADEU	GILDÁSIO AUGUSTO / CLÁUDIO LÚCIO
PAINS	GUARDA DE CONGO SÃO JUDAS TADEU - PAINS/MG	RENATA P.RIBEIRO
PARÁ DE MINAS	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO SANTO ANTÔNIO DO PAIOL	GUARDA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO SANTO ANTÔNIO DO PAIOL
PARÁ DE MINAS	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSARIO OS NONATOS	WALACE SOUZA
PARAOPEBA	O GRUPO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO RETIRO	ABDON DA COSTA LIMA
PARAOPEBA	GUARDA UNIÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA PONTINHA	GUARDA UNIÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA PONTINHA
PARAOPEBA	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO DOM BOSCO	NILSON ANDRÉ DO CARMO PEREIRA
PASSA TEMPO	REINADO EM HONRA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ADRIANO WAGNER MOREIRA
PASSA TEMPO	GUARDA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	GERALDO AUGUSTO
PASSA TEMPO	GUARDA DE SÃO BENEDITO	JOSÉ MESSIAS FILHO
PASSA TEMPO	GUARDA MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA APARECIDA	RODRIGO SOUSA BASTOS
PASSABÉM	MARUJADA DA BOLÍVIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	RONALDO OLIVEIRA DOS SANTOS
PASSABÉM	MARUJADA DA BOLÍVIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WELLYTON DOUGLAS DE ASSIS SANTOS
PASSOS	TERNO AMARELO	JOÃO FERREIRA GOMES
PATOS DE MINAS	ASSOCIAÇÃO REGIONAL DAS CONGADAS E FILHOS DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	JOSÉ MAGNO DO NASCIMENTO
PATOS DE MINAS	MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARÍLIA LACERDA BATISTA DE SOUSA
PATOS DE MINAS	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	SEBASTIÃO BELCHIOR BASÍLIO
PATOS DE MINAS	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	TIÃO XAPOTÓ
PATROCÍNIO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PATROCÍNIO E SUAS GUARDAS	LUIZ RICARDO PRADO
PATROCÍNIO	CONGO ROSARIO DE MARIA	MICHAEL DA SILVA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
PATROCÍNIO	MOÇAMBIQUE OURO DE MARIA	MICHAEL DA SILVA
PAULA CÂNDIDO	BANDA DE CONGO JOSÉ LÚCIO ROCHA	EMERSON HENRIQUE DA SILVA
PAULA CÂNDIDO	BANDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	SEBASTIÃO AMBRÓSIO JERONIMO
PAULA CÂNDIDO	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSARIO	SEBASTIÃO AMBRÓSIO JERÔNIMO
PEÇANHA	GRUPO DE CABOCLOS	ANTÔNIO DOMINGOS DE BRITO
PEÇANHA	GRUPO DE MARUJOS DOS VIEIRA	ARNALDO LÚCIO PEREIRA
PEDRA DO INDAIÁ	REINADO DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	AGNALDO RUEL DOS SANTOS
PEDRALVA	GRUPO AFRO BLACK	ANA FRANCISCA DE VILAS BOAS LEANDRO
PEDRALVA	DANÇA DE SÃO GONÇALO	MATHEUS SILVA FONSECA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA SÃO BENEDITO DE VERA CRUZ DE MINAS DE PEDRO LEOPOLDO	CONCEIÇÃO PAPA PEREIRA
PEDRO LEOPOLDO	CONGADO DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DAS CANDEIA	FLAVIO COSTA DE SOUSA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA DE CONGO CHICO REI	FRANCISCO DE ALMEIDA SOUZA
PEDRO LEOPOLDO	REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	GILMAR VIEIRA NEVES
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA DE CONGO SAO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE VERA CRUZ DE MINAS	JARDEL VINICIUS FRANCISCO DOS SANTOS
PEDRO LEOPOLDO	GAURDA DE CONGA SANTA EFIGÊNIA LAGOA DE SANTO ANTÔNIO	MARIA CATARINA PEREIRA DE AMORIM
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA DE CONGO DE SANTA EFIGÊNIA E SÃO BENEDITO	MARIA EDUARDA CAMPOLINA GOMES
PEDRO LEOPOLDO	QUARDA DE MOÇAMBIQUE	MARIA GERALDA CAMPOLINA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E CAMDOBE	MARLENE DA TRINDADE
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIOS E SÃO GERALDO	NAIARA CRISTINA MARTINS SILVA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PEDRO LEOPOLDO	OSIMAR MARTINS DOS SANTOS



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA CONGA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	RAFAEL LUCAS BENTO RODRIGUES LACERDA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA CONGA FEMININA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	RAFAEL LUCAS BENTO RODRIGUES LACERDA
PEDRO LEOPOLDO	GUARDA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ULISSES MARTINS DE SOUSA JUNIOR
PEDRO LEOPOLDO	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ULISSIS MARTINS DE SOUZA JUNIOR
PEQUI	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	WANTUIL REIS FERREIRA
PERDIGÃO	IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE PERDIGAO	MARILZA APARECIDA SILVA MESQUITA
PERDÕES	GUARDA DE VILÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANTONIO DANIEL DE PAULA
PERDÕES	CATUPÉ JOSÉ MARIA CIDALINO	CLENILTON VITOR CIDALINO
PERDÕES	TERNO DE CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	FLORÊNCIO DE MOURA PINTO
PERDÕES	CONGADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	HÁLAN DEIVID AMANCIO
PERDÕES	TERNO DE CONGADA SÃO DOMINGOS	SANDRO FRANCISCO DE OLIVEIRA SANTOS
PERDÕES	MOÇAMBIQUE DOS MOURA E AMIGOS	SEBASTIÃO PINTO DE MOURA
PIEIDADE DO RIO GRANDE	CONGADA E MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	HELIO SÁVIO DE CASTRO
PIEIDADE DOS GERAIS	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSARIO	JOSE EUSTAQUIO DIMAS GARCIA
PIRANGA	GUARDA DE MARUJO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA COMUNIDADE DO MORRO	CLÁUDIO DOS SANTOS FERNANDES
PIRANGA	BANDA DE CONGO MOÇAMBIQUE	GERALDO HELVÉCIO PEREIRA
PIRANGA	GUARDA DE CONGO NHÁ-CHICA	JOSÉ CARLOS SANTANA
PIRANGA	GUARDA DE CONGO SANTO ANTÔNIO DOS QUILOMBOLAS	MATILDES GOMES DE OLIVEIRA
PIUMHI	ADERMAB - ASSOCIAÇÃO DOS DEVOTOS DOS REIS MAGOS DE BELÉM.	SEBASTIÃO TEODORO DIAS
PIUMHI	FOLIA DE REIS DO ORIENTE A BELÉM (ASSOCIAÇÃO DOS DEVOTOS DOS REIS MAGOS DE BELÉM)	SEBASTIÃO TEODORO DIAS
POÇO FUNDO	TERNO DE SÃO BENEDITO	MÁRCIA CELINA ALVES



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
POÇOS DE CALDAS	TERNO DE CONGOS SÃO BENEDITO DE POÇOS DE CALDAS	AILTON SANTANA
POÇOS DE CALDAS	TERNO DE CONGO N. S. DA SAÚDE	DOUGLAS EDUARDO DA COSTA
POÇOS DE CALDAS	CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EDUARDA APARECIDA DOMINGOS CARIMBA
POÇOS DE CALDAS	TERNO DE CONGO SANTA BÁRBARA E SÃO JERÔNIMO.	LILIA REGINA CLEMENTINO
POÇOS DE CALDAS	GRUPO DE CAIAPÓS DO BAIRRO SÃO JOSÉ	MARIA LÚCIA RAMOS
POÇOS DE CALDAS	TERNO DE SANTA EFIGÊNIA	PAULO SÉRGIO SOUSA FRANCO - PAULINHO E ZÉLIA MARIA SOUSA FRANCO
POÇOS DE CALDAS	TERNO DE CONGO NOSSA SENHORA DO CARMO	RENATO FELIPE PEREIRA DOS SANTOS
POÇOS DE CALDAS	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ZILMA MARIA DA COSTA DOMINGOS - BENEDITO LUIZ DA COSTA
PORTO FIRME	BANDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE PORTO FIRME	KELVIM MARTINS CORDEIRO
PRADOS	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EDMILSON CANDIDO DA SILVA
PRATA	TERNO DE CONGADO BOA ESPERANÇA	JOAO BATISTA DE MORAIS "SGT MORAIS"
PRATA	IRMANDADE DOS HOMENS PRETO DO PRATA	KATIA DIAS DA SILVA RIBEIRO
PRATA	TERNO DE MOÇAMBIQUE PADRE VALMIR	KATIA DIAS DA SILVA RIBEIRO
PRATÁPOLIS	MOÇAMBIQUE ESTRELA DO ORIENTE	PAULO VITOR BORGES
PRESIDENTE BERNARDES	GRUPO DE CONGADA SANTO ANTONIO	JOSE ANTONIO RAMALHO
PRESIDENTE KUBITSCHK	GRUPO FOLCLÓRICO DOS CABOCLINHOS - INVENTARIADO EM 2008.	GERALDO JOSÉ DOS SANTOS
PRUDENTE DE MORAIS	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PRUDENTE DE MORAIS	CRISTIANE MARTINS COELHO
PRUDENTE DE MORAIS	CARAVANA DE SANTOS REIS E SÃO SEBASTIÃO FILHOS DA TERRA	DIEGO RAFAEL TRINDADE DOS SANTOS
PRUDENTE DE MORAIS	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE SÃO BENEDITO, SANTA EFIGÊNIA, NOSSA SENHORA MERCÊS DO REINO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GERALDO CARIAS FILHO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
PRUDENTE DE MORAIS	GUARDA DE MOÇAMBIQUE E IRMANDADE SÃO JOÃO BATISTA DO REINO DE NOSSA SENHORA	JORGE FERNANDO MARTINS DOS SANTOS
PRUDENTE DE MORAIS	CARAVANA DE REIS E SÃO SEBASTIÃO	MIRELE
QUARTEL GERAL	GUARDA DE MOÇAMBIQUE	JOSÉ LÚCIO EVA DE SOUSA
RAPOSOS	GUARDA DE MARUJOS SANTA EFIGÊNIA DE RAPOSOS	GUARDA DE MARUJOS SANTA EFIGÊNIA DE RAPOSOS
RAPOSOS	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DO REINO DE SÃO BENEDITO	JACKSON CARONE
RAPOSOS	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.	JOSE GLEISSON LUCIO
RAPOSOS	GUARDA DE CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ GLEISSON LÚCIO
RAPOSOS	GUARDA DE MARUJOS DE SANTA EFIGÊNIA	LILIANA FÁTIMA DE SOUZA
RAPOSOS	GUARDA DE CABOCLO DO DIVINO ESPIRITO SANTO	MÁRIO LÚCIO DE OLIVEIRA
RAUL SOARES	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LUÍS CARLOS PEREIRA
RAUL SOARES	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – QUILOMBOLA DOS BERNARDO	RUBENS BERNARDO
RESENDE COSTA	CATUPÉ SANTA EFIGÊNIA	JOSÉ GONÇALVES TEODORO
RESSAQUINHA	FOLIA DE SÃO SEBASTIÃO DA VARGEM DO AMARGOSO	JOSÉ MEDEIROS DO SANTOS
RIBEIRÃO DAS NEVES	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	DIRCEU FERREIRA SERGIO
RIBEIRÃO VERMELHO	FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	MIRLANE APARECIDA PINTO
RIO DOCE	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SANTANA DO DESERTO	GERALDO MAGELA DA SILVA
RIO ESPERA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSARIO DA COMUNIDADE DOS MOREIRAS	ALAEI DE PAULA
RIO ESPERA	CONGADO NOSSA SENHORA APARECIDA	CARLOS EDUARDO BARBOSA
RIO ESPERA	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA APARECIDA	GERALDO FRANCISCO GONÇALVES
RIO ESPERA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E DIVINO ESPIRITO SANTO	JOSÉ IRINEU



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
RIO MANSO	ASSOCIACAO REGIONAL DE CONGADO E MOCAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO	JOAO ALDERICO DOS SANTOS
RIO MANSO	IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MONICA GERALDA DOS SANTOS
RIO MANSO	CONGADO DA IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MÔNICA GERALDA DOS SANTOS
RIO PARANAÍBA	IRMANDADE DO REINADO DO ROSÁRIO DE RIO PARANAÍBA - MG	JEREMIAS BRASILEIRO DA SILVA
RIO PARANAÍBA	CONGO SERENO	VICENTE PAULO DE LIMA
RIO PIRACICABA	ASSOCIAÇÃO CULTURA DO CONGADO DE PADRE PINTO	AGDA CONSOLAÇÃO VIEIRA
RIO PIRACICABA	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE RIO PIRACICABA	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE RIO PIRACICABA
RITÁPOLIS	TERNO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	ADELITA
SABARÁ	IRMANDADE DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ADELICIMAR ELLER DE SOUZA
SABARÁ	GUARDA DE CONGO REAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SABARÁ MG	ADEMAR JOAQUIM
SABARÁ	GUARDA DE CONGO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SABARÁ	ADENAR JOAQUIM
SABARÁ	GUARDA DE MARUJOS NOSSA SENHORA APARECIDA DE GENERAL CARNEIRO	CRISTINA LÚCIA PEREIRA RIBEIRO
SABARÁ	GUARDA DE MARUJO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE RAVENA	JOSÉ DOS SANTOS LIMA
SABARÁ	GUARDA DE MARUJOS SÃO SEBASTIÃO DE GENERAL CARNEIRO	LARISSA DE OLIVEIRA CALDEIRA
SABARÁ	GUARDA DE MARUJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MÁRCIA MACHADO DE OLIVEIRA/ MARCÍLIO LOURENÇO DE OLIVEIRA
SABARÁ	GUARDA DE MARUJOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE ROÇA GRANDE	MARIA CRISTINA TALABAR
SABARÁ	GUARDA DE MARUJO SANTO EXPEDITO	RAIMUNDO FRANCISCO DA CRUZ PEREIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
SABARÁ	GUARDA MOÇAMBIQUE SÃO JOSÉ OPERÁRIO E SÃO BENEDITO NO REINO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMPÉIA	SÉRGIO FREITAS DA SILVA
SABARÁ	IRMANDADE MOÇABIQUE SÃO JOSÉ OPERARIO E SÃO BENEDITO NO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMPÉIA	SÉRGIO FREITAS DA SILVA
SABARÁ	GUARDA DE MARUJOS NOSSA SENHORA APARECIDA GENERAL CARNEIRO	WANDERSON VALERIANO DE AZEVEDO
SABINÓPOLIS	MARUJOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOÃO RONCALE MARTINS
SABINÓPOLIS	MARUJADA DE SABINÓPOLIS	TARCÍSIO CRUZ DO NASCIMENTO
SACRAMENTO	REINADO TERMO DE CONGADA GUARDA DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO RÓSARIO	DELCIDES TIAGO FILHO
SANTA BÁRBARA	CONGO	PIEPADE DA LUZ SILVA
SANTA CRUZ DE MINAS	CONGADO SÃO MIGUEL ARCANJO E SÃO JORGE	DANILO FRANCISCO DE ASSIS
SANTA CRUZ DE MINAS	SÃO MIGUEL ARCANJO	DANILO FRANCISCO DE ASSIS
SANTA HELENA DE MINAS	MARCENEIROS	LEONARDO RIBEIRO DE SOUZA
SANTA LUZIA	GUARDA DE CONGO DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSARIO	AGUINALDO LIBERATO DE JESUS
SANTA LUZIA	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DA GUIA	EVA APARECIDA ALVES DA SILVA
SANTA LUZIA	GUARDA DE CONGO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARLON JUVENIL DE LIMA
SANTA MARIA DE ITABIRA	FESTA DO REINADO DO DISTRITO DE ITAUNINHA	MARUJADA DE ITAUNINHA
SANTA RITA DE IBITIPOCA	GRUPO DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MILTON VIRGÍLIO MOREIRA
SANTA ROSA DA SERRA	CONGADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	DIRLENE CAETANO ALVES SILVA
SANTA ROSA DA SERRA	FILHOS DE MARIA	DIRLENE CAETANO ALVES SILVA
SANTA VITÓRIA	TERMO DE MOÇAMBIQUE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LUCIANE MARIA DE JESUS SOUZA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
SANTANA DE PIRAPAMA	REINADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ VALGAS DE CARVALHO
SANTANA DO GARAMBÉU	GRUPO FOLCLÓRICO DE DANÇA NOSSA SENHORA DO ROSARIO SANTANA DO GARAMBÉU	SOLANGE ADRIANE DE OLIVEIRA SOUZA
SANTANA DO JACARÉ	CLUBE OPERARIO TREZE DE MAIO	ELEANDRO SILVESTRE DE PAULA
SANTANA DO JACARÉ	CLUBE OPERÁRIO TREZE DE MAIO	GUILHERME SILVA CARVALHO
SANTANA DO MANHUAÇU	GRUPO DE CABOCLOS	JOSÉ DIAS DA SILVA
SANTANA DO RIACHO	GUARDA DE CONGADO DO SR. ZÉ LUKADINHO	FLÁVIO JOSE DOS SANTOS
SANTANA DOS MONTES	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EUDEZ APAREICDO DE PAULA
SANTANA DOS MONTES	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JORGE ADILSON DA SILVA
SANTO ANTÔNIO DO AMPARO	MOÇAMBIQUE	MATEUS DONIZETE ARRIEL
SANTO ANTÔNIO DO GRAMA	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARIA DE LOURDES TEIXEIRA
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	GUARDA DE VILÃO	ANTÔNIO VANTUIR TEIXEIRA
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	BRUNO APARECIDO GONDIM
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	CONGADO LUÍS CAROLINA.	CARLOS REIS BALDUINO.
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	CONGO SOLDADOS DE MARIA	HÉLIO LOBEVENN CAMPOS
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	AS MENINAS DO ROSÁRIO	JANAINA MARIA DE SOUSA OLIVEIRA
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	CONGADO JOSÉ ALEXANDRE DOS SANTOS.	RONAN DOS SANTOS.
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	MOÇAMBIQUE IRMANDADE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	VALDOMIRO SANTA RITA JÚNIOR
SANTO ANTÔNIO DO MONTE	CONGADA FILHAS DE MARIAS	VINÍCIUS FLORÊNCIO DE OLIVEIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
SÃO DOMINGOS DAS DORES	GUARDA DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA	VICTOR FONSECA DA TRINDADE
SÃO DOMINGOS DO PRATA	GUARDA DE CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LUCIVÂNIA APARECIDA CRUZ DO CARMO
SÃO DOMINGOS DO PRATA	GUARDA DE CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA	MARILUCE PEREIRA MARTINS
SÃO FRANCISCO DE PAULA	SÃO FRANCISCO DE PAULA	MAURICIO LUCIANO
SÃO FRANCISCO DE PAULA	MOÇAMBIQUE DE SÃO BENEDITO	PAULO HENRIQUE ALVES
SÃO FRANCISCO DE PAULA	SÃO GERALDO	SINALDO DE PRAGA ALEXANDRE
SÃO GERALDO	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	FRANCELINO CARREIRO NETO
SÃO GONÇALO DO PARÁ	GRUPO DE CONGADO DE SANTA EFIGÊNIA	MARIA INÊS MAGALHÃES
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO	GUARDA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS BORGES	LUZIA MARIA DE JESUS DOS SANTOS
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LUZIA MARIA JESUS SANTOS
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO	IRMANDADE GUARDA DE MARUJOS NOSSA SENHORA DA GUIA	PAULO SERGIO DE VASCONCELOS
SÃO GONÇALO DO RIO PRETO	MARUJADA SÃO JOÃO E NOSSO SENHOR DO BONFIM	RAIMUNDO NONATO DOS SANTOS
SÃO GONÇALO DO SAPUCAÍ	TERNO DE SANTA EFIGÊNIA	JOSÉ GERALDO CAMILO
SÃO GOTARDO	CONGO REAL EVANGELISTA; CONGO SERENO; BEIJA FLOR; CONGO REAL SANTO ANTÔNIO, UNIDOS DO ROSÁRIO, BOMBACHINHO E MOÇAMBIQUE.	ANA CARLA SILVA CARDOSO
SÃO JOÃO DEL REI	MOÇAMBIQUE E CATOPÉ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO, CONHECIDO COMO CONGADO DA MARIA	MERCEDES MACHADO RIBEIRO DA SILVA
SÃO JOÃO DEL-REI	CONGADO SÃO BENEDITO, SÃO SEBASTIÃO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, DO BAIRRO DE MATOSINHOS, DE SÃO JOÃO DEL-REI	CONGADO SÃO BENEDITO, SÃO SEBASTIÃO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, DO BAIRRO DE MATOSINHOS.



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
SÃO JOÃO DEL-REI	TERNO DE MOÇAMBIQUE E CATOPÉ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	MARIA AUXILIADORA MÁRTIR
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	DEVOTOS DE SÃO JOSÉ	ALBERTO GONÇALVES DOS SANTOS
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	FOLIA DE REIS GRUPO OS SABIAS	ANTONIO RIBEIRO DA SILVA
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	FOLIA DE REIS NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	DARCI SOUZA ROCHA
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	FOLIA DE REIS NASCIMENTO DE JESUS	EVANIO PEREIRA DA SILVA
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	FOLIA DE REIS UNIDOS A SANTOS REIS	JOÃO GOMES SAMPAIO
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	FOLIA DE REIS ASA DE ÁGUIA	JOSE HELIO GOMES
SÃO JOÃO DO PARAÍSO	FOLIA DE REIS OS VISITANTES DO ORIENTE	VIRGÍLIO ALVES NETO
SÃO JOSÉ DA VARGINHA	CONGADO DIVINA LUZ	CRISTINA VALERIA DOS SANTOS SILVA RODRIGUES
SÃO JOSÉ DO ALEGRE	CONGADA DE SÃO JOSÉ DO ALEGRE	ANIZIA DE OLIVEIRA COSTA CARVALHO
SÃO ROMÃO	CONGADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MELE DO CONGADO
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO NOVO MILÊNIO	DIVINO JOSÉ DA SILVA
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	REINADO	FRANCISCA HELENA EUSTÁQUIO
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	GRÊMIO RECREATIVO IPIRANGA	ILSON JOSÉ APARECIDO
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE MOÇAMBIQUE SANTOS DUMONT	JOANA MARIA DOS REIS
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	GRÊMIO FOLCLÓRICO TERNO DE CONGO "UNIÃO".	JOÃO ROBERTO DA SILVA -
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO BELA VISTA	LUCI APARECIDA FIDELIS SOUZA
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO FILHAS DE PARAÍSO	MARILENE LUCIANO DE OLIVEIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE MOÇAMBIQUE SANTA ISABEL	OZIRIO OLIVEIRA DA SILVA (O POPULAR BAIANINHO) E LUCIANA E NATÁLIA
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO ANJOS DE SÃO BENEDITO	OZIRIO OLIVEIRA DA SILVA (O POPULAR BAIANINHO) E NATÁLIA
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE MOÇAMBIQUE ZAMBIÊ DE ANGOLA	PAULO HENRIQUE DA SILVA SOUZA
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO CANÁRIOS PARAISENSE	REGINALDO ANTÔNIO VICENTE
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	MOÇAMBIQUE DIAMANTE	RONALDO APARECIDO LEMOS (EX-CAPITÃO) E LUCIANO PEREIRA LEMOS (ATUAL CAPITÃO).
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO VETERANOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	SEBASTIÃO CORSI FILHO
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO	TERNO DE CONGO SABIÁ	TIAGO GONÇALVES DE SOUZA
SÃO SEBASTIÃO DO RIO PRETO	GUARDA DE MAJUROS NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	KÁTIA MEIRELES DE ALMEIDA FERNANDES
SÃO TOMÁS DE AQUINO	TERNO UNIDOS DE SÃO BENEDITO	EURIPEDES ADRIANO DE ANDRADE
SÃO TOMÁS DE AQUINO	ASSOCIAÇÃO RECREATIVA DE SÃO BENEDITO	JACINTA FERREIRA DOS SANTOS
SÃO TOMÁS DE AQUINO	TERNO OS CANÁRIOS	JOÃO BATISTA DA SILVA
SÃO TOMÁS DE AQUINO	TERNO DE CONGO UNIDOS DO ROSÁRIO	MARCIO DOS REIS MOREIRA
SÃO TOMÁS DE AQUINO	UNIDOS DE SÃO TOMÁS	OSCAR AUGUSTO BUENO NETO
SÃO TOMÁS DE AQUINO	OS FILHOS DE SÃO TOMÁS	PAULO SERGIO DE PAULA
SENHORA DE OLIVEIRA	GUARDA MOÇAMBIQUE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	VALÉRIA GONÇALVES DA ROCHA
SENHORA DOS REMÉDIOS	GRUPO DE CONGADA N. S. DOS ROSÁRIO	MARIA AUXILIADORA COELHO



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
SERRA AZUL DE MINAS	CABOCLOS ESTRELA DA GAMELEIRA	FERNANDO VERÍSSIMO VIEIRA
SERRA DA SAUDADE	MOÇAMBIQUE	GASPARINO JOSÉ GOMES
SERRA DA SAUDADE	TERNO SERRA DOURADA	MARIA APARECIDA ROSA
SERRA DO SALITRE	JOSÉ BARBOSA	JOSÉ BARBOSA
SERRA DO SALITRE	ASSOCIAÇÃO DE CONGADOS DE SERRA DO SALITRE	JOSÉ BARBOSA FILHO
SERRA DO SALITRE	MOÇAMBIQUE DE SERRA DO SALITRE	JOSÉ BARBOSA FILHO
SERRANIA	IRMANDADE CONGADO DE SANTA EFIGÊNIA	DARCI SILVA
SERRANIA	CONGADO SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	EVAIR DE SOUSA DA SILVA
SERRANÓPOLIS DE MINAS	FOLIA DE REIS E CANTIGAS DE RODAS	OSVANEY BARBOSA CUNHA
SERRANOS	CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ALISSON FRAUSINO CASAS
SERRO	CABOCLOS	AGNALDO DE OLIVEIRA PEREIRA
SERRO	MARUJADA DE MILHO VERDE	DIONE RAIMUNDO FABIANO
SERRO	CABOCLOS	MARCONI TÚLIO PEREIRA RABELLO
SERRO	CONGADOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA IRMANDADE DO ROSARIO DO SERRO	MARIA DO ROSÁRIO REIS SIMÕES
SERRO	CATOPÊS DO BAÚ E AUSENTE (MILHO VERDE)	MATHEUS HENRIQUE ROCHA
SERRO	ASSOCIAÇÃO DOS CONGADOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SERRO	RUBENS ALEXON BRUNO
SETE LAGOAS	GUARDA UNIÃO DO ROSÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO ESTRELA DO MAR	CLÁUDIO HENRIQUE PEREIRA MACHADO
SETE LAGOAS	GUARDA DE CONGO IMACULADA CONCEIÇÃO	GILSON DE PAULA MOREIRA
SETE LAGOAS	GUARDA UNIÃO DO ROSÁRIO DO BAIRRO SANTOS ANTONIO	GUILHERME HENRIQUE SANTOS OLIVEIRA
SETE LAGOAS	GUARDA DE CONGO SANTA IZABEL	WILSON DE PAULA MOREIRA
SETE LAGOAS	GUARDA SANTA ISABEL	WILSON DE PAULA MOREIRA
SILVIANÓPOLIS	CONGADA SANTA EFIGÊNIA	JOSÉ HELENO LOURENÇO VIANA
SILVIANÓPOLIS	CONGADA SÃO BENEDITO	MAGDA LEONEL VIANA
SILVIANÓPOLIS	CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARCO AURÉLIO VALENTIN



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
TIMÓTEO	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE TIMOTEO/MG	ELIZABETH GONÇALVES DA COSTA GUIDO
TIMÓTEO	ASSOCIAÇÃO CULTURAL IRMANDADE REINO DO ROSARIO GUARDA DE MOCAMBIQUE DE TIMOTEO	LUÍS FABIANO DOS SANTOS
TIRADENTES	CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E ESCRAVA ANASTÁCIA	CLAUDINEI MATIAS DO NASCIMENTO
TIROS	CONGO REAL DE TIROS	JOSÉ DONIZETE DA SILVA
TOLEDO	CONGO SÃO SEBASTIÃO	JOÃO DOMINGOS DE OLIVEIRA
TUMIRITINGA	GRUPO DE REISADO NECA GUIMARAES	LEVI GONCALVES NUNES
TUPACIGUARA	MOÇAMBIQUE GUARDIÕES NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	GILMAR BATISTA
TUPACIGUARA	ESTRELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LUAN MACHADO RODRIGUES
TURMALINA	MARUJADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANTONIO GONÇALVES DOS REIS
TURMALINA	TAMBORZEIROS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ILDEU FERREIRA PINTO
TURMALINA	TAMBORZEIROS DO ROSÁRIO	JOSÉ ANÍSIO
TURMALINA	MARUJADA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE TURNALINA	JOSÉ GILMAR DE SOUSA
TURMALINA	BAIANAS DO ROSÁRIO	SABINA RAMOS
TURVOLÂNDIA	NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	RAONI LINO DE SOUZA
UBÁ	SOCIEDADE UBAENSE DE CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	MARLÍ ALBINO DA COSTA
UBERABA	TERNO DE CONGADA DO PENACHO	ADMILSON HONORATO
UBERABA	TERNO DE CONGADA PAVÃO DOURADO AFRICANO	ANA LÚCIA PEREIRA
UBERABA	TERNO DE CONGADA OS CARIJÓS	BRUNO RAFAEL DA SILVA
UBERABA	TERNO DE CONGADA JOSÉ DO PATROCÍNIO	ISAURA GARCIA PORFÍRIO / YOLANDA DOS S. ROCHA
UBERABA	AFOXÉ DE OXAGUIAN ELEGJIBO	JOÃO LUIS DOS SANTOS FILHO
UBERABA	TERNO MILAGRES DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – QUATRO PÉS (CATUPÉ)	JOSÉ ADRIANO
UBERABA	TERNO DE MOÇAMBIQUE ZUMBI DOS PALMARES	JOSÉ REINALDO TEIXEIRA



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
UBERABA	TERNO DE CONGADA BATALHÃO DO NORTE I E II	LUIZ MARCELO CONCEIÇÃO/ AVELINO APARECIDO DIONÍSIO
UBERABA	TERNO DE CONGADA MINAS BRASIL	MARIA LUZIA CARDOSO
UBERABA	AFOXÉ DA OXUM	MARLENE TRINDADE ARAÚJO
UBERABA	TERNO DE CONGADA CAMISA BRANCA PENACHO DA EMA	MAURO ANTÔNIO DOS REIS VALÉRIO
UBERABA	TERNO DE MOÇAMBIQUE MOISÉS MIZAEI	MOISÉS MARIO ALVES DA SILVA
UBERABA	TERNO DE CONGADA BATALHÃO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	TERNO DE CONGADA BATALHÃO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
UBERABA	TERNO DE MOÇAMBIQUE NICOLAU MATEUS	WELLINGTON XAVIER
UBERLÂNDIA	TERNO CAMISA VERDE	ÂNGELA MARIA NASCIMENTO
UBERLÂNDIA	MARINHEIRO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	ANTONIA APARECIDA ROSA
UBERLÂNDIA	TERNO DE CONGO ROSÁRIO REAL DE SÃO BENEDITO	BRENO HENRIQUE FAGUNDES DE PAULA
UBERLÂNDIA	CATUPE AZUL E BRANCO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DO BAIRRO DONA ZULMIRA	CATUPE AZUL E BRANCO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DO BAIRRO DONA ZULMIRA
UBERLÂNDIA	MOÇAMBIQUE DO ORIENTE	CELIO VIEIRA NAVES JÚNIOR
UBERLÂNDIA	CATUPÉ AZUL E ROSA	ENILDON PEREIRA SILVA
UBERLÂNDIA	TERNO MOÇAMBIQUE ESTRELA GUIA	IARA APARACIDA FERREIRA
UBERLÂNDIA	TERNO DE CONGADO CATUPE DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSARIO	IRENIO DA SILVA
UBERLÂNDIA	TERNO DE CONGADO AMARELO E BRANCO	LUCIANDERSON FERREIRA JUSTINO
UBERLÂNDIA	CONGADO DE SANTA EFIGÊNIA	MARCOS ANTÔNIO SANTOS
UBERLÂNDIA	MOÇAMBIQUE ROSAS BRANCAS	MOÇAMBIQUE ROSAS BRANCAS
UBERLÂNDIA	MOÇAMBIQUE AROEIRA	ROSELI DE SOUZA
UBERLÂNDIA	TERNO DE CONGADO MARUJOS AZUL DE MAIO	RUBENS APARECIDO ASSUNÇÃO
UBERLÂNDIA	TERNO MARINHEIRO DE SÃO BENEDITO	SELMA MARIA SILVA SOUZA
UBERLÂNDIA	TERNO CONGO VERDE E BRANCO	SILVIO DONIZETE RODRIGUES



MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO	NOME DA PESSOA DE REFERÊNCIA
UBERLÂNDIA	CONGO PRATA	VANDERSON DA SILVA
UBERLÂNDIA	ROSÁRIO REAL DE SÃO BENEDITO	VERONICA DE SOUZA DE JESUS
UBERLÂNDIA	CONGADO AMARELO OURO	WANDER MARTINS SILVA
UBERLÂNDIA	MOÇAMBIQUE ROSAS BRANCAS	WEBERSON DE SOUZA FERREIRA
UBERLÂNDIA	TERNO MOÇAMBIQUE DE BELÉM	WILLIAM SANTOS DE OLIVEIRA
URUCUIA	TERNO DE FOLIA RAMOS	ADILSON RODRIGUES MARTINS
URUCUIA	FOLIA DE REIS ÁGUA BRANCA	ANTONIO AMILTON RODRIGUES
URUCUIA	MANGUES MIMOSO	GENTIL ALVES MESQUITA NETO
URUCUIA	FOLIA DE REIS CACHIMBAS	HENRIQUE FERREIRA DE OLIVEIRA
VARGINHA	TERNO DE CONGO SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	JOSÉ RAIMUNDO ANDRADE
VAZANTE	GRUPO DE CONGADO NOSSA SENHORA DA LAPA	JÚLIO CÉSAR MENDES DA SILVA
VERÍSSIMO	TERNO (GUARDA) DE SÃO BENEDITO	ANILTON DE OLIVEIRA / AILTON DE OLIVEIRA
VESPASIANO	REINADO DOS DRAGÕES DE NALANGA	FREDERICO AUGUSTO LISBÔA DE LIMA
VESPASIANO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE SANTA BÁRBARA DO REINO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	LEONARDO JOSÉ ALVES
VESPASIANO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE SÃO BENEDITO	LEONOR DAMAZIO DOS SANTOS
VESPASIANO	CONGADO	MARCIO MIGUEL
VESPASIANO	GUARDA DE CABOCLO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	VANDA APARECIDA ABEL ALVES
VIRGOLÂNDIA	CABOCLINHOS DO MATO	GONCALO ELIOTERO DOS SANTOS
VISCONDE DO RIO BRANCO	CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSARIO	MARIA DO ROSARIO DE MUNIZ DE MELO

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

Governo do Estado de Minas Gerais

